



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Monique Santana de Oliveira Sousa

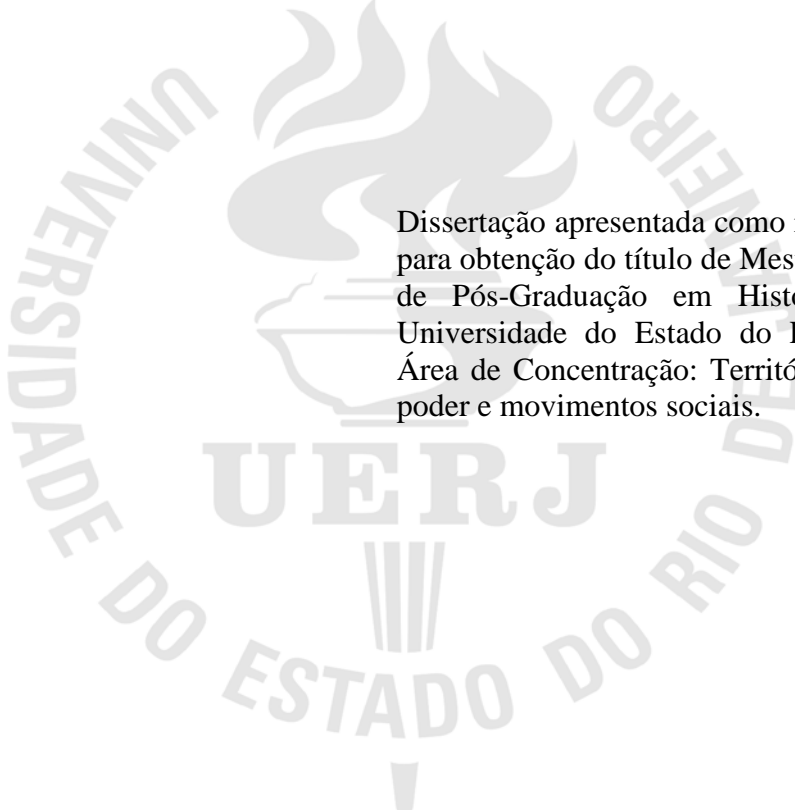
**Irmãos Latinos ou Parentes Distantes: O Brasil e a América Hispânica na
ótica do General Abreu e Lima (1819-1848)**

São Gonçalo

2019

Monique Santana de Oliveira Sousa

**Irmãos Latinos ou Parentes Distantes: O Brasil e a América Hispânica na ótica do
General Abreu e Lima (1819-1848)**



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Território, relações de poder e movimentos sociais.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Scheidt

São Gonçalo

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

S725 Sousa, Monique Santana de Oliveira.
Irmãos Latinos ou Parentes Distantes: O Brasil e a América Hispânica na
ótica do General Abreu e Lima (1819-1848) / Monique Santana de Oliveira
Sousa. – 2019.
184f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Scheidt
Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do
Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Lima, José Inácio de Abreu e, 1796-1869 – Teses. 2. América
Espanhola – História – Teses. I. Scheidt, Eduardo. II. Universidade do Estado
do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 – 4994

CDU 97/98

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Monique Santana de Oliveira Sousa

**Irmãos Latinos ou Parentes Distantes: O Brasil e a América Hispânica na ótica do
General Abreu e Lima (1819-1848)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Território, relações de poder e movimentos sociais.

Aprovada em 28 de novembro de 2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Scheidt (Orientador)
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

Prof.^a Dra. Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

Prof.^a Dra. Maria Elisa Noronha de Sá
Pontifícia Universidade Católica

São Gonçalo

2019

DEDICATÓRIA

A meus pais, Rosangela Sousa e Evandro Sousa e meu irmão Thiago Sousa
Com gratidão e amor.

AGRADECIMENTOS

Eu tenho muito a agradecer...

Enquanto escrevo, passa um filme na minha cabeça e é inevitável não se emocionar; A pesquisa não é nem de longe um trabalho singular, ela mobiliza docentes, amigos, familiares e alguns anjos que Deus coloca em nosso caminho pra dar uma mãozinha!

Primeiramente agradeço a Deus, por me dar ânimo e tornar possível coisas que estavam fora do alcance das minhas mãos!

Aos meus pais, Evandro e Rosângela Sousa e meu irmão Thiago que a todo o momento me apoiaram; vibraram comigo a cada passo; a cada artigo publicado; assistiram apresentação de trabalho; debateram texto comigo; escutaram minhas aflições; arcaram com os custos financeiros de um mestrado sem bolsa; Sem sombra de dúvidas esse trabalho não seria possível sem vocês, sem a leitura crítica do meu pai, sem o: “Monique descansa um pouco” da minha mãe e as palavras de ânimo do meu querido irmão e a incrível companhia para comer brigadeiro na madrugada.

Agradeço a Bruno Barbosa, um “pesquisador” por livre e espontânea pressão do General Abreu e Lima, pelo apoio, por incansavelmente e com um sorriso no rosto me ouvir falar da pesquisa.

Aos meus familiares, tias, avós, avô e primos pela torcida e orações!

Ao meu querido orientador Eduardo Scheidt, - o melhor orientador do mundo- que desde 2014 tem me incentivado e auxiliado nas pesquisas acerca do General Abreu e Lima e a América Latina e com paciência tem me conduzido nessa pesquisa.

A professora Ana Paula Barcelos, a quem tive o prazer de ser aluna ainda na graduação, e a professora Maria Elisa Noronha de Sá; - eu não poderia ter uma banca melhor; sou grata a todas as contribuições e críticas, as quais certamente enriqueceram essa pesquisa.

A minha amada UERJ e ao Programa de Pós Graduação em História Social (PPGHS) pela oportunidade de realizar esse trabalho, por sempre nos incentivar à pesquisa e pela ajuda financeira em eventos.

Aos professores: Maria Letícia, Gustavo Vilella, Daniela Calainho, Marcia Gonçalves, Martin Curi, Cátia Antônia que muito acrescentaram nessa pesquisa e na minha formação.

As bibliotecárias Rosângela Salles Luiz da biblioteca da UERJ-IESP, em Botafogo, por sempre dar um jeitinho de me ajudar mesmo quando eu chegava 5 minutos para a

biblioteca fechar e a Maria Helena da Biblioteca da UFF – Gragoatá que também sempre me socorria.

Ao Instituto Abreu e Lima, pela oportunidade de avançar nos estudos acerca do General e pela incrível parceria que se formou a partir daí, em especial a Tatiane Barbosa, a Epherm e Felipe Abreu e Lima os quais acrescentaram muito nessa pesquisa e em outros trabalhos desenvolvidos acerca do General.

Agradeço ainda a Juan Pablo Martin, Matheus Amilton, Luis Cláudio Moura, Vamireh Chacon, Pedro Afonso Santos, Christian Hausser, Eduardo Scheidt, Tatiane Barbosa e Felipe Abreu e Lima pela incrível parceria que resultou no livro “General Abreu e Lima: um pensador dos trópicos”, a editora UFPE pela oportunidade de reunir trabalhos tão brilhantes e a querida professora Ana Cecilia Olmos por organizar e tornar possível o lançamento do livro na USP.

A Biblioteca Nacional, local onde passei maior tempo de pesquisa, praticamente minha segunda casa, e aos funcionários que sempre me atenderam muito bem, em especial o setor de obras raras e obras gerais.

Agradeço também ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano (em especial a George Cabral e Cabral), ao Arquivo Público de Pernambuco (em especial ao diretor Evaldo Costa) e ao Consulado Venezuelano no Rio de Janeiro.

Ao Jornal Diário de Pernambuco (em especial ao seu antigo diretor Alexandre Rands) que me recebeu de braços abertos e onde tive a oportunidade de escrever dez artigos em comemoração aos 250 anos do General Abreu e Lima.

A Érika Araújo, Caroline Souza, Neto Almeida, Danilo Firmino, Sandro Gomes, Grazyelle Fonseca, Aluizio Alves, Marília Carvalho, Grazielle Rigueira, Eduardo Nunes, Carol Melo, Samuel Oliveira, Mariana Franco, Thamires Tavares, Zalfa e Zé pessoas as quais pude dividir questões pessoais, que me ajudaram, que levantavam críticas construtivas ou que simplesmente tinham aquela palavra de ânimo e me tiravam um pouco da rotina; e ainda ,aos meus queridos e mais animados amigos da Especialização em Política e Sociedade – IESP- UERJ: Letícia Portugal, Mariana Miguel, Marcos Silva, Felipe Bressane, Thiago Figueredo, Guilherme Oliveira, Marília Farias, Bruna Leme e Ana Beatriz Getirana .

A todos vocês que colaboraram de forma direta ou indireta o meu muito obrigada!

Continue, Honey!

Papai

RESUMO

SOUSA, Monique Santana de Oliveira. *Irmãos latinos ou parentes distantes: O Brasil e a América Hispânica na ótica do General Abreu e Lima (1819-1848)*. 2019. 184f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

Esse trabalho tem por objetivo analisar, a partir da trajetória do General Abreu e Lima, as mudanças e permanências dos seus escritos nos jornais sobre a representação de nação e América a partir de 1819 até 1848. Ao todo são sete jornais analisados no intuito de, ao longo da sua trajetória política, intelectual e militar identificar as dicotomias, nuances e permanências da sua opinião sobre os parâmetros que constituíam a formação nacional; são eles: *Correo Del Orinoco*, *Torre de Babel*, *A Arca de Noé*, *O Raio de Júpiter*, o *Diário Novo*, *A Barca de São Pedro* e o *Diário de Pernambuco*; todos esses jornais Abreu e Lima foi redator ou contribuinte. O momento analisado é o de formação dos Estados Nacionais Latino Americano, época em que a imprensa tornava-se campo de retórica e disputas entre novos e velhos conceitos protagonizando assim o processo de independência a partir da opinião pública.

Palavras Chaves: Abreu e Lima. América Hispânica. Nação.

RESUMEN

SOUSA, Monique Santana de Oliveira. Hermanos latinos o parientes lejanos: El Brasil y Hispanoamérica en la óptica del General Abreu e Lima (1819-1848).2019. 184f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

El propósito de este trabajo es analizar, a partir de la trayectoria del General Abreu e Lima, los cambios y la permanencia de sus escritos en los periódicos sobre la representación de la nación y de América de 1819 a 1848. En total, se analizaron siete periódicos para identificar las dicotomías, matices y permanencias de su opinión sobre los parámetros que constituyeron la formación nacional a lo largo de su carrera política, intelectual y militar: *Correo del Orinoco*, *Torre de Babel*, *A Arca de Noé*, *O Raio de Júpiter*, *Diário Novo*, *A Barca de São Pedro* y *Diário de Pernambuco*; todos estos periódicos Abreu e Lima fue editor o colaborador. El momento analizado es la formación de los Estados Nacionales de América Latina, momento en el que la prensa se convirtió en un campo de retórica y de disputas entre nuevos y viejos conceptos, liderando así el proceso de independencia de la opinión pública.

Palabras Claves: Abreu e Lima. Hispanoamérica. Nación.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Quadro do General Abreu e Lima	30
Figura 2 –	Fotografia do General Abreu e Lima- Busto, idoso de frente	126
Figura 3 –	Fotografia Túmulo do General Abreu e Lima. Cemitério dos Ingleses	166
Figura 4 –	Fotografia Vista del Monumento de la Nación a sus Próceres, en Caracas	179
Figura 5 –	Fotografia Nome do General Abreu e Lima no Monumento da Nação aos seus Próceres	180

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	ABREU E LIMA DE PERNAMBUCO À GRÃ-COLÔMBIA	31
1.1	Pernambuco:” [...] Fui vítima da primeira revolução que fizeram no Brasil, 1817, pela independência desse país, na qual o meu pai foi fuzilado”	31
1.2	Brasil e América Hispânica: A Opinião Pública, a Liberdade e a Emersão da Imprensa	41
1.3	Abreu e Lima e o Correo del Orinoco: Revolução, Independência e Liberdade na América Hispânica	55
2	O POLÊMICO GENERAL ABREU E LIMA NOS PERIÓDICOS FLUMINENSES: A DEFESA DA MONARQUIA CONSTITUCIONAL COMO PILAR DA NAÇÃO E AS QUERELAS DA REGÊNCIA	84
2.1	O Retorno ao Brasil	84
2.2	A Torre de Babel	87
2.3	A Arca de Noé: “Arca com o mesmo nome que lhe oferecemos nesta folha, nos salve agora do dilúvio de sangue, que nos está eminente, só a ela com fé nos acolhermos”	92
2.4	Período Regencial: O Raio de Júpiter e a Liberdade de Imprensa	107
3	UM PRAIEIRO NO RECIFE: “CONVIRÁ POR VENTURA AO BRASIL VIVER UMA VIDA ISOLADA NA AMÉRICA?	127
3.1	Entre o Novo e o “Velho”: O Rodízio de poder entre o Diário Novo e o Diário de Pernambuco	127
3.2	A Barca de São Pedro	146
3.3	Após a Praieira: O “Desportuguesamento do Brasil”, o Socialismo Cristão e as “Bíblías falsificadas	154
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
	REFERÊNCIAS	171

ANEXO A – Fotografia Vista del Monumento de la Nación a sus Próceres, en Caracas	179
ANEXO B – Fotografia Nome do General Abreu e Lima no Monumento da Nação aos seus Próceres	180
ANEXO C – Tabela de Jornais	181

INTRODUÇÃO

O que somos? Irmãos Latinos ou Parentes Distantes?

Até onde vai a integração do Brasil com os demais países da América do Sul? Somos irmãos latinos em mútua cooperação social, econômica, política e cultural ou somos parentes distantes que mantemos uma relação apenas em datas comemorativas ou quando convém?

Essas questões que levantamos hoje de aproximações e distanciamentos do Brasil com os demais países da América Hispânica, de certa maneira já integravam o cenário e os escritos polêmicos do General Abreu e Lima no século XIX.

Quem era o público que lia as argumentações políticas de Abreu e Lima? Para quem ele escrevia? Quem eram os indivíduos de oposição e de que maneira influenciavam os discursos de Abreu e Lima? Quais eram as suas limitações ou barreiras na imprensa? Quais eram suas estratégias de persuasão?

Tais perguntas são importantes e colaboram para se compreender as relações de poder, o imaginário social e a influência política da época, no entanto, responder a algumas perguntas é uma tarefa difícil ou poderá também ser insolúvel, devido à indisponibilidade ou inexistência de alguns dados como, por exemplo, a tiragem dos jornais que Abreu e Lima escreveu ou até mesmo quais públicos liam o seu jornal, porém, cientes de que o passado nos deixa vestígios e fragmentos haverá lacunas que não serão preenchidas uma vez que o historiador constrói a ponte até o passado, mas não o reconstituí tal como foi.

Apesar do alto índice de analfabetismo da época, a sociedade tinha acesso aos jornais devido as práticas antigas de leitura coletiva. Por mais que a elite política tenha participado ativamente dos debates políticos em torno da elaboração da nação, sobretudo por meio da imprensa, esse processo de construção dos moldes nacionais não se limitava a elite, diversos atores sociais colaboraram nesse processo.¹

A leitura e a escrita transmitem e constroem significados e sentidos; nesse sentido, o público que assinava os jornais, que ia até as tipografias para comprá-los, que criticava, compreendia e traduzia esses significados. Os jornais tinham tempo de vida curto, fosse pela dificuldade de se arcar com os custos para manter um jornal, fosse pelos objetivos políticos já alcançados ou frustrados.

¹ CARVALHO, José Murillo de. *A Construção da ordem: A elite política imperial*. Rio de Janeiro: Campus, 1980, pp.20-21.

Longe de serem jornais meramente informativos, os periódicos do século XIX tinham função eminentemente política: a) de combater ideias e opiniões acerca do governo e da maneira que se conduzia a política imperial; b) defesa e ataque partidários, porta voz dos atritos políticos entre partidos e da história da nação; c) disputa por legitimidade, construção e ressignificação dos conceitos que estabeleciam a política nacional, que “[...] utilizando-se principalmente de uma linguagem política, os jornais traziam à tona os novos paradigmas do liberalismo”². Esses eventos aumentam, sobretudo, após a lei de liberdade de imprensa, de agosto de 1821: uma vez que aumenta o número de periódicos, aumenta a circulação de livros proibidos bem como a publicação de seus trechos nos jornais.

Entretanto, em meio a novos conceitos – herdeiros de revoluções e aspirações liberais e contestações ao absolutismo –, a religiosidade era predominante nos periódicos. Lúcia Maria Neves afirma que a religiosidade era também um meio estratégico para que se alcançasse um número maior de leitores, como por exemplo, “parodiarem formas religiosas”³.

O uso de metáforas religiosas no Brasil Imperial era recorrente, a exemplo, os próprios títulos de jornais em que Abreu e Lima escrevia – *Torre de Babel*, *Arca de Noé*, *Barca de São Pedro* – com alusões religiosas, definições do contexto político entre o sagrado e o profano, ainda que, em contraste, Abreu e Lima contestasse a liberdade religiosa, o catolicismo era algo fortemente presente e notório em seus discursos, possivelmente pela influência do seu pai que foi padre e de certa maneira o educou segundo uma cultura religiosa, “convém observar que a leitura da Bíblia deveria ser corrente entre os segmentos letrados à época, além de constituir-se em poderoso recurso suasório.[...]”⁴.

A religiosidade transcrita nos jornais pode ser decodificada ainda como subterfúgio para legitimar ou buscar aceitação por meio da crença da veracidade do que é divino, de sua opinião alegando que o que vem do céu é bom, moral e verdadeiro, portanto se as ideias e opiniões políticas nos jornais possuem teor cristão essas argumentações seriam mais bem recebidas.

Era comum a transposição de trechos de textos bíblicos para jornais, ou pelo catolicismo influente, ou como estratégia de persuasão. Por exemplo, Gênesis 6:18 é a

² NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Corcundas e Constitucionais: A Cultura política da Independência (1820-1822)*. Rio de Janeiro: Revan: Faperj, 2003, p.36.

³Ibid. p. 41.

⁴ FONSECA, Sílvia Carla Pereira de Brito. “Contribuição para o estudo da imprensa federalista e republicana no Império do Brasil: Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia (1820- 1840)”. IN: RIBEIRO, Gladys Sabina; FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. *Linguagens e práticas da cidadania no século XIX*. São Paulo: Alameda, 2010, pp. 203- 227.

epígrafe do jornal *Arca de Noé*, em que se escreve: “Eu farei um concerto contigo, e tu entrarás na Arca, tu, teus filhos, tua mulher, e as mulheres de teus filhos contigo”⁵. Além disso, também era recorrente a reprodução de trechos de outros periódicos (inclusive de outras províncias ou de outras nações). A transcrição de textos de outro jornal, para além de, em alguns casos, fomentar uma polêmica, era também um artifício de persuasão ao leitor, um modo de ressaltar a proximidade e simpatia pelas ideias ali colocadas ou, evocá-lo como discurso de autoridade, demonstrando a circulação ampla dos mesmos ideais em que a voz do outro intelectual autentificaria aquele conceito, visão política e/ou filosofia.⁶

A escrita era, portanto uma ferramenta para a manutenção da opinião pública; o General Abreu e Lima escreveu acerca de diversas temáticas de caráter literário, histórico, político, biográfico, geográfico, religioso, pedagógico, construindo um acervo intelectual significativo.

Apesar da grande produção intelectual, ele é uma figura que foi pouco conhecida na historiografia brasileira. Alguns dos motivos do seu anonimato podem ser atribuídos ao distanciamento do Brasil para com os seus vizinhos e conseqüentemente a aproximação das relações com a Europa; a associação da sua figura a de Simon Bolívar devido as suas atuações nas guerras por independência e defesa dos ideais libertários; assim como os seus atritos e saída do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), agravando-se com discussões com outros intelectuais e figuras políticas; e também as ideias de liberdade religiosa que confrontava as práticas da igreja católica também são fatores que contribuíram para um certo silenciamento.

Abreu e Lima foi um indivíduo com atuação ativa nas discussões de nação e América, porém por um período esteve no anonimato da história; esse quadro começa a se alterar com a ascensão da esquerda na América Latina, sobretudo pela figura de Hugo Chávez na Venezuela o qual ressaltava a figura de Abreu e Lima como um dos libertadores da América, lembrado no Memorial aos Próceres em Caracas.

Nos governos de Chávez (Venezuela) e Lula (Brasil), nas relações internacionais entre Brasil e Venezuela, foram os momentos em que a memória de Abreu e Lima recebeu maior destaque no Brasil impulsionando também as pesquisas nas universidades acerca da sua trajetória e de seus escritos, porém, já existiam estudos sobre ele antes disso.

⁵ *Arca de Noé*. Rio de Janeiro, 1836.

⁶ FONSECA, Sílvia Carla Pereira de Brito. “Apontamentos para o estudo da linguagem republicana na conformação de identidades políticas na imprensa regencial fluminense.” IN: NEVES, Lúcia Maria Bastos P; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.) *História e Imprensa: Representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DPGA: Faperj, 2006, p110.

O pioneirismo nas pesquisas sobre Abreu e Lima foi feito por um venezuelano; Diego Carbonell (1914)⁷ escreveu uma biografia sobre Abreu e Lima em 1914, mas o texto encontra-se publicado na edição de 1922 do livro escrito por Abreu e Lima: *Resumen Histórico de la última ditadura del Libertador Simon Bolívar*.

Carbonell inicia o texto ressaltando o momento pelo qual Abreu e Lima é mais lembrado- o escrito em defesa do Libertador- e a partir dessa aproximação com Bolívar e a confiança depositada nele para defender Bolívar, Carbonell inicia a biografia de Abreu e Lima questionando a sua importância para tal função que partia do princípio que o que se falava de Abreu e Lima até então era apenas o seu feito ao escrever sobre Bolívar, porém a sua história, a sua trajetória não era abordada. Nas palavras de Carbonell Abreu e Lima “No era un aventurero quien llegaba a mi país; era un joven preparado convenientemente y podía con orgullo ofrecer sus servicios a la causa nobilísima y Santa de la Gran Colombia [...]”⁸ e afirmava a respeito das suas ideologias que: “[...] Abreu y Lima siempre dió notaciones de su veneración a la independencia del pensamiento y a la franqueza de las opiniones.”⁹

Em seguida, Argeu Guimarães (1926)¹⁰ publicou um texto de 52 páginas de caráter biográfico, ressaltando os feitos de Abreu e Lima, suas batalhas, relações com Bolívar.

O texto de Pinto Estevão (1949)¹¹ criado a partir de uma conferência em 1948 em Pernambuco no primeiro centenário da Revolução Praieira relembra a participação de Abreu e Lima na mesma, além de abordar a sua trajetória faz menção a algumas de suas obras, como a do *Bosquejo histórico, político e literário da História do Brasil* explicando a sua defesa pelo sistema de governo monárquico.

Nelson Werneck Sodré (1966)¹² escreveu acerca da Imprensa brasileira, tratando de vários jornais e personagens que circularam na imprensa brasileira ao longo dos anos, acerca de Abreu e Lima Werneck abordou sobre os jornais dos quais Abreu e Lima foi escritor no Brasil, os situando em seus respectivos contextos políticos, econômicos e sociais e, ainda,

⁷ CARBONELL, Diego. “La Personalidad de Abreu e Lima”. IN: ABREU E LIMA, José Inácio de. *Resumen Histórico de la última ditadura del Libertador Simon Bolívar. Comprobaba con documentos*. Prefacio y versiones Goulart de Andrade. Biografía y notas Diego Carbonell. Rio de Janeiro: O Norte, 1922.

⁸ Ibid. p.108.

⁹ Ibid. p.111.

¹⁰ GUIMARÃES, Argeu. *Um brasileiro na epopeia bolivariana*. (Biografia do General Abreu e Lima). Recife: Moraes, Rodrigues e cia. 1926.

¹¹ ESTEVÃO, Pinto. *O General Abreu e Lima* (Conferência realizada a 10 de dezembro de 1948 no Instituto de Educação de Pernambuco). Recife, 1949.

¹² SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

relatando alguns atritos e debates com alguns jornais que circularam na mesma época, Werneck consegue reunir um conjunto de referências de fontes acerca das publicações de Abreu e Lima.

O livro de Andrade Lima Filho (1973)¹³ traz em forma de literatura uma história mal resolvida ou não resolvida que foi os impasses do sepultamento do General, Lima Filho faz um diálogo entre o Bispo, no caso o Bispo Cardoso Aires e o General Abreu e Lima em atritos com as normas da igreja católica e a filosofia de liberdade religiosa para retratar esse momento conturbado da história.

José Bernardes (1978) escreveu *Abreu e Lima: herói Sul- Americano*¹⁴, no próprio título já sugere uma tentativa de reconhecimento da figura de destaque que foi o General Abreu e Lima. Em seu livro, Bernardes, trata da trajetória de Abreu e Lima construída a partir de suas publicações tratando Abreu e Lima como um mito, como um herói Sul-Americano, todavia, esquecido por seus compatriotas.

Outro texto acerca de Abreu e Lima é o de Vamireh Chacon (1983)¹⁵, considerada a obra mais completa acerca do General, de caráter historiográfico com os fatos mais relevantes da trajetória de Abreu e Lima, Vamireh Chacon reuniu documentos da trajetória do General no Rio de Janeiro, em Pernambuco e sobretudo na Venezuela, país no qual ficou por um tempo para a realização de seu livro.

Apesar de Chacon citar alguns jornais e os pontos abordados por Abreu e Lima nesses jornais, ele não faz análise profunda dos mesmos de forma comparativa como se pretende aqui nesse trabalho ao reunir todos os jornais e analisar as mudanças e permanências do seu discurso sobre a representação de nação e América.

O estudo feito por Chacon remete-se aos conflitos da sociedade pernambucana com a revolução de 1817, retrata também a sua atuação militar na Venezuela, as guerras que combateu os atritos com algumas figuras eminentes tais como Leocadio Guzmán e o próprio Simon Bolívar. Pontuou também sua trajetória ao retornar para o Brasil, dando ênfase aos conflitos no Rio de Janeiro devido a seus escritos; Abreu e Lima era um polêmico que não deixava as críticas serem tomadas pelo silêncio.

¹³ FILHO, Andrade Lima. *O Bispo e o General: polêmica amena sobre uma questão antiga: a negativa da sepultura ao General Abreu e Lima pelo bispo Cardoso Ayres*. Pref. De Orlando Parahym. Recife, 1973.

¹⁴ BERNARDES, José. *Abreu e Lima: herói Sul- Americano*. Rio de Janeiro: Nosso Brasil, 1978.

¹⁵ CHACON, Vamireh. *Abreu e Lima: general de Bolívar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

Ainda sobre Chacon, é importante destacar o seu livro sobre o socialismo¹⁶ no qual também aborda acerca do General, explicando seu pensamento e ideias do livro *O Socialismo*¹⁷. Abreu e Lima foi um dos primeiros a escrever sobre o Socialismo no Brasil, porém diferente do que compreendemos hoje, a ideia de socialismo de Abreu e Lima era de um caráter cristão, considerado como socialismo utópico.

Juan Pablo Martín Rodrigues escreveu recentemente um artigo¹⁸, também articulando sobre a representação de Socialismo para Abreu e Lima, mostrando que ele utiliza vários escritores para o desenvolvimento de sua obra, entre eles: Platão, Fourier, Saint Simon e Owen. Para Juan Rodrigues o socialismo de Abreu e Lima tinha duas vertentes:

[...] a procura pela unidade nacional, fundamentada na paz social e política que permitam o avanço gradual do progresso para todos os brasileiros. [...] A segunda ideia motriz, no intuito da consecução dessa igualdade, se baseia no conceito da busca pela unidade religiosa. Intui-se em *O Socialismo* que grande parte das construções utópicas estudadas coincidem com as narrativas representadas pelas cosmogonias religiosas.¹⁹

O dicionário sobre Pernambucanos escrito por Francisco Costa (1982)²⁰ destacava também a vida de Abreu e Lima, de seu pai e do seu irmão, os quais também protagonizaram as questões políticas e as revoluções de Pernambuco; No dicionário Francisco Costa relata a trajetória em ordem cronológica de Abreu e Lima, assim como cita as suas obras quer tenham sido elas publicadas ou apenas mencionadas por Abreu e Lima, tal como *Memória sobre os limites entre o Brasil e a República da Colômbia*²¹, que foi um texto produzido a pedido do General Santander, em 1826, acerca das fronteiras, porém seus escritos foram recusados e tal obra, até o presente momento, não foi encontrada.

O livro de Angelo Diogo Mazin e Miguel Stedile (2006)²² é uma síntese da vida de Abreu e Lima como General e a personalidade que deu jus ao apelido de General das Massas,

¹⁶ CHACON, Vamireh. História das ideias Socialistas no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

¹⁷ ABREU E LIMA, José Inácio de. O Socialismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra/FAPERJ, 2001 [1855].

¹⁸ RODRIGUES, Juan Pablo Martín. “Abreu e Lima e o Socialismo”. IN: RODRIGUES, Juan Pablo Martín; SOUSA, Monique Santana de Oliveira; OLIVEIRA, Tatiane Maria Barbosa de. General Abreu e Lima: um pensador dos trópicos. Pernambuco: Editora UFPE, 2018, pp. 111-122.

¹⁹ Ibid.

²⁰ COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Dicionário biográfico de pernambucanos célebres. Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1982.

²¹ ABREU E LIMA, José Inácio de. Memória sobre os limites entre o Brasil e a República da Colômbia. 1826.

²² MAZIN, Angelo Diogo; STEDILE, Miguel Entique. *Abreu e Lima: General das Massas*. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

Mazin e Stedile acentua a personalidade forte de Abreu e Lima que se destacava no meio político narrando algumas de suas polêmicas, o livro conta também com uma cronologia em anexo dos fatos mais significativos da vida de Abreu e Lima.

Na literatura há também a obra escrita por Sergio Bruni (2010)²³, um romance sobre a vida do General, sua família e sua vida pública, Bruni tenta dar algumas hipotéticas respostas acerca dos silêncios e questões sem respostas da vida de Abreu e Lima, a começar pela trajetória de sua mãe que não foi estudada até então.

Deve-se levar em conta também que alguns textos que retratam a Revolução de 1817 ou ainda a Revolução Praieira em 1848 costumam citar o General Abreu e Lima e associa-lo a figura de seu pai, participante da Revolução Pernambucana.

O governo da Venezuela fez uma publicação pelo Ministério de Comunicação e Informação em 2005, uma cartilha/livreto resumindo a vida e importância do General Abreu e Lima fazendo menção às batalhas pela “Pátria Grande” e defesa que fez a Bolívar.

Ainda no campo da literatura temos o livro de poesias de Audálio Alves (2013)²⁴, no qual tem um texto chamado *Evocação Fúnebre ao General Abreu e Lima* em sua homenagem; enaltecendo o heroísmo de Abreu e Lima e questionando os impasses de sua morte, a negação de sua sepultura em solo pátrio: “Dize-me que te digo o que não dizes: A inscrição maior de teu silêncio: – Exílio em Londres. Glória com Bolívar. E morte e esquecimento no Recife.”²⁵

E um livro pouco conhecido que circulou em Pernambuco, sobretudo em algumas escolas *Sangue Latino: Um herói continental – Vida e Trajetória de Abreu e Lima* é uma história em quadrinhos destinada ao público infantil organizado por Arnaldo Luis, Milson Marins e Bruno Alves no intuito de tornar mais acessível aos jovens à história do General Abreu e Lima e resgatar e/ou fazer conhecer a sua história.

Ressalta-se ainda, no mesmo sentido de se fazer conhecer a sua história, o filme-documentário²⁶ dirigido por Geraldo Sarno (2008). No filme Geraldo Sarno reconstrói a vida de Abreu e Lima passando pelos lugares em que ele esteve ou que foram significativos para a

²³ BRUNI Sérgio. *O Mui desassossegado Senhor General: A vida de José Inácio de Abreu e Lima*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

²⁴ ALVES, Audálio. “Evocação Fúnebre ao General Abreu e Lima”. IN: *Canção Soberana*. Recife: Cepe, 2013.

²⁵ Ibid.

²⁶ SARNO, Geraldo. “Tudo isso me parece um Sonho”. 2008. Disponível em: <<https://youtu.be/zfu0-4shqk4>> Acessado em: 18 de Agosto de 2018.

sua trajetória contando a sua história. É feito também entrevistas com Chacon e outros intelectuais que estudaram sobre Abreu e Lima.

Para além dos escritos sobre a vida e trajetória política de Abreu e Lima, outros estudos começaram a ser desenvolvidos. Com análises de suas obras em diferentes perspectivas, abordagens e metodologias, os novos estudos começam a esboçar o caráter intelectual de Abreu e Lima e não só mais as questões militares.

Assim como o livro de Vamireh Chacon é uma referência acerca da trajetória de Abreu e Lima, a tese de doutorado de Selma Rinaldi (2007)²⁷, com uma leitura mais atualizada e partindo da análise de fontes anteriormente não exploradas ou de ângulos de análise ainda não projetados como a questão pedagógica nas obras de Abreu e Lima as quais ainda não haviam sido trabalhadas, é também uma referência nos estudos acerca de sua trajetória de vida e de suas obras.

Rinaldi abordou acerca da trajetória intelectual de Abreu e Lima e a formação da juventude nacional com o livro da história do Brasil, fazendo uma análise da obra *O Compêndio da História do Brasil*, uma de suas obras mais conhecidas e que era lida por alunos do Colégio Pedro II e também explicando sua polêmica com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) devido a essa obra, as acusações de plágio e as críticas à escrita cronológica.

Selma Rinaldi analisa as obras de Abreu e Lima em uma função pedagógica ressaltando que a obra de Abreu e Lima, *O Compêndio da História do Brasil*, colaborava para formar o imaginário nacional, escrever uma história para a nação em formação. Rinaldi também traz documentações e fatos importantes da vida particular e pública de Abreu e Lima.

Ainda, dentro do contexto da obra *O Compêndio*, o artigo de Thamara de Oliveira Rodrigues (2017)²⁸ colocando em questão a marginalização/escanteio da Revolução de 1817 e os atritos da Historiografia ressaltando o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e as divergências do General com Varnhagem o acusando de plágio. Rodrigues usa como fonte dois artigos de caráter historiográfico *O Compendio* e o *Bosquejo, histórico, político e literário da História do Brasil*.

²⁷ RINALDI, Selma. *Para Formar os brasileiros. O compêndio da História do Brasil de Abreu e Lima e a expansão para dentro do Império do Brasil*. São Paulo. 2007.

²⁸ RODRIGUES, Thamara de Oliveira. *A Revolução Pernambucana e as disputas historiográficas: Abreu e Lima e Francisco Adolfo de Varnhagem*. Revista História e Cultura. São Paulo, UNESP, v.6, n.1, 2017.

Por sua vez, Cláudia Poncioni (2015)²⁹ retrata acerca do General Abreu e Lima ser representado como um ponto de ligação para a integração entre Brasil e Venezuela nos governos de esquerda de Lula e Chávez. Lembrado e enaltecido na Venezuela, Abreu e Lima passava a ser colocado como representação e/ou figura simbólica da união diplomática entre Brasil e Venezuela fomentando a partir daí a parceria e acordos entre os países, como por exemplo, a Refinaria Abreu e Lima em que as empresas de petróleo brasileira e venezuelana trabalhariam juntas.

O artigo de Ricardo Abreu de Melo (2016)³⁰ é apresentado à contribuição da atuação de Abreu e Lima um brasileiro nas guerras por independência na América – Hispânica fazendo dele um dos libertadores da América, Melo fomenta o debate dele ser um ícone na América Hispânica e estar no anonimato na história brasileira.

Cláudia Rodrigues (2008)³¹ faz uma análise aprofundada das questões dos cemitérios e exemplifica o caso de Abreu e Lima com a igreja católica que devido ao seu discurso de liberdade religiosa e os atritos com o Cônego Januário Barbosa foi negado à sepultura em solo católico pelo Bispo Cardoso Aires e ele foi sepultado no Cemitério dos Ingleses onde permanece até hoje, Rodrigues explica que nessa época ser cidadão era ser católico, pois era a igreja que fazia os certificados e certidões.

Os mais recentes trabalhos acadêmicos acerca do General foram o de Tatiane Maria Barbosa de Oliveira (2015)³², em que faz um estudo das obras literárias de Abreu e Lima contando a sua trajetória como um herói na América do Sul.

Outros trabalhos recentes escritos por Luís Cláudio Rocha Henrique de Moura que pesquisou sobre o General Abreu e Lima na graduação em História, no mestrado e no

²⁹ PONCIONI, Cláudia. *O curioso percurso do General Abreu e Lima: De personagem histórico a ícone das relações entre a Venezuela de Chaves e o Brasil de Lula*. Revista Impulso, Piracicaba. n. 25,1015,pp. 125-131.

³⁰ MELO Ricardo Abreu de. *Abreu e Lima: Um brasileiro entre os Libertadores da América*. Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina. São Paulo, USP, 2016.

Disponível em: <https://sites.usp.br/prolam/ii-simposio-internacional-pensar-e-repensar-america-latina_anais/> Acessado em: 18 de Agosto de 2018.

³¹ RODRIGUES, Claudia. *Sepulturas e sepultamentos de protestantes como uma questão de cidadania na crise do Império (1869- 1889)*. Revista de História Regional, Paraná, UEPG, 2008.

Disponível em: <www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2255> Acessado em: 18 de Agosto de 2018.

³² OLIVEIRA, Tatiane Maria Barbosa de. *Abreu e Lima: Um herói entre a história e a ficção*. Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco. Depto de Letras. Monografia, 2015, Orientada por Prof. Juan Pablo Martin.

Disponível em: <www.institutoabreuelima.com.br> Acessado em: 18 de Agosto de 2018.

doutorado. Na sequência, a graduação (2003)³³, escrevendo sobre a atuação do General na Grã Colômbia ressaltando sua história como militar.

No mestrado (2006)³⁴ dissertou sobre a sua atuação no Brasil e suas perspectivas políticas, e no doutorado (2013)³⁵ Moura faz uma história comparada com três personagens de atuação política na América Latina, Abreu e Lima, Andrés Bello e Juan Batista Alberdi, cada um de um país diferente da América Latina, porém todos com atuação político-social e escrita que protagonizaram seus respectivos países: Brasil, Argentina e Chile e/ou outros países, como o Abreu e Lima na Venezuela, no momento de construção nacional e elaboração dos projetos de nação no intuito de estabelecer as perspectivas do que é a nação para esses atores políticos a partir da análise de seus discursos em perspectiva comparada.

A monografia de Monique Sousa (2015)³⁶, em que foi analisado a sua trajetória, dando destaque a obra *Bosquejo histórico, político e literário da História do Brasil* e a ótica de Abreu e Lima acerca dos sistemas de governo, o monárquico e o republicano e suas mudanças de posicionamento repentino em relação a ambos os sistemas.

A dissertação de mestrado de Tatiane Barbosa,³⁷ defendida recentemente, retrata a trajetória de Abreu e Lima como um escritor público e traz ainda uma antologia de seus escritos literários, entre eles o itinerário de Frei Caneca no qual Abreu e Lima dá sequência a seus escritos em 1824.

E por último, o trabalho mais recente sobre Abreu e Lima foi o livro³⁸ organizado por Monique Sousa, Tatiane Oliveira e Juan Pablo Martín acerca da figura de Abreu e Lima como

³³ MOURA, Luís Cláudio R. Henrique. *Abreu e Lima: Um elo entre o Brasil e a América Andina*. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de História, Monografia, 2003, Orientado por Prof. Geralda Dias Aparecida.

³⁴ Id. *Abreu e Lima: uma leitura sobre o Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de História, Dissertação de Mestrado, 2006. Orientado por Prof.^a Dr.^a Geralda Dias Aparecida.

³⁵ Id. *Ideias de nação na Argentina, Brasil e Chile (1830–1860): Juan Bautista Alberdi, José Inácio de Abreu e Lima, Andrés Bello*. Universidade de Brasília, Depto de História, Tese de doutorado, 2013. Orientada por Prof. Dr. Jaime de Almeida.

³⁶ SOUSA, Monique Santana de Oliveira. *O Dicotômico Abreu e Lima: Monarquia Brasileira e Repúblicas Sul Americanas no Século XIX*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo. Depto de História, Monografia, 2015, Orientada por Prof. Eduardo Scheidt.

Disponível em: <www.institutoabreuelima.com.br> Acessado em: 18 de Agosto de 2018.

³⁷ OLIVEIRA, Tatiane Maria Barbosa de. *Abreu e Lima, o escritor público: estudo e antologia*. 2018. 186 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

³⁸ RODRIGUES, Juan Pablo Martín; SOUSA, Monique Santana de Oliveira; BARBOSA, Tatiane Maria Barbosa de. *General Abreu e Lima: um pensador dos trópicos*. Recife: Ed. UFPE, 2018.

um intelectual dos trópicos, reunindo dez artigos de diferentes pesquisadores³⁹ sobre perspectivas diferentes da atuação política de Abreu e Lima e de seu entorno.

O livro aborda os escritos nos jornais e suas perspectivas de nação, independência e América, a contribuição de Abreu e Lima à história intelectual americana, os debates com Varnhagem e o debate em torno da historiografia brasileira, o socialismo, Abreu e Lima como destaque na literatura, a figura de Abreu e Lima sob uma perspectiva histórica em meio às transformações do século XIX e a construção do Estado Nacional na América Latina, a relação entre Abreu e Lima e Bolívar, a memória de Abreu e Lima e a representatividade da estátua de Bolívar em Pernambuco como ponto de integração e o legado de Abreu e Lima sob a ótica da questão da liberdade.

Os últimos trabalhos sobre Abreu e Lima, tentam explorar não só a sua trajetória militar, mas também pesquisar no campo da história, literatura e política, a partir da ótica intelectual, os seus escritos em meio a transições políticas, ideológicas, formação da opinião pública a partir da imprensa e os diálogos para o projeto de nação.

A história intelectual brasileira se constituiu por dois caminhos, um como “longa tradição” onde era colocado o pensamento e ideias do intelectual de maneira singular e isolada mediante ao seu contexto social, ou ainda eram estudados agrupados a família intelectual da qual fazia parte os classificando em algum – ismo (liberalismo, fascismo, positivismo, etc.)⁴⁰

José Murilo de Carvalho descreve esse modo de pesquisa dos historiadores como ingênuo, pois foge de uma análise mais profunda. O segundo caminho está mais próximo das ciências sociais em que pesquisam apenas um autor ou tema e diferentemente do outro procura “[...] interpretar as ideias como ideologias vinculadas a interesses de grupos e classes sociais, ou mesmo do Estado.”⁴¹, por outro lado, esse também apresenta uma questão, visto que por estar mais ligada a sociologia o contexto é predominante comparado ao autor.

Apesar do progresso na história intelectual no Brasil ainda há “[...] pouca problematização.”⁴², resultando em escritos fracionados, falta também situar a história

³⁹ SOUSA, Monique Santana de Oliveira; MOURA, Luís Cláudio Rocha Henrique de; BARBOSA, Tatiane Maria Barbosa de SANTOS, Pedro Afonso Cristóvão dos; HAUSSER, Christian; RODRIGUES, Juan Pablo Martín; SCHEIDT, Eduardo; CHACON, Vamireh; MARTINS, Matheus Amilton e ABREU E LIMA, Fellipe de Andrade.

⁴⁰ José Murilo de Carvalho, “História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura”, Topoi, (Rio de Janeiro), [vol.] 1,1 (2000): 123-152.

⁴¹ Ibid. p.124.

⁴² Ibid. p.126.

intelectual no contexto pós-colonial em países que sofreram um processo de longa dominação territorial, cultural, política e econômica que interfere de forma direta em todo o processo de formação de história política. Não obstante a circulação de ideias, as influências das Revoluções Francesa e Americana, existem esses impasses provenientes do período colonial o qual induz a história intelectual, tais como, a educação direcionada pela igreja e, no caso do Brasil a não criação de universidades.

Enquanto os métodos modernos de investigação e raciocínio se desenvolviam em outros lugares, sobretudo na Inglaterra, alunos e professores do Colégio das Artes e da Universidade de Coimbra ocupavam-se em disputas escolásticas, citando como autoridades últimas, além da Bíblia, Aristóteles e Santo Tomás.⁴³

A retórica como disciplina se fazia de maneira contrária de sua gênese: citação excessiva de autores estrangeiros no objetivo de validar o discurso, eufemismos, persuasão, repetição de palavras, juízos de valor, entre outros. Carvalho apresenta a “retórica como chave de leitura”, que é uma tentativa de recuperá-la como ferramenta da história intelectual, a qual tem o seu marco na virada linguística, a intenção de Carvalho é de explorar os textos do século XIX a partir dos elementos da retórica como um “campo de debate democrático”⁴⁴.

Imaginar a imprensa do século XIX a qual Abreu e Lima fazia parte é, em certa medida, compreender o campo da retórica como uma batalha de palavras, persuasão ao leitor, novas indagações e ressignificação dos conceitos que estavam em pauta nas discussões políticas, na construção de um Brasil-Nação e na definição de seus elementos, símbolos, ideias políticas e sociais, visto que “[...] a guerra política acaba sendo também uma guerra contra a retórica, ou melhor, uma guerra de retóricas.”⁴⁵

Entendendo o termo “intelectual” como um conceito moderno do final do século XIX e início do XX, podemos considerar Abreu e Lima como um letrado patriota com ideias políticas que cambiavam mediante as conjunturas e redes de sociabilidade; Seus escritos e sua vida pessoal ilustram bem as mudanças do século XIX: o despertar das novas ideias e o desenvolvimento/debate das mesmas entrelaçadas com as práticas e pensamentos do Antigo Regime.

⁴³ Ibid. p.131.

⁴⁴ Ibid. p.138.

⁴⁵ José Murilo de Carvalho, “História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura”, *Topoi*, (Rio de Janeiro), [vol.] 1,1 (2000): p.146.

El problema de fondo que se plantea, y que es central para los historiadores, es el del anacronismo: por un lado los conceptos son históricos y, por lo tanto, específicos, limitados a las épocas en que fueron producidos; por otro lado, son atemporales y, en función de este atributo, deben ser generales para poder explicar.⁴⁶

Laura de Mello e Souza explica que, apesar de usarem o conceito de “intelectual” para falar de sujeitos do início do século XIX que exerciam essa função político-social como conhecemos hoje, o conceito de “intelectual”, assim como o conceito de “capitalismo”, foi aplicado só no final do século XIX e início do XX e que a partir dos estudos de Antônio Gramsci é possível compreender o conceito de intelectual em uma escala maior “[...] más referido al que hacer humano y menos tributario de la cultura letrada de las elites.”⁴⁷

No Brasil, a partir da independência os letrados, entendendo a história como um progresso, passaram a escrever e a buscar na literatura um projeto de nação, visto que a nacionalidade é nutrida por uma história nacional, um passado glorioso, um histórico de lutas, tradições, símbolos e heróis, porém havia quem questionasse, tal como Abreu e Lima, até que ponto essa literatura produzida a partir da independência era de fato brasileira, visto que o Brasil não havia alcançado uma independência de fato e se mantinha sob as coordenadas portuguesas.

Abreu e Lima situa-se em um período de intensas transições, portanto entender os seus discursos é situa-lo em cada fase dessas transições. A construção nacional é a questão protagonista em seus escritos e a partir dela se desenvolve todas as outras, entre eles: a educação, a relação da igreja com o Estado, os partidos políticos, a integração Sul Americana.

Segundo Jorge Myers⁴⁸, após as influências da Revolução Americana e Francesa e a conquista da independência, a América Hispânica que antes escrevia a serviço exclusivo da Monarquia e de seu sistema, recebe uma nova perspectiva de sociedade política a qual requer uma nova postura perante a política social, dando origem a indivíduos ao que ele denominou como “letrado patriota”.

O letrado patriota é aquele sujeito que detém da autoridade/espço para dar voz às novas identidades, costumes, sujeitos, pensamentos, ideologias que surgem a partir da formação do Estado Nacional.

⁴⁶ SOUZA, Laude Mello e. Brasil: “Literatura e “intelectuales” en el período colonial”. IN: ALTAMIRANO, Carlos. (org.). História de los intelectuales en América Latina. Vol.I. Katz: Buenos Aires, 2008.p.95.

⁴⁷ Ibid.

⁴⁸ MYERS, Jorge. “El letrado patriota: los hombres de letras hispano-americanos en la encrucijada del colapso del imperio español en América”. IN: ALTAMIRANO, Carlos. (org.). Historia de los intelectuales en América Latina. Vol.I. Katz: Buenos Aires, 2008.pp.121-144.

Myers classifica o surgimento desses escritores públicos em três fazes, são elas: 1) aqueles que escreviam de forma positiva sobre a América diante das críticas sobre a península. 2) A segunda é classificada pelos “precursores” que defendiam a igualdade/direitos dos súditos hispano-americanos do rei frente aos peninsulares.³) e o terceiro formados por uma renegociação de dominação colonial até formar então um novo escritor público em que há novas relações de poder, uma certa autonomia visto as limitações do Antigo Regime. O que Myers ressalta em comum nos três processos do escritor público/letrado é a sua qualidade de “vocero” em abordar as questões políticas e sociais da sua pátria que o colocava na função/qualidade de um intelectual.

Esses intelectuais são letrados patriotas que estão vivendo um contexto político ambíguo, de mudanças constantes no espaço político, social cultural e econômico traçando novas relações de poder, emergindo novos conceitos na construção da nação.

A trajetória dos letrados patriotas:

[...] estuvieron marcadas por constantes virajes ideológico-políticos en función de su relación concreta- en términos de su posicionamiento en el interior de un campo de fuerzas en pugna- con la cambiante realidad política y en función también de la interpretación que ellos hacían de la misma.⁴⁹

Para além da definição de “letrado patriota” para os escritos públicos do século XIX, Myers, ao longo do texto, exemplifica essa condição apontando para a trajetória de alguns sujeitos que se dedicaram de diferentes maneiras a abordar acerca da política nacional, que formaram opiniões e ideologias acerca de sua pátria. Apesar de não abordar sobre a trajetória de Simon Bolívar, porque demandaria uma pesquisa mais profunda do que estava propondo, Myers o classifica como um letrado patriota. Podemos toma-lo como um rápido exemplo para pensar a sua atuação no *Correo Del Orinoco* e nos seus discursos políticos, pensar que a sua atuação foi crucial na formação do Estado, constituição da República e influência do pensamento de liberdade e independência assim como as aspirações para uma integração da América.

Para além dos espaços de articulação político-social, é possível ver a atuação de Simon Bolívar como um letrado patriota também nas redes de sociabilidade, das influências que adere e das que passa adiante, como por exemplo, sua conexão com Abreu e Lima, o qual também foi um letrado patriota, porém não limitado ao contexto hispano-americano como

⁴⁹ MYERS, Jorge. “El letrado patriota: los hombres de letras hispano-americanos en la encrucijada del colapso del imperio español en América”. IN: ALTAMIRANO, Carlos. (org.). Historia de los intelectuales en América Latina. Vol.I. Katz: Buenos Aires, 2008.p.124.

desenvolveu Myers, mas abordando um conjunto que engloba tanto a sociedade hispano-americana em período de independência e formação da nação como a sociedade brasileira e sua independência e construção da nação peculiar de modo a manter os laços com Portugal.

La independencia, además de una guerra, era una revolución intelectual, un asunto de ideas y de lenguajes políticos: era preciso abandonar el modo antiguo de pensar la comunidad para organizarla republicamente. Como se observa en los casos de Miranda, Bolívar y O'Higgins, el viaje, la traducción y el contacto directo con las monarquías parlamentarias de Europa, además de la lectura de clásicos de la ilustración, fueron experiencias formativas.⁵⁰

De acordo com Rojas⁵¹, não é possível pensar a história intelectual Hispano-americana sem conectá-la com a migração, com políticos, exílio e elite letrada, o processo de independência foi antes de tudo uma revolução intelectual, em que novas figuras letradas construíram novos pensamentos político-sociais em seu entorno resultando na constituição do Estado Nacional através da divulgação dos escritos de independência, liberdade e república e, figuras como Bolívar e Abreu e Lima produziam o discurso de “Americanidade”, de integração que a princípio obtiveram resultados positivos como a formação da República da Grã Colômbia, por exemplo, porém, que depois foi sufocado, fosse pelas ambições dos nacionalismos, fosse pela hegemonia de novas nações interferindo ou até mesmo pela falta de apoio/aproximação brasileira, por exemplo, que mantinha distância dos demais países da América do Sul.

Se analisarmos como estudo de caso a atuação/discurso de Abreu e Lima veremos que se consiste em dois momentos que convergem com a ascensão e queda do discurso intelectual acerca do americanismo; na primeira fase: nas guerras de independência, em que ele tanto luta pela emancipação da América Hispânica nas batalhas junto com Bolívar, Santander, Paez e outros, como também escreve sobre a guerra, elabora estratégias discute os caminhos da nação colocando a revolução e a integração como pilares e ainda afirmando uma identidade americana, em que a sua pátria é a América e por ela lutaria; E no segundo momento o qual coincide com a fragmentação da Grã Colômbia, a morte de Bolívar, a ambição e posicionamento por um Estado Nação singular e não mais plural, e ainda as interferências diplomáticas Norte-Americanas já corporificadas desde a Doutrina Monroe.

⁵⁰ ROJAS, Rafael. “Traductores de la libertad: el americanismo de los primeros republicanos”. IN: ALTAMIRANO, Carlos. (org.). Historia de los intelectuales en América Latina. Vol.I. Katz: Buenos Aires, 2008.p205.

⁵¹ ROJAS, Rafael. “Traductores de la libertad: el americanismo de los primeros republicanos”. IN: ALTAMIRANO, Carlos. (org.). Historia de los intelectuales en América Latina. Vol.I. Katz: Buenos Aires, 2008.p205-226.

Essas novas configurações políticas, formadas a partir da independência e da formação dos Estados Nacionais Ibero-americanos, deram origem a emergência de uma nova sociedade civil - novos “intelectuais”- que expandiam e articulavam na esfera pública a constituição dos caminhos da liberdade e de um sistema de governo republicano, transformando os espaços públicos e a opinião política através dos projetos de nação e das relações de poder desses projetos com um novo horizonte de expectativa ao sistema político futuro.⁵²

Pensar a trajetória de Abreu e Lima, tanto na América Hispânica quanto no Brasil pós-independência é também compreender as representações de nação e América que estavam o tempo todo em transição, pautadas pela multiplicidade de opiniões acerca do olhar de si, do olhar do outro e da imagem que se queria moldar acerca da nação em construção, e ainda marcada por processos distintos de independência e formação do Estado.

As representações sociais⁵³ são construções, moldadas pelos indivíduos que as forjam, e as forjam não no sentido de mentira, mas sim de criar, de construir e de inventar. Deste modo, os discursos sociais não são neutros, mas sim dotados de valores, percepções de mundo e opiniões de determinado indivíduo ou grupo social, os quais armam estratégias, formas de persuasão e fazem performances com o intuito de legitimar a sua fala/projeto/ação perante aos demais indivíduos da sociedade.

A figura de Abreu e Lima como um escritor público é vestido de várias roupagens: o historiador, o político, jornalista, o militar. Abreu e Lima como um letrado patriota mantém um diálogo entre a modernidade e o antigo regime, ou seja, questões mal definidas no presente e um passado de raízes rígidas, fazendo dele um liberal-conservador com múltiplas dicotomias em seus discursos, entre elas, a mais acentuada: Monarquia *versus* República na América do Sul.

Abreu e Lima que estava em meio aos processos de transição na sua trajetória enquanto um letrado patriota, construindo e discutindo projetos de nação e concepções de América, em meio a pressões, redes de sociabilidade, múltiplas relações de poder, guinadas ideológicas, necessidade de mudanças políticas e de posicionamento de um sujeito que tem um futuro incerto diante da modernidade que se apresenta, a princípio, aderindo às influências positivas de uma revolução, que em seguida, dá lugar ao conservadorismo ressaltando a margem negativa da mesma.

⁵² SABATO, Hilda. “Nuevos espacios de formación y actuación intelectual: prensa, asociaciones, esfera pública (1850-1900)”. IN: ALTAMIRANO, Carlos. (org.). Historia de los intelectuales en América Latina. Vol. I. Katz: Buenos Aires, 2008. pp.387-411.

⁵³ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p. 17.

O que se pretende analisar nesta pesquisa são as mudanças e permanências no contexto de virada/transição de pensamento político a partir da trajetória do General Abreu e Lima; utilizando os seus escritos na imprensa periódica de 1819 até 1848 na Venezuela, no Rio de Janeiro e em Pernambuco, com os jornais: *Correo del Orinoco* (1819-1822); *Torre de Babel* (1833); *Arca de Noé* (1833); *O Raio de Júpiter* (1836); *A Barca de São Pedro* (1848); *Diário Novo* (1844-1848) e *Diário de Pernambuco* (1844-1848) os quais ele era redator ou teve uma contribuição significativa; destacando seus discursos acerca da América do Sul, o processo de revolução e a questão de integração e suas articulações e projetos para a nação em meio a questões políticas, partidárias e movimentos sociais e estabelecendo diálogos e conexões com outros jornais e personagens.

No primeiro capítulo, *Abreu e Lima de Pernambuco á Grã-Colômbia*, será abordado acerca da Revolução de 1817, em que o pai de Abreu e Lima foi participante e acabou fuzilado, marco inicial para a trajetória de Abreu e Lima fora do país; será abordado também a forma como era conduzida a imprensa no século XIX dando ênfase ao conceito de opinião pública; A atuação, de Abreu e Lima, política e militar na Venezuela, a partir da análise do jornal *Correo del Orinoco* em que foi redator o conectando com outros jornais que circularam na época, tais como *El Argos* e a *Gaceta de Caracas*, nos quais eram tecidas as questões de nação e revolução em meio a debates políticos e polêmicas com personagens protagonistas no processo de independência da América Hispânica e ainda, levantada a hipótese de aproximação entre Abreu e Lima e Frei Caneca, pelo fato de Abreu e Lima ter dado continuidade aos seus escritos.

No Segundo capítulo, *O Polêmico General Abreu e Lima nos Periódicos Fluminense: a Defesa da Monarquia Constitucional como pilar da nação e as querelas da Regência*, será tratado da segunda fase de Abreu e Lima, que implica em uma nova conjuntura política com o seu retorno ao Brasil, após a morte de Bolívar e fragmentação da Grã-Colômbia, será utilizado como fonte os jornais escritos e dirigidos por ele nos anos de 1833 e 1836, são eles: *A Torre de Babel*, *a Arca de Noé* e *o Raio de Júpiter*, articulando com a questão da defesa da Monarquia Constitucional, a participação do General no Movimento dos Cabanos para o retorno de D. Pedro I, os atritos com os partidos políticos, a visão de América Hispânica como algo alarmante, a construção de uma história nacional pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e as polêmicas em torno de sua obra; e a discussão da liberdade de imprensa no *Raio de Júpiter* contextualizando com o período Regencial .

No terceiro e último capítulo, ainda sobre o eixo de nação e América na perspectiva de Abreu e Lima, será analisado o debate na imprensa a partir do seu retorno a Recife em 1844,

onde além de se candidatar a deputado também fez parte do principal jornal dos praieiros: *O Diário Novo*, que era dirigido por seu irmão, e também escreveu alguns artigos no *Diário de Pernambuco*, além de fundar o seu próprio jornal *A Barca de São Pedro*, levantando questões tanto que culminaram na Revolução Praieira, como questões sociais para moldar a nação e a aproximação e distanciamento dos vizinhos da América Hispânica; e ainda sobre o “desportuguesamento” do Brasil.

Nesse sentido, dividindo a trajetória do General Abreu e Lima de maneira simbólica em três fases: 1) de Pernambuco com a Revolução de 1817 até a sua participação na independência da América Hispânica; 2) Da morte de Simon Bolívar e retorno ao Brasil até a atuação político-jornalista no Rio de Janeiro ressaltando o debate entre república e monarquia; 3) O retorno a Pernambuco, com a sua candidatura a deputado e o envolvimento com os Praieiros, onde para além das discussões partidárias eram tratadas também novas abordagens acerca da América do Sul.

Essas fases constituem os momentos de destaque na transição política, dessa maneira, será possível compreender a teia de personagens, conceitos, debates e questões políticas que envolvem a figura do General Abreu e Lima e a formação dos Estados Nacionais da América do Sul; acentuando também a questão da integração que moldaram a sua opinião mediante os diferentes processos, interesses políticos e ideológicos, relações de poder e redes de sociabilidade nesse período de intensa transformação política e social.

Figura 1 – Quadro do General Abreu e Lima



Fonte: Quadro: FONSECA, Reynaldo. Pernambuco; (197?). 130,5 X 97,8 cm. Galeria de Arte da Assembleia Nacional da Venezuela.⁵⁴

⁵⁴ O quadro foi encomendado pelo governo brasileiro e doado para a Venezuela.

1 ABREU E LIMA DE PERNAMBUCO À GRÃ-COLÔMBIA

1.1 Pernambuco: “[...] Fui vítima da primeira revolução que fizeram no Brasil, 1817, pela independência desse país, na qual o meu pai foi fuzilado”⁵⁵

Nadie sabía quién era yo; nadie sabía que yo pertenecía a una de las más distinguidas familias de este país: que había nacido rico y recibido una educación de príncipe: que poseía varios títulos científicos: que había sido Capitán de artillería a los 18 años y por último, que había sido víctima de la primera revolución que se hiciera en el Brasil (1817) por la independencia de este país, en la que mi padre fue fusilado, escapando yo del presidio de milagro. Y sin embargo, serví en Colombia con los más distinguidos jefes; y a pesar de muchas intrigas, de que fui víctima, adquirí la reputación de jefe valiente, ilustrado y muy fiel acompañé a Colombia hasta la sepultura! Yo no tenía patria, e hice de Colombia mi patria. [...]⁵⁶

José Ignácio de Abreu e Lima era natural do Recife, nasceu em 1794, teve dois irmãos, Luís Ignácio de Abreu e Lima e João Ignácio de Abreu e Lima, ambos teriam envolvimento políticos e também nos jornais de Pernambuco; sua mãe é uma personagem que ainda não foi trabalhada na historiografia, sua trajetória é desconhecida, sua figura, quando citada, é associada a apreensão dos bens da família devido a participação do seu marido, o Padre Roma, na Revolução de 1817.

Seu pai, José Ignácio Ribeiro de Abreu e Lima, mais conhecido como Padre Roma, foi um dos participantes da Revolução de 1817 em Pernambuco. O Padre Roma também nasceu no Recife, em 1768, dedicou-se a uma vida religiosa iniciando no Instituto Carmelitano, depois no Convento de Goiânia em 1784 recebendo o nome de *Fr. José de Santa Rosa*. Dali partiu para Portugal para cursar teologia na Universidade de Coimbra. Visto que no Brasil não havia universidades, era comum o deslocamento de indivíduos de família nobre para a Europa a fim de dar sequência aos estudos; após Portugal, o Padre Roma foi para Itália onde recebeu ordens sacras do Cardeal Ludovisio Bernabé, porém desconhece-se certidões que comprovem a sua trajetória religiosa em Roma⁵⁷.

⁵⁵ “Carta do General Abreu e Lima ao General Paéz do dia 18 de Setembro de 1868.” Diário de Pernambuco. Pernambuco, 20 de Maio de 1873.

⁵⁶ Ibid.

Disponível em: <www.institutoabreuelima.com.br>

Acessado em: 01 de Abril de 2019.

⁵⁷ COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Dicionário biográfico de pernambucanos célebres. Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1982, pp.573-577.

Seu apelido de “Padre Roma” advém da sua abdicação a trajetória eclesiástica; ao retornar a Pernambuco em 1807 passou a atuar como advogado e promotor. Com a chegada da família Real, em 1808, ele tentou mobilizar seus pares para que não aceitassem o príncipe regente D. João se ele não instituísse uma “Constituição Política”, contudo, o projeto não seguiu adiante. De todo modo, Padre Roma estava inteirado nas questões políticas; na Revolução Pernambucana foi um dos eleitores do governo provisório e um dos principais articuladores dos ideais revolucionário.

Abreu e Lima teve muita influência do pai, tanto na perspectiva religiosa, visto seus discursos nos jornais, por exemplo, com analogias bíblicas, como também em perspectivas políticas se inspirando nas ações de seu pai para lutar pela liberdade.

Ele era de família nobre, neto do capitão Francisco Ignácio Ribeiro de Abreu e Lima e Rosa Maria de Abreu Grades, dono do Engenho Casa Forte no Recife a família teve seus bens confiscados pelo governo durante um longo período devido à repressão dos envolvidos na Revolução de 1817.

[...] Fomos quatro irmãos cadetes, dois em tempo do rei velho (quando eram senhores cadetes) e dois primeiros cadetes depois da lei de 1820, que alterou o Alvará de 1757. Ora, não sendo o nosso pai major de linha e daí para cima, está claro que para serem cadetes era mister que tivessem quatro avós nobres, e quem tem avós nobres tem pais conhecidos; portanto ai tendes quatro processos e quatro julgamentos, provando não só a legitimidade do nosso nascimento, como a nobreza da nossa família. Bem vedes, pois que não posso ser filho de Agar escrava porque nasci nobre.⁵⁸

Abreu e Lima teve uma boa trajetória educacional, recebeu instruções do seu pai em literatura e algumas noções de grego; em Pernambuco, estudou no Seminário de Olinda, que foi criado em 1808 após a expulsão dos jesuítas devido às reformas de Pombal; a instituição foi fundada pelo Bispo José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, e tinha caráter iluminista: a proposta de ensino do Seminário não era apenas de cunho religioso, mas também ensinavam, dentre outras coisas, francês, inglês e latim, filosofia e retórica. O Seminário de Olinda trazia uma forma de ensino mais moderna do que se costumava ter, influenciando e transformando o pensamento político pernambucano, logo: “[...] tornou-se comum estabelecer

⁵⁸ Ibid. p. 549.

O trecho se refere a um atrito que Abreu e Lima teve com a igreja católica e com o Cônego Joaquim Pinto de Campos devido a distribuição de bíblias protestantes. O texto completo pode ser lido em “As bíblias falsificadas ou duas respostas ao Sr. Cônego Joaquim Pinto de Campos”. 1867.

Disponível em: www.institutoabreuelima.com.br. Acessado em: 07 de Maio de 2019.

o relacionamento da Revolução de 1817 e da Confederação do Equador, de 1824, com a participação de professores e estudantes do seminário.”⁵⁹

Em 1811, Abreu e Lima ingressou no curso regimental de artilharia em Olinda, um ano depois foi dar sequência à formação em artilharia no Rio de Janeiro na Real Academia Militar onde se destacou recebendo prêmios no curso de matemática.

A Real Academia Militar do Rio de Janeiro foi criada após a vinda da família Real para o Brasil, pela lei de 4 de dezembro de 1810, pelo príncipe regente D. João. A transferência da Corte acarretou em inúmeras mudanças sociais e administrativas ao deslocar o eixo político-econômico Português para o Brasil, logo, tinha-se a necessidade de fazer o sistema administrativo-político da colônia atender as necessidades da Corte nesse novo cenário.

Criada com o objetivo de formar engenheiros, topógrafos e oficiais de artilharia, foi instalada na Casa do Trem, hoje Museu Histórico Nacional, em 23 de Abril de 1811⁶⁰ iniciando com 72 alunos. Para ingressar, o candidato deveria ter no mínimo 15 anos de idade e conhecer as quatro operações aritméticas.⁶¹ O sistema de ensino era inspirado nas Universidades da Europa, em destaque a de Coimbra e a Escola Politécnica de Paris, o curso tinha duração, a princípio, de sete anos, entre as disciplinas ofertadas estavam: álgebra, aritmética, artilharia teórica e prática, entre outras.

Abreu e Lima teve a matrícula autorizada para ingressar como soldado de artilharia em 10 de Setembro de 1811 para iniciar em 1812, quando a Academia Real funcionava no Largo de São Francisco; Ele era um aluno assíduo e dedicado, cursou os três primeiros anos do curso de matemática e um ano do curso de militar:

José Ignácio Ribeiro de Abreu e Lima, soldado de Artilharia de Pernambuco, de idade de dezessete para dezoito anos, foi admitido à matrícula do primeiro ano Matemático na classe obrigatória, por despacho da Junta Militar, em 15 de Abril de 1812.⁶²

⁵⁹ MOURA, Luís Cláudio Rocha Henrique. *Ideias de Nação na Argentina, Brasil e Chile (1830-1860): Juan Bautista Alberdi, José Inácio de Abreu e Lima, Andrés Bello*. Tese (Doutorado). Instituto de Ciências Humanas – Universidade de Brasília, Brasília, 2013, p.200.

⁶⁰ BENTO, Cláudio Moreira. *2010- 200 Anos da criação da Academia Real Militar à Academia Militar das Agulhas Negras*. Academia de História Militar Terrestre do Brasil: Rio de Janeiro, 2010, p.18.

⁶¹ CABRAL, Dilma: “*Academia Real Militar*”. Dicionário do período colonial. Arquivo Nacional, 4 de Novembro de 2016.

Disponível em: <<http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/126-academia-real-militar>>
Acessado em: 12 de Maio de 2019.

⁶² BENTO, Cláudio Moreira. *2010- 200 Anos da criação da Academia Real Militar à Academia Militar das Agulhas Negras*. Academia de História Militar Terrestre do Brasil: Rio de Janeiro, 2010, p. 120.

Ao concluir os estudos, em 1816, recebeu a patente de capitão de artilharia e foi “[...] enviado para a Angola como membro de uma comissão que tinha por objetivo instruir a oficialidade daquela colônia portuguesa. Em dezembro do mesmo ano retornou ao Brasil.”⁶³

Ao retornar a Pernambuco se envolveu em uma briga a qual se desconhece o motivo e foi preso por “assuada, resistência e ferimento”⁶⁴, foi transferido em meados de fevereiro de 1817 para a província da Bahia na Fortaleza de São Pedro sob as ordens do Conde dos Arcos; quando a revolução de 1817 eclodiu no dia 6 de Março, Abreu e Lima ainda estava preso.

Após a tomada do governo, o Padre Roma foi escolhido para propagar as ideias da revolução em outras províncias no intuito de alcançar maior apoio, esteve primeiro em Alagoas, depois em Maceió e por último na Bahia.

[...] não ocultara o seu caráter nem o fim a que se propunha; aos paroquianos e aos demais sacerdotes, aconselhava que se valessem do seu santo ministério para instruir os fiéis no ódio a monarquia, com fogosos discursos estimulava as autoridades municipais, e aos cidadãos mais conspícuos a manifestarem sentimentos patrióticos: na vila de Sirinhaém ele mesmo apareceu no púlpito pregando as vantagens da revolução.⁶⁵

A retórica do Padre Roma havia alcançado êxito em Alagoas e Maceió, a notícia se espalhava, porém, quando chegou à Bahia foi surpreendido pelo Conde dos Arcos que ordenou a sua prisão, em 26 de março; a comissão militar ordenou a pena última e em três dias em cárcere foi condenado a morte sem denunciar ou entregar os demais adeptos, o Padre Roma foi fuzilado no campo de Sant’Anna no dia 29 de março e Abreu e Lima, seu filho, foi obrigado a assistir.

A Revolução Pernambucana conhecida também como a “revolução dos padres”, devido ao grande número de religiosos envolvidos, dentre eles o Padre Roma, tinha como pilar os ideais de república, liberdade e independência, marcados pelas influências da Revolução Francesa, independência Americana e insatisfações com a Corte que se agravava desde 1808 com a transferência para o Brasil e as mudanças que fizeram a partir daí.

Apesar de o novo governo ter durado apenas setenta e cinco dias, a Revolução de 1817 implantou, durante esses 75 dias, um novo sistema de governo; tiveram apoio e reconhecimento internacional, retiraram os impostos abusivos e, embora reprimida, a

⁶³ MATTOS, Selma Rinaldi de. *Para formar os brasileiros. O Compêndio da História do Brasil de Abreu e Lima e a expansão para dentro do Império do Brasil*. São Paulo: USP, 2007. Tese de Doutorado. P.26.

⁶⁴ COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *Dicionário biográfico de pernambucanos célebres*. Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1982, p.550.

⁶⁵ Ibid. p.575.

província de Pernambuco não foi mais a mesma: já haviam provado de certa liberdade e essa lhes pareceu um bom caminho e ao romper com a ordem colonial acabaram por estimular outros movimentos, tais como a Confederação do Equador em 1824.

Nos escritos políticos de Abreu e Lima, quer versassem acerca da monarquia quer versassem sobre a república, retratava o pai como propugnador da liberdade e a sua morte como um símbolo de patriotismo heroico na Revolução de 1817, no livro *O Compêndio da História do Brasil* publicado em 1843 é um de seus principais escritos sobre o ocorrido:

[...] No momento em que escrevo estas linhas, assalta-me todo o horror daquela tremenda noite, em que fui quase companheiro da vítima: era eu que parecia o condenado e não ela. Tenho visto morrer milhares de homens nos campos de batalha, e muitos nos suplícios, mas nunca presenciei tanta coragem, tanta abnegação da vida, tanta confiança nos futuros destinos de sua pátria, tanta resignação, enfim: uma mão de ferro me arrancava o coração; meu pranto e minha dor comoviam a todos que se achavam presentes: era mister separar-me para dar alívio as minhas lágrimas, e me conduziam a outra prisão, donde voltava depois a poder de minhas suplicas até que foi forçoso arrancarem-me de seus braços para sempre. [...] ⁶⁶

Abreu e Lima e seu irmão, Luís, que estava com o seu pai quando foi preso pelo Conde dos Arcos, ambos permaneceram em cárcere até Outubro de 1817, receberam auxílio financeiro da maçonaria; de acordo com Pereira da Costa, a quantia de “100 pesos em moedas” ⁶⁷ para saírem dali e se exilarem na Filadélfia, nos Estados Unidos, juntamente com outros patriotas revolucionários; lá teriam o apoio de Antônio Gonçalves da Cruz de Cabugá, que havia sido enviado aos Estados Unidos a fim de conseguir apoio a Revolução que ocorria em Pernambuco; Abreu e Lima, assim como seu pai, fazia parte da Sociedade Maçônica e esteve ligado a ela em toda a sua trajetória, chegando ao 33º grau, o maior na maçonaria.

Chegaram em fevereiro de 1818 e saíram em Abril em direção à Ilha de São Thomaz; seu irmão ficou em Porto Rico trabalhando no comércio e Abreu e Lima foi para a Venezuela, chegando lá em novembro do mesmo ano ofereceu seus serviços militares como capitão de artilharia ao exército de Simon Bolívar:

[...] José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, natural del Brasil en América del Sur, reverentemente dice a V. E. que, con motivo de la Revolución de Pernambuco y de los asesinatos ejecutados en los principales autores de Ella, fue preciso al exponente, una vez que vio malogrados sus efectos, emigrar de aquel país, y dirigirse a este desde los Estados Unidos de la América del Norte, con el objeto de

⁶⁶ ABREU E LIMA, José Inácio de. *Compêndio da História do Brasil*. Rio de Janeiro, E. e H. Laemment, 1843, pp.284-285.

⁶⁷ COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *Dicionário biográfico de pernambucanos célebres*. Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1982, p.550.

tomar parte en la justa causa de Venezuela. El exponente y su padre, del mismo nombre y apellido, tuvieron el honor de ser del número de los patriotas de Pernambuco que aspiraron a su libertad, pero también tuvieron la desgracia de ver malogrados sus esfuerzos, y el padre del exponente hecho víctima del poder arbitrario. A la razón, el exponente se hallaba al servicio del Rey Juan conel grado de capitán de artillería, por decreto de 17 de diciembre de 1815, como lo manifiesta la patente que exhibe. En ella se hace mención del encargo de Lector de Matemáticas, y de la comisión para instruir la oficialidad del Reino de Angola. Desde el año 1807 emprendió el exponente la Carrera militar en Pernambuco en la clase de cadete, y por los demás grados ascendió hasta el de capitán, a virtud de sus méritos y servicios, sin embargo de no haber llegado aún a la edad de 24 años: circunstancias particulares en un Gobierno despótico. Por lo que, renunciando otra vez al servicio del Rey Juan, y de cualquiera otro tirano, suplica a V.E. se digne darle el destino que estime más conveniente, y sea capaz de satisfacer los deseos que animan al suplicante a sacrificarse por la independencia y libertad de Venezuela, y de toda la América del Sur; como lo espera en la Angostura, a 1 de febrero de 1819. Exmo. Sr. Jose Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima.⁶⁸

Integrado ao exército de Bolívar em Angostura, hoje Ciudad Bolívar, Abreu e Lima lutaria em duas guerras, contra os espanhóis em prol da independência e, na guerra literária, por meio dos jornais. Sua primeira atuação na Venezuela foi em 1819 no jornal *Correo Del Orinoco* como um dos redatores.

Iniciada as guerras por independência Abreu e Lima se destacaria pouco a pouco no exército chegando ao posto de General de brigada e de Chefe do Estado Maior; lutou na batalha das Queceras del Médio, Apure, em Abril de 1819 comandada por Paéz.

A Batalha do Pântano de Vargas, em julho do mesmo ano, e a Batalha de Boyaca, em agosto, foram decisivas para a independência da Nova Granada e a derrota do exército espanhol. Abreu e Lima combateu em outras batalhas, entre elas a de Puerto Cabello, em 1823, e as que resultaram na independência do Peru e do Equador.

Em uma carta⁶⁹ destinada ao General Paéz, Abreu e Lima faz uma autobiografia da sua trajetória na América Hispânica, onde essas batalhas são ressaltadas: “[...] yo ví nacer a Colombia en las Queseras del Médio”⁷⁰ juntamente com Paéz, Bolívar e Soublette, Abreu e Lima relata que foi ele quem escreveu o boletim dessa batalha e que “[...] a nuestros pies venían a caer las balas de la artillería española o pasaban por sobre nuestras cabezas.”⁷¹. Foi também Chefe do Estado Maior de 1827 até 1830 no Departamento de Madalena após desentendimento com o General Santander.

⁶⁸ VILA, Manuel Perez. *Bolívar y su época: cartas y testimonios de extranjeros notables*. Décima conferencia interamericana. n.10.tomo I,1953, p 53-55.

⁶⁹ “Carta do General Abreu e Lima ao General Paéz do dia 18 de Setembro de 1868.” *Diário de Pernambuco*. Pernambuco, 20 de Maio de 1873.

⁷⁰ *Ibid.* p.4

⁷¹ *Ibid.*

Na carta é apontada também uma proximidade forte de Abreu e Lima com o General Paéz e com os membros de sua família; foi por indicação de Paéz que Abreu e Lima conquistou os graus de Coronel e de Tenente-Coronel; Abreu e Lima lamentava o distanciamento que foi forçado a fazer de Paéz devido as intrigas da Venezuela e sinalizava que o General Santander era um homem “astuto” e que provocou o seu distanciamento.

A carta foi escrita em setembro de 1868, nela Abreu e Lima relata parte da trajetória e intrigas que ocorreram enquanto estava na América Hispânica assim como, relata também os motivos que o levaram até lá, no caso, o acontecimento trágico com o seu pai em 1817, o que o impulsionava a lutar pela liberdade.

A trajetória militar de Abreu e Lima começa em Olinda, passa pelo Rio de Janeiro onde é formado em Artilharia e se encerra na América Hispânica. Após as guerras de independência, Abreu e Lima não combateu mais, nem solicitou posto como militar no Brasil, o único momento que utilizou o seu uniforme aqui foi no aniversário de maioridade do Imperador: “*sepa que nunca pretendí después ingressar en el cuadro del Ejército del Brasil; que nunca acepté, ni solicité empleos, condecoraciones o misión alguna diplomática.*”⁷²

A atividade militar se encerrava na Venezuela, todavia, a política não; Tanto na Venezuela como no Brasil, Abreu e Lima teve uma atuação forte na imprensa periódica e também em outros suportes, como livros, revistas e artigos avulsos.

Um ponto importante é que não era comum a assinatura dos artigos nos jornais, exceto quando se tinha alguma polêmica envolvida, na qual se enfatizasse quem havia escrito o texto, o que denotava um recurso de poder ou uma informação relevante. Isso por um lado dificulta a identificação do autor dos artigos, como, por exemplo, os que Abreu e Lima escreveu no *Correo Del Orinoco*, um jornal que teve vários colaboradores. Destaca-se, acerca de *Correo Del Orinoco*, que a metodologia aplicada para a análise se baseia na Análise do Discurso e nos rastros de outras publicações e documentos, entre eles:

1) a identificação de artigos muito voltados ao panorama político no Brasil, sobretudo em relação a Revolução de 1817, que é o caso do artigo intitulado *Correo Brasilense*⁷³;

2) Artigos em que enfatizava ser um “americano” para se defender das acusações de estrangeiro e que sua fala é semelhante à da carta direcionada ao General Santander⁷⁴.

⁷² Ibid. p. 5.

⁷³ Ed. 18; ed. 19; ed.21; ed. 22; *Correo Del Orinoco*, Angostura.

⁷⁴ “Carta do General Abreu e Lima ao General Paéz do dia 18 de Setembro de 1868.” Diário de Pernambuco. Pernambuco, 20 de Maio de 1873.

3) Ainda como forma de retratar o não estrangeirismo, alguns artigos eram assinados como “um colombiano” e seguiam com o discurso voltado ao que ocorria no Brasil;

4) E outra maneira de identificação eram nos artigos em que ressaltava um plano militar e a sua fala remetia a experiências no Brasil, época em que se formava em Artilharia e era ressaltado também a sua patente como capitão de Artilharia;

5) Destaca-se também a familiaridade e semelhança com outros jornais e textos escritos por Abreu e Lima em que é possível identificar um certo padrão de escrita, às vezes, em tom irônico, ou fazendo analogias, ou com referências ao Brasil.

Nos artigos do *Diário Novo* também foi necessária uma análise minuciosa. O primeiro recorte foi o temporal, visto que, o *Diário Novo* começa a circular em 1840 e Abreu e Lima só retorna em 1844 para Pernambuco, logo os artigos trabalhados são a partir desse ano, porém é possível também que, antes, ele já exercesse alguma influência no jornal porque mantinha contato com seu irmão através de cartas. Foram identificadas ainda falas que faziam alusão às vivências na América Hispânica e artigos que foram republicados em outros jornais como *A Barca de São Pedro*.

No Caso do jornal *O Raio de Júpiter*, a identificação do escritor se faz a partir dos artigos de outro periódico que faziam menção ao *Raio* como o *Aurora Fluminense* que foi contra argumentado no próprio *Raio de Júpiter*⁷⁵, e ainda as menções a América Hispânica e as analogias de caráter religioso que era comum em seus jornais.

É possível que Abreu e Lima tenha colaborado com mais jornais na Venezuela para além do *Correo Del Orinoco*, tais como *El Iris de Venezuela* que circulou em Caracas entre 1822 e 1823 e é citado por Abreu e Lima em uma carta direcionada ao General Santander em que relata que nesse periódico se falava muito acerca da maçonaria e que continuaria a elogiá-la⁷⁶.

Outro era o *El Colombiano* que circulou em Caracas entre 1823 a 1826, nesse jornal eram também publicados os boletins de guerra e Abreu e Lima foi responsável, durante um período, a escrevê-los; e também o jornal *A Gaceta de Colombia*, publicado de 1821 até 1830. *A Gaceta* é citado no livro biográfico que Abreu e Lima escreveu sobre Simon Bolívar no qual alguns trechos do jornal são utilizados como documentos das ações de Bolívar, visto que *a Gaceta de Colombia* era um jornal oficial.

⁷⁵ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Desmetido Formal”. *Raio de Júpiter*. Niterói, ed.8, 3 de Março de 1836, p. 4.

⁷⁶ “Carta do General Abreu e Lima ao General Paéz do dia 18 de Setembro de 1868.” *Diário de Pernambuco*. Pernambuco, 20 de Maio de 1873.

E, por último, no Rio de Janeiro é provável a sua participação no jornal *O Mensageiro Nictheroyense*⁷⁷ que circulou no mesmo período do jornal *O Raio de Júpiter* em 1836, *O Mensageiro* é citado em um artigo no *Raio de Júpiter* que relatava a invasão a tipografia, na qual o *Raio* e o *Mensageiro* eram produzidos, mediante a isso não é descartada a hipótese de colaboração de Abreu e Lima no *Mensageiro Nictheroyense*.⁷⁸

Outra questão que deve ser levada em conta acerca dos escritos de Abreu e Lima é a sua aproximação com Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo, mais conhecido como Frei Caneca; não é algo comprovado, apesar dos dois serem naturais do Recife, eles terem participado da Revolução de 1817. Até o momento não há registro de cartas trocadas ou documentos que comprovem uma relação de sociabilidade; o mais próximo que se pode chegar de se ter uma hipótese de uma possível relação é devido aos Escritos de Frei Caneca⁷⁹: o documento⁸⁰ é uma biografia que o próprio Frei Caneca vinha escrevendo em terceira pessoa sobre a sua trajetória e depois de fuzilado quem continuou seus escritos foi o General Abreu e Lima:

Escrito pelo próprio Frei Caneca, até o momento em que saiu do oratório, para ser fuzilado (visto como não se encontrou um carrasco que obedecesse a ordem de enforcar) e continuado depois pelo General Abreu e Lima – cognominado o General das Massas. Fiz esta declaração por ocasião de mandar reencadernar o mesmo – em novembro, 1897, Rio. L. Cintra. Domingos de Sampaio Ferraz.⁸¹

Todavia, não se sabe se Abreu e Lima terminou os *Escritos de Frei Caneca* anos depois, ou logo após a morte de Frei Caneca, ou ainda se foi por relatos de terceiros ou se tinha alguém em específico que o colocasse a par do que havia ocorrido; a hipótese de que Abreu e Lima teria acompanhado é descartada, visto que, não tinha autorização para voltar ao

⁷⁷ Até o presente momento, apenas a Biblioteca Nacional possui esse jornal, que não está disponível para consulta.

⁷⁸ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Escândalo Inaudito”. *Raio de Júpiter*. Niterói, ed. 24, 28 de Abril de 1836, p.3.

⁷⁹ CANECA, FREI; ABREU E LIMA, José Inácio de. “Escritos de Frei Caneca.” 1824. Rio de Janeiro: 1897. O documento faz parte do acervo do IAHGP- Recife.

⁸⁰ A transcrição de parte do documento foi feita por Tatiane Barbosa.

Ver: OLIVEIRA, Tatiane Maria Barbosa de. Abreu e Lima, o escritor público: estudo e antologia. 2018. 186 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018, pp.77-83.

⁸¹ CANECA, FREI; ABREU E LIMA, José Inácio de. “Escritos de Frei Caneca.” 1824. Rio de Janeiro, 1897, p.1.

Brasil pois havia perdido seus direitos como cidadão e nesse período estava na América Hispânica combatendo nas guerras com Bolívar.

A partir dos Escritos de Frei Caneca, pode-se levantar a hipótese também de que Abreu e Lima poderia ter participado de forma indireta na Confederação do Equador em 1824.

Tanto Abreu e Lima quanto Frei Caneca tinham atuação na imprensa: na época, Abreu e Lima, na imprensa hispânica; e Frei Caneca, com o jornal *Typhis Pernambuco*⁸², fundado por ele em função da Confederação do Equador. É provável que tivessem alguma proximidade a partir daí, ou ainda, por meio da família de Abreu e Lima visto que seus irmãos se envolviam nos movimentos libertários em Pernambuco ou também, antes disso, no Seminário de Olinda onde ambos estudaram.

Segundo Tatiane Barbosa apesar da narrativa linear e cronológica da trajetória de Frei Caneca, Abreu e Lima elabora uma narrativa mais completa, contextualizando a cronologia ele “[...] não se atenta às causas e consequências do episódio, mas em tratar o antes, o durante e o depois do fuzilamento.”⁸³

Nos *Escritos*, Abreu e Lima ainda ressalta a questão da representação da nação na luta pela liberdade e do patriotismo de Frei Caneca em propor uma Constituição Liberal, segundo ele a “catástrofe” ocorrida com Frei Caneca o colocava no grupo de “heróis, tão dignos filhos da pátria” que ao lutarem por liberdade e pelos direitos da sua nação acabavam na dicotomia de “independência ou morte”.⁸⁴

Abreu e Lima encerra os *Escritos de Frei Caneca* dedicando-lhe um soneto:

Ó Frei da crueldade imagem nua,
Descarrega esse brado deixa armado;
Pois o estrago, e horror mais diz usado
Será quem o teu nome perpetua.

Não vês que a morte o mérito [?] gradua
Dos liberais, que tens assassinado,
E quão Templo da Memória celebrado
Saberá deles, e dessa imagem tua?

Neles exerce enfim toda a dureza
Escogeta [?] algum meio mais fatal,

⁸² O periódico circulou de 25 de dezembro de 1823 até 12 de Agosto de 1824 em Pernambuco.

⁸³ OLIVEIRA, Tatiane Maria Barbosa de. Abreu e Lima, o escritor público: estudo e antologia. 2018. 186 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018, p.43.

⁸⁴ CANECA, FREI; ABREU E LIMA, José Inácio de. “Escritos de Frei Caneca...” 1824. Rio de Janeiro: 1897. O documento faz parte do acervo do IAHGP- Recife.

Que possa preencher tua fereza!

Em vão, em vão te cansas desleal,
E sabe, para que arreio [?] da empresa [?];
Lua nasceu mil [?], se morre um liberal.

Fim.⁸⁵

1.2 Brasil e América Hispânica: A Opinião Pública, a Liberdade e a Emersão da Imprensa

[...] la opinión pública moderna supone, además de la libertad de expresar una pluralidad de puntos de vista, la variedad de las publicaciones y la independencia, por lo menos relativa, de los autores y de los impresores, lo que en cierta medida es relacionado con la abundancia de la producción.⁸⁶

A atuação de Abreu e Lima nos jornais venezuelano e brasileiro eram desenhados de acordo com o viés político. A imprensa tanto significava um artifício estratégico para a defesa/repulsa de uma questão política, como também era reduto de sociabilidade na qual o diálogo de/com outros indivíduos e jornais formavam uma sociedade das letras, uma rede de intelectuais que escreviam sobre a nação ou do que se esperava que ela fosse.

A opinião pública surge com a dinamização do espaço em que a imprensa torna-se o território de opiniões. A imprensa periódica configura-se como um campo simbólico na esfera pública por disputas políticas, pela construção da nação e dos conceitos que a constituiriam.

Segundo Marco Morel, a “opinião pública” vai além do sujeito histórico dotado de vontade, ela é palco de refutações políticas e detém de inúmeros sentidos, portanto deve-se situá-la em seu contexto. A opinião pública é um conceito moderno que surge no período pós-absolutista como meio de legitimar uma posição política ou como forma de validar o direito de fala⁸⁷, ela- “[...] remete a um vocabulário político que desempenhou papel de destaque na

⁸⁵ CANECA, FREI; ABREU E LIMA, José Inácio de. “Escritos de Frei Caneca...” 1824. Rio de Janeiro: 1897. Apud. OLIVEIRA, Tatiane Maria Barbosa de. Abreu e Lima, o escritor público: estudo e antologia. 2018. 186 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018, p.82.

⁸⁶ GUERRA, François Xavier. “Voces del Pueblo: redes de comunicación y Orígenes de la opinión pública em el mundo hispánico (1808- 1814)”. *Revista de Indias*, Madrid, 2002, v.62, n. 225, p.382.

⁸⁷ MOREL, Marco. “Os primeiros passos da palavra impressa”. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p.33.

constituição dos espaços públicos e de uma nova legitimidade nas sociedades ocidentais a partir de meados do século XVII”.⁸⁸

Nesse sentido, era usada também como palavra de ordem, uma estratégia pelo domínio do poder sendo assim uma forma de ratificar as opiniões de determinados setores como “soberania da maioria”.

No surgimento da opinião pública ela se traduzia de duas formas para a sociedade: a primeira como “soberania da razão” em que a opinião pública é aristocrática, produzida pelos renomados intelectuais, os grandes sábios e enciclopedistas; e a segunda com um “[...] sentido mais jacobino ou revolucionário”⁸⁹ que funcionaria como uma democracia direta em que a opinião pública emanaria do desejo do povo, ou seja, a soberania da maioria do povo onde indivíduos vinculado à grupos/ instituições políticas escreviam a imprensa artesanal⁹⁰.

Com as Revoluções Constitucionalistas em Portugal e na Espanha, sob os princípios da Constituição de Cádiz de 1812, configurou-se uma nova estrutura das relações com a América, que, por sua vez, impactaram a imprensa periódica acentuando a opinião pública, tendo notórias transformações a partir da Liberdade de Imprensa:

[...] o crescente número de periódicos no mundo luso-brasileiro, a partir de 1820, indica que hábitos de leitura de jornal estavam sendo adquiridos. Propiciados pela liberdade de imprensa, desde o movimento constitucionalista de 1821, esses escritos refletiam uma preocupação coletiva em relação ao político, pois seus artigos passavam a ser discutidos na esfera pública dos cafés, das academias e das livrarias, abandonando-se muito lentamente as formas típicas de comunicação do Antigo Regime, tais como bandos, impressos ou manuscritos nas ruas, proclamações em alta voz, entre outros. Esses escritos passavam a fazer parte integrante desses espaços de sociabilidade, como demonstravam as diversas cartas das quais os redatores semanalmente publicavam uma seleção.⁹¹

Na América Hispânica, antes do que em Portugal e no Brasil, entre os anos de 1808 a 1814, a opinião começa a ganhar espaço na esfera pública. De acordo com François Xavier Guerra⁹², esse processo começou com a crise da monarquia em 1808 - o Motim de Aranjuez,

⁸⁸ Ibid. p.33

⁸⁹ Ibid. p.33.

⁹⁰ A Imprensa artesanal é aquela desenvolvida pela opinião dos leitores em que buscava atender as suas expectativas, enquanto de outro lado, havia a imprensa industrial, a partir do século XX, em que a opinião do leitor passa a não ser mais a prioridade, dando lugar aos anúncios.

Ver: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

⁹¹ NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Corcundas e Constitucionais: A Cultura política da Independência (1820-1822)*. Rio de Janeiro: Revan: Faperj, 2003, p.36.

⁹² GUERRA, François Xavier. “Voces del Pueblo: redes de comunicación y Orígenes de la opinión publica en el mundo hispánico (1808- 1814)”. *Revista de Indias*, Madrid, 2002, v.62, n. 225, pp. 357-384.

uma revolta contra o rei Carlos IV; em sequência, o Tratado de Bayona e a ocupação do trono por José Napoleão Bonaparte, resultando em uma proliferação de escritos patrióticos, de resistência ao governo de Napoleão, da lealdade a Fernando VII e da constituição de novos poderes. A opinião pública se intensificava nos escritos-panfletos, periódicos, pasquins e libelos com as mudanças provenientes da Constituição de Cádiz, entre elas, a proclamação da Liberdade de Imprensa.

[...] antes que la voz de la razón, la palabra escrita es un arma que todos usan: los gobernantes y los gobernados, las elites y el pueblo, los habitantes de las ciudades y los del campo. Guerra de información y guerra de valores, guerra de propagandas y propagandas de guerra, todo el espacio americano está recorrido por una infinidad de papeles públicos y privados que vanamente los contrincantes intentan controlar.⁹³

A partir desses processos, de transformações governamentais e manifestações políticas, a América Hispânica rompe com a forma de escrita do Antigo Regime, em que a palavra “pública” é, então, redimensionada saindo das mãos das grandes “autoridades” e caminhando para diferentes sujeitos da sociedade, “[...] fuera de la esfera oficial y del ámbito de los impresos, proliferan también los manuscritos que sirven tanto a las discusiones internas de las elites como a la expresión de agravios populares.”⁹⁴

Nesse mesmo momento, se vê a fragilidade da monarquia e de seus princípios morais; o acirrado debate político influenciado por ideias liberais; a construção de um patriotismo, guerra civil, formação de novos Estados, fazendo emergir a opinião pública na imprensa periódica com novos atores sociais.

A imprensa Americana coordenada, a princípio, pela elite ilustrada, ao mesmo tempo em que propagava a ampla circulação dos periódicos, panfletos e notícias fazia, também, em prol da opinião pública, uma atividade pedagógica de instruir e direcionar uma opinião ao povo visto que esse “carecia de luces”.⁹⁵

Em Portugal, foi decretado em 21 de setembro de 1820 a lei de Liberdade de Imprensa; em outubro do mesmo ano liberava-se a circulação dos periódicos para locais fora de Portugal: tal medida favorecia de forma direta o Brasil, visto que a Corte localizava-se no Rio de Janeiro. Ainda assim, o fim da censura prévia no Brasil só ocorreu em 2 de março de 1821, porém, a partir de 1820, nota-se um número crescente de novos jornais em circulação,

⁹³ GUERRA, François Xavier. “Voces del Pueblo: redes de comunicación y Orígenes de la opinión pública en el mundo hispánico (1808- 1814)”. *Revista de Indias*, Madrid, 2002, v.62, n. 225, p.383.

⁹⁴ *Ibid.* p. 357.

⁹⁵ *Ibid.* p. 363.

alguns jornais aumentaram de tamanho, outros o número de páginas; queriam fazer notórias as mudanças, com a Liberdade de Imprensa.

O início da formação da nação brasileira foi marcado por autênticas “guerras de opiniões”, por “guerras de doutrinas”, fazendo da imprensa lugar privilegiado nesse processo. Confrontavam-se, assim, projetos diversos de Brasil, que revelam concepções distintas sobre o que deveria ser a nação. É claro que, para além do embate de ideias, estava em jogo a disputa pelo poder, mas também a conquista da opinião pública, como forma de legitimar cada projeto e obter uma base mais ampla de apoio.⁹⁶

Contudo, a liberdade de imprensa não significava caminhar de forma progressiva e linear para uma liberdade sem amarras ou censuras. Em diversos momentos da história, a imprensa periódica foi silenciada; na verdade, a liberdade de imprensa, os abusos da imprensa e a censura são questões do passado que ainda, não resolvidas, assombram o presente.

No Brasil, a liberdade de imprensa suscitou a janela aberta para o mundo de diferentes opiniões, formas e ideias, tanto para os redatores quanto para a sociedade que passava a encontrar nos jornais, para além das ordenanças do governo, novas perspectivas de se ver o mundo.

Não à toa, os jornais se constituem como verdadeiros territórios de conflitos políticos nas conjunturas sociais, como por exemplo: 1) no alvorecer das ideias liberais em que por um lado havia periódicos defendendo a monarquia e, por outro, defendendo a república. 2) No Período Regencial em que se tem inúmeros periódicos em virtude de embates partidários entre *exaltados*, *moderados* e *caramurus*. 3) Em Revoltas, tal como, a Praieira, em 1848, com jornal inclusive de Abreu e Lima – A Barca de São Pedro – em que se evidenciava o conflito entre praieiros e gabirus. Além de outros processos políticos através dos quais os indivíduos faziam dos jornais seu escudo ou a sua arma de guerra.

Outro fator importante que impulsionou o debate da liberdade na imprensa periódica no Brasil Imperial foi o caso do jornalista João Soares Lisboa, que foi a julgamento por ter escrito críticas no jornal *Correio do Rio de Janeiro* em 1822 sobre D. Pedro I, “[...] Soares Lisboa foi alvo do primeiro julgamento que fez uso do sistema de jurados no Brasil”⁹⁷, provocando um mister de comoção em defesa de sua pessoa e da liberdade de se escrever e,

⁹⁶ BASILE, Marcello. “Projetos de Brasil e Construção Nacional na Imprensa Fluminense (1831-1835)”. IN: NEVES, Lúcia Maria Bastos P; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.) *História e Imprensa: Representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DPGA: Faperj, 2006, p.90.

⁹⁷ LUSTOSA, Isabel. “O debate sobre os direitos do cidadão na imprensa da independência.”. IN: RIBEIRO, Gladys Sabina; FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. *Linguagens e práticas da cidadania no século XIX*. São Paulo: Alameda, 2010, p.13.

simultaneamente, um temor do que se poderia ou não escrever a partir daí caso ele fosse condenado. João Soares Lisboa foi absolvido abrindo portas para novas contestações do governo e maior articulação das ideias modernas, pois,

[...] A absolvição de alguém pobre e de pouco prestígio junto às elites, como João Soares Lisboa, parecia indicar que a lei seria mesmo igual para todos com a adoção do sistema constitucional. Esse espírito vai refletir em uma série de outras manifestações envolvendo disputas relativas aos direitos inerentes à cidadania.⁹⁸

Apesar de regulamentada a lei de imprensa, a censura, o domínio do poder e os interesses políticos permaneciam colocando os limites no que se escrevia; de acordo com Lima Sobrinho⁹⁹, em qualquer país se encontraria algum limite legal da liberdade de imprensa e, por mais que a censura prévia também tenha sido banida, ela era substituída pela repressão que significava “[...] responsabilidade da imprensa pelos seus excessos praticados no exercício de sua liberdade.”¹⁰⁰.

A opinião pública na Ibero-América aparece como um “novo princípio de legitimação política” influenciada pelas invasões francesas, a liberdade de imprensa e de novas maneiras de sociabilidade com as novas conjunturas políticas.

Ao tratar do conceito de “opinião pública” na Ibero-América se faz necessário trabalhar também a ideia de “esfera pública”, tendo em vista a pluralidade de espaços públicos políticos.

Noemi Goldman¹⁰¹ fragmenta o conceito de “opinião pública” em quatro fases na Ibero-América que vai desde o século XVIII, analisando os conceitos de “público” e “opinião”, até o final das lutas por independência e reorganização do Estado, são elas: 1) o final do século XVIII, as análises de “público” e “opinião”, que nesse período eram interpretadas de forma isolada, e as primeiras aplicações do conceito “opinião pública”; 2) as invasões francesas e as lutas por independência em que o conceito, em sua concepção mais moderna, é utilizado no âmbito político; 3) entre os anos de 1814 e 1830, em que o conceito é

⁹⁸ LUSTOSA, Isabel. “O debate sobre os direitos do cidadão na imprensa da independência.”. IN: RIBEIRO, Gladys Sabina; FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. *Linguagens e práticas da cidadania no século XIX*. São Paulo: Alameda, 2010, p.15.

⁹⁹ SOBRINHO, Barbosa Lima. *O Problema da Imprensa*. Rio de Janeiro: Tipografia do Anuário do Brasil, 1923.

¹⁰⁰ Id. *O Problema da Imprensa*. Rio de Janeiro: Tipografia do Anuário do Brasil, 1923. p.25.

¹⁰¹ GOLDMAN, Noemí. “Legitimidad y Deliberación: El concepto de Opinión Pública em IberoAmérica, 1750-1850”. IN: SEBASTIÁN, Javier Fernández (dir). *Diccionario político y social del mundo iberoamericano. La era de las revoluciones, 1750-1850, vol. I, Madrid, Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2009, pp.981-998.*

usado de forma representativa; 4) e, por último, a partir de 1830 até meados de 1840, em que o conceito é aplicado nas divergências partidárias pós-independência.

De acordo com Goldman, antes do conceito de “opinião pública” ser utilizado na Ibero-América, já havia o uso semelhante das palavras “público” e “opinião”. “Opinião” poderia ter significado moral e de honra. No dicionário espanhol, a “opinião” e o “público” se contrastavam: enquanto a primeira representava o juízo sobre alguma coisa, o segundo representava a jurisdição e autoridade para fazer alguma coisa. Isto é, a “opinião” era vista tanto como uma fala individual quanto uma crença falsa. Nos dicionários portugueses, o conceito não se diferenciava muito da concepção espanhola, a “opinião” é formulada a partir das notícias que se tem, enquanto que o “público”:

[...] como sustantivo formaba parte de la célebre trilogia hispánica: “Dios, el Rey y el Público” y se usaba frecuentemente como sinonimo de “república” o de “vecinos” en las actas capitulares, y en vinculación con el buen gobierno y la política cristiana.¹⁰²

No final do século XVIII, o uso do termo “opinião pública” passa a ser associado a “una instancia superior de juicio público”¹⁰³, em Portugal, formada pela elite ilustrada, imprensa, academias, teatro, a sociedade literária em que os escritores letrados esquadrihavam a opinião pública, “dentro de una clara distinción entre “público” y “povo”.¹⁰⁴

Na América Hispânica, a opinião pública toma força a partir das reformas monárquicas e o surgimento da imprensa periódica em que os letrados levariam a luz para o povo. A opinião pública enquanto conceito político é despertada a partir das invasões napoleônicas e a crise monárquica que o transformava em artifício de representação política da nação.

No Brasil, a opinião pública, como ferramenta política, tem maior proporção a partir de 1820, com o movimento liberal em Portugal e as leis de liberdade de imprensa que proporcionaram maior circulação da imprensa periódica e de ideias. Antes se tinha o *Correio Braziliense* com Hipólito da Costa, porém escrito em Londres e a partir de 1820 se vê um número crescente de periódicos em circulação e de aclamação da opinião pública. Entre 1807

¹⁰² GOLDMAN, Noemí. “Legitimidad y Deliberación: El concepto de Opinión Pública em IberoAmérica, 1750-1850”. IN: SEBASTIÁN, Javier Fernández (dir). *Diccionario político y social del mundo iberoamericano. La era de las revoluciones, 1750-1850*, vol. I, Madrid, Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2009, p.984.

¹⁰³ Ibid.

¹⁰⁴ Ibid.

a 1824 “[...] se rompe el esquema de publicación del Antiguo Régimen y se asiste al surgimiento de diversos folletos, hojas volantes y periódicos, alentados por los decretos sobre libertad de imprenta a ambos lados del Atlántico.”¹⁰⁵

Nesse sentido, a “opinião pública”, a partir da imprensa, tentava controlar e direcionar a nova conjuntura política: se na América portuguesa o conceito se aproximava mais do debate enquanto nação; na América Hispânica se vinculava a ideia de povo, e, visto o processo de invasões, o conceito permeava por diferentes esferas – a ausência de poder, a soberania do povo, a constituição, voz do povo. A opinião pública foi chave fundamental nas lutas por independência: fixar e legitimar a opinião pública era um ato revolucionário pelos patriotas, homens ilustrados, sociedade letrada que detém do poder da opinião.

A partir daí a opinião pública expressaria a vontade geral do povo, ou seja, a soberania popular, incumbida de razão e justiça em que os homens ilustrados seriam os responsáveis de articular e dirigir por meio da imprensa ou das leis. Por outro lado, se questionava também a sua manipulação mediante aos grupos políticos.

Promediando la década de 1840, las disputas electorales entre “facciones” y “partidos” parecen restaurar en negativo la fuerza retórica del concepto, pues arrecian las críticas en ambos lados del Atlántico sobre el “mal uso” que se habría hecho de la voz entre diversos agentes políticos o sociales como resultado – podríamos decir con Koselleck- de cierto grado de “democratización” y de “ideologización del concepto. [...]”¹⁰⁶

Entre 1830 e meados de 1840, o conceito é remodelado a partir das necessidades locais e do novo panorama social, no qual, mediante a polissemia do conceito e das disputas e relações de poder que ocorrem a partir dela, se fazia necessário novos sentidos, dessa forma, o conceito foi compreendido como uma divisão política, uma força integradora, uma força social; além de ser utilizado contra o poder, e o que mais as variações semânticas permitissem.

Havia outras formas de circulação das ideias (cartas, transcrições de documentos, livros e suas traduções), entretanto o jornal tinha maior influencia. A introdução da imprensa na Venezuela, assim como na maioria dos outros países da Ibero-América, se dá a partir do movimento para a independência. A *Gaceta de Caracas* foi a primeira imprensa oficial na

¹⁰⁵ Ibid. p.986.

¹⁰⁶ GOLDMAN, Noemí. “Legitimidad y Deliberación: El concepto de Opinión Pública em IberoAmérica, 1750-1850”. IN: SEBASTIÁN, Javier Fernández (dir). *Diccionario político y social del mundo iberoamericano. La era de las revoluciones, 1750-1850*, vol. I, Madrid, Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2009, pp.997.

Venezuela numa tentativa da Coroa de sanar e controlar os movimentos da colônia, possíveis revoltas e expedições. Acerca desse último, cita-se, por exemplo, a expedição de Francisco Miranda em 1806, quanto da tentativa de trazer uma prensa tipográfica para Venezuela. Outro destaque se dá no que tange aos livros proibidos pela inquisição que circulavam na colônia bem como sua comercialização ilícita. Deve-se levar em conta também o apoio dos ingleses a favor da independência:

[...] en 1806 las autoridades inquisitoriales inician en Caracas una averiguación pues han tenido “noticia que muchas personas de ambos sexos de esta ciudad retenían y leían libros prohibidos”, como señala el propio comisario, pero los resultados al parecer fueron infructuosos dado el “‘desorden’ que reinaba en Caracas”. Entre los libros prohibidos listados en esta pesquisa, se encuentran obras de Rousseau, Voltaire y Condillac, y muy especialmente obras literarias (como la Julia, la Eloísa o el Eusebio). El examen realizado por Plaza le permite llegar a esta conclusión: “La lectura de libros prohibidos parece haber sido una ocupación muy frecuente en Caracas.”¹⁰⁷

Circulou pela Venezuela, em diferentes formatos, impressos diversos que expunham as ideias ilustradas e de caráter independentista. Apesar da maior concentração desses ideais e dos livros proibidos ser por parte da elite, eles circularam entre pardos, negros livres escravos, de modo semelhante circulavam também com frequência os textos de caráter religioso, nesse sentido, não apenas os livros proibidos, mas também os religiosos estiveram presentes na construção do pensamento, nas práticas cotidianas, nas maneiras de sentir e pensar as conjunturas políticas, e ainda as Universidades também agregaram um valor importante nesse cenário moderno através da filosofia racionalista, os estudos de Locke, Newton, Spinoza e outros pensadores.¹⁰⁸

Na primeira edição do periódico *Gaceta de Caracas*, 24 de outubro de 1808, um artigo apresentava seus propósitos e princípios; se classificavam como a “Abertura da Imprensa”, afirmavam que o governo de Caracas precisava de uma imprensa que pudesse instruir o povo, ilustrar e atender as questões do governo, para além disso, se colocavam a disposição para imprimir os trabalhos a “sujetos y Señoras” para escolas, igrejas, conventos, tribunais e segmentos públicos. As mulheres também poderiam publicar no jornal.

O objetivo da criação da *Gaceta de Caracas* era, de certo modo, colocar ordem frente as invasões e predomínio de Napoleão, enaltecendo um patriotismo espanhol que anulasse o

¹⁰⁷ BEAUREGARD, Paulette Silva. “Redactores, lectores y opinión pública en Venezuela a fines del período colonial e inicios de la independencia (1808-1812). IN: ALTAMIRANO, Carlos (dir.). Historia de los intelectuales en América Latina. MYERS, Jorge (ed. del vol. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: Katz, 2008, p.149.

¹⁰⁸ Ibid. pp. 147-150.

invasor a partir da opinião de autoridade oficial, copiando textos, cartas e fragmentos que legitimassem esse patriotismo, visto a variedade de fontes e artigos de outros países, traduções, livros; a imprensa venezuelana era composta por uma multiplicidade de vozes e, apesar do alto índice de analfabetismo, contava com um grupo amplo com colaboradores internos e externos e “[...] la lectura de gacetas en voz alta para un publico no alfabetizado era una práctica comum.”¹⁰⁹

[...] La importancia de la prensa para la guerra- de la prensa como parte de la guerra misma o de la prensa como arma de guerra- puede seguirse en la relevancia que se le da a las cartas que se interceptan y se publican con el fin de mostrar que en otros periódicos se dan noticias inexactas: “Por una carta interceptada se sabe que es falso cuanto se ha dicho acerca de la venida de Bernadote a la Península con refuerzos.” Así, una forma manuscrita y privada sirve para desenmascarar a la prensa, revelación que se hace a través de la imprenta. Aunque el periódico reclame mayor credibilidad, parece incorporarse al circuito del rumor en una sociedad en la que este último debe haber tenido un papel muy importante, y en un momento en el que con seguridad los rumores proliferaron y tuvieron un rol destacado en la formación de opiniones. Vemos, así, como la circulación de periódicos se inserta dentro de una compleja red que incluye formas orales y escritas, privadas y públicas, con autorías y anónimas, oficiales y clandestinas.¹¹⁰

Se por um lado a Coroa Espanhola usava a *Gaceta de Caracas* como forma de combate da opinião pública e a interpretação dos acontecimentos a partir de uma multiplicidade de vozes, por outro lado, isso significava abrir espaço para um “cavalo de troia”¹¹¹, uma vez que a leitura de vários periódicos, ainda que fragmentados, inseridos em um único periódico, permitia ao leitor o distanciamento da comprovação da notícia, sobretudo em um momento de conflito em que a imprensa tornava-se principal arma de combate e articulação política, por exemplo, quando publicavam uma notícia e só tinham resposta de um ângulo ou faltava uma versão oficial que desse o desfecho para a história. Nesse sentido, a dúvida à outra resposta abria espaço para o intercâmbio, para o distanciamento e questionamento “[...] lo que permitió la acogita de los periódicos liberales españoles, con lo que, según F. X. Guerra (1994), se produce la “mutacion ideológica” y la aparición de voces

¹⁰⁹ Ibid. p. 156.

¹¹⁰ BEAUREGARD, Paulette Silva. “Redactores, lectores y opinión pública en Venezuela a fines del período colonial e inicios de la independencia (1808-1812). IN: ALTAMIRANO, Carlos (dir.). Historia de los intelectuales en América Latina. MYERS, Jorge (ed. del vol. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: Katz, 2008, p.155.

¹¹¹ Ibid.

abiertamente distintas por medio de la prensa”¹¹² e outro fator importante era a censura dos escritos que fossem contrários ao governo colonial.

De acordo com o verbete sobre opinião pública na Venezuela, escrito por Colette Capriles¹¹³, o objetivo dos editores da *Gaceta de Caracas*, Gallagher e Lamb, era o de fazer do jornal “[...] una vitrine política consagrada de la defensa de la monarquía española”¹¹⁴. Nesse sentido, a literatura patriótica procurava colocar a opinião pública de modo conveniente, no sentido de educar, visto que a opinião era entendida como frágil e influenciada; em outro momento, o público era a única via de se ter um bom governo, visto que, a partir do momento de enfrentamento pela emancipação, o conceito de opinião pública passa a ser politizado.

O periodismo iniciado em 1808, com a *Gaceta de Caracas*, proporcionou essa nova conjuntura de diálogo com as ideias modernas, com novas práticas de sociabilidade e pensamento crítico, e, com isso, os novos discursos de uma concepção moderna de “opinião pública” que se expressava e ganhava espaço não apenas na imprensa, mas moldava a consciência política em outras esferas públicas, desse modo dividia-se também entre o poder representativo e o poder da opinião, e entre eles a representação múltipla do conceito: fixar para educar o povo, a arma contra a tirania, a soberania popular, a subordinação ao governo, a liberdade individual, e uma teia de significados que eram explorados dentro do uso político.

[...] De aquel “grado cero” de la opinión se ha pasado a mencionarles en términos que dan cuenta de la profunda ruptura política que está teniendo lugar y de las nuevas exigencias conceptuales que ella trae. Destácase en este caso la asociación indeleble que se pretende establecer entre la idea de la libertad civil (como condición de posibilidad de la vida social y por esta vía, como negación del despotismo) y el imperio o mandato de la opinión pública, cuya expresión se asegura a través de los periódicos que son, por sí mismos, espejos y medios de la opinión y no gestantes o directores de ésta. La opinión pública aparece entonces definida por su función política activa (formar la sociedad) y no tanto por el sentido pasivo de su volatilidad o volubilidad, o por su “informalidad”.¹¹⁵

¹¹² Ibid. p.156.

¹¹³ CAPRILES, Colette. “Opinião Pública: Venezuela.” IN: SEBASTIÁN, Javier Fernández (dir). *Diccionario político y social del mundo iberoamericano. La era de las revoluciones, 1750-1850*, vol. I, Madrid, Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2009, pp.1104-1113.

¹¹⁴ Ibidem. p.1104.

¹¹⁵ Ibidem. pp.1105.

Victor Goldgel¹¹⁶ caracteriza o surgimento da imprensa na Ibero-América como um “boom de periódicos”, o considerando como a primeira revolução da imprensa em escala regional. A imprensa que no primeiro momento tinha como premissa a propagação de conhecimento e informação aderiu a novas escalas políticas, econômicas e sociais.

A revolução da imprensa defendida por Goldgel se explica pelo fato de que no começo do século XIX poucas cidades tinham jornais próprios, a maioria em Lima e no México, e que “[...] hasta el inicio de las guerras de independencia se había publicado apenas cerca de 45 a lo largo del continente[...]”¹¹⁷, porém iniciado o processo de independência, ocorreu o “boom” e de 1810 a 1830, os aproximadamente 45 periódicos tornaram-se 500.

O periódico na América Hispânica tanto representava uma ruptura com o Antigo Regime com o advento da opinião pública e seus múltiplos ângulos, como também mantinha ainda algumas tradições com o passado. Os periódicos possibilitavam assim, de certo modo, atingir ao público que os livros não alcançavam devido a sua simplicidade, preço, fácil acesso, leituras conjuntas. A literatura do século XIX tinha sua base nos jornais: “[...] El Argos de La Habana proclama en ese sentido que los periódicos “corren como el fuego eléctrico, y penetran al mismo tiempo a los palácios de los grandes y a las chozas de los infelices.”¹¹⁸

Nesse sentido, para além do entusiasmo patriótico e da proporção política, a imprensa, em um novo mecanismo de conhecimento literário, científico e técnico, preocupava-se também com uma escrita pedagógica pautada na moral e na educação. Isso não apenas na América Hispânica. Vemos essa atuação também nos escritos de Abreu e Lima no Recife com “a colonização que convém ao Brasil”¹¹⁹, ou no artigo “Questões políticas e sociais”¹²⁰ os quais tinham a finalidade de instruir; de igual modo o livro sobre história do Brasil¹²¹ que ele escreveu e foi utilizado como manual no Colégio D. Pedro II¹²².

¹¹⁶ GOLDEGEL, Víctor. Cuando lo nuevo conquisto América: Prensa, moda y literatura en el siglo XIX. Cuba: Casa de las Américas, 2016.

¹¹⁷ Ibid. p. 50.

¹¹⁸ Ibid. p.62.

¹¹⁹ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Colonização que Convém ao Brasil”. *O Diário Novo*. Recife, ed. 239, 4 de Novembro de 1848.

¹²⁰ Id. *Questões Políticas e Sociaes*. Rio de Janeiro: Typ. Esperança, 1886.

¹²¹ Id. *Compêndio da História do Brasil*. Rio de Janeiro: E. e H. Laemment, 1843.

¹²² RINALDI, Selma. Para Formar os brasileiros. O compêndio da História do Brasil de Abreu e Lima e a expansão para dentro do Império do Brasil. São Paulo. 2007.

As novas ideias, somadas a crise da soberania no mundo hispânico, se converteram em revolução; as perigosas ideias de liberdade já existiam, porém, foram impulsionadas mediante o cenário das invasões napoleônicas e o desmonte monárquico.

[...] en un mundo en el cual el cambio era, cada vez mas, la norma, inventar la nación no solo exigió dedicarle odas patrióticas, escribir sus leyes y descubrir los antiguos documentos que la presagiaban, sino también conceptualizar la nueva relación entre el conocimiento y el lenguaje que hacían posible los periódicos.¹²³

A invasão francesa e a crise monárquica se configuraram como força motriz para a opinião pública. A imprensa que se instituía a partir daí trazia questões políticas, articulações de projetos de estado, identidades nacionais. Os periódicos anteriores a esse processo tinham função de órgão oficial, que passavam por censuras de conteúdo ou eram utilizados como plataforma de conhecimento técnico e científico, mas que não alterava o modelo de vida ou o sistema político, logo:

[...] los periodistas de la ilustración sientan las bases de una retórica del entusiasmo que marcará el turno de gran parte de la prensa hispano-americana, durante décadas saturada de invocaciones, signos de exclamación y gritos de guerra. La fuerza divina que, según los griegos, arrobaba a las sibilas mientras daban sus oráculos (la palabra enthousiasmós, implica que se tiene un adentro “en” + “theós”) y que desde Sócrates hasta los románticos se asociaría al genio y la inspiración del artista, exalto también las mentes de los periodistas.¹²⁴

Entre 1810, ano que se iniciam as lutas por independência na Venezuela, até 1821 é formada uma nova ordem de discurso de caráter liberal a qual fomenta a opinião pública em oposição às forças de poder da Coroa Espanhola e da igreja Católica; O novo ideário político, a partir da ilustração, rompia com velhos paradigmas e fazia da opinião pública o principal artifício para a deslegitimação do conservadorismo.

A queda da república (1812) foi um “duro golpe a la moral patriota”¹²⁵ em que resultou em impulsionar os patriotas/revolucionários; segundo Simon Bolívar, a igreja

¹²³ GOLDEGEL, Víctor. Cuando lo nuevo conquisto América: Prensa, moda y literatura en el siglo XIX. Cuba: Casa de Las Américas, 2016, p. 86.

¹²⁴ Ibid. p.58.

¹²⁵ RAMÍREZ, Rodolfo Enrique. “La querela de la opinión. Articulación de la opinión pública en Venezuela (1812-1821)”. Boletín de la Academia Nacional de la Historia, 2006, nº353, p.136.

católica teve colaboração nesse colapso: “[...] abusando sacrílegamente de la santidad de su misterio a favor de los promotores de la guerra civil.”¹²⁶

Nesse período alguns republicanos foram presos pela Coroa Espanhola, como “Miranda Y Rocio”¹²⁷; outros conseguiram fugir para as Antilhas, tal como Bolívar; e outros voltaram atrás ficando ao lado da monarquia. Nesse sentido, não havia estrutura para um contra ataque e a opinião permeava a tradição imperial, A *Gaceta de Caracas* estava sob domínio dos realistas com publicações, manifestos em espanhol, inglês e francês; a solução encontrada pelos patriotas foi a publicação dos boletins de guerra, manifestos escritos por Bolívar de caráter republicano e que estimulasse o pensamento político na união contra os espanhóis. Iniciava-se então uma campanha militar buscando conseguir o apoio da Nova Granada em questões militares e econômicas:

[...] “La Nueva Granada ha visto sucumbir a Venezuela, por consiguiente debe evitar los escollos que han destrozado a aquella. A este efecto presento como una medida indispensable para la seguridad de la Nueva Granada, la reconquista de Caracas (...) Así pues no nos queda otro recurso para precavernos de estas calamidades (se refiere a los vicios que a su juicio integran a la monarquia española) que el de pacificar rapidamente nuestra provincias sublevadas, para llevar nuestra armas contra las enemigas; y formar de ese modo, soldados y oficiales dignos de llamarse las columnas de la patria”.¹²⁸

Bolívar entre 1813 a 1817, período de restauração da segunda república, dividiu suas ações estratégicas para a opinião pública, retórica, aceitação e alianças em três pontos: o primeiro, em motivações dos patriotas que eram segundo ele “[...] enviados a destruir a los españoles a proteger a los americanos y reestablecer los gobiernos que formaban la Confederación de Venezuela”¹²⁹; a segunda, pautada no discurso de lutar pelo domínio do poder político e de sua legitimidade com base na honra e na liberdade da Venezuela e que essa seria então a soberania do povo; e a terceira, a motivação em enfrentar a “ira patriota”, os contrários a república, os apoiadores da monarquia.

¹²⁶ BOLÍVAR, Simón. “Manifiesto de Cartagena”. fechado el 15 de diciembre de 1812: Em. José Felix Blanco y Ramón Azpúrua. Documentos de la vida pública del Libertador, Tomo IV, p.122. IN: RAMÍREZ, Rodolfo Enrique. “La querela de la opinión. Articulación de la opinión pública en Venezuela (1812-1821)”. Boletín de la Academia Nacional de la Historia, 2006, nº353, p.136.

¹²⁷ RAMÍREZ, Rodolfo Enrique. “La querela de la opinión. Articulación de la opinión pública en Venezuela (1812-1821)”. Boletín de la Academia Nacional de la Historia, 2006, nº353, p.137.

¹²⁸ BOLÍVAR, Simón, “Memoria a los ciudadanos de Nueva Granada” 15 de diciembre de 1812. IN: RAMÍREZ, Rodolfo Enrique. “La querela de la opinión. Articulación de la opinión pública en Venezuela (1812-1821)”. Boletín de la Academia Nacional de la Historia, 2006, nº353, p.138.

¹²⁹ RAMÍREZ, Rodolfo Enrique. “La querela de la opinión. Articulación de la opinión pública en Venezuela (1812-1821)”. Boletín de la Academia Nacional de la Historia, 2006, nº353, p.139.

Em agosto de 1813, Bolívar volta para Caracas para a restauração da república e a *Gaceta de Caracas* adotava as características independentistas anunciando ao exército que continuaria a combater contra os espanhóis. Formava-se a nova estratégia para moldar a opinião pública na qual o projeto republicano se sustentava a partir da ação militar. O discurso republicano ganharia mais força e legitimidade após a publicação do “Proyecto de Gobierno Provisorio”¹³⁰, escrito por Francisco Xavier Ustáriz, uma tentativa de desmobilizar cada vez mais as ideias monárquicas. Logo, a *Gaceta de Caracas* publicou diversos textos para reafirmar e autenticar o projeto em que previa Bolívar como o candidato ideal para exercer o governo republicano.

Ainda com esforços de direcionar a opinião pública e se desprender das amarras do Antigo Regime que se faziam muito presente, uma outra estratégia para distorcer esse imaginário foi a busca pelo apoio internacional iniciada em 1815, buscou-se apoio na Nova Granada e depois na Ilha da Jamaica para fortalecer a economia do continente.

Em 1816, iniciava-se a terceira campanha patriota e os planos revolucionários giravam em torno de convencer a sociedade para as questões do governo e cidadania, para tanto foi criado o “Boletín del Ejército Libertador de Venezuela”¹³¹; a publicação do Boletim tomaria notas das atividades patriotas e substituiria o imaginário de “guerrilha” por uma nova roupagem, a de um corpo militar, um exército. Aquela questão de escritas e boletins de guerra, não apenas para informar e integrar o exército, mas para moldar o pensamento republicano, nacional, independentista se repete também nas publicações do jornal *Correo del Orinoco*, nos discursos de Bolívar, nos escritos de Abreu e Lima¹³² em defesa de Bolívar e da Venezuela.

O Correo Del Orinoco é criado após a restauração da Terceira República. O jornal, que circulava dentro da Venezuela e em outros países com edições em inglês e em francês, tornava-se o principal meio de divulgação das ideias de liberdade e construção da nação; e opositor do então periódico protagonista na Venezuela, a *Gazeta de Caracas*. De certo modo, a monarquia espanhola ressaltada na *Gazeta de Caracas* e o caráter independentista no *Correo del Orinoco* ilustram bem o momento de transição do Antigo Regime para a construção da Nação e os inúmeros debates políticos e sociais que compunham esse cenário.

¹³⁰ RAMÍREZ, Rodolfo Enrique. “La querela de la opinión. Articulación de la opinión pública en Venezuela (1812-1821)”. Boletín de la Academia Nacional de la Historia, 2006, n°353, p.140.

¹³¹ Ibid. p.148.

¹³² ABREU E LIMA, José Inácio de. *Resumen Histórico de la última dictadura Del Libertador Simon Bolívar: Comprobada com documentos*. Caracas. 1922.

1.3 Abreu e Lima e o *Correo del Orinoco*: Revolução, Independência e Liberdade na América Hispânica

Benedict Anderson diante da dificuldade em conceituar nacionalismo tal como os outros “-ismos”, o define com um viés antropológico em que a nação, limitada por suas fronteiras, é uma “comunidade política imaginada”¹³³, e é imaginada porque todos os membros da nação, por mais que não se conheçam ou se encontrem, tem a imagem de “comunhão”, de pertencimento, um elo comum, “[...] foi essa fraternidade que tornou possível, nestes dois últimos séculos, que tantos milhões de pessoas tenham-se disposto não tanto a matar, mas sobretudo a morrer por essas criações imaginárias limitadas.”¹³⁴

Anderson aponta o capitalismo editorial como difusor do nacionalismo, que faziam com que as comunidades imaginadas tivessem conhecimento uma das outras:

Esses companheiros de leitura, aos quais estavam ligados através da letra impressa, constituíram, na sua invisibilidade visível, secular e particular, o embrião da comunidade nacionalmente imaginada.”¹³⁵

Ora, uma vez que o debate acerca do nacionalismo é um desafio no campo conceitual, visto que é mais fácil explicar o que a nação não é em função do que é, englobá-la em um termo único se configura como um desafio maior no debate do nacionalismo na América, que deve ser analisado fora dos paradigmas europeus.

O nacionalismo na América é composto de identidades étnicas plurais. No caso do Brasil, foram três processos, os quais não ocorreram de forma simultânea: a emancipação política, a independência de fato e a unidade. A questão da escravidão, os diferentes povos indígenas, a imigração tanto africana quanto europeia, pintavam na América um novo quadro que não correspondia ao modelo europeu de tradições, povos e culturas aproximadamente comuns.

Outro ponto de diferença é que a formação das nações na América, ocorridas entre 1776 a 1825, estava formada por uma consciência de um projeto amplo que não se reduzia a independência, mas a uma grande luta contra a tirania.¹³⁶

¹³³ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.32.

¹³⁴ Ibid. p.34.

¹³⁵ Ibid. p.80

Smith afirma que certos acontecimentos, mais do que outros, geram profundas mudanças no conteúdo cultural de identidades étnicas- entre esses acontecimentos estão a guerra, a conquista, o exílio, a escravidão, a conversão religiosa e o forte influxo de imigrantes. Em suma, precisamos relembrar como esses episódios bem conhecidos foram intensos por toda parte nas Américas e como foi profunda a marca que deixaram na história do hemisfério.¹³⁷

Compreendendo a nação como uma ferramenta ideológica utilizada em diferentes contextos histórico-políticos, o sentido de “nação” escrito por Abreu e Lima no período das independências é pautado no viés iluminista com a ideia de liberdade onde a nação se configura como “Estado-Nação”. Consequentemente, implica também na conquista territorial e na revolução (guerra) a fim de se contrapor ao Antigo Regime, justificando-se como luta necessária a um plano macro de combate à tirania/absolutismo. Isso é diferente na nação já independente, em que a revolução é compreendida como um risco à integração e o discurso direciona-se para o que lembrar, o que esquecer, bem como quais as bases que constituem uma nação.

Abreu e Lima era um “letrado patriota”, um escritor público que no processo de formação do Estado-Nação estava inventando os símbolos e pensamentos patrióticos que moldavam o nacionalismo, constituindo a nação, desse modo:

O nacionalismo pode ser uma visão, uma esperança, um projeto utópico para uma nação futura. Nesse sentido, ele pode fortalecer a linguagem de resistência política. Muito antes que conseguissem obter de fato o status político independente, os americanos das colônias descobriram que o nacionalismo nutria a imaginação popular e produzia o que foi chamada com muita propriedade de uma nação imaginada.¹³⁸

A criação do jornal *Correo Del Orinoco* representava também uma estratégia para produzir e desenhar a *comunidade imaginada*; apesar de cristalizado, o nacionalismo é algo socialmente construído e a imprensa, a opinião pública protagonizaram essa construção no imaginário social. O incentivo de Bolívar às guerras, a identificação como um povo americano, ou seja, que nega todo o vínculo com a metrópole, se constituindo como algo novo, a Constituição, são todos elementos do conjunto que sustentam a ideia de nação.

[...] Escribieron textos en favor de la idea republicana y comentaron o tradujeron documentos básicos de esa tradición, como los textos de Thomas Paine, la Declaración de Independencia de las Trece Colonias, la Constitución de los

¹³⁶ PAMPLONA, Marco A.; DOYLE, Don H. *Nacionalismo no Novo Mundo: A Formação de Estados-Nação no Século XIX*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p.20.

¹³⁷ Ibid., p.23.

¹³⁸ Ibid., p.75.

Estados Unidos, el Manual de práctica parlamentaria de Thomas Jefferson o los discursos de John Quincy Adams.¹³⁹

A história dos intelectuais da América Hispânica é construída a partir de questões que giram em torno da elite letrada, da políticas e dos exílios. O movimento pela independência foi direcionado por esses intelectuais que proporcionavam não só uma luta física nos campos: a independência ia além da guerra e se constituía como uma “revolução intelectual”.¹⁴⁰

De acordo com Rojas¹⁴¹, nos primeiros anos de guerra por independência as repúblicas da América Latina não tinham ainda suas identidades nacionais totalmente estabelecidas. Os países se formavam a partir de fragmentações políticas e territoriais, por exemplo, o Vice Reinado do Rio da Prata que fez emergir o Uruguai, a Argentina e o Paraguai; a identidade nacional se constrói a partir de um segundo momento sob as coordenadas desses intelectuais em inventar/imaginar o nacionalismo.

O imaginário nacional na formação das nações latino-americanas é construído a partir do vazio da soberania imperial causado pela crise monárquica, em que algumas nações adotam a república como forma de governo: mais como responsabilidade de atender as demandas que competem à organização de um Estado administrativo de centro-periferia do que uma relação de cidadão e nação. Nesse sentido, os projetos de integração – como o de Bolívar e a sua atuação no Congresso Panamá, em 1826 – também encontram motivação nesse vazio de soberania nacional, que necessitava ser preenchido.

A noção de “americano”, dentro de muitas outras variáveis, representava também uma oposição ao europeu impulsionado pelo ideal republicano. Com Bolívar, o conceito de “americano” não se limitava ao seu território, mas, sim, a toda América Latina, onde a Venezuela seria apenas o primeiro passo para a integração.

O sucesso militar em sintonia com a consolidação da república era algo bem exposto nos jornais, sobretudo, expedições/atuações militares em outros países como uma maneira de mostrar uma revolução em conjunto na América, de modo a ilustrar aos venezuelanos que a inquietação pelo patriotismo e pela liberdade não era um objetivo só deles, mas que toda a América Hispânica se encontrava insatisfeita com o sistema monárquico. Logo, a motivação de uma república se apresentava como um cenário eficaz de sistema de governo.

¹³⁹ ROJAS Rafael. “Traductores de la libertad: el americanismo de los primeros republicanos”. IN: ALTAMIRANO, Carlos. (org.). Historia de los intelectuales en América Latina. Vol. I. Katz: Buenos Aires, 2008, p. 206.

¹⁴⁰ Ibid., p.205.

¹⁴¹ Ibid.

Novos valores à sociedade, como maneira de legitimar a república, eram disseminados nas páginas do *Correo Del Orinoco*. A própria estrutura do jornal era elemento de persuasão as novas ideias de liberdade, independência e república que rodeava o cenário da construção do Estado-Nação: decretos; discursos; proclamações de Bolívar dirigindo-se à sociedade venezuelana e aos povos de outros países que evocaram uma autoridade republicana; as cartas; publicações de outros jornais da Venezuela e de outros países; debates e opiniões que forjavam um imaginário nacional republicano; e uma relativa interação entre os países da América, unidos no objetivo de uma revolução em prol da liberdade.

Koselleck¹⁴² afirma que “revolução” tornou-se uma expressão política tão utilizada nos tempos modernos que chega a ser “cliché”. Sua imensidão semântica permitiu que fosse empregada em diversos contextos e conjunturas, uma vez que:

O conteúdo semântico do termo “revolução” não é unívoco. Ele varia desde sangrentos movimentos de deposição e/ou golpes políticos e sociais até inovações científicas decisivas, podendo significar tudo ao mesmo tempo ou apenas um desses sentidos exclusivamente.¹⁴³

De acordo com Koselleck, “revolução” seria um “conceito geral”, porém, próprio da modernidade. Seu significado varia de país para país e o contexto político. Dissemina, portanto as diversas revoluções que pode haver dentro da Revolução. Por exemplo, a revolução política é diferente da revolução social, que é diferente da revolução intelectual, que é diferente da revolução científica, que é diferente da revolução técnica e assim por diante. Em âmbito político, o termo “revolução” ganha novos significados a partir da Revolução Francesa. Até então “revolução” era entendida como “primordialmente, de acordo com a etimologia da palavra, um movimento cíclico.”¹⁴⁴

A revolução como uma ideia cíclica partiu de Copérnico (1543) “*Sobre as revoluções dos orbes celestes*”. A ideia cíclica caiu, então, no campo político, em que o governo passaria, ciclicamente, pelos seguintes estágios: monarquia; tirania; democracia; governo do povo; ninguém governado; finalmente, voltando à monarquia. Às guerras dos séculos XVI e XVII

¹⁴² KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: PUC, 2006.

¹⁴³ Ibid. p.62.

¹⁴⁴ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: PUC, 2006, p.63.

eram atribuídos conceitos diferentes de revolução: sublevação, guerra civil, rebelião, motim.¹⁴⁵

A guerra civil, apesar de não excluir uma revolução, era utilizada como um termo contrário a ela. Compreendida como uma ação sangrenta associada à violência em oposição, por exemplo, a imagem construída da Revolução Gloriosa, de 1688, em que se alcançava a mudança sem derramamento de sangue. Nesse sentido, a guerra civil era compreendida como um movimento cíclico que se acaba em si, enquanto que a revolução trazia uma perspectiva longa do terror de uma guerra; todavia, a partir de 1789, o conceito de revolução é ressignificado:

A noção de um movimento irresistível, que o século XIX logo deveria conceituar na ideia de necessidade histórica, ecoa, do princípio ao fim, nas páginas da Revolução Francesa. De repente, um conjunto de imagens, inteiramente novas começa a se agrupar em torno da antiga metáfora, e um vocabulário totalmente novo é introduzido na linguagem política.¹⁴⁶

A partir da Revolução Francesa, criou-se a perspectiva de revolução como um fenômeno universal, uma revolução única que agrupa inúmeras outras revoluções as quais seriam sucessoras da que ocorreu em 1789. Tanto no século XIX quanto em partes do XX, seguiu-se os traços da Revolução Francesa, fosse como herdeiros das revoluções com o dever de propagá-la, fosse “[...]como agentes da história e da necessidade histórica, com a consequência óbvia, ainda que paradoxal, de que, em lugar da liberdade, foi a necessidade que se tornou a principal categoria do pensamento político e revolucionário.”¹⁴⁷

A Revolução Francesa tornou-se o ponto de referência de todos os movimentos revolucionários que surgiram a partir dela como também criou a ideia/necessidade de uma continuidade; assim, a revolução de 1789 seria uma primeira etapa, haveria outros processos até que se alcançasse a “revolução universal”.

Nesse contexto de revoluções e quebra dos paradigmas do Antigo Regime, é que surge o *Correo del Orinoco*, um jornal venezuelano que foi protagonista nas guerras por independência na América Hispânica, criado por Simon Bolívar em 1818 com o intuito de divulgar as ideias de república e independência e servir como oposição ao jornal *Gaceta de Caracas*, de domínio da Coroa Espanhola. No primeiro número do *Correo*, era enfatizado a divergência com as publicações da *Gaceta de Caracas*:

¹⁴⁵ Ibid., p.65.

¹⁴⁶ ARENDT, Hannah. Da Revolução. Brasília: UNB e Ed. àtica,1988, p.39.

¹⁴⁷ Ibid. p. 42.

Somos libres, escribimos en un País libre, y no nos proponemos engañar al Público. No por eso nos hacemos responsables de las Noticias Oficiales; pero anunciándolas como tales, queda a juicio del lector discernir la mayor o menor fe que merezcan. El Público ilustrado aprende muy pronto a leer cualquier Gazeta, como ha aprendido a leer la de Caracas, que a fuerza de empeñarse en engañar à todos ha logrado no engañar à nadie. [...]¹⁴⁸

Ainda na primeira edição de apresentação do jornal era informado que o semanário iria publicar atas do governo, boletins de guerra, notícias militares assim como correspondências e artigos do exterior de caráter político e literário:

[...] E nella se publicarán 1º los Decretos y Actas Del Gobierno, los Boletines del Ejército, y cuantas noticias interesantes comuniquen los Jefes Militares, y los Gobernadores de las Provincias, o podamos adquirir por la correspondencia particular: - 2º Las que conciernen al Comercio interior y exterior, y los avisos de remates, subastas, precios corrientes. 3º Extractos de los periódicos extranjeros así políticos como literarios; 4º Variedades, bajo cuyo título, daremos algunos discursos políticos y económicos, rasgos históricos, anécdotas y diversos hechos que aunque no sean recientes, merecen conocerse, unos por la admiración y otros por el horror y la indignación que inspiran – No importa à cuál de los dos partidos contendientes pertenezca la gloria e la oprobrio de ellos.¹⁴⁹

Foi publicado de 27 de junho de 1818 até 23 de março de 1822, aos sábados; foi editado em três idiomas – inglês francês e espanhol –; teve 128 edições, mais 5 edições extras com poucas irregularidades, totalizando 133 números; circulou pelo México, Chile, Buenos Aires, Estados Unidos e pela Europa¹⁵⁰. Criado a partir da iniciativa de Simon Bolívar em expandir seus discursos libertários:

[...] para divulgar sus ideas, Bolívar necesitaba de un instrumento indispensable: la imprenta que había encargado a Jose Miguel Istúriz, enviado a Jamaica para adquirirla y traerla a su base de operaciones. En setiembre de 1817 llegaba el deseado taller a la ciudad de Angostura, para ser instalado seguidamente; pronto empezó a producir los impresos anunciadores del proceso de la libertad de los pueblos [...]¹⁵¹

O objetivo de Simon Bolívar ao criar esse jornal era o de fomentar as ideias de independência; O *Correo* publicava textos de outros jornais, tanto da Europa como dos

¹⁴⁸ RODERICK, Andres. “Correo Del Orinoco”. *Correo Del Orinoco*. Angostura, ed.1,27 de Junho de 1818, p. 4.

¹⁴⁹ Ibid.

¹⁵⁰ Prensa Heroica: Selección del Correo Del Orinoco. Caracas: Ed. Presidencia de la Republica, 1968.

¹⁵¹ Ibid.

Estados Unidos¹⁵², a fim de legitimar as ideias de república; desse modo, escrevia-se ali não apenas as estratégias de guerra e assuntos de teor militar dos campos de batalha, mas o jornal era também o principal meio de articulação das ideias políticas em prol do republicanismo. O *Correo del Orinoco*, portanto, narrava a guerra militar contra o exército espanhol e simultaneamente combatia em uma guerra literária da opinião pública.

O *Correo* foi um dos primeiros jornais da Venezuela e principal veículo de persuasão do contexto de independência. Em 1964, Guilherme Garcia Ponce, do partido Comunista da Venezuela, propôs em homenagem ao jornal *Correo del Orinoco* e toda a sua contribuição para a libertação da Venezuela; que no dia 27 de junho fosse comemorado o dia nacional do periodista, data esta que coincide com o dia de circulação do primeiro número do jornal.

Em 2009, o Sistema Bolivariano de Comunicação e Informação retorna com o *Correo del Orinoco* como jornal oficial da Venezuela que permanece até hoje e é considerado símbolo da imprensa venezuelana; além disso, há na Cidade de Bolívar, antiga Angostura, que era a sede do jornal e do exército de Bolívar, um museu – *Casa del Correo del Orinoco* –, inaugurado em 20 de novembro de 1973, com o designo de preservar a memória de um dos primeiros jornais venezuelanos, sobretudo, um veículo de comunicação influente nas articulações da independência.

O *Correo* teve inúmeros colaboradores que formou um corpo elevado de redatores ao longo dos seus seis anos de existência, entre eles: jornalista, general, médico, advogado; alguns assinavam artigos, mas não era uma prática comum na época.

No sesquicentenário do jornal, o governo de Caracas organizou um livro¹⁵³ com algumas edições e artigos separadas por autores que foram possíveis identificar, tais como:

[...] el mismo Bolívar, con Zea, Roscio, Soublette, como jefes y responsables, y con ellos Cristóbal Mendoza, Manuel Palácio Fajardo, José Rafael Revenga, Gaspar Marcano, Diego Bautista Urbaneja, Francisco Javier Yanes, José Maria Salazar, Juan Martinez, Guillermo Uchite.[...]¹⁵⁴

O primeiro editor chefe foi o capitão Andrés Roderick¹⁵⁵ que publicou também “[...] *Impresor del Gobierno*” (o del “*Supremo Gobierno*”) o “*Impresor de la República*” (o

¹⁵² FERNANDES, Ana Cláudia. *Revolução em Pauta: O debate Correo Del Orinoco- Correio Braziliense (1817-1820)*. Universidade de São Paulo São Paulo. Depto. de História. Dissertação de Mestrado. Orientada por Prof. Dr. João Paulo Garrido Pimenta, 2010, p. 21.

¹⁵³ Prensa Heroica: Selección del Correo Del Orinoco. Caracas:Ed. Presidencia de la Republica, 1968.

¹⁵⁴ Ibid.

¹⁵⁵ Roderick, (1790- 1864) foi um dos principais indivíduos que impulsionou a Imprensa periódica na Venezuela.

del “Ejército de la República) [...]”¹⁵⁶, colaborou em diversas publicações nacionais, foi redator do jornal *El Correo Nacional* que circulou entre 1821 a 1822 em Maracaibo e com a chegada dos espanhóis foi preso e obrigado a escrever no jornal *El Posta Español en Venezuela*.

Dentre os redatores que colaboraram quando Roderick era editor chefe estavam:

1) Francisco Antônio Zea¹⁵⁷ como redator; Zea foi presidente da Colômbia e do Congresso de Angostura, foi enviado em missão para a Espanha no intuito de conseguir apoio ao Estado da Colômbia.

2) Carlos Soubllette¹⁵⁸, General que combateu nas guerras por independência, foi Secretário de Guerra e da Marinha durante a República da Grã Colômbia e presidiu a Venezuela.

3) Manuel Palácio Fajardo¹⁵⁹, era advogado e médico, colaborou para independência da Venezuela escrevendo a primeira Constituição.

4) Juan Germán Roscio¹⁶⁰ foi advogado e jornalista, redator no jornal *La Gazeta de Caracas* e chefe do conselho executivo da Venezuela.

5) José Ignacio de Abreu e Lima, brasileiro formado em Artilharia que lutou nas guerras ao lado de Bolívar chegando ao posto de General.

Abreu e Lima, ao chegar à Venezuela, antes das batalhas contra os espanhóis, tinha como ofício colaborar com o jornal *Correo del Orinoco* e mais tarde ele foi o responsável pelos relatórios de guerra. Em 1828, Abreu e Lima escreveu um livro em defesa de Simon Bolívar, “Resumen histórico de la última ditadura del Libertador Simon Bolívar¹⁶¹”, uma obra

¹⁵⁶ “Andrés Roderick”.

Disponível em: < http://200.2.12.132/SVI/prensainde/index.php?option=com_frontpage&Itemid=274>
Acessado em: 15 de Julho de 2019.

¹⁵⁷ Francisco Zea (1770-1822).

¹⁵⁸ Soubllette (1789-1870) foi general participando de muitas batalhas pela independência da Venezuela e foi também presidente da Venezuela entre 1843-47.

¹⁵⁹ Fajardo (1784-1819).

Ver: REVERÓN, Rafael Romero. Manuel Palacio Fajardo (1784-1819) Médico, abogado y prócer de la independencia de Venezuela. *Revista de sociedade venezola de historia de la medicina*. Vol. 66, No. 1-2, 2017. Disponível em: <<http://revista.svhm.org.ve/ediciones/2017/1-2/art-10/>>
Acessado em: 5 de Agosto de 2018.

¹⁶⁰ Roscio (1763-1821).

¹⁶¹ ABREU E LIMA, José Ignacio de. *Resumen Histórico de la última ditadura del Libertador Simon Bolívar. Comprobada con documentos*. Prefacio y versiones Goulart de Andrade. Biografía y notas Diego Carbonell. Rio de Janeiro: O Norte, 1922.

biográfica solicitada pelo próprio Bolívar para livrá-lo das acusações de tirania proferidas por Benjamin Constant; acerca de Simon Bolívar Abreu e Lima afirmava que :

[...] su espíritu es de la libertad que inflama su corazón: su anhelo, la felicidad de Colombia, de la América toda: su ambición, ocupar el eminente rango de ciudadano: él ha manifestado siempre una ciega idolatría a la soberanía nacional, y un rancor eterno , la rabía mas atroz a la Dictadura, al mando supremo y al despotismo.¹⁶²

Parte dos documentos utilizados para essa biografia foi extraída do jornal *Gaceta de Colômbia*, em que, possivelmente, ele também tenha sido redator, visto que, eram publicados relatórios de guerra e outros tipos de informação da Grã Colômbia que ele usou no livro como comprovação das ações de Bolívar.

O jornal *Gaceta de Colombia* publicou um artigo em setembro de 1823 acerca de Abreu e Lima; o artigo intitulado “Patriotismo” agradecia e exaltava a figura de José de Lima, que era chamado dessa forma nos documentos oficiais, como defensor da república por ele ter doado seus soldos militares: “[...] *Este governo que ha visto con aprecio esta cesión la ha admitido y ha mandado que se le den las gracias por este acto de generosidad y de amor a la República en cuyo servicio se halia.*”¹⁶³

O gesto de Abreu e Lima conferia-lhe uma boa reputação dadas as inúmeras polêmicas e críticas que sofria na Grã-Colômbia. Ser chamado de patriota no jornal oficial era, portanto, um prestígio que o resguardava da condição ou do olhar do outro como um estrangeiro, acentuado pelo fato de o Brasil viver uma independência não republicana.

A decisão de doar seus soldos foi registrada anteriormente por Abreu e Lima em uma carta direcionada ao General Santander em junho do mesmo ano:

En esta ocasión remito a U. por la Intendencia de Venezuela un memorial en que cedo y dono mi haber militar a la Nación, así como todos mis sueldos devengados desde 18 de febrero de 1819 en que empecé a servir hasta fines del año 21 y la tercera parte de mis sueldos del año 22, 23 hasta la conclusión de la guerra.¹⁶⁴

Na carta, a polêmica que o envolve por ser estrangeiro é enfatizada: “[...] *yo soy americano; no soy extranjero, y no quiero confundirme con la turba que ha venido solo a*

¹⁶² Ibidem. pp.180-181.

¹⁶³ “Patriotismo”. *Gaceta de Colombia*. Bogotá, ed. 13, 14 de Setiembre de 1823, p.4.

¹⁶⁴ ABREU E LIMA, José Inácio de. *Carta de Abreu e Lima ao General Santander*, Maracayo, 14 de junho de 1823, p.1.

Disponível em:<www.institutoabreuelima.com.br> Acessado em: 15 de Julho de 2019.

disfrutar de esta ventaja.”¹⁶⁵. Nela, Abreu e Lima mostra também que mantém contato e tem conhecimento do que ocorre no Brasil e reitera que apesar de estar lutando pela república na Grã-Colômbia acreditava que o sistema imperial constitucional do Brasil era sólido, e que, apesar de Pernambuco ter lutado em vários movimentos por uma república, sobretudo em 1817, sempre foi sucumbida e que os bens da família, confiscados pela Coroa em 1817 devido a participação do Padre Roma na Revolução, haviam sido restituídos, mas que essas questões não o fariam desistir da promessa de lutar pela independência na América Hispânica: “[...] si al concluir esta campaña es necessário morir combatendo, yo le juro, General, que ningun outro me quitará el puesto”¹⁶⁶. Essa fala de Abreu e Lima em devoção a nação nos remete a ideia de *Comunidades Imaginadas* de Benedict Anderson em que a construção dessa comunidade, dessa “camaradagem” e noção de pertencimento faz com que indivíduos morram em prol da nação e do que ela representa para eles.

Nesse momento, para Abreu e Lima, a nação na América Hispânica representava a mudança de estrutura, a partir de uma revolução que mudaria todo o quadro. Antes da Revolução Francesa e dos movimentos por independência, o termo “revolução” estava direcionado ao sentido de uma restauração, a partir de 1789 ela é caracterizada não mais como aspecto de continuidade política com algumas alterações moderadas, mas, sim, como quebra da ordem e construção de um novo sistema.

Todavia, a ótica de Abreu e Lima sob o Brasil se mostrava de maneira distinta. A nação aqui não seria pautada pela revolução e mudança estrutural, pois essa acabaria em uma confusão. Segundo ele, qualquer outra forma de governo no Brasil que não fosse a monárquica, os levariam a uma anarquia e fragmentação territorial porque “[...] *el Brasil es inmenso, poblado solamente en sus costas y de una mezcla de clases que nunca podrían ligarse bajo ningún sistema que se separasse mucho de la forma antigua.*”¹⁶⁷

Por outro lado, a integração entre os países da América do Sul ganhava espaço em suas falas e incluía, no projeto de uma “Gran Confederacion Americana”¹⁶⁸, o Brasil, embora monárquico. Na qual, segundo ele iria abrir margem para a independência de todo o “Novo

¹⁶⁵ Ibid. p.1.

¹⁶⁶ Ibid. p. 2.

¹⁶⁷ ABREU E LIMA, José Inácio de. *Carta de Abreu e Lima ao General Santander*, Maracayo, 14 de junho de 1823, p.3.
Disponível em:<www.institutoabreuelima.com.br> Acessado em: 15 de Julho de 2019.

¹⁶⁸ Ibid. p.3.

Mundo” e o Brasil, devido a sua posição geográfica no Atlântico, seria um dos primeiros confederados e conduziria os demais países.

Ainda sobre a integração, em outra carta dirigida ao General Santander¹⁶⁹, Abreu e Lima comentava do reconhecimento da Grã Bretanha, a independência que conquistaram; esperava que os outros países da América do Sul adotassem a sua forma de governo, no caso, republicano; seu modelo constitucional; e, por último, salienta a Santander que não permitisse que a Constituição fosse influenciada por “*los charlatanes políticos*”¹⁷⁰.

O *Correo del Orinoco* teve vários redatores e contribuintes e, salvo os decretos ou avisos de caráter militar, não era comum a assinatura dos artigos publicados no jornal, logo ainda não se tem ao certo a quantidade de artigos que Abreu e Lima publicou no *Correo del Orinoco*. Contudo, há alguns artigos que foram possíveis identificar a sua autoria, já foram citados inclusive, por Luís Claudio de Moura¹⁷¹ e Vamireh Chacon¹⁷², respectivamente: um sobre questões militares¹⁷³, em que Abreu e Lima demonstra estratégias militar e sugere uma escola militar; e o outro remete-se aos atritos com Hipólito da Costa acerca da Revolução de 1817 em Pernambuco.

O primeiro artigo escrito por Abreu e Lima no *Correo del Orinoco* é um conjunto de quatro edições que formam um único artigo intitulado “Correo Brasilense”¹⁷⁴, publicados na edição de número 18, em 13 de Fevereiro de 1819, e encerrando no número 22, em 13 de Março do mesmo ano, o título do artigo faz alusão ao jornal dirigido por Hipólito da Costa que tinha o mesmo nome.

O artigo consiste em uma longa argumentação acerca da nação e seus conceitos, tais como: república, monarquia, tirania, revolução e pátria, em que Abreu e Lima dedica-se a responder às críticas de Hipólito da Costa publicadas em seu jornal *Correo Brasiliense* sob a projeção da Revolução de 1817, em Pernambuco, que segundo ele era um “[...] artículo muy

¹⁶⁹ *Carta do General Abreu e Lima ao General Santander - 14 de Junho de 1823*. Archivo Santander (Comisión de La Academia de Historia, bajo La Dirección de Don Ernesto Restrepo Tirado). Bogotá: Águila Negra Editorial. Tomo X, p.228-229.

¹⁷⁰ Ibid.

¹⁷¹ Moura, Luís Cláudio Rocha Henriques de. *Ideias de nação na Argentina, Brasil e Chile (1830–1860): Juan Bautista Alberdi, José Inácio de Abreu e Lima, Andrés Bello*. Universidade de Brasília, Depto. de História, Tese de doutorado, 2013. Orientada por Prof. Dr. Jaime de Almeida.

¹⁷² CHACON, Vamireh. *Abreu e Lima: general de Bolívar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

¹⁷³ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Otro Artículo Comunicado”. *Correo Del Orinoco*, ed. 65, 3 de Junho de 1820.

¹⁷⁴ Id.. “Correo Brasiliense”. *Correo Del Orinoco*. Angostura, ed.18, 13 de Fevereiro de 1819; ed. 19, 20 de Fevereiro de 1819; ed. 21, 6 de Março de 1819; ed. 22, 13 de Março de 1819.

lisongero a la tirania, y muy amargo a la libertad de los pueblos”¹⁷⁵, visto que Hipólito criticava a revolução de 1817 a caracterizando como ilegítima pois deveriam, segundo ele, realizar as mudanças por meio de petição e não romper com a ordem vigente.

O Correio Braziliense foi um jornal criado em 1808 era dirigido por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, formado em Direito em Coimbra. Hipólito foi perseguido pela igreja católica por ser maçom e encontrou abrigo em Londres, lá escreveu o Correio Braziliense que teve 175 números de edição sendo o último em 1822. O jornal tinha como subtítulo “Armazém Literário” e foi considerado o primeiro jornal brasileiro apesar de ser escrito em Londres.

Hipólito da Costa era um jornalista renomado, redator em Londres. Seu jornal, *Correo Brasiliense*, circulava desde 1808. De acordo com Lúcia Maria Neves, Hipólito da Costa foi um dos primeiros intelectuais brasileiros que articularam a revolução de modo mais “contemporâneo de ruptura”. Seguindo a linha de pensamento de Edmund Burke, separava as revoluções em dois segmentos: físicas e morais.¹⁷⁶ Depois do que aconteceu na França, a revolução não seria algo benéfico: melhor seriam reformas cautelosas que não alterassem de forma brusca o governo vigente e que tais reformas (revolução moral) não fossem coordenados pelo povo, a fim de que se evitasse a anarquia/ barbárie.

Enquanto, nesse momento, Hipólito defendia uma revolução no sentido de reforma, ou seja, de continuidade; Abreu e Lima defendia uma ruptura e edificação de um novo conjunto político. O termo “revolução”; agora, em seu sentido mais moderno e, ao mesmo tempo, ambíguo, tem um campo semântico extenso; Nesse sentido, “revolução” alude à guerra civil, à revolução científica, à revolução social, à revolução política, à mudança de estrutura:

O conteúdo semântico do termo “revolução” não é unívoco. Ele varia desde sangramentos movimentos de deposição e/ou golpes políticos e sociais até inovações científicas decisivas, podendo significar tudo ao mesmo tempo, ou apenas um desses sentidos exclusivamente.¹⁷⁷

Frente à independência da América do Sul, para Abreu e Lima, a “revolução” é exposta como chave para a mudança em prol da formação das novas nações sob nova ordem e

¹⁷⁵ Id. “Correo Brasiliense”. *Correo del Orinoco*. Angostura, ed.18, 13 de Fevereiro de 1819, p.1.

¹⁷⁶ NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira. “Os Historiadores e a Revolução da Independência no Brasil”. In: Neves, Lucia M. Bastos P.; Bessone, Tânia Maria. (Org.). *Dimensões políticas do Império do Brasil*. 1ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012, v. 01, p. 93-112.

¹⁷⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p.62.

novo sistema, a partir de 1789 o termo é entendido como movimento político e mudança estrutural. A “revolução” tornou-se termo da moda no século XIX, “[...] cristalizou-se em um coletivo singular [...]”¹⁷⁸ em que deixa de significar propriamente um fenômeno natural da ordem cíclica e passa a significar transformações e movimentos sociais, ganhando, a partir daí, diferentes significados em função do contexto histórico, agente social e ótica analisada.

Novas identidades políticas surgem a partir dos avanços e propagação das ideias liberais, criando campos de disputa entre os velhos conceitos políticos pautados no Antigo Regime e o horizonte de expectativa que as ideias iluministas traziam, as quais também eram colocadas em voga a perspectiva de nação.

A maioria das vezes em que Abreu e Lima escrevia acerca da nação, do que se pretendia construir enquanto nação ou do que era a nação, a palavra “revolução”¹⁷⁹ acompanhava o seu discurso: em momentos e forma positiva, em outros de forma negativa. Durante a independência da América do Sul, Abreu e Lima defendia um caráter mais positivo do que é “revolução”, num sentido mais radical, isto é, de derrubada de governo em prol da formação das novas nações sob novo sistema. Por exemplo, em sua resposta a Hipólito da Costa em que colocava como um fenômeno necessário se fazer uma revolução quando se almeja romper com as bases do “despotismo”:

Por las revoluciones es que el hombre ha podido libertarse de la tiranía en todas partes y en todos tiempos. Sin revoluciones jamás los europeos hubieran quebrantado las cadenas del despotismo religioso y político que los afligía, No hay una sola reforma de primer orden que no haya sido obra de las revoluciones. La historia entera es fiel testimonio de esta verdad.¹⁸⁰

No *Correo del Orinoco*, a revolução foi tratada com caráter positivo, como um fenômeno necessário ao progresso da nação em que a derrubada do poder Espanhol se traduziria na liberdade e na constituição de um novo governo. Outro ponto importante é que, diferente dos outros jornais que Abreu e Lima escreveu, tanto no Rio de Janeiro quanto em Pernambuco, o *Correo del Orinoco* era redigido durante um processo de transição e formação dos Estados Nacionais da América, logo a representação de revolução nas páginas dos jornais tinha o objetivo de moldar a opinião pública, de uma aclamação pela liberdade.

¹⁷⁸ Ibid.

¹⁷⁹ Ver: PIMENTA, João Paulo. “A política hispano-americana e o império português (1810-1817): vocabulário político e conjuntura.” IN: JANCSÓ, István (org.). *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: HUCITEC, 2003, p.129.

¹⁸⁰ ABREU E LIMA. “Correo Brasilense”. *Correo Del Orinoco*, ed. 18, 13 de Fevereiro de 1819, p.1.

Em outros momentos dos escritos de Abreu e Lima, a revolução foi articulada sob um viés negativo, seja pelo apelo à monarquia, seja pelas experiências frustradas vividas na Grã-Colômbia: formar uma república, fazer uma revolução e acabar em uma fragmentação territorial. Tais abordagens foram expostas nos periódicos que Abreu e Lima escreveu no Rio de Janeiro – *Torre de Babel*, a *Arca de Noé* e, em Niterói, no *Raio de Júpiter*.

As ideias de Hipólito da Costa não estavam em harmonia com as de Abreu e Lima, que era contrário às predicativas de revolução de Hipólito da Costa. Assim, Abreu e Lima destacava que o único meio de o homem se livrar das amarras da tirania seria através da revolução e que não havia nenhuma mudança estrutural nas nações das quais não fossem obras de uma revolução; Hipólito, por sua vez, acerca da revolta de 1817, afirmava que:

[...] Os cabeças dos insurgentes, depois de derrotados, fugiram para o interior, com coisa de 200 ou 300 sequazes. Não era de esperar outro fim a uma insurreição, que suposto tivesse elementos antigos, foi obra do momento, parto da inconsideração, e nunca sustentada por plano combinado: pois tudo mostra não só a precipitação, erros e injustiças dos cabeças, mas a sua total ignorância em matérias de governo, administração, e modo de conduzir os negócios públicos[...]

Hipólito da Costa compreendia revolução como uma sublevação da ordem e um movimento isolado, que, desorganizado não era capaz de causar toda a transformação a que se esperava. Hipólito da Costa fazia parte daqueles que acreditavam que as mudanças sociais, políticas e econômicas deveriam se dar de forma cautelosa, preservando a ordem e o sistema vigentes, visto que as mudanças bruscas induziriam à anarquia. As ideias que se tinha de revolução a partir do que ele propunha eram associadas à guerra civil

[...] em uma palavra não mostraram outra qualidade recomendável, senão a energia, que é filha do entusiasmo, em todos os casos de revoluções. [...] as reformas nunca se devem procurar por meios injustos, quais são os da oposição de força ao governo, e efusão de sangue. [...] ¹⁸¹

Hipólito da Costa chama os participantes de Revolução de 1817 de “demagogos”¹⁸², enfatizando que é absurdo pensar que por meio da revolução se melhoraria uma nação e criticava-os por solicitar auxílio de potências estrangeiras, pois, segundo ele, a interferência de outra nação nos assuntos civis não traria boas relações políticas, pelo contrário: segundo ele essas potências tirariam proveito da nação. Hipólito apontava os franceses como exemplo,

¹⁸¹ COSTA, Hipólito José da. *Correio Braziliense*, ou, *Armazém Literário*. Vol. XIX São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p.105.

¹⁸² Ibid. p.106

os quais, atuando em outras nações, “[...] fizeram os franceses o mais escandaloso abuso de boa fé e ignorância”¹⁸³ e ainda, que, a política nas colônias da Espanha estava caminhando no mesmo sentido.

Essa ‘revolução de demagogos’ só serviu para criar suspeitas e desconfianças no governo, que, por sua vez, impossibilitava que cidadãos do bem solicitassem alguma mudança e tivessem as suas petições aceitas de imediato por temor de uma revolução como essa, e que, portanto, os homens de bem que:

[...] realmente desejam ver remediados os abusos de sua pátria, antes se sujeitarão aos males presentes do que se arriscarão ao máximo dos males, que é a dissolução do governo. Assim deveríamos agradecer aos demagogos de Pernambuco, o necessário retardamento, em muitos pontos, na melhoria política da pátria.¹⁸⁴

Por outro lado, Hipólito declarava estar ciente de que o Brasil necessitava de reformas na administração, nas leis e no governo. Em resposta, Abreu e Lima escrevia no *Correo del Orinoco* as suas contra argumentações em relação à revolução:

[...] pelas revoluções é que o homem tem se libertado da tirania em todas as partes em todos os tempos. Sem revoluções jamais os europeus teriam quebrado as cadeias do despotismo religioso e político que os afligia. Não há uma só reforma de primeira ordem que não tenha sido obra de revoluções. A história inteira é fiel testemunha desta realidade [...]¹⁸⁵

De acordo com Abreu e Lima, se se seguissem as ideias que Hipólito da Costa havia escrito no *Correo Braziliense*, a sociedade seria formada por um grande número de escravos com alguns proprietários governando o Brasil. Em relação às consequências da revolução, Abreu e Lima afirmava que a maneira de petição que Hipólito da Costa sugeria não caberia a Pernambuco (1817): ela só serviria se o governo reconhecesse que a autoridade e o poder são do povo, o que não era o caso em Pernambuco. Logo, era necessário uma revolução e acrescentava que os tiranos faziam recair sobre eles a culpa das consequências da revolução:

[...] custa muito o que vale muito e nenhum sacrifício é demasiado quando se trata de resgatar a nossa liberdade e de reivindicar os nossos direitos usurpados [...] não é

¹⁸³ Ibid. p.106.

¹⁸⁴ COSTA, Hipólito José da. *Correo Braziliense*, ou, *Armazém Literário*. Vol. XIX São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p.107.

¹⁸⁵ ABREU E LIMA, José Inacio de. “*Correo Braziliense*”. *Correo Del Orinoco*. Angostura, ed. 18, 13 de fevereiro de 1819, p.1.

homem, senão servo aquele que tolera pacientemente as humilhações de um déspota insolente, pelo temor dos males que propõe o *Correo Braziliense*.¹⁸⁶

No *Correo del Orinoco*, Abreu e Lima afirmava que, dada a luta contra a tirania da Espanha, ele e demais revolucionários tinham motivos para crer que o redator do *Correo Braziliense* não compactuava dos mesmos ideais que eles. Apesar de Hipólito da Costa não criticar de forma direta as revoluções na América pela independência e liberdade, suas críticas atingiam a uma perspectiva maior do que apenas a Revolução de 1817, alvo de sua crítica, pois atacava aos princípios fundamentais do homem livre, de modo que os impediriam de vencer a monarquia absoluta, os privilégios feudais e o fanatismo religioso¹⁸⁷. Abreu e Lima não poderia crer que Hipólito romperia com princípios que favoreciam a si próprio. Contudo, tinha dimensão do mal que a Monarquia fazia aos homens: “*Los que nascimos y fuimos educados en una monarquia despótica, tenemos dentro de nosotros mismos la raiz de semejantes extravios [...]*”. Tendo em vista que estavam habituados à tirania, os vícios e manias não era uma tarefa fácil lança-las fora quando se tornavam livres.

Esse cenário culmina, afinal, em questões acerca da revolução como caminho a ser seguido para a liberdade da nação, um questionamento levantado por Abreu e Lima em uma crítica a Hipólito da Costa.

Na opinião de Abreu e Lima essa situação e os escritos de Hipólito eram vergonhosos e questionava que se não é por meio da revolução o caminho para a liberdade da nação então qual seria !?!

Segundo ele as argumentações de Hipólito não eram frutos de patriotismo, senão de egoísmo. Em sua definição “patriotismo” seria um conjunto de virtudes sociais que o homem tem ou adquire ao longo de sua trajetória e experiências, dentre as quais, o amor à pátria é a principal dessas virtudes: sem amor e dedicação à pátria, a nação perece em tirania.

As percepções de Abreu e Lima acerca da dicotomia – nação- revolução–, ao longo de sua trajetória, ganham diferentes sentidos e perspectivas face às transformações políticas e sociais que vivia. Nas páginas do *Correo del Orinoco*, a nação se constrói a partir da revolução. Aqui, tanto a revolução quanto a república são vistas positivamente, em que a segunda é apresentada como governo de liberdade dos povos. Opostamente, a monarquia, nesse período, monarquia absoluta, é motivo de repulsa:

¹⁸⁶ Ibid. p.2 .

¹⁸⁷ ABREU E LIMA, José Inácio de. “*Correo Braziliense*”. *Correo Del Orinoco*. Angostura, ed.18, 13 de Fevereiro de 1819, p.1.

Los tiranos enemigos de la libertad republicana han empezado toda la sofistería de sus aduladores para hacer creer a la multitud que los males que ellos mismos causaron consecuencia necesarias del republicanismo. De la disensión de los realistas habituados a las cadenas del realismo, de la liga de los Monarcas que detestan la libertad republicana de los pueblos; de sus intrigas y ocultos manejos proceden gravísimos males que siendo exclusivamente el fruto de su malignidad, capciosamente los atribuyen al arbo saludable de la libertad, al mejor sistema de gobierno.¹⁸⁸

As argumentações de Abreu e Lima explicitam a construção de uma representação nacional, logo, a representação se concerne em um jogo de disputa pelo poder e dominação em que as representações sociais são pautadas nos interesses e percepções de indivíduos dominantes, que estão pensando, articulando, projetando e confrontando como a sociedade é, ou a expectativa que se tem, ou que deseja criar dela.

A partir daí forjam-se os símbolos, signos, identidades e a imagem de que se deseja criar. No caso de Abreu e Lima a expectativa do que seria a nação moldava-se por indivíduos que se sentiam parte de um mesmo conjunto e que por mais diferentes que fossem, pensassem ou vivessem, tinham em comum o “amor à pátria”, que muitas vezes se confundia com o amor próprio, a ponto de se sacrificar em nome da pátria amada: *“El amor de la patria, nos inspiran la heroica resolución de sacrificarlo todo por ella, nuestros bienes, nuestros hijos y mujeres, y nuestra propia existencia.”*¹⁸⁹

O *Correo del Orinoco* tinha como objetivo ser uma imprensa livre, longe dos cativos da tirania; e Abreu e Lima compactuava dessa mesma filosofia: considerava a imprensa como uma ferramenta importante de combate ao despotismo sendo ela “[...] *El mejor vehiculo de la expresión de agravios, y el mas severo censor de la conducta del gobierno*”¹⁹⁰

Todavia, Abreu e Lima enfatizava que, uma vez que o governo tem má conduta e os membros da legislatura se corrompem a solução para os problemas da nação não são acatados pelo clamor do povo; nesse sentido, a petição que sugeria Hipólito não era um remédio, porque já se encontra elevado o abuso de poder, e quando isso ocorre não há outra saída que não seja a insurreição, logo, a luta pela liberdade e emancipação da América do Sul não se daria por forma de petição:

¹⁸⁸ Id. “Correo Brasiliense”. *Correo Del Orinoco*. Angostura, ed. 22, 13 de Março de 1819.

¹⁸⁹ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Correo Brasiliense”. *Correo Del Orinoco*, Angostura, ed. 18, 13 de Fevereiro de 1819.

¹⁹⁰ Id. “Correo Brasiliense”. *Correo Del Orinoco*, Angostura, ed. 21, 6 de Março de 1819, p.2.

Contra el orden de la Divina Providencia Fernando y sus satélites nos hacen una guerra ofensiva, la mas desoladora y bárbara que presentan los anales de las naciones. Sus esfuerzos todos se dirigen à reintegrarnos en la esclavitud colonial: los nuestros todos miran à recobrar nuestros derechos usurpados, a destruir el imperio de la tiranía, y reponer al hombre Americano en su rango y dignidad.¹⁹¹

As publicações acerca de Abreu e Lima não ficariam sem respostas. No mesmo ano, Hipólito dedicou dez artigos (publicados em uma série de edições, iniciada na ed. 133¹⁹² e encerrada na edição 142¹⁹³) contra argumentando os escritos de Abreu e Lima. Não há no *Correo del Orinoco* outra série de artigos em respostas e desconhece-se, até o momento, alguma outra publicação de Abreu e Lima direcionada à Hipólito, todavia, essa hipótese não é descartada visto que, Abreu e Lima poderia, já nessa época, redigir e/ou contribuir com outros periódicos.

Assim como Abreu e Lima Hipólito da Costa construiu o seu texto citando alguns trechos do *Correo del Orinoco em que foram expostas as criticas* e as contra argumentava. Em primeiro ponto ele disserta sobre o que seria de fato uma revolução e reafirma que, o ocorrido em Pernambuco em 1817, ao contrário do que Abreu e Lima defendia, se tratava de um movimento de pequena escala que só conquistou a desconfiança do governo e a desordem da Província:

[...] Confundir o motim de Pernambuco com a revolução da América espanhola, é dar a conhecer grosseira ignorância dos fatos; e mostra grande falta de perspicácia, em distinguir as grandes revoluções dos motins populares, ou rebelião de soldados;¹⁹⁴

Hipólito ressaltava ainda que a Revolução de Pernambuco nada tinha de semelhante à Revolução que ocorria na América Hispânica; o que para Abreu e Lima significava o contrário: eram compreendidas como movimentos de mesmo nível, em prol da liberdade e independência.

Na verdade, Hipólito da Costa não via as argumentações de Abreu e Lima unicamente como uma defesa à memória afetiva e corajosa do seu pai e as ideias de liberdade perante a Revolução Pernambucana, mas a seus olhos as argumentações pareciam ser um manifesto ao

¹⁹¹ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Correo Brasiliense”. *Correo Del Orinoco*. Angostura, ed. 22, 13 de Março de 1819.

¹⁹² COSTA, Hipólito José da “Justificação do Correio Braziliense, contra o Correo del Orinoco”. *Correio Braziliense, ou, Armazém Literário*. Vol. XXIII São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p.614.

¹⁹³ Ibid. Vol. XXIV, p.265.

¹⁹⁴ Ibid. p. 616.

Brasil para que se fizesse uma revolução e se tentasse implantar uma república ¹⁹⁵, tal como ocorria na América Hispânica, visto que, nos artigos, Abreu e Lima tecia não só críticas diretas aos escritos de Hipólito, mas apontava exemplos de revoluções, rupturas do sistema, modelos de sistema de governo, procurava definir as funções do Estado, apontava os abusos do governo absolutista os categorizando como tiranos; tudo de forma a instruir/incitar o povo a rebelar-se.

Outro texto de Abreu e Lima no *Correo del Orinoco* foi a publicação da edição de número 65¹⁹⁶. Abreu e Lima faz uma instrução pública-militar afirmando que seus escritos mereciam lugar de destaque no jornal e que ele ficaria feliz se estivesse também “[...] *en los corazones de todos los Colombianos*” ¹⁹⁷. O artigo foi assinado como “F.T.A.L.”; até o presente momento se desconhece o significado dessa sigla, porém, dado ao contexto militar, supõem-se que seja alguma categoria de patente, até mesmo para dar mais sentido e autenticidade a seu pedido de uma Escola Matemática e Militar.

Antes de lançar a sua proposta militar, faz uma breve escrita de sua trajetória e qualificações ressaltando os motivos que desencadearam a sua ida para a América Hispânica; afirmava que o local de onde ele era deixou de ser uma colônia desde 1808, com a chegada da Corte no Brasil. Todavia, não tinha uma Constituição nacional, governo representativo ou liberdade e a sua família foi vítima do despotismo, se referindo a Revolução de 1817, o fuzilamento do seu pai e a confiscação de seus bens e patrimônio.

No *Correo del Orinoco* ele irá desenhar, em alguns momentos, a monarquia brasileira como algo repugnante, sempre se referenciando ao ocorrido com o seu pai. Por mais que em outros contextos ele ressalte a monarquia como sistema ideal de governo para o Brasil, ela será representada como símbolo de tirania no período de lutas por independência e Pernambuco como a província que tentou combater a essa tirania, mas que foi sufocada.

[...] Abandoné luego a los asesinos de mi padre y familia, a los opresores de mi tierra, y por mil rodeos, emigraciones y trabajos, vine a ofrecer mis servicios a esta República y fui admitido con la misma graduación que tenía en mi país natal, y destinado como facultativo al Estado Mayor-General.¹⁹⁸

¹⁹⁵ COSTA, Hipólito José da “Justificação do Correio Braziliense, contra o Correo del Orinoco”. Julho de 1819. *Correio Braziliense, ou, Armazém Literário*. Vol. XXIII São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p.43.

¹⁹⁶ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Otro Artículo Comunicado”. *Correo Del Orinoco*, ed.65, 3 de Junho de 1820, pp.2-3.

¹⁹⁷ Ibid. p.2.

¹⁹⁸ Ibid. p.2.

Essa ideia de “combate a tirania” é a chave do discurso de sujeitos como Abreu e Lima no processo de transição e formação do Estado-nação, que queriam romper com o Antigo Regime, nesse sentido a formação da república dependia desse combate e ruptura com velhos padrões e ideias.

Apesar de ter uma posição de destaque no meio militar, Abreu e Lima enfrentou muitos problemas e polêmicas por ser um estrangeiro, logo, a devoção à República da Grã-Colômbia era também uma forma de defesa, sobretudo porque sustentava a matriz discursiva da ideia de novidade: a conquista da independência, a formação da república e a integração formariam o novo panorama político que se esperava a partir da chamada luta pela liberdade.

Assim como a atuação militar representava o patriotismo e o compromisso com a nação, em inúmeros momentos Abreu e Lima irá ressaltar que ele é ‘Colombiano’ porque ele fazia parte da América e lutava por sua liberdade: “*Soy americano, y esto me basta para ser Colombiano*”¹⁹⁹. Ou ainda, enaltecendo a ação militar como forma de legitimar o seu patriotismo, tal como nas falas: [...] solo aspiro a un servicio a que me obliga mi amor a la Patria [...]”²⁰⁰ e “[...] a favor de la causa que con mi espada ya he sustentado en la jornada de Boyacá, y demás que la precedieron, y que todos los modos de hacerme digno de nombrarme hijo de Colombia.”²⁰¹

No Plano militar, a proposta apresentada era de fazer uma Escola Matemática e Militar; justificava que poderia estar à frente, pois já havia sido professor de matemática na Real Academia Militar, portanto se colocava a disposição para instruir os jovens.

Na visão de Abreu e Lima ter um exército numeroso, forte e bem instruído, significava também ter uma nação bem estruturada; tal como a história nacional, a literatura e a bandeira o exército também é um símbolo patriótico que emite significados á comunidade imaginada.

Segundo ele, a recente república carecia tanto de um exército de operação quanto de forças estacionarias; Nesse sentido os jovens estudariam tanto táticas de guerra, como também aritmética, trigonometria, geometria, entre outros campos da matemática e que isso colaboraria até mesmo para que os jovens pudessem ver a carreira militar com maior entusiasmo.

A promessa de Abreu e Lima era que em seis meses teriam um “oficial facultativo”, com conhecimentos dinâmicos e estáticos, tal modelo do plano militar era baseado na Escola

¹⁹⁹ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Otro Artículo Comunicado”. *Correo Del Orinoco*, ed. 65, 3 de Junho de 1820, p.2.

²⁰⁰ Ibid. p.2.

²⁰¹ Ibid. p.2.

Politécnica francesa: “[...] semejante a la que establecieron los franceses en el campo de Bolongne”. Para um segundo momento, teriam como base também “[...] la explicación de Fortificacion pasagera, reducida al método de la Escuela Politechinica.”²⁰²

Da Edição de número 63²⁰³ até a edição 72²⁰⁴, alguns artigos da coluna “Artículo Comunicado” eram assinados como: “Un Colombiano”. Na edição 65²⁰⁵, como foi apontado anteriormente, Abreu e Lima afirma um discurso patriótico e se coloca como um colombiano, a partir desse aspecto, somado a outros elementos da escrita, poderia entender a assinatura de “Un colombiano” como um artifício de defesa contra a polêmica de ser um estrangeiro. Assim, se intitulado como alguém pertencente aquele local, com uma trajetória de lutas e, sobretudo, a atuação militar naquele território, ele estaria, portanto, munido do direito de fala, ou seja, a assinatura de “Un Colombiano” eliminaria a estigma de um estrangeiro.

Na edição 63²⁰⁶, Abreu e Lima faz uma crítica às notas do artigo publicado no próprio *Correo del Orinoco* da edição 60²⁰⁷ e também da edição 58²⁰⁸, referente a escritos da *Gazeta de Madrid* e a fala do General Manuel Freyre²⁰⁹, que fez uma proclamação às tropas do rei solicitando que os soldados defendessem os direitos do príncipe e para legitimar o seu discurso usou como apoio a questão religiosa. Abreu e Lima, por outro lado, afirma que o texto faz uso indevido do livro bíblico de Provérbios capítulo 8, que trata da sabedoria. As críticas de Abreu e Lima acerca do poder divino dos reis e do uso da bíblia como arcabouço de poder são ações/costumes que são colocadas em questão no processo de ruptura com o antigo regime. Segundo ele, usavam a bíblia para promover a tirania, o despotismo e um atentado contra os homens, visto que Deus, segundo Abreu e Lima, não permitiria a violação das leis ou o abuso de poder: “[...] Alego em general que por mas que se torciese el sentido

²⁰² ABREU E LIMA, José Inácio de. “Otro Artículo Comunicado”. *Correo Del Orinoco*, ed. 65, 3 de Junho de 1820, p.2.

²⁰³ Id. “Artículo Comunicado”. *Correo Del Orinoco*, ed. 63, 20 de Maio de 1820, pp.3-4.

²⁰⁴ “Otro”. *Correo Del Orinoco*. ed. 72, 22 de Julho de 1820, pp. 1-2.

²⁰⁵ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Otro Artículo Comunicado”. *Correo Del Orinoco*, ed. 65, 3 de Junho de 1820, p.2.

²⁰⁶ Id. “Artículo Comunicado”. *Correo Del Orinoco*, ed. 63, 20 de Maio de 1820, pp.3-4.

²⁰⁷ “Artículo Comunicado”. *Correo Del Orinoco*, ed. 60, 29 de Abril de 1820, p.3.

²⁰⁸ *Correo Del Orinoco*, ed 58, 15 de Abril de 1820.

²⁰⁹ “Artículo Comunicado”. *Correo Del Orinoco*, ed. 60, 29 de Abril de 1820, p.3

de los libros santos, no se encontraria um pasage que autozase el poder ilimitado de los Príncipes.”²¹⁰

A imagem da Coroa Espanhola como tirânica também será representada na edição 67²¹¹; na verdade, o combate ao despotismo e a luta pela formação da nação independente são os pontos cruciais que norteiam todos os escritos de Abreu e Lima e outros escritores públicos letrados patriotas, favoráveis a liberdade.

Citando Montesquieu *Do Espírito das Leis*, Abreu e Lima desenvolve os artigos falando sobre sistemas de governo. Afirmava que, em países remotos, a dependência era mantida a partir da arbitrariedade e do despotismo. Retratando as Cortes reunidas em Madrid, um acordo de paz e a independência absoluta da América do Sul cessaria a guerra, porém, duvidava de que essa fosse a decisão deliberada e, portanto, a luta dos americanos do sul seria mais justificada, pois “ [...] no hay otra recompensa para tanta sangre derramada sino la independencia absoluta.”²¹²

No “Artículo Comunicado” da edição 68²¹³, com o subtítulo “Juramento de Chile”, é feito uma exortação à causa patriótica a partir do exemplo do Chile. O juramento foi publicado no *Correo*, em espanhol e inglês:

Junto los corazones y las manos,
Al Dios Eterno hacemos juramento,
Por el mar, por la tierra y firmamento
Como aquellos héroes Espartanos,
Que en Colombia jamás hará tiranos;
Ni admitiremos nunca sus cadenas
Mientras el Océano produzca avenas;
Mientras las plantas alimente el suelo;
Mientras los astros giren por el cielo;
Mientras circule sangre en nuestras venas.²¹⁴

Para Abreu e Lima, o juramento do Chile, escrito por Doctor Gabriel Lindo, além de reafirmar a luta pela liberdade e independência da América Hispânica, representa também o “amor à nação e a liberdade e perturbava os ouvidos dos tiranos”²¹⁵; o objetivo dele no artigo

²¹⁰ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Artículo Comunicado”. *Correo Del Orinoco*, ed. 63, 20 de Maio de 1820, p.3.

²¹¹ Id. “Artículo Comunicado”. *Correo Del Orinoco*, ed. 67, 17 de Junho de 1820, pp.2-3.

²¹² Id. “Artículo Comunicado”. *Correo Del Orinoco*, ed. 67, 17 de Junho de 1820, p.3.

²¹³ Id. “Artículo Comunicado: Juramento de Chile”. *Correo Del Orinoco*, ed. 68, 24 de Junho de 1820.

²¹⁴ “Juramento de Chile”. *Correo Del Orinoco*. Ed.66. 10 de Junho de 1820, p.4.

²¹⁵ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Artículo Comunicado: Juramento de Chile”. *Correo Del Orinoco*, ed. 68, 24 de Junho de 1820, p. 3.

era enaltecer a figura do eclesiástico Lindo, o qual, segundo ele: “[...] Nunca se puso de parte de los enemigos de la independencia y libertad desde que conocio la importancia moral y politica de este acontecimiento en la América del Sur”.²¹⁶

É provável que Abreu e Lima tenha contribuído com outros artigos *no Correo del Orinoco*; mediante aos contextos, a assinatura e a forma de escrita foi possível sustentar a hipótese que os artigos da coluna “Artículo Comunicado” das edições 63²¹⁷, 67 e 68 tenham sido escritos por ele.

É presumível também que, devido as críticas e intrigas que se envolveu, ele tenha escrito em outros jornais na Grã-Colômbia, todavia, tais hipóteses para serem comprovadas carecem de um estudo mais aprofundado, interligando até mesmo a trajetória de outros sujeitos que escreveram no *Correo del Orinoco*, podendo levantar a hipótese inclusive de textos em co-autoria.

A assinatura “Un Colombiano” se repete ainda nas edições: 67²¹⁸, 68²¹⁹, 71²²⁰ e 72²²¹. Na edição 70²²² é assinado como “Uno de vosotros”, todas são na coluna “Artículo Comunicado”, segundo o contexto as edições 71 e 72 não parecem ser de sua autoria.

Nesse sentido, os escritos de Abreu e Lima predominantes no *Correo del Orinoco*, que são mais próximos de comprovar a sua autoria ou que já foram comprovados, são aqueles em que foi apresentada uma breve história de sua trajetória, no caso a edição 65²²³ com o plano militar e as edições: 18²²⁴, 19²²⁵, 21²²⁶ e 22²²⁷ com a trama contra os escritos de Hipólito da Costa acerca da Revolução de 1817.

²¹⁶ Ibid.

²¹⁷ Id. “Artículo Comunicado”. *Correo Del Orinoco*, ed. 63, 20 de Maio de 1820, pp.3-4.

²¹⁸ Id. “Artículo Comunicado”. *Correo Del Orinoco*, ed. 67, 17 de Junho de 1820, pp.2-3.

²¹⁹ Id. “Artículo Comunicado: Juramento de Chile”. *Correo Del Orinoco*, ed. 68, 24 de Junho de 1820, p.3.

²²⁰ “Artículo Comunicado”. *Correo Del Orinoco*, ed.71, 15 de Julho de 1820, p.4.

²²¹ “Artículo Comunicado”. *Correo Del Orinoco*, ed.72, 22 de Julho de 1820, pp.1-2.

²²² “Invitacion a la América do Sul”. *Correo Del Orinoco*, ed. 70, 8 de Julho de 1820, pp.2-3.

²²³ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Otro Artículo Comunicado”. *Correo Del Orinoco*, ed. 65, 3 de Junho de 1820, p.2.

²²⁴ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Correo Brasilense”. *Correo Del Orinoco*, ed. 18, 13 de Fevereiro de 1819, pp1-2.

²²⁵ Id. “Correo Brasilense”. *Correo Del Orinoco*, ed.19, 20 de Fevereiro de 1819, p.1.

²²⁶ Id. “Correo Brasilense”. *Correo Del Orinoco*, ed.21, 6 de Março de 1819, pp.2-3.

Para além do atrito com Hipólito da Costa exposto nos jornais, Abreu e Lima também teve conflitos com Antonio Leocadio Guzmán, redator do periódico *El Argos*, que diferentemente de Hipólito da Costa, não ficou apenas nas páginas do jornal.

El Argos foi fundado em 24 de março de 1825 em Caracas, circulava em La Guaira, Puerto Cabello, Valencia, Maracay, Ocumare, Achagas, Guanáre, Cumana, Barcelona e Maracaibo. Tinha como slogan “*La columna del poder no tiene otra brasa que la opinion*”, tinha o padrão de 2 colunas e 4 páginas e era impresso pela Imprensa de Devisme Hermanos, localizada na rua da paz número 170. Segundo Ramon Diaz Sanchez:

El Argos - anuncia Guzmán en el primer editorial- se presenta al público pidiéndole sus luces y su indulgencia y le ofrece un amor ardiente por la libertad y un odio acendrado a la tiranía: llenará siempre sus columnas de este espíritu sin temor al poder y sin ultraje a las personas.²²⁸

Antonio Guzmán é considerado um dos principais pensador-idealizadores do Partido Liberal na Venezuela, onde a imprensa foi protagonista na difusão desse ideário. Nascido em 5 de novembro de 1801, em Caracas, Guzmán teve uma trajetória longa no meio político; foi jornalista, militar e vice-presidente da Venezuela de 1847 a 1851.

Além do *El Argos*, fundou o jornal *El Venezolano* em 1840, um jornal de opinião com direcionamento mais popular do que o que se tinha antes na imprensa venezuelana: “*El Venezolano, organo de la Sociedad Liberal, es un semanario de cuatro páginas en 4º, impresso en el taller de Valentin Espinol.*”²²⁹

Guzmán era, portanto, um indivíduo influente que assim como Abreu e Lima tinha voz na imprensa, porém de forma mais autônoma do que Abreu e Lima, visto que ele tinha seu próprio jornal e também participava do mesmo ciclo social de Abreu e Lima junto a Bolívar; Santander; Paéz.

O Conflito entre eles ganha força a partir de uma publicação do jornal *El Argos*, todavia, é provável que já houvessem pequenos conflitos entre eles para além do território da imprensa.

Na edição do dia 6 de Setembro de 1825, Guzmán escreveu um "Comunicado", assinado como “*Unos Granaderos*”, informando primeiramente a saída de Jorge Woodverry

²²⁷ Id. “Correo Brasilense”. Correo Del Orinoco, ed.22, 13 de Março de 1819, pp.2-3.

²²⁸ SANCHEZ, Ramon Diaz. Guzman: Elipse de una ambicion de poder. Ministerio de Educacion Nacional Direccion de Cultura y Bellas Artes. Caracas, 1950, p.52.

²²⁹ Ibid. p.236.

como General do Estado Maior, e criticando não apenas o interesse de Abreu e Lima pelo cargo, mas também a escolha do General Soublette, responsável por determinar quem ocuparia o cargo; afirmava que o General estava mais simpático aos laços de amizade do que a causa da República, em suas palavras: "[...] De Lima es algo a los ojos del General Soublette, no es lo mismo a los de una porción de militares que conocen a De Lima [...]"²³⁰

Na mesma edição, o primeiro artigo do jornal criticava D. Pedro I, que tentaria um ataque a Buenos Aires devido a Cisplatina. D. Pedro, enviaria seus homens em confronto aos Argentinos. Guzmán alertava sobre a figura de D. Pedro:

[...] Pedro de Braganza, que se llama emperador del Brasil a despecho de la opinión pública, y que sobre los restos de mil víctimas ilustres ha establecido un trono, que baña cada día con las lágrimas de nuevos desgraciados; no solo ha esclavizado a la inmensa colonia de su padre, sino que arrastado de una ambición que es innata a los coronados ha invadido los derechos de la República Argentina. [...]²³¹

Dizia ainda que eles deveriam apoiar os “compatriotas” de Buenos Aires contra o Brasil – tanto brasileiros como argentinos desejavam ser livres das ambições de D. Pedro –, e colocava a Simon Bolívar para estar a frente dessa questão para que ele “presida sus armas”, referindo-se aos argentinos. Dessa maneira, seria feita a revolução que, segundo os seus escritos, era a única maneira de combater a tirania, visto que a revolução era causa de toda a América contra qualquer um que ameaçasse a liberdade e promovesse a tirania. Diferentemente da Europa, segundo Guzmán, a divisão da América em várias nações era necessária devido a sua extensão porém isso não invalidaria a ajuda mutua, “*la vieja política debe quedar en la vieja Europa*”²³². A América funcionária de outra maneira, haviam se dividido em “repúblicas hermanas”, mas que suas revoluções e sacrifícios eram em prol de um bem único.

Logo após esse artigo, Guzmán escrevia sobre Abreu e Lima, dando ênfase a todas as desconfianças por ser estrangeiro, brasileiro e somava as questões de disputa pela Cisplatina e defesa de D. Pedro. De acordo com o artigo, Abreu e Lima não deveria exercer o cargo de Chefe do Estado Maior, que deveria ser ocupado por alguém que tivesse a confiança do exército e ideias de honra a República:

²³⁰ GUZMÁN, Antonio Leocadio. “Comunicado”. *El Argos*. Venezuela, ed.13, 06 de Setembro de 1825, p.3.

²³¹ Id. “Candidatos”. *El Argos*. Venezuela, ed.13, 06 de Setembro de 1825, p.1.

²³² Id. “Candidatos”. *El Argos*. Venezuela, ed.13, 06 de Setembro de 1825, p.2.

De Lima no puede ejercer este encargo por su incapacidad, por sus escasos méritos, por carecer de la confianza del General en jefe, por no tener tampoco la del ejército, porque ha largo tiempo que el ojo perspicaz del general Bolívar lo aluna para con sus compañeros de armas, porque su valor no está acreditado, porque su opinión está perdida, porque siempre ha ocupado en inclinar a los jefes a actos arbitrarios que desacreditan la autoridad militar y la indisponen con el pueblo; y por mil razones mas, que diremos a su tiempo si este señor nos obligar a hacerlo[...]²³³

A publicação de Antonio Leocadio Guzmán, jornalista do periódico *El Argos*, era uma crítica direta a figura de Abreu e Lima e principalmente a sua imagem como militar; Segundo ele Abreu e Lima não deveria ocupar o cargo por ser estrangeiro, sobretudo porque a sua nação de origem, apesar de independente, permanecia em um governo monárquico diferentemente do que se vivia na América Hispânica, além disso, questionava a sua capacidade militar e ainda, levantava suspeitas pela causa republicana que eles defendiam que a seu ver Abreu e Lima se direcionava para o lado oposto, por último, apontava acerca de sua proximidade com Benigna²³⁴, sobrinha de Bolívar, de modo mais afetoso do que uma amizade comum. Tais fatores provocaram a ira de Abreu e Lima que acabou trocando socos com Guzmán: “[...] estaba yo tan irritado, tan airado, que cometí la locura de acuchilar al primer canalla que me provoco”.²³⁵

Após a briga, Guzmán enfatizava que a atitude não poderia ficar impune: *"El Agresor está en manos de los tribunales y la ley le juzga y se sentenciará."*²³⁶ . Teve apoio dos jornalistas, enquanto que Abreu e Lima na posição de Chefe do Estado Maior, foi julgado pelo conselho de Guerra e condenado a prisão. Ficou preso entre 1825 e 1826, no deserto de Bajo Seco, por seis meses.²³⁷

²³³ GUZMÁN, Antonio Leocadio.. “Comunicado”. *El Argos*. Venezuela, ed.13, 06 de Setembro de 1825, p.3.

²³⁴ Em carta ao General Paéz, Abreu e Lima conta do ocorrido com Guzmán e pergunta como estava Benigna e sua família e relembra: “[...] Benigna, de quien fui tan amigo y por quien sufrí por algunos años la cólera furiosa del tío. Mas, desde 1826, el Libertador comenzó a tratarme con mucha amistad y cariño es que Benigna ya estaba casada com su protegido, Briceño Méndez.[...]”

ABREU E LIMA, José Inácio de. *Carta do General de Brigada José Inácio de Abreu e Lima ao General de Brigada Paéz*. Pernambuco, 18 de Setembro de 1868, p.2.

Disponível em: <www.institutoabreuelima.com.br> Acessado em: 01/08/2018.

²³⁵ ABREU E LIMA, José Inácio de. *Carta do General de Brigada José Inácio de Abreu e Lima ao General de Brigada Paéz*. Pernambuco, 18 de Setembro de 1868, p.2.

Disponível em: <www.institutoabreuelima.com.br> Acessado em: 01/08/2018.

²³⁶ GUZMÁN, Antonio Leocadio. *El Argos*. Venezuela, ed.14, 23 de Setembro de 1825, p.1.

²³⁷ Ver: MOURA, Luís Cláudio R. H. de. *Abreu e Lima: uma leitura sobre o Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de História, Dissertação de Mestrado, 2006, p.30. Orientada por Prof.ª Dr.ª Geralda Dias Aparecida.

CHACON, Vamireh. *Abreu e Lima: general de Bolívar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

Com a briga física o jornal *El Argos* suspendeu suas publicações por duas semanas. Voltou a publicar no dia 23 de Setembro, na edição dedicou duas páginas para contar da agressão e dos atritos que existiam. Afirmava que o ocorrido já era de conhecimento de todos e que logo chegaria ao exterior também, pois seria publicado no *jornal Colombiano* na edição 123. Segundo o relato, Abreu e Lima o havia acertado pelas costas e depois o acertou no rosto.

Nesse texto, Guzmán explicava que as críticas que havia feito era pelo dever e responsabilidade que tinha como um “escritor público”, pensando na opinião pública e no bem da pátria:

Lima prescindió de todos los trámites conocidos, no quiso arreglarse ni a las leyes de la sociedad, ni a las del honor; y desesperando de poderse vindicar premeditó dos días la muerte del redactor, que había insertado el artículo, de que hablamos. Cubierto con las sombras de la noche, armado de un sable que había prevenido y escondido en una puerta, aguardó à un escritor público indefenso, para que con su vida expiase el crimen de haber admitido en sus columnas la producción de un amigo. La inocencia jamás ha sido prevenida, y Lima pudo à todo su saber ejecutar el proyecto meditado.²³⁸

A briga física com Abreu e Lima ganhava novos rótulos para além de um atrito pessoal, era considerada como um ataque à imprensa, a opinião pública e a liberdade de imprensa e, portanto alguma medida deveria ser tomada, visto que Abreu e Lima, “*um filho adotivo*”, deturpava os direitos de liberdade e cidadania.

No artigo, Guzmán se intitulando –defensor da liberdade – aproveitava para criticar também a Simon Bolívar, afirmando que, apesar de lutas pelos mesmos princípios que o Libertador, ele não era considerado amigo de Bolívar, ao passo que Abreu e Lima era, e que, portanto estaria “autorizado” a tentar matar Guzmán, ou seja, de certo modo insinuando que Bolívar defendia a atitude de Abreu e Lima em nome da amizade que existia entre eles . O que o levava a questionar a posição que Abreu e Lima ocupava: " Conque el defensor del Libertador de Colombia es de Lima? esto si que no nesecita de analisis."²³⁹

O fato de Abreu e Lima ser estrangeiro, sobretudo brasileiro, agravava um pouco mais a situação das críticas a seu respeito, visto que o Brasil vivia um sistema monárquico representativo e que havia disputas pelo Rio da Prata.

Abreu e Lima foi aceito no exército de Bolívar no mesmo grau que tinha pela Real Academia Militar do Rio de Janeiro: Capitão de Artilharia; teve uma atuação de destaque nas

²³⁸ GUZMÁN, Antonio Leocadio. *El Argos*. Venezuela, ed.14, 23 de Setembro de 1825, p.1.

²³⁹ GUZMÁN, Antonio Leocadio. *El Argos*. Venezuela, ed.14, 23 de Setembro de 1825, p.2.

guerras e redes de sociabilidade; conquistou novas patentes; tinha a amizade de Bolívar e proximidade com Generais, tal como Soublette; e todos esses pontos, outrora destaques positivos, tornaram-se alvo de críticas e se acentuaram quando ele passou a defender o sistema monárquico representativo no Brasil.

A Crítica a Abreu e Lima por defender a monarquia e simultaneamente se comprometer a lutar pela república e independência tem força tanto na Venezuela, como foram com as publicações de Guzmán no *El Argos*; quanto no Brasil, e o caso mais enfático disso foram os escritos de Evaristo da Veiga na *Aurora Fluminense* onde ele era apontado como indivíduo que lutou numa guerra que não era sua, que não esteve presente no processo de independência do seu próprio país e que quando retornou abdicou das ideias de revolução e república para dar lugar a discursos em prol da monarquia constitucional, logo, as contradições entre a ação e discurso tornava-se principal alvo do julgamento negativo da figura de Abreu e Lima.

Ao sair da prisão Abreu e Lima ainda teria uma atuação militar significativa e sua amizade com Bolívar se estreitaria: Simon Bolívar o solicita para redigir textos em sua defesa visto que Benjamin Constant o acusava de tirania. Em resposta, Abreu e Lima escreveu uma série de artigos para defender Bolívar, resultando na biografia *Resumen Histórico del Libertador Simon Bolívar*²⁴⁰.

Estando Abreu e Lima em Maracaibo, Simon Bolívar envia um carta ao General Mariano Montilla solicitando que Abreu e Lima pudesse escrever naquele local para contestar as opiniões e moldar a opinião pública²⁴¹. Abreu e Lima permanece até o findar da vida de Bolívar como alguém de sua confiança. A patente de General viria após a batalha do Portete de Tarqui: Bolívar o nomeia General em 20 de janeiro de 1830. Logo depois, chefe do Estado Maior em Madalena em Cartagena.²⁴²

A sua amizade com Bolívar foi fator determinante para a sua saída da Venezuela. Após a morte do Libertador, o General Domingo Caicedo expulsou os estrangeiros e defensores das ideias de Bolívar. Abreu e Lima, antes de retornar ao Brasil, passou pela

²⁴⁰ *Resumen Histórico de la última ditadura del Libertador Simon Bolívar. Comprobada con documentos.* Prefacio y versiones Goulart de Andrade. Biografía y notas Diego Carbonell. Rio de Janeiro: O Norte, 1922.

²⁴¹ Documento 1579. De una copia de letra de O'LEARY, O. C. B. Carta del Libertador Simón Bolívar al General Mariano Montilla, Fechada en Bogotá el 1º de Febrero de 1828. Disponível em: < <http://www.archivodelibertador.gob.ve/escritos/buscador/spip.php?article4178>> Acessado em: 03 de Outubro de 2019.

²⁴² CARNICELLI, Américo. *La Masoneria en la independencia de America (1810-1830). Secretos de La Historia.* Tomo I, Bogotá, 1970, p.276.

Europa, onde conheceu D. Pedro I, e é provável que desse encontro tenha se iniciado as articulações para o movimento dos Cabanos, para retorno de D. Pedro ao trono. Deve-se levar em conta também o papel da sociedade maçônica em aproximar personagens; movimentos; ideais.

2 O POLÊMICO GENERAL ABREU E LIMA NOS PERIÓDICOS FLUMINENSES: A DEFESA DA MONARQUIA CONSTITUCIONAL COMO PILAR DA NAÇÃO E AS QUERELAS DA REGÊNCIA

2.1 O Retorno ao Brasil

Asistí por lo tanto a las últimas agonías de Colombia, asistí a su muerte, hice todo por ella despedace las facciones, derrote a Campo en Rio Hacha; me batí con los Guajiros cuerpo a cuerpo; liberte a Santa Marena; pero no pude liberar a Cartagena de la traición de Luque, y allí sucumbió el General Montilla y yo con él. Yo, sin embargo estaba preparado para esta funesta eventualidad. Luego que murió Bolívar, pedí al Gobierno me diese de cuartel y licencia para ir a los Estados Unidos, a Europa y Brasil, por el tiempo que me conviniese, con el competente pasaporte de ida y vuelta. Así que entró Luque en la plaza preséntele aquellos y me embarqué para los Estados Unidos. Muerto Bolívar y separado de Usted. Que podía hacer yo en Colombia?²⁴³

Abreu e Lima não retornou ao Brasil de imediato, antes foi para Filadélfia e para a Europa, onde conhece o Imperador D. Pedro I, retornando ao Brasil somente em 1832.

Abreu e Lima havia perdido os direitos como cidadão brasileiro em 1817: quando com o ocorrido na Revolução de 1817 saiu da prisão, foi para a Filadélfia e logo depois integrou-se ao exército de Bolívar na Venezuela. – Os indivíduos que saíssem do Brasil para lutar em outro país sem autorização perderiam os seus direitos como cidadão brasileiro.

Quando Abreu e Lima estava ainda na América Hispânica, em 1825, tentou retornar ao Brasil, mas teve seu pedido negado. E tão pouco conseguiu retornar em 1823, quando solicitou ao General Santander que o enviasse como “Secretário de Legación” junto ao General Soublette para o Brasil a fim de dar desenvolvimento ao plano da “Gran Confederacion Americana”. Ele regressou apenas em 1832 com os seus direitos de cidadão restituídos pela Regência e viveu por 12 anos no Rio de Janeiro.

A Regência em nome do Imperador o Senhor D. Pedro II, há por bem sancionar, e Mandar que se execute a seguinte Resolução da Assembleia Geral Legislativa: Artigo único. José de Lima, natural da Província de Pernambuco, está em gozo dos direitos de cidadão brasileiro. Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, assim e tenha entendido e faça executar. Palácio do Rio de Janeiro em vinte e três de Outubro de mil oitocentos trinta e dois, undécimo da Independência e do Império. Francisco de Lima e Silva,

²⁴³ “Carta do General Abreu e Lima ao General Paéz do dia 18 de Setembro de 1868.” *Diário de Pernambuco*. Pernambuco, 20 de Maio de 1873.

José da Costa Carvalho, Joao Bráulio Moniz. Nicolau Pereira de campos Vergueiro.²⁴⁴

Longe das funções militares, Abreu e Lima passou a se dedicar à imprensa periódica, já tinha a experiência da Venezuela com o *Correo del Orinoco*, e, agora, vivendo no Rio de Janeiro onde os tramas e conflitos da nação tinham maior impacto, passou a redigir um jornal intitulado *A Torre de Babel*. Em meio ao período de instabilidade política, com a ausência de um monarca no trono e as incertezas das Regências, a imprensa no Brasil ganhava espaço para debater, construir e reconstruir o imaginário da nação.

As argumentações do *Correo del Orinoco* e da *Torre de Babel* implicam em contextos e debates únicos, além do que, são conflitos com temporalidades e espacialidades distintas, configuram-se dois projetos de autonomização política diferente: o primeiro em prol da liberdade e construção da nação a partir da independência e o outro, trata a nação com maior cautela sem mudanças estruturais para não colocar em risco o território.

A revolução defendida anteriormente de modo necessária e positiva passa, na *Torre de Babel* e nos demais jornais fluminenses, a ser colocada de forma negativa em seus discursos – a revolução seria um movimento que comprometeria a integridade e a ordem da nação –, ocorrendo assim uma mudança de posicionamento política de Abreu e Lima por meio da circulação de ideias e contextos políticos de conflitos.

No *Correo del Orinoco*, nas lutas em prol da independência da América Hispânica, Abreu e Lima, tanto nas batalhas quanto nos papéis, estava ao lado dos que pregavam a república e a independência dos países da América do Sul a partir do declínio do colonialismo. Nesse sentido, os seus escritos neste período se remetiam à questão da liberdade e de formação da nação a partir do sistema de governo republicano.

Abreu e Lima, impulsionado ao desprezo da monarquia absoluta e a trágica morte de seu pai, visto que ele o traduzia como símbolo de liberdade e patriotismo, apresentava a revolução no sentido de mudança brusca de estrutura social e mudança de governo como forma de combater à tirania.

Neste segundo momento – a iniciar com o periódico da *Torre de Babel* e, em sequência os outros jornais que escreveu no Rio de Janeiro, a *Arca de Noé* e o *Raio de Júpiter* e de igual modo, também, em outras categorias de escrita, como o livro *Compêndio da História do Brasil*²⁴⁵ e o artigo *Bosquejo Histórico e Político do Brasil*²⁴⁶ – Abreu e Lima

²⁴⁴ Decreto de 23 de Outubro de: 1832. - Declara cidadão brasileiro a José Lima. p. 122. Coleção das Leis do Império do Brasil. Parte primeira. 1832. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1874.

²⁴⁵ ABREU E LIMA, José Inácio de. *Compêndio da História do Brasil*. Rio de Janeiro, E. e H. Laemment, 1843.

seguia a mesma linha de pensamento político e projeto de nação. Pautado na defesa, primeiramente, do regime vigente; com exceção do jornal *Raio de Júpiter*, em que criticava o Regente Feijó e era favorável que a princesa D. Januária assumisse o poder. Em sequência ganhavam cena as inquietações do General Abreu e Lima: acerca de como se constituiria as bases da nação, onde a ideia de República era colocada à margem dando lugar a Monarquia Constitucional, e com ela ideias que caminhavam mais ao lado do conservadorismo.

No *Correo del Orinoco*, Abreu e Lima estava em outro país lutando pela independência da América ao lado de sujeitos que estavam articulando projetos de nação guiados pelo fim do colonialismo e ascensão de um governo republicano e liberal, ele não estava apenas escrevendo a revolução e a independência, mas também estava vivendo ela. Sem embargo na América Hispânica, ou seja, em outro território, em outro período, com outros sujeitos e em outra conjuntura.

Abreu e Lima passava a defender a Monarquia Constitucional, a qual já era visto por ele como necessária no caso brasileiro desde o *Correo del Orinoco*, e que tomava uma proporção maior visto a experiência da República da Grã Colômbia: consequências da guerra, a disputa por território em sua fragmentação e o fim de um começo da união ente os países da América do Sul.

Nesse sentido, no Brasil, em um primeiro momento, ele defendia a figura de D. Pedro I, o seu retorno ao trono do Brasil e apontava para as turbulências entre os partidos políticos. Mais adiante, o alvo de suas críticas passa a ser a o governo da Regência em que novamente a Monarquia Constitucional é aclamada como constituição da ordem, estabilidade política e integração territorial.

Compete assim à disparidade de opinião e contexto político de Abreu e Lima entre o *Correo del Orinoco* e os jornais fluminenses. Resignificando os seus projetos e visão de nação ideal, as mudanças e permanências da sua opinião política em defender a monarquia e a figura de D. Pedro I e simultaneamente repugná-la demonstra o conflito de interesses pessoais, políticos e ideológicos marcado em um período de política instável e transitória.

2.2 A Torre de Babel

A *Torre de Babel*²⁴⁷ tinha como epígrafe a frase: “cada louco com o seu tema”. Teve apenas sete edições publicadas entre janeiro e março, as quartas e sábados de 1833. Entre essas sete edições, a *Torre* ficou um mês sem publicar. Quando retornou, publicou dois números de edição e o jornal encerrou sem justificativa alguma para o público. Há indícios de que o jornal teria iniciado, na verdade, em Cartagena, em 1830, em meio à publicações de folhetos do *Resumen Histórico del Libertador*²⁴⁸.

O objetivo do jornal era fazer analogia da política brasileira a qual, naquele momento, era composta por diferentes partidos políticos que não se entendiam e, portanto cada um construía suas narrativas com as suas opiniões as quais não se cruzavam ou se quer se aproximavam.

Logo, a comparação com a passagem bíblica da Torre de Babel²⁴⁹: em que os homens falavam a mesma língua e projetando chegar aos céus construía uma grande torre para enaltecer o seu nome, e Deus, não se agradando disso, deu um idioma diferente para cada um a fim de que esses não se exaltassem mais e parassem de construir a torre, portanto esses indivíduos passavam a não se entender porque cada um falava uma língua diferente:

Eu que vejo no Brasil tanto idioma diferente, tanta linguagem discordante, tanto dialeto inteligível, não posso crer senão que está confusão nasce de alguma arrogância, que Deus quis castigar, fazendo com que os homens não se entendam, e caiam dispersos por esse novo mundo, que não é pequeno, ou pelo menos maior que o mundo de Gênesis. Este é o motivo do título que adotei para o meu papel.²⁵⁰

Abreu e Lima começa o jornal como um prospecto, afirmando que não tinha planos do que escreveria nos próximos números, chega a dizer que escrevia por não ter o que fazer, porém ressaltava as divergências entre os partidos e a opinião pública, que serviram como base de argumentação para praticamente todos os jornais que escreveu.

²⁴⁷ Ao longo das sete edições da *Torre de Babel* o jornal mudou duas vezes de tipografia, sendo elas respectivamente: “Tipografia de R. Ogier” da primeira edição até a quarta edição; “Tipografia de Gueffier e C.” da quinta à sétima edição.

²⁴⁸ CHACON, Vamireh. *Um herói Pan-americano: Abreu e Lima*. Revista Continente. Ano II. No 15/2003. P.32

²⁴⁹ Gênesis 11.1-9.

²⁵⁰ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Prospecto”. *A Torre de Babel*. Rio de Janeiro, 9 de Janeiro de 1833, p. 1.

Os pontos abordados na *Torre de Babel* giravam em torno da intolerância religiosa e política, os embates entre os jornais, a restauração da política pela volta de D. Pedro I, que era colocada pela *Torre* como um desejo nacional, sobretudo, apontava para a disputa acirrada pelo poder entre os partidos políticos, afirmando que via virtude e vícios em todos eles e que seria capaz de formar outro partido com membros de cada um dos partidos já existentes, porém, esses membros seriam: “[...] homens de bem, com os patriotas de boa-fé tem se assistido em cada um deles (os partidos) por amor da Pátria.”²⁵¹.

Segundo ele, não existia um partido com maior culpa que o outro, todos eram culpados das “paixões desordenadas” e “ignorância”²⁵², visto que um governo não deveria ter oposição de partidos e sim trabalhar em conjunto para o bem nacional; a oposição, nesse sentido, não representava uma liberdade de posição política, mas, sim, falta de patriotismo ou atitude antinacional.

Na *Torre de Babel*, Abreu e Lima criticava o período conturbado da Regência, muitas vezes de forma humorada, assim, a ironia era um recurso de linguagem muito presente em seus escritos. É inclusive a partir dessa forma de escrita que ele conseguia ter mais abertura/liberdade para suas críticas: “[...] reina em todo o Brasil uma tranquilidade sepulcral; a indústria, a moral e a civilização marcham com passos violentos”, alegando que tais coisas ocorriam enquanto “[...] o povo repousava na lei e a lei na m... que a pariu”, porque a lei também tinha sua origem, isto é, a lei tinha como mãe a Câmara dos Deputados, o Senado como pai e o Poder Executivo como padrinho e o resultado era que todas as leis formavam um “hospital de leprosos”²⁵³.

Segundo ele a tranquilidade pública se transformou em um espetáculo de horrores, e como solução defendia que fosse realizada a restauração de D. Pedro ao trono e a coroa ao príncipe D Pedro II, que em suas palavras era um “desejo nacional”, e que todo aquele que era a favor da restauração eram legítimos patriotas.

De acordo com o que ele escrevia na *Torre*, os restauradores eram aqueles que eram contra a Regência, contra a figura de Feijó, os que fossem a favor da permanência do tutor José Bonifácio, os que defendiam a Monarquia Constitucional e não uma Monarquia Federativa. Argumentava ainda que existiam duas classes de restauradores: a primeira eram os

²⁵¹ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Jornalismo”. *A Torre de Babel*. Rio de Janeiro, 9 de Janeiro de 1833, p. 3.

²⁵² Id. “Interior”. *Ibidem*. Rio de Janeiro, 12 de Janeiro de 1833, p. 2.

²⁵³ Id. “Interior”. *Ibidem*. Rio de Janeiro, 9 de Janeiro de 1833, pp.3 -4.

passivos que apenas desejavam o retorno do ex-Imperador para reestabelecer a ordem pública da nação; e a segunda classe era daqueles que trabalhavam para que isso ocorresse.²⁵⁴

A nação, apresentada pela *Torre de Babel*, estava atrelada à perspectiva de ordem, de se conter as ideias de liberdade de modo que palavras como “revolução”, “insurreição”, “modernidade” ganhavam significados pejorativos associados à tirania, a barbárie e a guerra civil, como, por exemplo, quando argumentava acerca da abdicação e apresentava a revolução como causadora da discrepância de opiniões da formação da nação formada com as divergências partidárias: [...] As revoluções, elas são um verdadeiro Pólipo que cortadas e não extirpadas de raiz se reproduzem, e se separam os seus membros, prontos formarão tantas revoluções quanto os indivíduos separados.²⁵⁵

Quando Abreu e Lima discutia sobre a nação, na *Torre de Babel*, e também nos outros dois jornais fluminenses (*Arca de Noé* e *Raio de Júpiter*) a “revolução” aparecia como contraste, ou seja, a revolução era um fenômeno temido que colocava em perigo a integridade nacional. Em alguns momentos ela era compreendida também como um mal necessário²⁵⁶, nesse sentido ele comparava revolução com rusga, a primeira como mal necessário, porém, quando feita, tinha resultados e que se deveria optar pelo caminho que fosse menos prejudicial à nação. Enquanto que a rusga, não apresentava resultado algum, só servia para despesas gastando o tesouro público e infligindo a segurança; ela era colocada como algo que está no coração do homem, o desejo da fama e a ambição e que esses deveriam ser extirpados. Em tom irônico ele cria um decreto fictício de liberdade a todos os indivíduos de fazerem rusgas, e encerra o decreto afirmando que esse mal deveria ser arrancado pela raiz porque era como legalizar a anarquia – uma verdadeira calamidade pública.

Nos jornais escritos no período da Regência, essa estigma de negação da revolução é mais nítidos do que nos demais, primeiro porque no *Correo del Orinoco* a revolução tem caráter positivo em que é compreendida como única forma de libertar o homem das amarras tirania e seus sinônimos; segundo porque é uma conjuntura diferente: no período regencial a revolução representava fragmentação territorial; e um outro fator determinante para a opinião acerca da revolução, era que Abreu e Lima havia acabado de sair das revoluções na América Hispânica e estava “[...] enfatiado de revoluções[...]”²⁵⁷. Assim, deve-se levar em conta então

²⁵⁴ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Restauração”. *Ibidem*. Rio de Janeiro, 12 de Janeiro de 1833, p.3.

²⁵⁵ Id. “Miscelânea: Pólipo”. *A Torre de Babel*. Rio de Janeiro, 12 de Janeiro de 1833, p.4.

²⁵⁶ Id. “Rusga”. *A Torre de Babel*. Rio de Janeiro, 2 de Março de 1833, p.3.

²⁵⁷ Id. “Contraste”. *A Torre de Babel*. Rio de Janeiro, 6 de Março de 1833, p. 1.

sua trajetória, pois as suas expectativas e frustrações de visão de mundo, suas experiências militares, políticas e sociais influenciaram de forma direta e indireta nos seus escritos.

Na *Torre*, Abreu e Lima dizia que não escrevia para “sábios ou puristas”, mas, sim, para o “povo”. O acesso aos jornais não parava na elite letrada. Apesar da imprensa, tipografias e livrarias começarem a ganhar mais espaço, ainda eram preservadas as práticas de leitura em voz alta o que permitia a interação com diferentes sujeitos, “[...] havia cruzamentos e interseções entre expressões orais e escritas entre as culturas letradas e iletradas”, dessa forma a leitura dos jornais era uma atividade tanto individual quanto coletiva e proporcionava o debate político para quem lesse e ouvisse.²⁵⁸

Esse discurso de ‘se dirigir ao povo’ representa também uma estratégia de enquadrar e educar as chamadas: “classes perigosas”; se revelando com um formato de “missão pedagógica” em que ele, como letrado esclarecido, faria uma espécie de – catequização política – aos menos favorecidos que careciam de conhecimento. Por outro lado, esse discurso afirmava a presença desses indivíduos nos jornais, ainda que de forma sutil ou indireta.²⁵⁹

Abreu e Lima alertava que a solução para o mal da sociedade: –do horror ao trabalho, de viver a custa alheia, da arrogância, de argumentos sem fundamentos, de desigualdades políticas – seria a boa educação, a casa de correção e prisão com trabalho²⁶⁰, pois a educação é o grande pilar para uma nação civilizada porque ela “aperfeiçoa o homem”, sem ela o homem retorna ao seu estado de natureza.²⁶¹

Ainda acerca do sistema educacional brasileiro, afirmava de forma crítica que ele estava pautado nos costumes do antigo regime em que as classes se dividiam em clérigos e advogados e que não havia investimentos em outras áreas: os que não se encontravam nessas formações ficavam como uma sociedade sem educação e costumes.

A questão educacional refletia também nas eleições. Segundo a *Torre*, a Inglaterra era a nação que mais se preocupava com a representação nacional, enquanto que no Brasil não importava quem fosse desde que se assegurassem as regalias e enfatizava que no dia que os brasileiros tivessem o patriotismo dos ingleses poderiam lisonjea-se de suas eleições.

As principais discussões na *Torre* retratavam as turbulências nas províncias causadas pelo 7 de Abril, a defesa de D. Pedro I como imperador e o seu regresso ao trono, a educação

²⁵⁸ MOREL, MARCO; BARROS, Mariana. Palavra, imagem e poder: O surgimento da imprensa no Brasil no século XIX. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 44.

²⁵⁹ Ibid. p. 41.

²⁶⁰ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Ofício- Mania”. *A Torre de Babel*. Rio de Janeiro, 12 de Janeiro, p.4.

²⁶¹ Id. “O que somos”. *A Torre de Babel*. Rio de Janeiro, 19 de Janeiro, p.4.

como pedra fundamental para o desenvolvimento da nação e a crítica às brigas ideológicas entre os partidos políticos.

Apesar de afirmar não pertencer a partido algum, suas ideias iam de encontro aos ideais do partido dos Caramurus; Abreu e Lima chega a ironizar a insistência de seus opositores de denominá-lo como um Caramuru, dizendo que, já que insistiam que ele era um Caramuru, por defender a Monarquia, por definir o 7 de Abril como sedição militar, ele era então um Caramuru. Entretanto, dizia que os indivíduos dos partidos exaltados e moderados imaginavam que os Caramurus eram como uma ‘Sociedade Secreta’ e, portanto os Caramurus estariam “ocultando um grande segredo”, pois então, que fosse uma “Caramuraria”,²⁶² tal como uma “Maçonaria” e ele era então o “Grão Caramuru” com o 33º grau, porque havia ele passado por todos os graus dessa sociedade secreta sendo digno de ter alcançado o patamar da Sociedade. Apesar da ironia, Abreu e Lima finaliza o mesmo artigo defendendo os mesmos ideais:

Todos aqueles que desejam a felicidade da pátria, desejam a integridade do império, se gloriam de ter um príncipe nascido no Brasil como o 1º Magistrado da Nação, querem um governo legal, porém firme, e desinteressado, querem a Constituição em prática, porém não querem remendar uma Constituição nova só pelo gosto de dar um pai à cada criança, isto é, a cada remendo; querem seguridade, inviolabilidade de pessoas e bens, querem finalmente governantes e governados, porém não intrigantes e intrigados.²⁶³

Os jornais em que Abreu e Lima mais tratou acerca dos partidos foram a *Torre de Babel* e a *Arca de Noé*, ambos publicados em 1833. A *Arca de Noé*²⁶⁴ mais parece uma continuidade da *Torre de Babel*, fosse pelo tempo de publicação bem próximo ou por suas estruturas serem bem semelhantes.

Outro fator importante é que a *Arca de Noé* começa a circular enquanto a *Torre* ainda circulava, na verdade, existe um espaço de pouco mais de um mês entre a antepenúltima e a penúltima edição da *Torre*²⁶⁵, período em que a *Arca de Noé* teve suas primeiras edições²⁶⁶. Se na *Torre de Babel* escrevia-se acerca das múltiplas línguas que tomavam o espaço da política nacional em que os indivíduos não conseguiam se entender, a *Arca de Noé* surgia

²⁶² ABREU E LIMA, José Inácio de. “Caramuru”. *A Torre de Babel*. Rio de Janeiro, 2 de Março de 1833, p. 3.

²⁶³ Ibid.

²⁶⁴ A edição de número seis é a única com seis páginas as demais seguem o padrão de quatro páginas; e a edição de número dezoito está indisponível.

²⁶⁵ Respectivamente 25 de janeiro e 2 de março de 1833.

²⁶⁶ Na devida ordem 12 de fevereiro, 23 de fevereiro e 2 de março de 1833.

como símbolo de aliança no meio dessas múltiplas linguagens, propondo aos partidos que convivessem em harmonia, exemplificando que, apesar de serem de espécies diferentes, os animais da Arca bíblica superaram as suas divergências, desse modo, competia então aos partidos se esvaziarem de suas vaidades e se ajudarem para o bem da pátria.

2.3 A Arca de Noé: “Arca com o mesmo nome que lhe oferecemos nesta folha, nos salve agora do dilúvio de sangue, que nos está eminente, só a ela com fé nos acolhermos”²⁶⁷

O periódico *Arca de Noé*, tinha no início de todas as edições, uma epígrafe do texto bíblico do capítulo 6 de Gênesis fazendo jus ao nome do jornal com a história do dilúvio da Arca de Noé. Sua venda não era por meio de assinaturas, mas sim era vendido avulso por 80 réis e era produzido na tipografia do Diário no Rio de Janeiro sendo comercializado em diferentes locais do Rio de Janeiro, entre eles a rua do ouvidor.

No prospecto da primeira edição, o jornal explicava suas ideologias, fazendo uma analogia da passagem bíblica em que Noé é salvo do dilúvio com a sua família pela Arca onde conviveram com animais de diferentes espécies em harmonia, o jornal se comparava a Arca que seria a salvação para a confusão dos partidos políticos, palco de diferentes opiniões:

Arca com o mesmo nome que lhe oferecemos nesta folha, nos salve agora do dilúvio de sangue, que nos está eminente, só a ela com fé nos acolhermos. Esperamos, pois que se reúnam em santa paz os homens de opiniões diversas, de diferentes credos políticos, e de partidos diametralmente opostos.²⁶⁸

Segundo ele, se as “efervescências das paixões”, a confusão entre os partidos políticos e a divergência de opiniões prosseguissem, levariam a nação à guerra civil, “[...] um dilúvio de sangue, que tem de inundar nossos corpos, e submergir nossas cidades.”²⁶⁹

Enquanto que no *Correo del Orinoco* a questão da guerra por independência era exaltada pelo ímpeto de liberdade e revolução, na *Arca*, assim como na *Torre de Babel*, a guerra foi representada como um mal nacional que deveria ser evitada, assim como mudanças políticas radicais, revoluções que alterasse de forma rápida e intensa a estrutura social;

²⁶⁷ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Prospecto”. *Arca de Noé*. Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 1833, p.1.

²⁶⁸ Ibid.

²⁶⁹ Ibid. p.1.

possivelmente reformulação conceitual advém da experiência na América Hispânica, temendo que o Brasil fosse fragmentado tal como a República da Grã-Colômbia. Nesse sentido melhor seria a união entre os partidos – caramurus exaltados e moderados – do que um “dilúvio de sangue”.

As argumentações criticando as desavenças entre os três partidos tem espaço nos artigos acerca do 7 de Abril, dia da Abdicação de D. Pedro I ao trono do Brasil, uma vez que, a partir desse momento, os embates se tornam mais nítidos, tendo suas argumentações em torno da crítica ou defesa da Monarquia. A rivalidade entre os partidos foi exposta por Abreu e Lima como problema que impedia o bom funcionamento da nação e motivo de muitas polêmicas nos seus escritos no período regencial. Foi criticado por outros redatores de periódicos, entre eles, Evaristo da Veiga, no jornal *Aurora Fluminense*²⁷⁰.

Os atritos com Evaristo da Veiga foram iniciados na *Torre de Babel* e se prolongaram na *Arca de Noé*. Evaristo escrevia na *Aurora Fluminense*, jornal que foi alvo das críticas de Abreu e Lima e até apelidado como “Aurora Boreal”²⁷¹.

Na *Aurora Fluminense*, Evaristo dizia que Abreu e Lima era um “panegirista do ex-Imperador”²⁷² e que ele se enaltecia do título de General buscando fama em meio a situação adversa da política brasileira e que para tornar-se famoso insultava a todos nas páginas do seu jornal em “tom de Napoleão”.²⁷³

Abreu e Lima o retrucava dizendo que o seu nome estaria junto aos honrosos nomes dos indivíduos que contribuíram para libertar a América “[...] envolto com os honrosos títulos de Libertador de Venezuela, e da Nova- Granada, de vencedor em Boyacá, em Porto Cabello, em Carabobo, etc,etc [...]”²⁷⁴, enquanto que o dele estaria perdido em algum catálogo de

²⁷⁰ *Aurora Fluminense*. Rio de Janeiro, 1835-36.

²⁷¹ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Carta”. *A Torre de Babel*. Rio de Janeiro, 25 de Janeiro de 1833, p. 1.

²⁷² VEIGA, Evaristo da. “Rio de Janeiro”. *Aurora Fluminense*, Rio de Janeiro, ed. 738, 25 de Fevereiro de 1833, pp. 2-3.

²⁷³ Ibid.

²⁷⁴ ABREU E LIMA, José Inácio de. *Carta do General Abreu e Lima ao Redator da Aurora, em resposta ao artigo de seu número 735 Rio de Janeiro de sexta feira 15 de fevereiro de 1833*. Rio de Janeiro: Typ. De Gueffier, 16 de Fevereiro de 1833.

Disponível em: www.institutoabreuelima.com.br Acessado em: 03/08/2018

livro ²⁷⁵, e o questiona: “ Dizei-me , quanto tendes sacrificado pelo Brasil? Quanto vos custa essa pátria, da que quereis despojar-se?”²⁷⁶

Evaristo, por sua vez, o contra argumentava: “Pergunta-nos o homem que vendeu sua espada ao estrangeiro: o que temos feito o que temos sacrificado pelo Brasil?”

Abreu e Lima era conhecido no Rio de Janeiro como “Colombiano”, o brasileiro que lutou com Bolívar na América Hispânica, contudo, ser “General de Bolívar” não era considerado um elogio na época, visto que, a própria imagem de Simon Bolívar no Brasil era compreendida de forma ambivalente; de um lado era destacado seu projeto de integração da América, de outro, apesar de ser o Libertador, que lutou pela independência, era visto também como um usurpador do poder.

A representação de figura louvável que Abreu e Lima fazia de Bolívar ao associa-lo com D. Pedro I – indivíduos que se dedicaram a nação, a independência e ao bem social – era colocada por outros como uma representação negativa desses sujeitos. Outro fator era que a América Hispânica era um exemplo, para muitos brasileiros, do que não ser; devido as suas revoluções, guerra civil e modelo de governo republicano o qual, aos olhos dos conservadores brasileiros, não deveriam se espelhar e seguir os mesmos passos. Não à toa o Brasil se mantinha, ou, se mantém distante de seus vizinhos.

Maria Ligia Prado, em um artigo,²⁷⁷ afirma que existe um distanciamento do Brasil com os demais países da América Latina, um distanciamento na esfera política e cultural que segundo ela faz com que o Brasil simultaneamente seja e não seja parte da América Latina, isso porque a formação cultural, tradicional, conceitual e política do Brasil estiveram muito voltadas ao mundo europeu como modelo de civilização.

Maria Ligia Prado aponta também para as diferentes colonizações, portuguesa e espanhola, como outro motivo de distanciamento o qual caracterizou cada região com as suas devidas particularidades as quais não tiveram fim pós-independência. Para essa análise, Prado utiliza como objeto de estudo os escritos e jornais do período de formação nacional, o processo de independência e a constituição das Repúblicas da América do Sul no século XIX.

Um dos protagonistas da formação da Nação brasileira foi o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), criado em 1838, com o objetivo de reunir documentos para fomentar a história nacional; promoveu um concurso internacional de como se deveria

²⁷⁵ Ibid.

²⁷⁶ Ibid.

²⁷⁷ PRADO, Maria Ligia Coelho. *O Brasil e a distante América do Sul*. Revista de História, USP, no. 145, 2º semestre de 2001.

escrever a história do Brasil e o ganhador do concurso foi o alemão Karl Friedrich Philipp Von Martius.

A história do Brasil, segundo Karl Martius e outros intelectuais da época, não deveria se moldar conforme as temidas repúblicas, consideradas como forma de governo utópica, ao passo que a monarquia, essa, sim, seria a melhor escolha para a nação.

Por outro lado, Maria Ligia Prado explicava a visão dos outros sobre nós, analisando os escritos de Domingo Sarmiento acerca do Brasil, esse revela a sua “estranheza” frente à nação brasileira da qual a Argentina deveria tomar distância: “[...] Sua visão negativa sobre o Brasil relacionava-se ao convívio entre brancos e escravos, já que os negros eram ‘incapazes de elevar-se as altas regiões da civilização’”²⁷⁸.

A historiografia brasileira do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) se construía em torno da Monarquia como chave de unificação da nação, produzindo uma identidade de dentro para fora com as três raças e se colocando em oposição à política da América Hispânica devido a república, as guerras por independência e também a disputa pela Cisplatina. Todavia o IHGB não formava uma cúpula unificada de um único caminho de projeto nacional, neste momento, tanto dentro quanto fora do Instituto haviam inúmeras ideias em embate de como deveria se constituir a nação e por conseguinte como deveriam contar a sua história.

De acordo com Maria Ligia Prado a construção do imaginário da “outra América”, as divergências entre nós e eles eram acentuadas principalmente pelo modelo de governo, porém, mesmo com a instauração da República brasileira, em 1889, esse imaginário de “nós e eles” não acaba: a república não teve as transformações esperadas em tempo imediato; D. Pedro II permanecia como um bom tutor preocupado com a nação; a monarquia era substituída pela república, porém seu legado de unificação da nação e integridade territorial eram exaltadas:

[...] com a República novas identidades ganhavam consistência. Estabeleceram-se linhas de simpatia com relação aos Estados Unidos, nesse tempo de afirmação do novo regime, significando mais um aprofundamento nos sulcos da trilha que afastava o Brasil dos países hispano-americanos. Em contraposição, aconteciam na América Hispânica, no fim do século XIX e começo do XX, manifestações de busca de identidade alicerçadas nas raízes culturais hispânicas e na valorização da herança da colonização, não ocorrendo, portanto, as mesmas “afinidades eletivas.”²⁷⁹

²⁷⁸ PRADO, Maria Ligia Coelho. *O Brasil e a distante América do Sul*. Revista de História, USP, no. 145, 2º semestre de 2001, p.130.

²⁷⁹ Ibid., p. 140.

As diferenças entre a América Hispânica e o Brasil eram mais fortes do que suas semelhanças. A república não foi capaz de aproximá-las. O Brasil prosseguiu em alimentar um “sentimento anti-hispânico”²⁸⁰. Maria Ligia Prado ressalta ainda acerca da criação do Mercosul que colocou em confronto novas formas de se pensar a América, contudo, a integração e, sobretudo o sentimento de pertencimento, está mais além do que os acordos diplomáticos. Certamente esses acordos são pontos chaves para as relações internacionais da América do Sul, porém é uma questão internacional – diplomática, econômica, política, ideológica e social – e, partindo desse conjunto de ações, até que ponto nos identificamos como latinos? Ainda podemos questionar se somos irmãos latinos ou parentes distantes.

Retomando ao século XIX, o conflito entre Abreu e Lima e Evaristo da Veiga demonstra a ótica brasileira do século XIX acerca da América Hispânica: a atuação de Abreu e Lima na América Hispânica era confrontada por outros intelectuais, os quais também compreendiam a América Hispânica de modo depreciativo.

Evaristo questionava ainda por qual motivo Abreu e Lima não retornou ao seu país na época da independência, em 1822, em que as “[...] portas da liberdade haviam sido abertas a todos os proscritos, presos e perseguidos por opinião política [...]”²⁸¹, preferindo ele permanecer com Simon Bolívar e depois de sua morte ir para a Europa em busca de “fama”. Dado isso, Evaristo o classificava como um “aventureiro” que procurava destacar-se no meio político, mas que fazia de forma errônea, pois insultava a todos, colocando uns contra outros.

Evaristo da Veiga escrevia ainda, a respeito do posicionamento político de Abreu e Lima que ele achava que nutria dos mesmos sentimentos patrióticos do seu pai, o Padre Roma um mártir de 1817, contudo, se fosse hoje, ele (seu pai) o “[...] amaldiçoaria como a um satélite de D. Pedro I e um restaurador [...]”²⁸².

Na *Arca de Noé*, Abreu e Lima escrevia trechos da crítica de Evaristo na *Aurora Fluminense*, que, por sua vez, se queixava de que os portugueses estavam ocupando os negócios políticos e até mesmo a redação dos jornais; Abreu e Lima dizia que, na verdade, Evaristo não estava se queixando de portugueses e, sim, dos brasileiros adotivos, mas não queria transparecer ser um “falsário” e que, por mais que os portugueses estivessem atuando na imprensa, isso não era um crime. Na opinião de Abreu e Lima, Evaristo da Veiga e o

²⁸⁰ PRADO, Maria Ligia Coelho. *O Brasil e a distante América do Sul*. Revista de História, USP, no. 145, 2º semestre de 2001, p.141.

²⁸¹ VEIGA, Evaristo da. “Interior”. *Aurora Fluminense*. Rio de Janeiro, ed. 739 vol. 6, 27 de Fevereiro de 1833, p. 2.

²⁸² Ibid.

governo de forma geral não eram hospitaleiros com os estrangeiros, pois os perseguiam e tudo resultava em tirania tanto para aqueles que eram pertencentes à nação quanto para os que buscavam nela abrigo:

[...] Não admira que os estrangeiros se vejam injustamente perseguidos quando os mesmo nacionais vivem debaixo do peso da tirania insuportável. Maldito seja o governo, que só se nutre da intriga; que para esquecer seus crimes rivalizam os cidadãos; e que desconhece nos direitos de hospitalidade, denegando estrangeiro a proteção que lhes é devida.²⁸³

As discussões políticas com Evaristo da Veiga eram falas carregadas de insultos de ambos os lados, com afrontas que versavam tanto o posicionamento político quanto o viés pessoal; as cartas e artigos eram expostas na imprensa periódica, cada um respondia ao outro no seu próprio jornal, os embates entre eles, para além das ofensas, representavam também a disputa pela legitimidade do que estavam construindo enquanto nação.

A *Aurora Fluminense* era um jornal porta voz dos moderados²⁸⁴ que tinha outros redatores, e acabou seguindo depois apenas com Evaristo da Veiga. É provável que se a *Aurora Fluminense* não tivesse tido interrupção de publicação de 1836 até 1837, teríamos visto atritos também com o Raio de Júpiter, visto que Evaristo defendia a Regência enquanto que Abreu e Lima a criticava e as opiniões de ambos repeliam-se.

A partir da Abdicação de D. Pedro I, em 1831, ocasionando a vacância do trono no Brasil, deu-se início a uma série de conjunturas políticas e disputas partidárias mais acirradas as quais foram intensificadas na instabilidade política acentuada nas Regências.

Uns compreendiam o processo de abdicação como uma revolução, resultante de um patriotismo, feito por uma “Revolução Gloriosa” em que, diferentemente da América Hispânica, o Brasil conquistava a sua independência sem derramamento de sangue, pois D. Pedro, pressionado por essa revolução, não teria tido outra saída a não ser deixar o trono; outros, assim como Abreu e Lima, classificava como uma “sedição militar”, em que D. Pedro I havia abdicado porque quis:

[...] Não quero que me chamem de Caramuru; Moderado; Exaltado ou um c... que os atravesse. Porém, os que se lisonjeiam de terem feito uma revolução se enganam:

²⁸³ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Parecer”. *Arca de Noé*. Rio de Janeiro, ed. 20, 5 de Dezembro de 1833, p.4.

²⁸⁴ CRESPO, Fernanda; NUNES, Talita. “Aurora Fluminense: a voz dos moderados (1827-1832)”. IN: RIBEIRO, Gladys Sabina. (org.). *Brasileiros e Cidadãos: Modernidade Política (1822- 1930)*. São Paulo: Alameda, 2008, PP.395-407.

apenas concorreram para uma sedição militar: a revolução começou depois da Abdicação, porém entregue a si mesma se paralisou, ficou estacionária.²⁸⁵

Contudo, o 7 de abril está para além de uma relação pautada entre a revolução e sedição militar. O movimento envolveu vários agentes sociais e objetivos diferentes, não foi uma mobilização exclusiva da elite, mas, também, das articulações de diferentes grupos atuantes na imprensa periódica, fazendo do jornal seu principal meio de contestação e oratória política. O jornal era representante da opinião pública, ainda que a opinião que circulava no universo das letras não fosse tão pública assim.

Além do jornal, as sociedades secretas, por exemplo, a maçonaria, formada por indivíduos influentes, exerciam forças políticas de destaque assim como o parlamento, o exército e, sobretudo, o povo, que teve grande participação enchendo as ruas nas manifestações:

Evento emblemático, o 7 de Abril consagrou o espaço público como arena de luta dos mais diversos grupos políticos e camadas sociais, marcando a emergência de novas formas de ação política, em momento no qual, transbordando a tradicional esfera dos círculos palacianos e das instituições representativas, tornava-se pública, e se assistia a uma rápida politização das ruas.²⁸⁶

A união dos partidos em prol da “revolução gloriosa” em pouco tempo foi destituída devido ao distanciamento dos projetos políticos de ambos partidos – exaltados e moderados, e, o terceiro, formado nos momentos iniciais da Regência, os Caramurus.

Os exaltados com filosofias mais jacobinas e liberais; os moderados buscavam uma liberdade que não infligisse à política comum; e os Caramurus defendiam o liberalismo, porém dentro do que era permitido na Constituição enaltecendo a Monarquia Constitucional. Os três partidos tinham objetivos de nação que caminhavam em direções opostas, todavia, ao mesmo tempo em que pretendiam avançar com ideias modernas, as misturavam com as do Antigo Regime.²⁸⁷

Em meio à política tão conturbada e de diferentes atores sociais, protagonizando a esfera pública, no período regencial, para além das disputas partidárias, havia também, a luta

²⁸⁵ ABREU E LIMA, José Inácio de. “7 de Abril”. Torre de Babel. Rio de Janeiro, ed. 5, 16 de janeiro de 1833, p. 1.

²⁸⁶ BASILE, Marcello. “O Laboratório da Nação: A era Regencial (1831- 1840)”. IN: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. *O Brasil Imperial (1831- 1870)* Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 59.

²⁸⁷ Ibid. pp. 59-61.

pela legitimidade dos conceitos que marcaram os princípios da modernidade que se queria efetivar no Brasil.

Desse modo, na *Arca de Noé* articulava-se à nação em progresso sob a condição de seus cidadãos terem amor à Pátria. Aqui a pátria tem conotação romântica, ligada à ideia de uma fraternidade, do sentimento de nação gerado a partir da ideia de pertencimento territorial, tal como uma Comunidade Imaginada²⁸⁸ em que os indivíduos não se conhecem, mas compartilham do mesmo sentimento de nação e que, portanto, para a estabilidade da nação, deveria ser prioridade a felicidade geral, o bem comum e a harmonia dos projetos de nação.

Nesse sentido, para se afirmar que as suas ideias eram de boas intenções para com a nação, negava-se as atitudes e falas do outro, alegando que a maneira do outro não detinha de verdadeiro patriotismo: “[...] *Quereis pois arrogar o título de patriota, sem lhe importar com a felicidade da pátria, sem se atrever a depor ignóbeis paixões*”²⁸⁹. Segundo os artigos da *Arca de Noé*, haviam indivíduos que se intitulavam patriotas e que insinuavam que suas lutas eram pela causa patriótica, porém, eram na verdade interesseiros que não faziam sacrifícios pela felicidade pública e colocavam os interesses pessoais acima do interesse público, dessa forma, acabavam por “prostituir indignamente a qualidade mais brilhante, que pode revestir o cidadão, e torná-lo o ornamento da Pátria, fazendo-se digno de aplausos, e da estima de seus concidadãos”²⁹⁰.

A *Arca de Noé* descrevia todos os três partidos como a origem de todos os males da nação; a ideia de nação estava ali relacionada ao sentido de ordem, logo a agitação dos partidos era algo alarmante que poderia resultar em revolução e, portanto, também tinha teor negativo.

Em um artigo intitulado “Viva o 7 de Abril”²⁹¹ Abreu e Lima ironizava os que viam esse movimento como uma revolução, ao passo que, em sua opinião, isso representava o desmoronamento da nação. A solução apresentada por ele para a “crise assustadora” era o amor à pátria e o compromisso que se todos os representantes da nação deveriam ter para que também o povo não se acostumassem com uma vida de enganos. Apesar de continuar a dizer que não pertencia a partido político algum, também na *Arca de Noé*, em vários momentos,

²⁸⁸ Ver: ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

²⁸⁹ ABREU E LIMA, José Inácio de. “O amor a Pátria”. *Arca de Noé*. Rio de Janeiro, 27 de Março de 1833, p. 2.

²⁹⁰ Ibid.

²⁹¹ Id. “Viva o 7 de Abril”. *Arca de Noé*. Rio de Janeiro, 12 de Fevereiro de 1833, p.2.

suas argumentações são mais simpatizantes aos discursos dos Caramurus, que, por sua vez, defendiam veementemente a Constituição como pilar da pátria.

No artigo “A Parábola dos Tolos”, a *Arca de Noé* contava uma história de um povo que em uma Assembleia aplaudia o governo republicano que os coordenava, porém as ações desse governo não condiziam com o que pregavam:

Milhares de vezes temos ouvido falar em Federação e reforma da Constituição, e em se conceder as Províncias mais atribuições, e mais poderes, mas tudo isto não passa de meras formalidades, e ensaios para distrair, e esperançar os povos oprimidos, e queixosos, em quanto os Verres da Corte vão a seu alvo praticando quantas arbitrariedades lhes sugere a sua imaginação e que mais a salvo podem contribuir para seu bem estar, sem se importarem com os brasileiros.²⁹²

Abreu e Lima criticava a Federação e a reforma da Constituição alegando que elas faziam parte de estratégias para distrair o “povo oprimido” e que, desde o 7 de Abril, nada de positivo ocorria na nação, estavam entregues ao caos com “ [...] reformas e mais reformas, parecendo-nos que tantos remédios irão de querer aplicar ao enfermo que hão de dar com ele na sepultura.”²⁹³, e novamente considerava uma afronta as opiniões contrárias à figura de D. Pedro I ou, ainda, julgava que esses indivíduos eram ingratos ao Imperador que deu a independência a sua nação; não deveriam banir aquele que os deu a Constituição e a Liberdade, pois “ o Monarca que se desvelou em promover a felicidade da Pátria”²⁹⁴, não sendo, então, o Monarca o perigo para a nação e sim os jacobinos, revoltosos que tentavam destruir a Constituição:

[...] bem perigosos são esses facciosos, esses jacobinos que minam pelas bases o Edifício Constitucional, e trabalham já seu esboço na destruição da Monarquia, ou na federação de repúblicas *sui generis* e Convenções a maneira da França, perigosos são estes e não o Sr. D. Pedro.²⁹⁵

Segundo Abreu e Lima, as reformas coordenadas pelas Regências não deveriam ser sancionadas, visto a menoridade do Imperador que ainda não havia jurado a Constituição, uma tarefa exclusivamente sua, não se deveria alterar a lei a fim de tratar das reformar e, por conta de tais reformas, estavam as invasões e acúmulos de poder. De acordo com o que Abreu

²⁹² ABREU E LIMA, José Inácio de. “A Parábola dos Tolos”. *Arca de Noé*. Rio de Janeiro, ed. 14, 20 de Julho de 1833, p. 2.

²⁹³ Ibid. p. 3.

²⁹⁴ Ibid. p. 4.

²⁹⁵ Ibid.

e Lima escrevia, se a nação continuasse a caminhar nesse sentido a Constituição, antes mesmo do príncipe fazer o juramento, já estaria “despedaçada” pela tirania que dominava a esfera política. Todo o processo conturbado de política nacional brasileira era compreendido por Abreu e Lima sempre, nos jornais fluminenses, a partir da abdicação de D. Pedro I, por essa razão o evento do 7 de Abril é tão repetitivo em suas falas, ligando diferentes pontos e agentes sociais.

As refutações da *Arca* acerca do 7 de Abril criticavam também os militares e os colocava como “[...] iludidos para a ruína e desgraça da Pátria.”²⁹⁶; e, ainda, apontava para o baixo número de militares após a abdicação; achava terrível a opinião daqueles que diziam que o Brasil não carecia de tropas para defender o seu território, pois os colocava em posição vulnerável: “[...]O que iria fazer a Corveta de Guerra a Montevideú? Toremos guerra ou não com Buenos Aires? Com que tropa nos defenderemos por terra, ou com que vasos de guerra impediremos no mar seus Corsários? [...]”²⁹⁷.

Por outro lado, tentava em outro momento defender o direito dos militares, reclamando do decreto de José Ferreira Brito e Manoel da Fonseca Lima e Silva de 27 de fevereiro de 1833, o qual impedia que os militares se voltassem contra a Regência até mesmo em suas opiniões. Segundo o artigo da *Arca de Noé*, a Regência estava negando os direitos dos militares enquanto cidadãos participativos da sociedade e que a Regência formava um governo tirânico que estava tirando a liberdade dos cidadãos brasileiros, em suas palavras: Os “[...] militares já não tem liberdade de pensar, eles não podem, pois ter opiniões políticas! As portas da Inquisição se lhes abrem de novo Torquemadas²⁹⁸ vão exercer seu duro Império!”²⁹⁹

Abreu e Lima frisava que, frente à tantas mudanças políticas, os conceitos também se alteravam, exemplifica falando acerca da tirania, “[...] aquilo que de antes se chamava tirania era clemencia, brandura [...]”³⁰⁰ e após a abdicação de D. Pedro I a tirania se remetia a despotismo e arbitrariedade.

Na *Arca de Noé*, o conceito de liberdade que os reformistas bradavam era de uma liberdade que não existia, a liberdade era uma palavra da moda e esses, os “liberais da

²⁹⁶ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Militares”. *Arca de Noé*. Rio de Janeiro, ed.1, 12 de Fevereiro de 1833, p. 4.

²⁹⁷ Ibid. p.4.

²⁹⁸ Tomas de Torquemadas (1420- 1498), foi o grande e mui temido inquisidor da Espanha no século XV.

²⁹⁹ Ibid. p. 3.

³⁰⁰ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Tirana e tirania”. *Arca de Noé*. Rio de Janeiro, ed. 11, 8 de Junho de 1833, p. 2.

moda”³⁰¹, em que os princípios da Constituição eram violados, rebeliões ocorriam, trapaceavam-se nas eleições e os indivíduos cegos gritavam “viva a liberdade”, achando que essa suposta liberdade alcançada pela abdicação traria benefícios à nação. Ocorria que o conceito de liberdade, bem como o de revolução, ganhava novos formatos nas páginas dos jornais que Abreu e Lima escrevia e que excluía qualquer mudança brusca ou estrutural na nação.

Ao aproximar das eleições para deputado, a *Arca de Noé* alertava seus leitores de que esse era o dia “[...] mais nobre e sagrado direito [...]”³⁰², em que os patriotas, homens de virtude, escolheriam seus representantes a fim de defenderem a dignidade do povo, portanto, sugeria que escolhessem os candidatos de oposição, os quais não poderiam de forma alguma ser esquecidos pelo povo, pois prestavam serviços à causa da liberdade³⁰³. Citava como exemplo o caso francês: “[...] quando reinava o despotismo de Carlos X os membros da oposição foram eleitos quase por todos os departamentos.”³⁰⁴

Passado o período das Eleições, a *Arca de Noé* parabeniza, com tom irônico, a Pátria e ao Senado pela ilegalidade da eleição do Padre Diogo Antônio Feijó, alegando que esta era a ação mais danosa à Pátria. A partir daí, as intrigas com Feijó ganham cena e se perpetua até o próximo jornal: *O Raio de Júpiter* (1836), em que um dos principais objetivos do General Abreu e Lima se consistia na crítica à política e ao cargo ocupado por Feijó.

Para validar sua ideia de restauração do trono por D. Pedro I, ele citava vários exemplos na história em que a Restauração, segundo ele, teve caráter positivo. Exceto a de Carlos I na Inglaterra, porém dentro as que tiveram êxito estavam: Luís XVIII, na França; D. João VI, em Portugal; Fernando VII, na Espanha. “[...] a história das nações onde se tem efetuado restaurações dos príncipes ou dinastias decaídas, em todos eles, à exceção do primeiro (Carlos I), não encontramos esses horrores que se querem figurar.”³⁰⁵

Na *Arca*, foram expostas também as manifestações, rebeliões e movimentos de sublevação da Regência em Minas Gerais, Alagoas, Pará.

³⁰¹ Id. “Os Liberais da Moda”. *Arca de Noé*. Rio de Janeiro, ed. 2, 23 de Fevereiro de 1833, p. 3.

³⁰² Id. “Eleições”. *Arca de Noé*. Rio de Janeiro, ed. 3, 2 de Março de 1833, p. 4.

³⁰³ Ibid.

³⁰⁴ Ibid.

³⁰⁵ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Restauração”. *Arca de Noé*. Rio de Janeiro, ed. 2, 23 de Fevereiro de 1833, p. 3.

O ocorrido em Minas Gerais, por exemplo, era narrado como um “aspecto horrendo” que tinha como meta “[...] ver no solo brasileiro as sombras medonhas de Robespierre, dos Marats, dos Dartons ensopados as mãos de sangue de seus concidadãos.”, e exclamava: “[...] Oh meu Deus de que lúgrube espetáculo não vai testemunhar o povo brasileiro!”³⁰⁶

A Revolta da Fumaça foi uma “[...] sedição civil-militar” em que o grupo político moderado toma o poder na província de Minas Gerais por cerca de dois meses. Esse grupo de *restauradores* foram presos várias autoridades, entre elas o vice-presidente Bernardo Pereira Vasconcelos.³⁰⁷

Os Vasconcelos eram classificados como os “novos Robespierres da Revolução Francesa”, contudo, em uma ótica negativa, promovendo a “guerra civil na província de Minas Gerais”. Desde o 7 de Abril, de acordo com a *Arca de Noé*, o Brasil passava por “revoluções e revoluções” que arquitetavam a ruína nacional numa sucessão de fatos desastrosos: a integridade da nação e do território estavam em perigo, pois os Jacobinos, que se autodenominavam patriotas, haviam na verdade usurpado esse nome, assim como usurpavam da liberdade nacional; para Abreu e Lima o que lhes cairiam melhor era o nome de “arquitetos de ruínas”³⁰⁸.

Ainda no Rio de Janeiro e escrevendo em defesa da monarquia nos jornais, Abreu e Lima participou de forma indireta no Movimento Cabanos, em Recife no ano de 1834: “[...] *E não me vou já para Pernambuco porque te prometi não me mover daqui sem o teu aviso[...]*”³⁰⁹

O movimento dos Cabanos foi uma das revoltas ocorridas no período regencial. Iniciada em 1832, os Cabanos – devido a abdicação de D. Pedro I, em 1831, em oposição ao governo regencial que se estabelecia, visto a menoridade de D. Pedro II – lutavam em prol da restauração da Monarquia.

A “revolução” que estava sendo colocada por Abreu e Lima como algo alarmante que deveria ser evitado para o bem e integração da nação (na *Torre de Babel*; na *Arca de Noé*; no *Raio de Júpiter*; assim como no livro *Bosquejo Histórico e Político do Brasil* – o qual é uma compilação de artigos, possivelmente publicados no periódico *Mensageiro Nictheroyense*;) foi argumentado de forma um pouco diferente em suas cartas no período dos Cabanos. A

³⁰⁶ Id. “Barbacena 23 de Abril de 1833”. *Arca de Noé*. Rio de Janeiro, ed.9, 11 de Maio de 1833, p. 3.

³⁰⁷ MOREL, Marco. O Período das Regências (1831-1840). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 57.

³⁰⁸ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Os arquitetos de Ruínas”. *Arca de Noé*. Rio de Janeiro, ed. 10, 23 de Maio de 1833, p. 3.

³⁰⁹ Id. “Dias da Semana”. *Diário de Pernambuco*, ed. 292, 12 de Janeiro de 1834, p.1.

revolução teria uma conotação positiva, da mesma forma que era exposta no *Correo del Orinoco* como um fenômeno necessário, porém, não se configurava como uma mudança brusca e sim de reforma, no caso de uma restauração.

A participação de Abreu e Lima se dá através de mobilização de ideias nos jornais em que havia fundado no Rio de Janeiro e ainda as articulações com outras Províncias, como por exemplo, as instruções para o seu irmão Luiz Ignácio Ribeiro Roma, a quem chamava carinhosamente de "Lulu", por meio de cartas às quais o jornal *Diário de Pernambuco* publicou, pois foram abertas a público por ordem judicial:

[...] Lulu: o Norte é quem há de decidir o problema, se tu logras dirigir os Cabanos a um centro comum e consegues um primeiro triunfo, podes contar que a minha incorporação ao partido é o sinal de um movimento geral; eu hoje concebo que o Rio de Janeiro há de ser a última Província que se declare, por que aqui está o foco de todos os ambiciosos, e o assento de toda a intriga, aqui é o germe das antigas influências, e, sobretudo, por que a revolução não se faz sem pancadaria. [...]³¹⁰

As cartas foram utilizadas como meio de comprovação de sua "participação", Luiz foi preso, mas absolvido em 1835.

Não era apenas a imprensa fluminense que criticava Abreu e Lima quando ele escrevia na Torre de Babel e na Arca de Noé com posicionamento favorável à figura de D. Pedro, mas também a imprensa pernambucana.

O jornal *O Velho Pernambucano*³¹¹ era impresso por Joze Victorino de Abreu pela tipografia do Diário, era um periódico gratuito para aqueles que eram assinantes do *Diário de Pernambuco*; suas publicações eram feitas uma vez por semana e tinha como slogan uma frase de Camões: “*Uma nuvem, que os ares escurece sobre nossas cabeças aparece*”. Esse jornal questionava o envolvimento de Abreu e Lima com os Cabanos tendo em vista a sua ação liberal na Venezuela, o passado de seu pai em meio a Revolução de 1817 e que, em seu país, estava contradizendo toda a questão de liberdade que lutava por tanto tempo em prol da restauração do governo a D. Pedro I:

O General Abreu e Lima, geralmente conhecido aqui (referindo-se a Pernambuco) pelo nome de Roma, dizem, escrevera uma carta a seus Irmãos aconselhando-os que não se prestassem a serviço contra os Cabanos, que eram a sua salvaguarda, e a Guarda avançada de suas tropas. Querem mais? Tudo vai mostrando, que grandes planos hão concebido os partidistas de D. Pedro. Nunca mui distante deve estar o Exército, quando já os Cabanos são para eles a Guarda avançada. O que é mais

³¹⁰ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Dias da Semana”. *Diário de Pernambuco*, ed. 292, 12 de Janeiro de 1834, p.1.

³¹¹ *O Velho Pernambucano*. Pernambuco, 1833.

notável é, que o General Lima, que ostentava de tão liberal, que se dizia o libertador de Venezuela etc, que serviços inúmeros prestou a causa da Liberdade da Colômbia, voltando ao seu país natal, abraçando a causa da restauração.[...] ³¹²

O movimento foi sufocado pela Carneirada. O nome do movimento advém de seus líderes, os irmãos Francisco e Antônio Carneiro. O movimento foi uma das sublevações do período Regencial, de caráter liberal que tinha por objetivo conquistar Recife e se opor ao movimento dos Cabanos que propunha o regresso de D. Pedro I ao governo do Brasil, e, após a morte de D. Pedro I, o movimento deixava de ter sentido; porém, Abreu e Lima continuaria a favor da Monarquia e se opondo ao governo regencial.

É importante salientar que o processo de atuação política de Abreu e Lima, de sua trajetória como militar e vida privada estão diretamente ligadas à maçonaria.

Ocorre que a sociedade maçônica conectava os indivíduos e é um fenômeno indispensável para se compreender as redes de sociabilidade, relações de troca e ideias libertárias, visto que o grupo maçônico foi destaque das articulações políticas, tais como: A Revolução de 1817, Proclamação da República, o processo de independência da América Hispânica, entre outros.

A Maçonaria ocupa um lugar importante nos processos políticos e, de certa forma, compreender a atuação de Abreu e Lima implica também em associa-la a rede de sociabilidade maçônica e compreender que seus membros fazem parte de outros ciclos sociais os quais também tem suas influências, por exemplo, a imprensa e a formação de ideais no ambiente político. Nesse sentido, a maçonaria também estava fomentando um projeto nacional; achavam-se numa função pedagógica de levar luzes do conhecimento à sociedade.

Assim como o seu pai, Abreu e Lima também era maçom e foi a maçonaria que colaborou para sua saída do país após o fuzilamento de seu pai e colocando-lhe em contato com Cabugá nos Estados Unidos. No processo de independência da América Hispânica, a maçonaria também esteve presente. Em carta dirigida ao General Santander, Abreu e Lima ressaltava que o jornal *El Iris* estava a retratar sobre a maçonaria e as ideias de liberdade.

Em outra carta ³¹³, também destinada a Santander, Abreu e Lima projetava uma expansão da sociedade maçônica em Bogotá no intuito de criar o Grande Oriente na

³¹² “O General Abreu e Lima”. *O Velho Pernambuco*. Pernambuco, ed.2, 29 de Julho de 1833, p. 4.

³¹³ “Carta del Tieniente Coronel Abreu e Lima al General Francisco de Paula Santander”. Vice Presidente de la República de Colombia . Puerto Cabello, Julio 7 de 1822. Archivo Santander. Vol III. Bogotá, 1916, pp. 303-305. Apud. CARNICELLI, Américo. *La Masonería en la Independencia de América*. 1810-1830, II Tomos, Cooperativa Nacional de Artes Gráficas, Bogotá, 1970, vol I, p. 271.

Venezuela e que, no processo de formação da nação, a maçonaria colaboraria para a construção de um pensamento moral e político para a sociedade, novamente a ideia de uma função pedagógica.

Abreu e Lima alcançou o 33º grau da maçonaria e sua atuação ou até mesmo os seus escritos dentro da Sociedade Maçônica ainda carecem de mais pesquisas.

Pode-se levantar a hipótese de que a aproximação de Abreu e Lima com D. Pedro I tenha ocorrido por parte da maçonaria; na viagem para a Europa que Abreu e Lima fez após a morte de Bolívar, somando ao fato que logo quando retornou ao Brasil passou a articular por meio da imprensa o retorno de D. Pedro I ao trono.

Além disso, em 1835 quando estava no Rio de Janeiro escreveu o *Manifesto da Maçonaria*, a obra, dedicada ao Império do Brasil em prol da “*tolerância, união e prosperidade*” e publicada pela tipografia fluminense. O *Manifesto* é fruto de uma crítica acerca da Maçonaria por um de seus membros, que Abreu e Lima pelo *Manifesto* refutava afirmando que: do mesmo modo que uma nação deve explicações a seus membros a Sociedade Maçônica, “[...] *uma associação universal que abrange 79 Estados e Províncias do globo; principalmente quando se julgam gratuitamente ofendidos os interesses da comunidade por um de seus membros*”³¹⁴.

Abreu e Lima definia a maçonaria da seguinte maneira:

[...] é a mais moderna, assim como a mais justa, a mais leal e a mais nobre de todas as Instituições humanas. Contudo, esta se entende pelo o que toca a sua forma, este é , aos misteriosos e a sua iniciação; mas enquanto a matéria, que é a moral santa d’onde deriva a excelência dos seus princípios, dos seus meios e dos seus fins; pois que esta é tão antiga como a eterna origem d’onde dimanou.³¹⁵

No Manifesto, ele conta a história da Sociedade Maçônica, seus princípios e fundamentos, e a coloca como uma instituição com responsabilidade para com a sociedade e com os projetos de nação:

[...] Foi depois da propagação da Maçonaria que o sistema feudal recebeu o último golpe, e que o despotismo civil foi perdendo o terreno que ocupava. Que os sábios se reuniram para fazer participar das suas luzes os homens de todas as seitas e de

Disponível em: <<http://www.freemasons-freemasonry.com/23carvalho.html>> Acessado em: 06 de Setembro de 2019; 30 de Setembro de 2019;

³¹⁴ ABREU E LIMA, José Inácio de. Manifesto da Maçonaria. Rio de Janeiro: Tipografia Fluminense, 1835, p. 5.

³¹⁵ ABREU E LIMA, José Inácio de. Manifesto da Maçonaria. Rio de Janeiro: Tipografia Fluminense, 1835, p. 6.

todos os climas; que a tortura e as marcas desapareceram, e que a intolerância civil fugiu espavorida dos recintos que ocupava a filosofia.³¹⁶

Após esses escritos e o *Bosquejo Político*³¹⁷, obra em que diferencia as questões de Monarquia e República anteriormente argumentadas na *Torre de Babel* e *Arca de Noé*, as suas propostas agora seriam expostas no seu novo jornal *O Raio de Júpiter*, onde defendia que a princesa D. Januária deveria assumir o governo até que seu irmão alcançasse a idade ideal.

2.4 Período Regencial: *O Raio de Júpiter* e a Liberdade de Imprensa

O Período Regencial, marcado por dois momentos chaves: – o avanço liberal e o regresso conservador – foi um dos períodos mais conturbados da história do Brasil, visto que o país ainda estava se definindo como nação, ou melhor, império-nação e definindo também seu modelo de governo. A instabilidade político-governamental; os múltiplos protagonistas; a menoridade de D. Pedro II, e o avançar de novas ideias colaboraram para inúmeras revoltas em todo o país e diversos posicionamentos políticos; a relação com outros países; e também colocava em voga a unidade territorial.

Essa movimentação envolveu setores ampliados, desde escravos, índios, grupos urbanos, rurais, intelectuais, camadas pobres, nobres, grandes e pequenos proprietários, cujos comportamentos políticos podiam não corresponder de maneira simétrica ao que se espera das respectivas posições na hierarquia da sociedade.³¹⁸

Marco Morel vê o período regencial como um dos poucos momentos políticos e sociais do Brasil em que foi feito um laboratório, no sentido de discussão dos projetos nacionais, em que muitos conceitos, costumes, sistemas de governo, questões econômicas, territoriais e sociais foram colocadas em debate.

O período regencial, classificado como momento de política instável, foi também o período chave na formação do Estado-Nação, mediante a carência de representatividade e centralização do poder, muitas coisas se definiram a partir das cisões políticas, das disputas

³¹⁶ Ibidem p. 18. Apud: SOUSA, Monique Sousa. “Abreu e Lima e o Manifesto da Maçonaria”. *Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 276, 5 e 6 de Outubro de 2019, p. 34.

³¹⁷ *Bosquejo histórico, político e literário do Império do Brasil*. Niterói: Tipografia Niterói do Rego e Companhia, 1835.

³¹⁸ MOREL, Marco. *O Período das Regências (1831-1840)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.9.

pela opinião pública, das rebeliões que tomaram conta desse período, em que *Exaltados* (autonomia das províncias, fim do poder moderador, articulações de federalismo e república), *Moderados* (inclinações ao modelo federalista, porém eram a favor da monarquia desde que atendesse aos interesses da elite) e *Caramurus* (defendiam o retorno de D. Pedro) disputavam na imprensa a opinião pública e desenhavam projetos de nação.

Com a abdicação de D. Pedro I, a palavra revolução se espalhou no cenário público/político. Dentre suas múltiplas interpretações, estava à ideia de progresso e a leitura da abdicação como uma revolução gloriosa. A revolução foi compreendida por alguns aspectos: no sentido de rebelião; regeneração e moderação.

O período regencial, marcado principalmente pelo avanço liberal e o regresso conservador, pode ser dividido em quatro fases. A Regência Trina Provisória é a primeira delas. Foi iniciada logo após a abdicação de D. Pedro I, de abril a julho de 1831, e era formada com parlamentares que estavam no Rio de Janeiro, visto que a Assembleia estava em recesso, são eles: José Joaquim Carneiro de Campos, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro e Francisco de Lima e Silva. Entre as medidas tomadas, estavam a suspensão do Poder Moderador temporariamente e a expulsão de estrangeiros no exército.

A segunda fase com a Regência Trina Permanente, que vai de 1831 até 1835. A Assembleia elege novos regentes: deputados João Bráulio Muniz, José da Costa Carvalho e o brigadeiro Francisco de Lima e Silva e o Padre Diogo Antônio Feijó como Ministro da Justiça. Entre as reformas institucionais, destaca-se:

1) em 1832 código de processo criminal (mais poder para os juizes de paz, figuras regionais que faziam registro de nascimento e casamento) instituir o júri, habeas corpus;

2) O Ato adicional de 1834 : adento a constituição . O poder moderador não funcionaria durante o período regencial. Suprimir o Conselho de Estado. Criação de assembleias provinciais com maior poder e autonomia (a descentralização de certa maneira era alcançada): nomeavam funcionários públicos, as assembleias provinciais calculavam os impostos e taxas e gastos; e a criação da Guarda Nacional.

A terceira fase com a regência Una do Padre Feijó, de 1835 á 1837, marcado por uma eleição indireta e por inúmeras revoltas regionais, o que conduziu a elite a adotar medidas mais conservadoras. Até então os partidos políticos dividiam-se em: moderados, exaltados e restauradores; agora, passam a dividir-se em progressistas (exaltados e moderados), que defendiam maior autonomia das Províncias e os regressistas (moderado e restaurador): defendiam o fim das revoltas regionais e maior centralização de poder.

Em 1837, seguindo um caráter mais autoritário e com apoio reduzido, Feijó renuncia, dando início às articulações do regresso conservador, finalmente dando início à quarta fase do período regencial, com a Regência Una de Araújo Lima, de 1837 até 1840, resultando no interesse dos conservadores com o golpe da Maioridade, em 1840.

De acordo com Ivana Stolze Lima³¹⁹ (que dedicou as pesquisas acerca dos periódicos na Regência e sobre a construção da língua nacional a partir da análise do “Dicionário da língua brasileira”, publicado em 1832), a língua nacional, a política e a imprensa periódica estavam totalmente interligadas. A política, em fase de governo instável com intensas mudanças que vinham transformando o cenário brasileiro desde a independência, em 1822, os debates acerca da nação foi acalorando-se com a liberdade de imprensa, a abdicação de D. Pedro I, as influências das ideias de liberdade e modernidade, e outros fatores que colaboravam para transformar o quadro imperial, e na Regência as discussões sobre a língua nacional e os conceitos que faziam parte da nação ganhava mais espaço na imprensa:

O período das Regências pode ser considerado um dos mais cruciais na história do Brasil, pela gama de propostas políticas que ali entravam em confrontos, pelos rumos que seriam tomados a partir dele e como resposta às tensões então evidenciadas [...] tipografias, pasquins, periódicos, folhetos e impressos em geral eram instrumento de lutas, que tornavam a política algo público, algo a ser discutido nas ruas, botequins, teatros e quartéis.³²⁰

O dicionário estudado por Ivana Lima é mais um dos artifícios de se legitimar o que era próprio da nação como uma “expansão para dentro”, e tal ação se repetia na literatura, na imprensa, na política, no cotidiano em que novos conceitos e ideias eram construídos e redefinidos.

O período regencial, sobretudo, configurou-se como um momento de intensas articulações políticas promovidas por diferentes grupos e agentes sociais, que tentavam formar e informar o cidadão do que eles entendiam como nação ou legitimar suas ideias. Estavam todos empenhados na luta política em que se discutia a formação de um pensamento político e social da nação que, no que lhe concerne, estava em fase de construção.

Neste sentido, o jornal *O Raio de Júpiter*, era um desses periódicos de oposição ao governo regencial que questionava a forma como a sociedade brasileira estava sendo

³¹⁹ VER: LIMA, Ivana Stolze. “Imprensa, língua, nação e política nas Regências”. IN: LESSA, Mônica Leite; FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. *Entre a Monarquia e a República: Imprensa, pensamento político e historiografia (1822- 1889)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008, pp. 107-121.

³²⁰ LIMA, Ivana Stolze. “Imprensa, língua, nação e política nas Regências”. IN: LESSA, Mônica Leite; FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. *Entre a Monarquia e a República: Imprensa, pensamento político e historiografia (1822- 1889)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008, p.108.

conduzida, colocando em questão temas como: a liberdade de imprensa, a Monarquia Constitucional, a objeção ao Regente Feijó e a defesa da condução do governo pela D. Januária até que D. Pedro II alcançasse a idade para assumir o trono.

O *Raio* era dirigido e escrito por Abreu e Lima, que negava a sua identidade no jornal, dizendo que não se sabia quem era o redator do *Raio de Júpiter* que causava tantas polêmicas, ainda assim os outros jornalistas sabiam bem quem era o crítico e polêmico redator do jornal:

Diz o Fluminense, que o redator do Raio de Júpiter é o mesmo que redigiu a Arca de Noé; mente o Fluminense despejadamente com todos os dentes que tem na boca. Ainda hoje ignoramos a pessoa, que escreveu aquele periódico, do qual lemos apenas alguns números. Assim são todas as ascensões do periódico Mutuco-Malagrida.³²¹

Foi publicado em 1836, circulou na cidade de Niterói, produzido *pela tipografia Niterói de rego e companhia* localizada na rua da conceição, com publicações duas vezes por semana, segundas e quintas-feiras e seguia o padrão dos outros dois jornais fluminenses, *A Torre de Babel* e *a Arca de Noé*, de quatro páginas por edição.

O *Raio* teve apenas vinte e cinco números de edição, sendo a primeira no dia 8 de fevereiro de 1836 e a última, em uma terça-feira, no dia 3 de Maio do mesmo ano.

O jornal foi impedido legalmente de continuar a publicar sendo acusado de “[...] abusos de liberdade de experimentar o pensamento por meio da imprensa. [...]”³²². Como um dos principais argumentos do *Raio de Júpiter* era a liberdade de imprensa, o jornal tinha como epígrafe uma frase publicada pela *Aurora Fluminense*³²³:

“A imprensa periódica digam o que quiserem, raras vezes pode assustar um bom governo. *Aurora Fluminense*. 12/out/1835.”³²⁴

No artigo intitulado “Humilde Petição”, Abreu e Lima explicava a epígrafe escolhida para compor o *Raio de Júpiter*: a frase havia sido retirada do jornal *Aurora Fluminense* através do qual foi onde o autor falava sobre a liberdade de imprensa, no mesmo dia em que o

³²¹ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Desmetido Formal”. *Raio de Júpiter*. Niterói, ed.8, 3 de Março de 1836, p. 4.

³²² Id. “Carta Aberta: Alocução dirigida aos senhores juízes de fato da cidade de Niterói pelos redatores do Raio de Júpiter por ocasião do juízo intentado contra vários números deste periódico.” *O Raio de Júpiter*, 1836.

³²³ VEIGA, Evaristo. “Interior”. *Aurora Fluminense*. Rio de Janeiro, ed. 1105, vol.8, 12 de Outubro de 1835, p.2.

³²⁴ ABREU E LIMA, José Inácio de. *Raio de Júpiter*. Niterói, 1836.

Feijó assumia o cargo de Regente. Segundo o *Raio* o bom governo não temeria a imprensa, mas o mau governo “[...] deveria tremer a cada passo”³²⁵:

A liberdade de imprensa é a última garantia que nos resta, privar-nos dela seria dar garrote ao pensamento, único refrigério dos nossos males. Todavia, pode dizer-se que o seu abuso é um mal que deve cortar-se de raiz, porque pode trazer imensas calamidades, e pode produzir reações violentas como na França ou nos Estados Unidos ultimamente.³²⁶

O *Raio de Júpiter* iniciava a sua argumentação afirmando que não concordava com os diferentes partidos e seus pensamentos controversos que estavam causando a divisão de opinião na população brasileira, com exceção daqueles que fossem a favor da união do Brasil e do sistema Monárquico Constitucional, eram todos antinacionais, “[...] a esse espírito infernal de divisão política faremos pelo contrário uma guerra seja qual for à facção empenhada em mantê-lo em despeito da unidade do Império, e da sua indissolubilidade.”³²⁷

Por sua vez, queixava-se que todos estavam contra aos princípios da nação. Entendendo a nação como território integrado e longe de guerras civis e anarquias, pois, o Pará e recentemente o Rio Grande do Sul, chamado apenas de “Rio Grande”, lutavam pela divisão – Farroupilha.

Em contrapartida, ele afirmava que não estava tudo perdido, tendo em vista que mudanças estruturais arriscariam os interesses de muitos, dentre os tais, as regalias e propriedades, e ainda afirmava que o Brasil não era como os vizinhos da América Hispânica, esses eram “[...] um povo marcial [...]”³²⁸ os quais “[...] a Espanha tornou guerreiros pela pertinácia de torná-los escravos”, isso porque, segundo ele, diferentemente dos vizinhos, o povo brasileiro não tinha exército aguerrido, tão pouco tinha ambições militares ou Generais experientes, e também escrevia que os interesses brasileiros se resumem a viver a custa alheia a qual não dignifica um patriotismo sólido:

Todas as nossas ambições se reduzem a viver à custa alheia, a obter um emprego, um lugar de distinção, e mais que tudo de conveniência; e todos os meios de ação se reduzem a porcas cabalas, míseras intrigas, vis calúnias, e outros embustes de gênero, que em verdade bastão para corromper a moral mais sólida, e o patriotismo mais acendrado.³²⁹

³²⁵ Id. “Humilde Petição”. *Raio de Júpiter*. Niterói, ed. 1, 8 de Fevereiro de 1836, p. 3.

³²⁶ Ibid.

³²⁷ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Introdução”. *Raio de Júpiter*. Niterói, ed.1, 8 de Fevereiro de 1836, p. 1.

³²⁸ Ibid., p. 2.

³²⁹ Ibid.

Novamente no *Raio de Júpiter*, Abreu e Lima afirma não ser de partido algum tão pouco escrever a mando de alguém ou a algum partido político, e acrescenta que suas falas no *Raio* não demandam da opinião pública, apenas de sua consciência que era “tão livre e independente como a águia do deserto ou o condor dos Andes”³³⁰

Uma das discussões, proferidas pelo *Raio de Júpiter*, versava acerca do melhor sistema de governo para a nação, que, diferentemente do que ocorreu na República da Grã Colômbia Abreu e Lima não mais colaborava para erguer uma nação republicana. A Monarquia Constitucional era então a “nossa fé política”.

Segundo o *Raio*, a Monarquia Constitucional era o “complemento do saber humano em ordem à ciência dos governos”³³¹; a república era definida aqui como uma farsa, uma vez que todos os governos começavam como monarquia e os que a destituíam para implantar uma república tinham a liberdade e a igualdade dominadas pela tirania, como, por exemplo: “[...] A constituição de Sólon debaixo da influência do Areópago, até que a liberdade desapareceu com a usurpação de Péricles [...]” e continuava afirmando que isso era o que “[...] diz o americano Briscoe ‘ que a liberdade só pode perecer debaixo do punhal da demagogia’,”³³² em relação às repúblicas modernas dizia que:

Tudo é exceção, tudo transeunte como as glórias deste mundo. A República Batava, que já não existe: a Helvética, que é o foco das intrigas das potências que se disputam a Itália: as cidades anscaticas, verdadeiros portos francos da Confederação Germânica, e todo esse enxame de Republicuetas, que já desapareceram do mapa da Europa. [...]³³³

Em contraposição, resguardava a monarquia, representando-na como patriarcal em que Deus e todos os seres celestes formavam a suprema monarquia, ao passo que a igualdade entre os seres, que era sugerida pela república, era uma utopia, “[...] nem os astros nem os santos são iguais [...]”. A igualdade, portanto, era uma quimera que não existia de fato nem na física tão pouco na moral dos homens: só se pode ter a igualdade de maneira abstrata, nas quantidades, entre pesos e medidas; contudo, quando resulta na espécie, somente de forma abstrata. Para exemplificar ele citava a política dos Estados Unidos em que a abolição da escravidão criava atritos entre o Norte e o Sul e que essa contenda poderia resultar na cisão de

³³⁰ Ibid. p. 1.

³³¹ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Introdução”. *Raio de Júpiter*. Niterói, ed.1, 8 de Fevereiro de 1836, p. 2.

³³² Ibid.

³³³ Ibid.

seu território, pois o povo fazia justiça com as próprias mãos, e ele apontava ironicamente dizendo: “[...] que belo e justo governo! Oh que República! Que pena não imitemos os Estados Unidos!”³³⁴

O Raio de Júpiter era totalmente contra a Regência de Feijó e em todas as edições procurava criticá-lo. Em comparação, a forma de administração do governo nos Estados Unidos o país em que, segundo seus textos irônicos, era “clássico da liberdade e da moralidade”³³⁵, os militares de primeira linha e os clérigos não poderiam ocupar nenhuma área dos três poderes – legislativo executivo e judiciário –, e questiona o porquê nesse ponto eles, os brasileiros, não os imitaram, tendo em vista que Feijó era um padre.³³⁶

A partir da quinta edição, as páginas do *Raio* terá um longo artigo chamado “O Eleito da Nação”³³⁷, texto de críticas ao regente Feijó e sua administração. *O Eleito da Nação* era na verdade uma grande ironia: Abreu e Lima dizia que Feijó não poderia ser chamado de “Eleito da Nação”, porque a nação não o elegeu, o povo não teve participação nas eleições e que, em uma eleição indireta, o povo não exercia a soberania então “[...] como se chama eleito da nação a um Magistrado em cuja nomeação não interveio o povo ?”³³⁸

Não daríamos valor a essa falsidade, se ela não ferisse a honra nacional, e não destruísse os fundamentos do nosso governo representativo: não há país onde mais se fale de princípios, nem também onde mais se tenham adulterado e reduzido ao nada como no Brasil. Quem ouvir apregoar em cada esquina e em cada praça o ELEITO DA NAÇÃO crerá que a Nação Brasileira teve parte na eleição do Sr. Feijó para Regente do Império, e nós dissemos, que o povo teve tanta parte na dita eleição, como na de Luiz Felipe para o rei dos franceses. As nossas provas se fundaram nos princípios gerais do Direito Constitucional, e na opinião de todos os publicitas a respeito do poder eleitoral: nisto não há invectiva senão dilucidação de uma questão de direito, na qual esperamos não tenham intervenção o az de espada e os dois de paus do baralho Fluminense.³³⁹

O artigo apresentava críticas em relação a Feijó, a Regência em sua totalidade e as manifestações que ocorriam nas Províncias. Abreu e Lima fazia comparações com outros países de forma positiva e negativa, assim como os escritos exaltavam a Pátria a partir da Monarquia entendendo a Regência como uma usurpação do poder e que, não à toa, estavam

³³⁴ Ibid.

³³⁵ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Lembrete”. *Raio de Júpiter*. Niterói, ed. 4, 18 de Fevereiro de 1836, p. 4.

³³⁶ Ibid.

³³⁷ Id. “O Eleito da Nação”. *Raio de Júpiter*. Niterói, ed. 5, 22 de Fevereiro de 1836, pp.1-2.

³³⁸ Ibid. p. 2

³³⁹ Ibid. p.1.

tendo como consequência tirania e revoluções. Conceitos como liberdade, soberania, igualdade, tirania, república e monarquia estavam presentes nos seus escritos ao tratar sobre a nação ou para comparar o Brasil com os demais países da América do Sul.

Análogo ao que ocorria no Brasil de uma eleição com poucos eleitores, Abreu e Lima afirmava que a soberania era a supremacia da vontade geral acima das individuais que era então representada pela maioria absoluta que é metade mais um, e dava vários exemplos de eleições com a maioria absoluta.

Nesse aspecto de eleição a América Hispânica aparecia de forma positiva, contudo tal como na *Arca de Noé* e na *Torre de Babel* a América Hispânica também no *Raio de Júpiter* é referenciada com repúdio: por uma ilusão de república, utopia de liberdade e igualdade ou, simplesmente, palco da tirania e guerra civil que eram causadas pelas temíveis revoluções, as quais, por sua vez, também permaneciam no discurso do *Raio* como ação imprudente.

Não menos populares são as eleições de Supremos Magistrados para todas as Repúblicas Americanas, segundo as Constituições existentes: ainda que pela maior parte não se ponham em execução (como entre nós outros) por espírito de facção, ou pelo direito da força, porém o certo é que sem se faz intervir o Povo pela maneira a mais direta, que é possível, como se praticou ultimamente em Buenos Aires.³⁴⁰

Outro exemplo de eleição com maioria absoluta na América, citada no artigo, foi a do México, para Presidente em 1823, porém com número maior de eleitores do que a dos Estados Unidos (também citado aqui como bom exemplo)³⁴¹. De igual modo a da Colômbia em 1830, para presidente e vice, a Constituição da Guatemala de 1824, Peru em 1823 e 1827, “[...] todas elas tem quase as mesmas clausulas para a escolha dos seus primeiros Magistrados, e exige a maioria absoluta dos sufrágios eleitorais, ou da Câmara para que se possa verificar a eleição constitucional.”³⁴²

Até a edição de número nove se vê as argumentações do artigo *O Eleito da Nação* invalidando a Regência sob a figura de Feijó. A partir da edição de número dez, começa um novo longo artigo com o título “*A Sereníssima Princesa Imperial Regente do Império*” que se prolongará até a vigésima quarta edição a defender e instigar que D. Januária assumo o trono: “A princesa Imperial revestida de todo o prestígio de seu nascimento, e das belas graças que

³⁴⁰ ABREU E LIMA, José Inácio de. “O Eleito da Nação”. *Raio de Júpiter*. Niterói, ed. 6, 25 de Fevereiro de 1836, p.1.

³⁴¹ Id. “O Eleito da Nação”. *Raio de Júpiter*. Niterói, ed. 7, 29 de Fevereiro de 1836, p.2.

³⁴² Ibid. p.2.

ornam seu precoce talento comum anjo de salvação nos oferece o Iris de paz e a Arca da Aliança.”³⁴³

Feijó continuava a ser criticado, porém Abreu e Lima passava agora a se dedicar em apresentar a D. Januária como resposta às suas críticas à Regência. Ela era a salvação para a calamidade de guerra civil em que se encontrava a nação brasileira. Segundo suas perspectivas, os representantes da nação deveriam buscar o interesse geral promovendo a salvação pública, tendo em vista, por exemplo, a guerra da Farroupilha no Rio Grande do Sul, que comprometia a integridade do território, era um mau exemplo às demais províncias.

A revolução deveria ser impedida: “no estado em que nos achamos é inevitável uma revolução; resta somente dirigi-la para um fim de pública utilidade, evitando quanto se possa, que ela seja cruenta.”³⁴⁴ E ainda, sugeria a mudança de governo, saindo o Feijó e entrando a princesa, para conter as manifestações:

Se ao estado atual dos nossos negócios políticos lhes podes sermos substituir outro mais favorável e esperançoso, sem que isso tudo custasse uma só gota de sangue brasileiro; se pelo contrário uma nova ordem de coisas pudesse estancar o que corre a choros pelas Províncias extremas, ou pudesse enxugar as lágrimas de milhares de famílias, inconsoláveis pelos desastres da guerra civil; se ao menos evitássemos o mau exemplo do Pará e do Rio Grande, e a rebelião fosse castigada, como um crime capital, então muito ganharíamos com uma mudança qualquer, com tanto que fossem respeitados os princípios conservadores da ordem.³⁴⁵

No *Raio de Júpiter*, a Monarquia Constitucional como melhor forma de governo para a nação brasileira continuava a ser defendida, D. Pedro I já havia falecido, mas Pedro II ainda não poderia ocupar o trono devido à idade. A Regência Una de Feijó, tal como a trina, continuava a ser mal vista. Na ótica de Abreu e Lima, a nação carecia de ordem, em virtude das sublevações que ocorriam por todo o Império, assim como as múltiplas ideias políticas que tomavam conta das folhas da imprensa periódica de forma avassaladora. Desse modo, restava para Abreu e Lima defender que a princesa assumisse o trono até que seu irmão atingisse a idade determinada. Em hipótese alguma a República, aqui, era apresentada como solução, tanto que a essência da nação para Abreu e Lima era a Monárquica, logo, o patriota,

³⁴³ ABREU E LIMA, José Inácio de. “A Sereníssima princesa Imperial Regente do Império”. *Raio de Júpiter*. Niterói, ed. 11, 14 de Março de 1836, p. 1.

³⁴⁴ Id. “A Sereníssima Princesa Imperial Regente do Império”. *Raio de Júpiter*. Niterói, ed. 23, 25 de Abril de 1836, P.2.

³⁴⁵ Ibid.

o que zelava pela nação e pela moral eram aqueles que fossem amigos da Monarquia e dos princípios constitucionais.

No que concerne à “América”, o termo é utilizado para falar da América Hispânica. Raras vezes nos jornais fluminenses escritos por Abreu e Lima se verá o termo sendo associado ao Brasil, fato esse que era recorrente no *Correo del Orinoco* e em suas cartas pessoais, trocadas com Santander e Paéz, quando dizia “América”, ou “sou Americano” até mesmo quando projetava a “Gran Confederacion Americana”³⁴⁶ em que, segundo suas prerrogativas, o Brasil seria o primeiro a se confederar e coordenaria os demais países da América.

Nos seus escritos no Rio de Janeiro, o termo “América” ganha uma conotação negativa possivelmente pela nova conjuntura, novas redes de sociabilidade e ainda pelo resultado de república que ele acompanhou na Venezuela; o Brasil, que teve um processo de independência distinto da América Hispânica, atribuía a esta perspectivas negativas referentes ao seu processo e seus resultados, logo, “[...] a América Hispânica muitas vezes é identificada à república, a barbárie, a anarquia e a fragmentação política, todos os conceitos com forte conteúdo negativo.”³⁴⁷

Nesse sentido, as repúblicas americanas representavam uma nação destruída e lutava para que o Brasil permanecesse com a monarquia, por exemplo, um de seus textos em que tentava exortar a monarquia, alertando ao povo brasileiro do que tem ocorrido na América:

[...] Brasileiros convém-vos a Monarquia? Neste caso toda essa administração vos não convém, porque ela conspira contra os vossos interesses. Vede Buenos Aires, vede Montevideo, e se ainda quereis penetrar-vos mais de todo o horror, que vos inspiram os princípios do Padre Feijó lançai à vista pelo Pacífico, e pelos Andes, e vereis povos inteiros que se espojam no seu próprio sangue, invocando a liberdade, que foge espavorida de seus lares.³⁴⁸

Segundo o que Abreu e Lima escrevia no *Raio*, os princípios de Feijó teriam impacto semelhante aos acontecimentos na América. A seu ver, a liberdade que induzia ao povo a buscar por um governo republicano os conduzia na verdade a uma guerra civil, e que o Brasil tinha sorte de não ter ainda se inclinado à anarquia tal como fizeram “os vizinhos”:

³⁴⁶ Carta de Abreu e Lima ao General Santander 14 de junho de 1823.

³⁴⁷ JUNIOR, João Feres; MADER, Maria Elisa. “América/ Americanos”. IN: JÚNIOR, João Feres (org.). *Léxico da História dos Conceitos Políticos do Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2009, p. 32.

³⁴⁸ ABREU E LIMA, José Inácio de. “A Sereníssima princesa Imperial Regente do Império”. *Raio de Júpiter*. Niterói. ed. 12, 17 de Março de 1836, p.1.

Ah não permita Deus, que abusemos com tanto escândalo dos favores do céu, já que nos preservou por tanto tempo da voragem da anarquia, que devora os nossos vizinhos e conterrâneos; México, Guatemala, Colômbia, Peru, Buenos Aires e Montevidéu nos estão dizendo, quanto vale na América as instituições democráticas. Em cada parte do continente vemos erigido um tempo consagrado à guerra civil; e como inspirados pelo ídolo de sangue que o preside, corremos pressurosos à prestar-lhe acatamento e culto; horrorosos porvir!!!³⁴⁹

Abreu e Lima lembrava ao povo brasileiro como havia sido generoso o governo de D. Pedro I, implantando a Monarquia Constitucional, e que tinham eles a verdadeira liberdade, porque esse modelo de dirigir a nação os haviam livrado de uma administração tirânica, havia promovido a prosperidade e os afastado da guerra civil:

Em balde a mão de um Príncipe generoso nos elevou a mais alta categoria social, em balde nos abriu as portas da prosperidade, e nos franqueou as mais solidas garantias civis e políticas, fundando um trono de liberdade sobre as ruínas da Tirania que ele mesmo derrocara; em balde transpôs o Atlântico para evitar que soçobrasse a barca, que as Sereias tinham feito perder o rumo; em balde nos confiou os mais valiosos penhores da sua afeição e da nossa dita, esperando o nosso desengano. [...] ³⁵⁰

Contudo, afirmava que todo esse bem que a Monarquia fez a nação havia caído no esquecimento, ao passo que a demagogia roubava a cena e usando da palavra “liberdade” os colocava na situação em que se encontravam: onde a monarquia estava fragilizada e/ou ameaçada de desaparecer devido às repercussões e proporções que as ideais republicanas estavam alcançando no cenário brasileiro:

[...] A Demagogia essa fúria de todos os tempos e de todos os climas, se tem sabido insinuar subtilmente, e pela força da perfídia e da simulação, ganhou os degraus do trono, que já ameaçava completa subversão; um ano mais, e a Monarquia desaparecerá do nosso solo. Entretanto o povo geme encadeado pelas travas da ilusão, o aparato da ilegalidade, esse vão simulacro da Demagogia, em nome da liberdade que ela detesta, vai cavando os cimentos do Trono, e do altar, e entre a mais espantosa imoralidade vemos naufragar a fortuna do Brasil.³⁵¹

E prossegue, afirmando que, assim como ele, outros sujeitos estavam preocupados com a nação que, vendo a situação desastrosa que se encontrava a monarquia brasileira, clamavam por socorro. Por sua vez, ele cita a Princesa como desfecho para a infortúnia situação política e social brasileira:

³⁴⁹ ABREU E LIMA, José Inácio de. “A Sereníssima princesa Imperial Regente do Império”. *Raio de Júpiter*. Niterói. ed. 12, 17 de Março de 1836, pp. 1-2.

³⁵⁰ *Ibid.*, p. 2.

³⁵¹ ABREU E LIMA, José Inácio de. “A Sereníssima princesa Imperial Regente do Império”. *Raio de Júpiter*. Niterói. ed. 12, 17 de Março de 1836, p. 2.

[...] Regente do Império a Princesa D. Januária será está à opinião geral do Povo Brasileiro? Serão estes os votos da maioria? Sim, as províncias A proclamam em seus patrióticos transportes, e esperam da Representação Nacional a satisfação dos seus votos, e o complemento das suas esperanças. Seremos atraídoos ainda uma vez? Não o cremos em honra dos Representantes do Povo; não porque seus próprios interesses reclamam uma medida de salvação; eles não abusarão de nossa confiança.³⁵²

De acordo com Marco Morel e Mariana Barros³⁵³, a relação entre os redatores e leitores era também um jogo de imagens entre o espelho e a miragem. Espelho no sentido de projetar ideias e definições a partir das próprias referências; e miragem no sentido de fantasiar uma relação com o público que muita das vezes não existe. Quando falam que determinada posição é a voz da opinião pública, ou ainda, – por exemplo, no *Raio de Júpiter*, quando Abreu e Lima falava da assinatura do jornal³⁵⁴ informando ao público que devido a grande demanda estava abrindo espaço para novos assinantes –, isso pode ser entendido também como uma forma de persuasão para conseguir maior público, para mostrar que seu jornal era bem requisitado.

Havia, ainda, jornais que divulgava o número de assinantes a fim de mostrar ao público que seu jornal era lido por um grande público; ou ainda de divulgar o nome de assinantes a fim de mostrar uma classe de público que lia, ou também de mostrar o quanto o seu jornal atendia a diversas camadas e grupos sociais, “[...] o que estava em jogo era a construção da imagem de um determinado público, e não simplesmente a divulgação imparcial de uma lista socioprofissional”³⁵⁵

Além das questões, já mencionadas que foram abordadas no *Raio de Júpiter*, tais como, a América como exemplo ruim de nação, a exaltação da monarquia, o rechaçamento da república, as críticas ao Regente Feijó e o apelo ao governo coordenado pela princesa D. Januária, estava ainda em meio aos seus escritos o tópico acerca da Liberdade de Imprensa, que na verdade foi pontuada também em outros momentos nos seus textos, porém no *Raio de Júpiter* essa questão tem um peso maior, visto que alguns desses assuntos que eram abordados no jornal, sobretudo a crítica a Feijó foram motivos da perseguição ao seu jornal.

³⁵² Ibid.

³⁵³ MOREL, MARCO; BARROS, Mariana. *Palavra, imagem e poder: O surgimento da imprensa no Brasil no século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

³⁵⁴ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Ao respeitável público”. *Raio de Júpiter*. Niterói, ed. 7, 29 de Fevereiro de 1836, p. 4.

³⁵⁵ MOREL, MARCO; BARROS, Mariana. *Palavra, imagem e poder: O surgimento da imprensa no Brasil no século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 37.

No ato de ir para o prelo o presente número foi cercado esta tipografia por Soldados do corpo de Permanentes de Niterói; e em nome do juiz de direito dessa mesma cidade foram arrancados de dentro de casa todos os compositores, empregados na impressão de vários projetos da Assembleia Provincial, do Mensageiro, e do Raio de Júpiter; e foi com muita dificuldade que podemos salvar a composição deste número, e a de alguns projetos, já reclamamos pela mesma assembleia.³⁵⁶

Apesar do *Raio de Júpiter* ter sido absolvido, o periódico não prosseguiu, foi somente a edição 25, conforme sentenciado. Circulou, antes do decreto final de absolvição, uma alocução dirigida aos juízes de Niterói que estavam responsáveis pelo caso.

A carta foi publicada também pelo Jornal *O Sete d’Abril*³⁵⁷ que comemorou depois que o *Raio de Júpiter* não havia sido punido. Segundo o *Sete d’Abril* isso se configurava mais uma vitória para a Liberdade de Imprensa. A alocução era, na verdade, uma carta de defesa e de informação ao público a fim de amenizar as acusações e enfatizar o direito de se escrever livremente na imprensa:

[...] Estamos acusado por abuso de liberdade de exprimir o pensamento por meio da Imprensa: é, pois a Imprensa o objeto transcendente desta acusação: o poder é o nosso crime. Sim estamos acusados porque usamos de uma garantia da nossa Constituição (S4. Art. 179): tal é a sorte dos homens livres, que se atrevem a debelar o poder com as armas da verdade. [...]³⁵⁸

Por outro lado, o jornal *O Fluminense*, – “jornal político e literário” que circulou nos anos de 1835 e 1836 na cidade do Rio de Janeiro, impresso pela tipografia Liberal, – fazia muitas críticas ao *Raio de Júpiter* por defender a Regência pela princesa Januária, sobretudo porque no primeiro número do *Raio de Júpiter*, segundo o *Fluminense*³⁵⁹, o jornal mantinha certa neutralidade e agradou sobre as questões de disputas partidárias, porém do segundo número em diante mostrou-se como algo diferente:

[...] O Raio de Júpiter prometia não lisonjear as diversas facções do partido e as suas máximas, fazem crua guerra a esse espírito infernal de divisão política, e não ser órgão de partido algum: - Venham (dizia eu) venha o Sr. Raio de Júpiter, apesar do seu título elétrico-estrepitoso, ocupa um vazio que se lastimava na nossa Imprensa periódica, e satisfazer um *dêsideratum* do sincero patriotismo.[...]³⁶⁰

³⁵⁶ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Escândalo Inaudito”. *Raio de Júpiter*. Niterói, ed. 24, 28 de Abril de 1836, p. 3.

³⁵⁷ “Processo do Raio de Júpiter”. *O Sete d’Abril*. Rio de Janeiro, Ed. 338, 16 de abril de 1836, p.4.

³⁵⁸ ABREU E LIMA. “Alocução dirigida aos senhores juízes de fato da cidade de Niterói pelos redatores do Raio de Júpiter por ocasião do juízo intentado contra vários números deste periódico.” Niterói, 1836.

³⁵⁹ “Rio de Janeiro: Correspondência”. *O Fluminense*, Rio de Janeiro, 20 de Fevereiro de 1836, ed.29, p.2.

³⁶⁰ Ibid. p.3

Nessa mesma edição, a crítica às argumentações e contra argumentações do *Raio de Júpiter* foram acrescidas também do questionamento acerca da cidadania do General; apesar da documentação de 1832 (que restaurava a sua cidadania outrora perdida por ter ele ido combater em uma guerra que não era sua sem autorização)³⁶¹, a sua cidadania e atuação militar na Venezuela eram pontos estratégicos para as críticas de seus opositores. Principalmente, quando isso envolvia seu discurso patriótico, por exemplo, o tom irônico das páginas do *Fluminense*, assinado pelo pseudônimo de “Papagayo de Franklin”.

A maioria das críticas ao General nesse jornal está como uma correspondência com essa assinatura – Papagayo de Franklin –, que era na verdade uma referência a Benjamin Franklin que inventou o para-raios com uma pipa, daí a brincadeira com o nome papagaio (se referindo à pipa) e Franklin (o inventor do para raio), logo as críticas do Papagaio de Franklin era uma forma de conter os “raios” (as argumentações contra a Regência/ pátria) do *Raio de Júpiter*:

[...] Se chamarem à juízo o Raio de Júpiter, de certo não serão responsáveis um chefe reformado e um General com baixa e sim um celebre Bibiribe. Será por que se envergonham de seus atos? Não é porque estão dispostos a insultar iludindo a lei- Estará esse miserável testa de ferro nas circunstâncias de ser o responsável? O Ignacio o provará com os mesmos documentos, com que pretende ser cidadão Brasileiro. Assim vai o nosso mundo.³⁶²

O jornal *Fluminense* aponta para uma possível colaboração entre os jornais *Sete d' Abril* e o *Raio de Júpiter*, dando margem à interpretação de que Abreu e Lima também escrevia nesse jornal, hipótese esta que não deve ser descartada, tendo em vista, para além das críticas, a simpatia do jornal *Sete d' Abril* pelo *Raio de Júpiter*.

Contudo, o que era mais corriqueiro acerca de Abreu e Lima no *Fluminense* era acentuar a oposição do *Raio de Júpiter* à Regência de Feijó e, conseqüentemente, o apoio ao regresso e o esforço para que a princesa assumisse o governo:

Jose Lima, ou Abreu e Lima, ou General das massas, antigo autor da Torre de Babel, da Barca de Noé, e chefe da sedição intentada lá para o interior da Praia Grande; é hoje o escritor do Raio de Júpiter (sempre nomes grandes! É mania dos homens pequeninos!) no seu segundo Raio diz que a Imprensa é uma espada de dois gumes; pode dar ao mesmo tempo a vida e a morte, a liberdade, ou a tirania (notem isto os amigos da liberdade) a moral, ou a corrupção; e fazer a dita, ou a desdita do país: e é este mesmo malvado que com esta confissão previa, como desprezando o Brasil, o

³⁶¹ Decreto de 23 de Outubro de: 1832. - Declara cidadão brasileiro a José Lima. p. 122. Coleção das Leis do Império do Brazil. Parte primeira. 1832. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1874.

³⁶² “Rio de Janeiro: Correspondência”. *O Fluminense*, Rio de Janeiro, 20 de Fevereiro de 1836, ed.29, p.4

seu governo, e suas leis, se apresenta com o seu Raio de Júpiter, procurando atacar fogo a todos os ângulos do Império, contando com a costumeira impunidade [...] não é melhor que antes de levar uma funda de Davi a pedra aos miolos de Golias, tentemos como Franklin com um simples papagaio de papel arrancar o Raio de Júpiter? [...]³⁶³

O *Fluminense* alertava para então seguir o exemplo de Benjamin Franklin e de tentar conter o *Raio* com medidas simples e não permitir que as argumentações do *Raio de Júpiter* se tornassem recorrentes e ganhassem mais espaço. Nesse sentido tirariam o “septro dos tiranos”³⁶⁴ usando meios legais para conter o *Raio de Júpiter* frente as críticas do mesmo ao “Eleito da Nação”, no caso o regente Feijó, o qual Abreu e Lima dedicou uma série de artigos com o mesmo título “ O Eleito da Nação”, em tom irônico para criticar o modo da eleição e o governo de Feijó; o que para os olhos do jornal *Fluminense* representava um ataque a nação :

No número dos escritores apaixonados, a quem é aplicável o axioma referido, tem distinto lugar os últimos números do Raio de Júpiter, onde com falta de crítica, lemos que o Exm. Sr. Feijó, não fora eleito pela Nação. Essa ascensão hiperbólica é um atentado contra a soberania nacional, por ter sido o eleito reconhecido legal pelo Poder Legislativo. [...]³⁶⁵

Ou, ainda, novamente o “Papagayo de Franklin”: “[...] *Faz tédio, faz dores de cabeça, a barafunda, amoxinifada do Raio de Júpiter, com a sua lenga lenga da eleição do Regente popular, ou não popular*[...]”³⁶⁶.

Na edição de número 45³⁶⁷, o *Fluminense* publica um artigo mencionando mais dois jornais, para além do *Sete d’Abril*, com ligações ideológicas ao *Raio de Júpiter*: *O Sentinella* e o *Jornal do Comércio*. O artigo se trata de uma reclamação do jornal *Sentinella*, que circulava no Rio Grande, ao jornal *Fluminense* na edição de nº 558 devido às publicações de insultos: “*Não diremos, que tais expressões são doces, porém compare-as, compare-as com as insolências e personalidades desses papéis januaristas e verás que nossas expressões assim mesmo são aguas rasas.*”³⁶⁸

Segundo o *Fluminense*, o jornal não era um “menino inocente” e que, se pesasse a questão da Liberdade de Imprensa, eles teriam um número dos “Santos Inocentes”, entre eles,

³⁶³ “Interior: Comunicado”. *O Fluminense*, Rio de Janeiro. 27 de Fevereiro de 1836, ed.31.p.2

³⁶⁴ Ibid.

³⁶⁵ “Artigos Comunicados”. *O Fluminense*, Rio de Janeiro. 5 de Março de 1836, ed.33, p. 3.

³⁶⁶ “Sr. Redator” .*O Fluminense*, Rio de Janeiro. 9 de Março de 1836, ed.34, p. 6.

³⁶⁷ *O Fluminense*, Rio de Janeiro. 23 de Abril de 1836, ed.45.

³⁶⁸ “Rio de Janeiro: Comunicado”. *O Fluminense*, Rio de Janeiro. 23 de Abril de 1836, ed.45, p.3.

o *Sete d’Abril*, o *Jornal do Comércio* e o *Raio de Júpiter*, este último fazia, segundos as suas palavras: “[...] provocações e insultos contra indivíduos”³⁶⁹ com o intuito de “[...] desvirtuar a moral e a decência pública como o mais imperturbável sangue frio”³⁷⁰, enquanto que as palavras do *Fluminense* em oposição ao *Sentinella*, ou até mesmo aos outros jornais coligados, eram definidas por ele mesmo como “expressões genéricas”:

[...] Nós amamos a liberdade de imprensa, e nos servimos delas posto que sem desencabrestamento, e é só quanto temos os ouvidos, atordoados de ouvir chamarmos, a nós outros adversários da Regência da Senhora D. Januária, Jacobinos, Demagogos, e outros insultos ainda maiores, que lhes chamamos a eles, Caramurus, retrógrados, raça de víboras etc. E na verdade, é a mais arteira hipocrisia vis carpir á nossa porta por causa das nossas expressões.³⁷¹

Outra crítica levantada pelo o *Fluminense* se refere à imparcialidade³⁷², visto que nos primeiros números de edição do *Raio*, assim como a *Torre de Babel*, Abreu e Lima passava a imagem de uma folha independente, num sentido parcial e conciliador, tendo em vista as questões partidárias – disputas pelo poder e da opinião pública pelos exaltados, moderados e caramurus –; também demonstrada a imparcialidade no primeiro número da *Arca de Noé*, todavia, os números seguintes, nos três jornais, isso se refletiu de maneira avessa. Os jornais tinham na verdade um posicionamento político bem forte e unilateral. Na *Torre de Babel* e na *Arca de Noé*, como restaurador e defensor da figura de D. Pedro I; e no *Raio de Júpiter*, aderindo às manobras para tentar que a princesa D. Januária assumisse a Regência.

Após o *Raio de Júpiter*, Abreu e Lima só fundou outro jornal em 1848 no Recife, chamado *A Barca de São Pedro*. Antes disso, porém, ainda no Rio de Janeiro, escreveu para a *Revista Médica Fluminense* um ensaio acerca da memória sobre a Elefância.³⁷³

Outro ponto a ser destacado na trajetória de Abreu e Lima no Rio de Janeiro é o seu envolvimento com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

³⁶⁹ Ibid.

³⁷⁰ Ibid.

³⁷¹ Ibid.

³⁷² “Rio de Janeiro: Comunicado”. O *Fluminense*, Rio de Janeiro. 27 de Abril de 1836, pp. 3- 4.

³⁷³ ABREU E LIMA, José Ignácio de. “Correspondência do General Abreu e Lima: Versão Primária do texto Memória sobre a Elefância”. “*Revista Médica Fluminense*.”. Volum 1, Folheto. Rio de Janeiro, 12 Março de 1836.

Disponível em: < www.institutoabreuelima.com.br > Acessado em: 30 de Outubro de 2019.

O IHGB foi criado em 1838. Uma vez que a nação estava em formação, fazia-se necessário desenhar, moldar, escrever de que forma essa nação se construíra; pensar a história do país implicava na formação do caráter nacional:

[...] a Geografia, juntamente com a História, constituiu-se em disciplina fundamental para a construção indenitária brasileira no século XIX, uma vez que a vastidão do território, mantido unificado pela política colonial portuguesa, assim como as características da paisagem, pareciam oferecer o cenário adequado para justificar a especificada da nação em construção. Assim, podemos entender a importância conferida aos estudos geográficos, expressa na criação do Instituto Histórico e Geográfico de 1838, lugar por excelência de produção da história nacional brasileira no século XIX.³⁷⁴

Dessa forma o IHGB, marcada pelo romantismo, tinha como primeiro ponto crucial, da escrita e caminhos da história nacional, pensar a história tendo como modelo a civilização europeia somada ao contraste indígena e as raízes e marcas profundas da escravidão. Tendo em vista esses fatores, a formação histórica-social ocorreria de cima para baixo, dos esclarecidos para os demais: “[...] a fisionomia esboçada para a nação brasileira e que a historiografia do IHGB cuidará de reforçar visa a produzir uma homogeneização da visão de Brasil no interior das elites brasileiras.”³⁷⁵

A partir daí, visto que a identidade é construída a partir do contraste, criavam-se tanto definições do Brasil quanto do “outro”:

Na medida em que Estado, Monarquia e Nação configuram uma totalidade para a discussão do problema nacional brasileiro, externamente define-se o “outro” desta Nação a partir do critério político das diferenças quanto às formas de organização do Estado. Assim, os grandes inimigos externos do Brasil serão as repúblicas latino-americanas, corporificando a forma republicana de governo, ao mesmo tempo, a representação de barbárie.³⁷⁶

Diferentemente da América Hispânica, a nação brasileira não se construiria a partir da oposição à metrópole, pelo contrário: a nação se molda tendo como objetivo dar continuidade a um processo civilizador iniciado por Portugal, que era inclusive avesso a um sistema republicano, logo, preferindo uma Monarquia Constitucional.

³⁷⁴ AZEVEDO, Francisca Nogueira de; GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “Imagens em confronto: as representações no Império brasileiro sobre as repúblicas platinas na segunda metade do século XIX”. IN: A visão do outro: seminário Brasil- Argentina. Brasília: FUNAG, 2000, p.332.

³⁷⁵ GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, n.1, p. 5-27, 1988, p. 6.

³⁷⁶ *Ibid.*, p. 7.

Nesse sentido também, o patriotismo brasileiro não nasce com a independência, ela não foi projetada por uma revolução de ódio ou de ressentimento à metrópole. Na verdade, o olhar negativo se volta para aqueles que possuem um sistema de governo diferente – as repúblicas da América Hispânica!

O Brasil, de modo contrário, forjava uma modernidade com velhos costumes, de modo a conter grandes impactos políticos e, sobretudo de tentar encaixar uma nação heterogênea no modelo europeu, dessa forma, excluía, apagava-se e faziam um esforço para minimizar o passado e as gentes da própria história.

Portanto, o IHGB preocupava-se em fomentar uma história nacional a fim de fabricar significados e sentidos para o patriotismo; contudo, a história do Brasil era compreendida como continuidade do processo de civilização iniciado por Portugal e não desencadeava assim um sentimento nacional a partir de uma ruptura.

Abreu e Lima, que já escrevia sob o contexto político, foi convidado a integrar a membresia do IHGB, recusou o convite a princípio, todavia, depois, em 1839, foi integrado como membro honorário do Instituto.

Quando o IHGB, em 1840, lançou o concurso da escrita da história do Brasil, Abreu e Lima apresentou o seu livro: *Compêndio da História do Brasil: desde o seu descobrimento até o majestoso ato de coroação e sagração no Sr. D. Pedro II*³⁷⁷; a obra tem dois volumes em que Abreu e Lima disserta acerca da história do Brasil em ordem cronológica; porém o livro de Abreu e Lima foi recusado pelo Instituto que o acusou de plágio, segundo Varnhagem:

o Sr. Abreu e Lima consignou no seu primeiro capítulo, em que copiou ao pé da letra Ayres de Casal e Bellegarde que não fez uma compilação do- Brésil- de Deniz, como o Sr. Abreu e Lima assevera, mas sim da outra obra deste mesmo autor - Resumé de l'Histoire du Brésil.³⁷⁸

Varnhagem afirmava também que os escritos do General Abreu e Lima não eram úteis nem mesmo para educação elementar; contudo, pouco tempo depois, o *Compêndio* foi publicado e utilizado pelos estudantes do Colégio Pedro II para serem manuais da formação

³⁷⁷ ABREU E LIMA, José Inácio de. *Compêndio da História do Brasil*. Rio de Janeiro, E. e H. Laemmet, 1843. Disponível em: < www.institutoabreuelima.com.br > Acessado em: 01 de Agosto de 2018.

³⁷⁸ VARNHAGEM, Francisco Adolpho. *Primeiro júzo do Sr. Francisco Adolpho Varnhagen acerca da História do Brasil de José Inácio de Abreu e Lima*. Jornal do IHGB, 1865. P 79.

Disponível em:

<http://www.institutoabreuelima.com.br/wpcontent/uploads/2011/04/Revista_trimensal_de_historia_e_geograph.pdf> Acessado em: 25 de Outubro de 2019.

da educação nacional. Mediante as críticas, Abreu e Lima solicitou a sua retirada do rol de membros do Instituto e, no objetivo de contra argumentar as críticas, em especial as de Francisco Adolpho Varnhagem e Januário da Cunha Barbosa, Abreu e Lima escreveu a: *Resposta do General J. I. de Abreu e Lima ao Cônego Januário da Cunha Barbosa ou Análise do primeiro juízo de Francisco Adolpho Varnhagen acerca do Compêndio da História do Brasil.*³⁷⁹

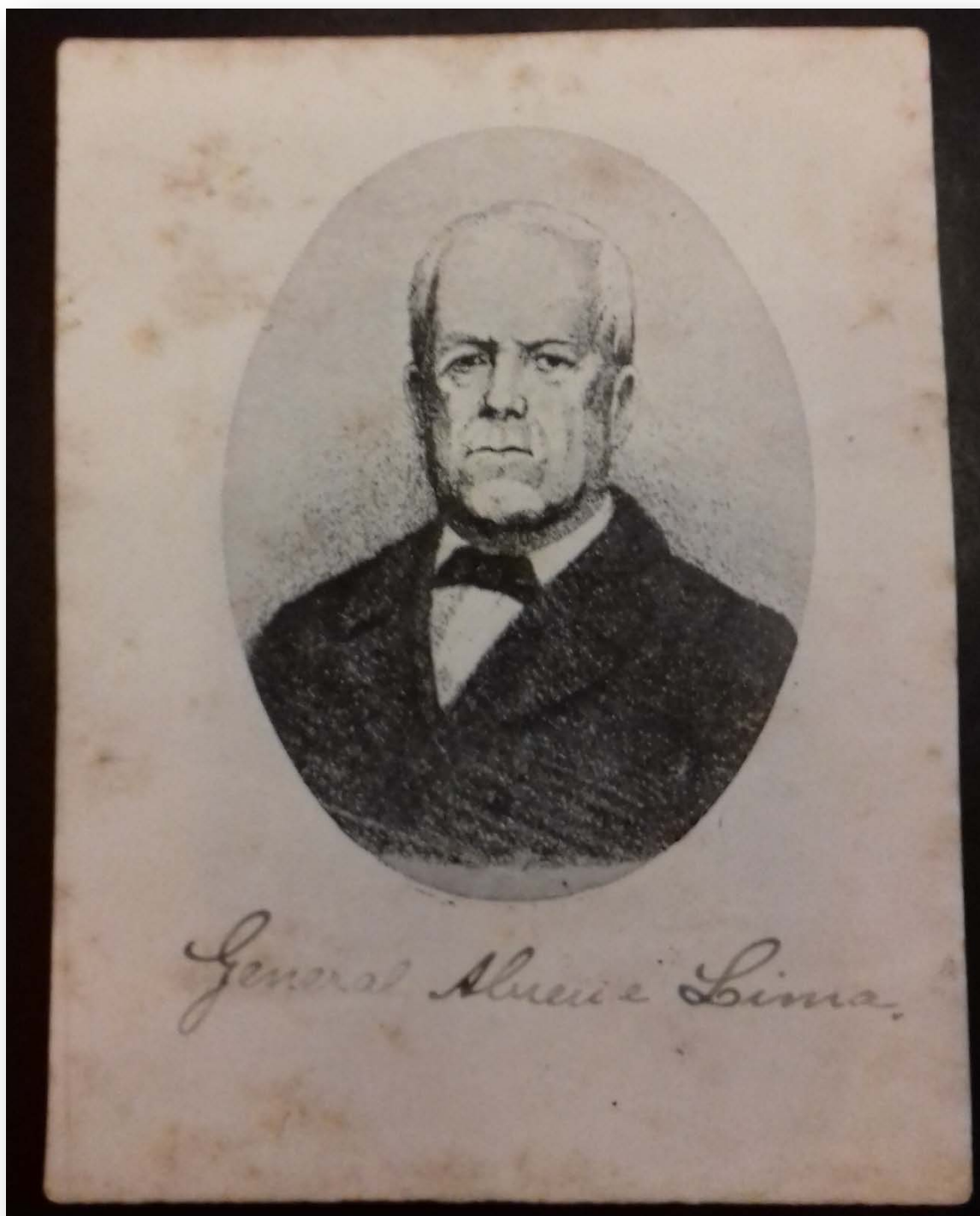
Em 1845, Abreu e Lima ainda publicou outras obras com viés histórico, foram elas: *Sinopse ou dedução cronológica dos fatos mais notáveis da história do Brasil e História Universal.*

Esses atritos com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para além de fazer com que Abreu e Lima se retirasse do corpo de membros, corroborou para o seu retorno a sua terra natal. Abreu e Lima voltava a Pernambuco em 1844, ano de eleições, e ainda tentou se eleger como deputado com apoio do partido dos Praieiros, porém não teve votos o suficiente. Abreu e Lima publicou no *Diário de Pernambuco* o artigo³⁸⁰ de resposta às acusações de Januário da Cunha Barbosa em relação ao livro *Compêndio da História do Brasil*, o jornal depois divulgava a obra de Abreu e Lima indicando como leitura para a compreensão da História do Brasil.

³⁷⁹ ABREU E LIMA, José Ignácio de. *Resposta do General J. I. de Abreu e Lima ao Cônego Januário da Cunha Barbosa ou Análise do primeiro juízo de Francisco Adolpho Varnhagen acerca do Compêndio da História do Brasil. 1844.*

³⁸⁰ ABREU E LIMA, José Ignácio de. “Publicações Literárias: Resposta ao Cônego Januário da Cunha Barbosa”. *Diário de Pernambuco*, Recife, ed. 168, 1 de Agosto de 1845, p. 3 e ed. 171, 5 de Agosto de 1845, p.2.

Figura 2 - Fotografia do General Abreu e Lima- Busto, idoso de frente



Fonte: Fotografia: Busto, idoso, de frente. Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional. Ret. 1(2), 1267.631 AA-20/07/2009 1 reprod. : pb ; 5,5 x 3 cm em cartão 14,9 x 10,3 cm.

3 UM PRAIEIRO NO RECIFE: “CONVIRÁ POR VENTURA AO BRASIL VIVER UMA VIDA ISOLADA NA AMÉRICA?”³⁸¹”

3.1 Entre o Novo e o “Velho”: O Rodízio de poder entre o *Diário Novo* e o *Diário de Pernambuco*

A junção de grupos esparsos de ex-autoridades armadas, chefes da guarda nacional e seus comandos, senhores de engenho, alguns políticos da capital, num movimento de resistência à ordem que se estabelecera na província, gerou as operações conhecidas entre seus contemporâneos por Rebelião Praieira³⁸²

Abreu e Lima retornou a Recife em 1844, após os conturbados conflitos no Rio de Janeiro por causa dos seus escritos: os atritos com a imprensa, tal como, *A Aurora Fluminense*; as tramas políticas no *Raio de Júpiter* com a crítica acirrada ao Regente Feijó e a intensa defesa da liberdade de imprensa, acentuada com as perseguições ao seu jornal; a participação parcial no movimento dos Cabanos (1832- 1834), numa tentativa frustrada de reestabelecer o governo a D. Pedro I; e, sobretudo, o atrito com os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro com a questão da escrita da história nacional, a acusação de plágio e sua saída como membro honorário; seu livro, *Compêndio da História do Brasil*, outrora recusado pelo IHGB era divulgado pelo jornal *Diário de Pernambuco* e *Diário Novo* como sugestão de leitura. Todas essas tramas no cenário político motivaram de certo ponto o seu regresso, todavia, os conflitos não se encerravam no Rio de Janeiro.

O *Diário Novo* foi criado em 1842, circulava no Recife, localizado na rua da praia. Foi uma importante arma política, decisiva na Revolução Praieira. Era dirigido por Luiz Inácio Ribeiro Roma, irmão de Abreu e Lima, e João Batista de Sá³⁸³, com publicações diárias pela Tipografia Imparcial.

O *Diário Novo* surgia no Recife para fazer contraste com a imprensa dominante: o *Diário de Pernambuco*, apelidado pelo *Diário Novo* com o cognome: “Diário Velho”; ou

³⁸¹ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Interior: O Brasil e o Rio da Prata”. *O Diário Novo*. Recife, ed.46, 28 de Fevereiro de 1848, p.2.

³⁸² MARSON, Izabel Andrade. Movimento Praieiro (1842- 1849): Imprensa, ideologia e poder político. São Paulo: Ed. Moderna, 1980, p.40.

³⁸³ NASCIMENTO, Luiz. História da Imprensa de Pernambuco (1821-1854). Vol. 2 Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 1966, p. 32.

ainda “Manteiga” e “Diário de Polícia”³⁸⁴. O *Diário Novo* logo se tornaria o jornal dos Praieiros que desencadearia na Revolução Praieira.

Em seu primeiro número, o *Diário Novo* dizia ser uma folha a serviço da pátria, que informaria as questões políticas que ocorriam em Pernambuco, e como refrigério trariam também História, poesia e Literatura e levariam “fé ao coração do ímpio”, escrevendo também acerca do cristianismo; a ênfase no objetivo nacional e cristão era um ponto que validava o jornal perante o público e, se tratando de um período de intensa disputa partidária, justificava seu posicionamento político a partir do discurso patriótico de bem-estar social e compromisso nacional:

A Alma do jornalista deve ser um santuário de coragem e de lealdade, onde as paixões temam de chegar-se, e onde não possa achar echo ataque algum pessoal. O publicista deve ocupar-se das coisas, e não dos homens; é somente assinalar os melhoramentos que o país exige. Neste sentido serão sempre francas as páginas do Diário Novo, e no que diz respeito a particular interesse, com especialidade ao nossos assinantes; fazendo cessar desta arte o mais odioso de todos os monopólios, o monopólio da imprensa. [...] O valor legítimo de um jornal é sempre calculado pelo seu ulterior desenvolvimento. Mas o que é incontestável é que faremos por satisfazer o único voto e ambição que nos anima: ser úteis a nossa pátria.³⁸⁵

O ‘monopólio da imprensa’ que as páginas do *Diário Novo* referiam-se, era acerca do jornal *Diário de Pernambuco*, jornal influente na época, o qual foi muito contestado pelo *Diário Novo* que usava o seu próprio nome em oposição às ideias do *Diário de Pernambuco* fazendo referência a esse jornal e ao monopólio do poder dos Cavalcantis, com o discurso de que eles estavam articulando uma nova sociedade pernambucana, a qual seria solidificada com a criação do partido dos praieiros e mais tarde ganhariam cena com os trâmites da própria revolução, visto que o *Diário Novo* tornava-se um jornal eminentemente político do partido dos praieiros, toda contra argumentação, tanto no *Diário Novo* como na *Barca de São Pedro* era justificada como uma causa patriótica.

Abreu e Lima não era editor chefe do *Diário Novo*, porém escrevia alguns artigos e quando ocorreu a repressão da Revolução Praieira ele foi acusado, preso e exilado na Ilha de Fernando de Noronha por ser integrante desse jornal e da *Barca de São Pedro*.

Assim como no *Correo del Orinoco*, haviam vários redatores que escreviam no jornal, no *Diário Novo* ocorria de igual forma: havia colaboradores do partido dos praieiros

³⁸⁴ NASCIMENTO, Luiz. História da Imprensa de Pernambuco (1821-1854). Vol. 2 Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 1966, p. 39.

³⁸⁵ ROMA, Luiz Inácio Ribeiro; SÁ, João Batista de. “Prospecto”. O Diário Novo. Recife, ed.1, 1 de Agosto de 1842.

que escreviam, por muitas vezes não assinavam os artigos. Sendo assim, não se tem ao certo o período em que Abreu e Lima começou a escrever no *Diário Novo*. É possível que tivesse colaborado para fundar o jornal, tanto porque seu irmão era o editor e ele, Abreu e Lima, já tinha experiências dos outros jornais que havia sido editor ou colaborador na Venezuela e no Rio de Janeiro; como é possível também ele ter escrito só em outros momentos. É importante sinalizar ainda que ambos os jornais, *Diário Novo* e *Barca de São Pedro*, eram impressos na mesma tipografia: *Imparcial*.

Portanto, serão utilizadas aqui algumas edições do ano de 1844, em que foi possível identificar sua autoria por traços com outros jornais que ele escreveu; assim como o estilo de sua escrita (uso de metáforas, ironia, provocações, apresentar problemas e soluções referentes à nação); a republicação de artigos no jornal *A Barca de São Pedro*, como por exemplo, “A colonização que convém ao Brasil”³⁸⁶ e ainda pelo fato de ser um dos praieiros; ter tentando se eleger para deputado nas eleições de 1844 e tempos depois ter tido atritos com o seu irmão.

Ao chegar a Pernambuco se integrou ao partido dos praieiros, do qual o seu irmão Luiz Ignácio fazia parte, e por sua vez, fundou o jornal *Diário Novo*, no qual Abreu e Lima contribuiu com alguns artigos a partir de 1844, época de eleições para deputado.

A relação entre Abreu e Lima e Luiz Ignácio nem sempre foi amigável, para além da disputa por terras, havia também os atritos no meio da imprensa política:

[...] Todo o mundo sabe que o senhor, General Abreu e Lima nunca foi praieiro, e nem se achava nesta província durante a luta porfiosa, que entre esse partido, e o intitulado da ordem teve lugar na administração do barão da Boa Vista. Chegado a esta província no tempo, em que se ia proceder a eleição de deputados gerais, o senhor General julgando que a quadra era azada para encantar-se na deputação, apresentou-se como candidato, e só por consideração ao dono desta tipografia, e não as qualidades do senhor general, cuja versatilidade em política é assaz conhecida, foi o senhor General incluído na chapa do partido dos praieiros por aqueles, que a organizaram. Entretanto, era o senhor General um homem tão estranho ao partido praieiro, que até então nunca o tinha visto em suas fileiras, nem recebido dele o menor serviço que a inclusão do senhor general na chapa foi um motivo de desgosto para o partido, e apesar de todas as instâncias, apesar de tantos, e tantos artigos contra os furadores de chapa, apesar de tanta atividade desenvolvida na época da eleição, o senhor General não pôde ser eleito, sendo, aliás, o candidato que menos votação obteve.³⁸⁷

³⁸⁶ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Colonização que Convém ao Brasil”. *O Diário Novo*. Recife, ed. 239, 4 de Novembro, p.1

ABREU E LIMA, José Inácio de. “Colonização que Convém ao Brasil”. *A Barca de São Pedro*, Recife, ed. 14, 11 de Setembro de 1848, p. 2.

³⁸⁷ ROMA, Luiz Ignácio Ribeiro. “Ao Público”. *Diário Novo*. Ed. 217, 2 de Outubro de 1845, pp.1-2.

A publicação de Luiz Ignácio sobre Abreu e Lima é de 1845, as eleições para deputado já havia passado; Abreu e Lima não havia alcançado votos para o cargo, somados 15 colégios eleitorais, entre eles Sinhaém, Limoeiro e Recife: obteve 280 votos enquanto que os demais candidatos mantinham-se entre 300 a 700 votos³⁸⁸. De acordo com Luiz Ignácio, Abreu e Lima só havia retornado para Recife na intenção de se candidatar como deputado e por isso se juntou aos praieiros, mas que nunca foi realmente um praieiro e quando não alcançou a quantidade de votos necessário ele passou a criticar o próprio partido.

Abreu e Lima contra argumenta a publicação de seu irmão no jornal de oposição, no caso, o *Diário de Pernambuco*, afirma que Luiz Ignácio havia ferido a sua alma com tal publicação e comparava a relação deles com a história bíblica de Caim e Abel. De acordo com a história bíblica, por ciúmes/inveja de Deus ter aceitado a oferta de seu irmão, que havia dado de bom grado, e a dele não, Caim arma uma emboscada e mata Abel. Para Abreu e Lima os escritos do seu irmão Luiz significava uma traição:

Meu irmão me caluniou torpemente, porque não disse uma só verdade no artigo, em que também me injuria. Ele sabe que eu não vim a Pernambuco para ser deputado, e muito menos que o pedisse ou solicitasse a ninguém. [...] Desde 1841 que ele me importunava em todos os correios para que eu viesse para Pernambuco, e sempre me neguei a isso.[...] Repetidas cartas de meu irmão João, do Sr. desembargador Peixoto, e de outros amigos nada produziram. Escreveu-me o Sr. Costa Rego Monteiro em nome de uma sociedade, e ultimamente o Sr. Dr. Urbano com data de 4 de dezembro de 1843, convidando-me em nome de um partido político para que viesse auxilia-lo e partilhar suas fadigas e suas glórias[...]³⁸⁹

Segundo seus escritos ele permaneceria no Rio de Janeiro se não fossem as tentativas de persuasão para que ele retornasse a Pernambuco, para coordenar o partido dos praieiros e se eleger como deputado, ainda que isso não fosse de seu querer. Para além disso, foi solicitado para escrever na imprensa a fim de combater o partido de oposição: "[...] fui logo procurado por todo o círculo praieiro, os Srs. Urbano, Nunes Machado e Antonio Affonso me procuraram no dia seguinte"³⁹⁰

Acerca do que escreveu na imprensa praieira, Abreu e Lima afirmava que o partido se sustentava pelos escritos que ele deixou de herança. Após as eleições, Abreu e Lima e o irmão

³⁸⁸ “Pernambuco: Eleição para deputados gerais resultado dos colégios de Recife, Cabo, Pão d’alho, Iguarassú, Goaianna, Nazareth, S. Antão, Rio Formoso, Sinhaém, Bonito, Limoeiro, Guaranhuma, Brejo, Flores e Simbres.” *Diário de Pernambuco*, ed, 245, 02 de Novembro de 1844, p.1.

³⁸⁹ Abreu e Lima, José Ignácio de. “Correspondência: Ao Público”. *Diário de Pernambuco*, ed. 223, 7 de Outubro de 1845, p.1.

³⁹⁰ Abreu e Lima, José Ignácio de. “Correspondência: Ao Público”. *Diário de Pernambuco*, ed. 223, 7 de Outubro de 1845, p.2.

planejavam criar um partido, não necessariamente político, mas sim de ideias; porém Luiz trilhava outros caminhos se envolvendo na política: "levantar uma bandeira de princípios, apelar para o bom senso do povo" ³⁹¹.

As críticas a Abreu e Lima não vinham apenas de seu irmão. O jornal *O Eclecticco*³⁹² dedicava-se um artigo a falar do General, o texto intitulado “*Quem é o General Abreu e Lima*”, três anos depois, tratando acerca da eleição para deputado, a briga com o seu irmão e o envolvimento de Abreu e Lima com o partido dos praieiros. Ainda no mesmo jornal o artigo que sucede a este também se tratava da figura do General, na verdade dos oito artigos dessa edição apenas dois não citam o General Abreu e Lima, os demais advertem sobre sua pessoa de forma depreciativa:

O General Abreu e Lima deve confessar, que muitas pessoas do círculo praieiro, que já o conheciam a fundo e sabiam que o Sr. Abreu e Lima era aquele mesmo, que se apresentara na rusga da Praia Grande, de lança, escudo, capacete e bigodes postiços e que tendo constantemente brigado com todos os partidos nunca fora escolhido por nenhum de tantos ministérios, que se tem sucedido no Brasil, não o procuram e souberam trata-lo como o desprezo, que merece.[...] ³⁹³

A chave da Revolução Praieira é a imprensa periódica, sobretudo porque os políticos/candidatos políticos/ membros do partido eram também os escritores públicos, portanto, compreender a atuação de Abreu e Lima nos jornais compete entender, para além da análise dos seus discursos, a influência de sua trajetória e a atuação como escritor público, o antes durante e o depois do Movimento Praieiro: seu jogo de escalas, as múltiplas facetas, atores políticos, embates ideológicos que moldaram esse movimento.

Longe de ser um processo linear, a Praieira representa as divergências da sociedade pernambucana, desenhadas no conflito político: O período regencial em Pernambuco foi marcado por uma guerra partidária na qual os jornais *Diário Novo*, *Diário de Pernambuco* e *A Barca de São Pedro* protagonizaram o cenário político pernambucano, onde *praieiros* e *guabirus* revezavam o poder e disputavam o domínio da opinião pública.

*“Quem viver em Pernambuco,
há de estar desenganado,
ou há de ser Cavalcanti,*

³⁹¹ Ibid. p.2.

³⁹² *O Eclecticco*. Recife, ed. 2, 19 de Julho de 1848.

³⁹³ “Quem he o General Abreu e Lima!”. *O Eclecticco*. Recife, ed.2, 19 de Julho de 1848, pp.2-3.

ou há de ser cavalgado.”³⁹⁴

A Praieira foi um movimento de disputa político-partidária em Pernambuco, iniciada a partir da cisão do Partido Liberal em 1842, que deu origem a um novo partido: *Partido Nacional de Pernambuco*, também conhecido como, *Partido da Praia*. Esses eram contra o monopólio da família Cavalcanti que detinham o poder político, econômico e social da Província, logo, formava-se assim, em Pernambuco, o embate entre o partido liberal e conservador.

O Jornal foi a principal arma política desses grupos, ele era uma ferramenta importante de apresentação de suas ideias e configuração da opinião pública que queriam desenhar e, simultaneamente, veículo para depreciação do partido de oposição.

Os nomes pejorativos “Praieiros” e “Guabirus” derivam desses insultos nos jornais. Os Praieiros, considerados liberais, receberam esse nome porque a sede do jornal localizava-se na Rua da Praia em Recife e nessa rua residiam comerciantes, marinheiros e portugueses – que eram odiados pela sociedade.

O apelido “Guabirus”, por sua vez, conservadores, fazia referência a um tipo de rato/ratazana que roubava alimentos e os escondia, associando os conservadores a uma espécie repugnante. Tiveram ainda outros apelidos tais como “baronistas”, fazendo menção ao barão da Boa Vista e “trapixeiro” devido ao engenho Trapiche pertencente ao barão.

Nesse sentido, o *Diário de Pernambuco* era composto pelos chamados “guabirus”. O jornal era impresso na tipografia *Manuel Figueiroa de Faria* e a partir de 1845 passou a ser impresso na tipografia *União*. Entre os seus redatores estavam: José Tomás Nabuco de Araújo Junior; Jerônimo Martiniano Figueira de Melo; Maciel Monteiro.

O *Diário de Pernambuco* foi criado em 7 de novembro de 1825 e existe até hoje e é o jornal mais antigo de Pernambuco. O *Diário de Pernambuco* começou a ser jornal oficial dos chamados “guabirus” a partir de 1842, contudo, diferentemente do *Diário Novo* e outros jornais que circulavam na época, sua função não era eminentemente política frente ao partido dos praieiros, por exemplo; suas publicações eram também informações sobre o governo, anúncios, matérias com informações de outros países, inclusive quando não estava na função de jornal oficial; essa forma de conduzir o jornal de forma mais ampla é um dos fatores que colaboraram para a sua permanência até hoje.

³⁹⁴ Apud. MARSON, Izabel Andrade. *Movimento Praieiro (1842- 1849): Imprensa, ideologia e poder político*. São Paulo: Ed. Moderna, 1980, p. 20.

O *Diário Novo* era formado pelos denominados “praieiros”; seu periódico era impresso pela tipografia Imparcial, que após a morte de seu dono, Luiz Ignácio Ribeiro Roma, passou a se chamar Tipografia da Viúva Roma e Filhos. Seu grupo de redatores era formado por: Luiz Ignácio; General Abreu e Lima; Felipe Lopes Neto; Urbano Sabino; Félix Peixoto de Brito e Melo; Nunes Machado, principal líder da Praieira, entre outros.

As disputas eram bem acirradas dificultando espaço para uma “neutralidade”: “[...] Se o escritor não se define, os outros jornais se encarregam de julgar sua posição e filiá-lo partidariamente.”³⁹⁵.

Os jornais *O Diário Novo* e *Diário de Pernambuco* não eram os únicos jornais partidários. Fundado em abril de 1845 com circulação até 1848, o periódico *O Lidador*, por exemplo, dirigido por José Tomás Nabuco de Araújo Junior (juiz do julgamento da Revolução Praieira em 1848) também defendia os interesses dos guabirus.

Outro fator importante a ser ressaltado é que, além dos jornais que circulavam periodicamente e formavam o cenário político de disputa entre os partidos, existiam também as folhas e jornais de curtíssima duração que circulavam em um momento de maior acirramento, tal como o período eleitoral, ou eram criadas exclusivamente para atacar alguém ou alguma situação da oposição; no caso dos praieiros, por exemplo: “[...] o objetivo era denunciar, desgastar e criticar pessoas e atitudes da administração do barão da Boa Vista, não somente no âmbito da imprensa local, mas também na Corte.”³⁹⁶

A tipografia tinha um papel importante nesse processo, ela também seguia a linha partidária dos grupos políticos, era crucial para o bom funcionamento da tipografia, livre de censura ou de repressão, que o grupo político que ela defendia estivesse no poder, a fim de conter qualquer ameaça.³⁹⁷

O rodízio de poder político se dava no revezamento na Assembleia Legislativa Provincial por representantes praieiros e guabirus; cada vez que um grupo ficava em ascensão ou com a maioria na Assembleia alterava-se toda a lógica política e a direção da repressão.

Em meio a demissões e nomeações, a cada revezamento do poder entre praieiros e guabirus na Assembleia Legislativa, alterava-se também a ordem na imprensa: os jornais *Diário Novo* e *Diário de Pernambuco*, mediante o rodízio, se tornavam órgão oficial da Província. Assim, o *Diário de Pernambuco* ficou como órgão oficial entre 1842- 1845, e o

³⁹⁵ MARSON, Izabel Andrade. Movimento Praieiro (1842- 1849): Imprensa, ideologia e poder político. São Paulo: Ed. Moderna, 1980, p.32.

³⁹⁶ Ibid. , p.36.

³⁹⁷ Ibid., p.30.

Diário Novo, de 1845 até aproximadamente maio de 1848, retomando o *Diário de Pernambuco* em 1848. Enquanto um assumia o posto oficial o outro marcava-se como oposição.

“A trajetória do *Diário Novo* foi bastante movimentada pela variação de suas posições políticas na imprensa e pelas complicações com a censura ocorridas durante o período em que esteve em oposição ao governo.”³⁹⁸

Em 1848, os praieiros estavam fragmentados, emergindo um novo grupo: *A Praia Nova*. A paisagem pernambucana agora era: *Guabirus versus Praia Velha versus Praia Nova*. O novo grupo não era radical como a *Praia Velha* e tentavam aproximações e negociações com o grupo conservador; entre os seus membros estavam Joaquim Vilela de Castro Tavares, Manuel de Sousa Teixeira e Domingos Malaquias de Aguiar, ao passo que na *Praia Velha* permaneciam os redatores do *Diário Novo*, entre eles o General Abreu e Lima.³⁹⁹

O novo cenário político, agora composto pelo partido da *Praia Nova*, fazia com que a *Praia Velha* disputasse com os Conservadores *Gabirus* e também com a *Praia Nova*, segundo as argumentações contrárias do *Diário Novo* ao jornal *Capibaribe*, o qual estava criticando o General das Massas pelo fato dele repudiar não só os *gabirus*, mas também a *Praia Nova*. Segundo o *Diário Novo*, esse novo partido não era praieiro de fato, que na verdade, só existia um partido da *Praia* de fato e que esse novo partido que emergiu eram tão *guabirus* como os próprios *gabirus* e não representava o tradicional partido praieiro.

O *Capibaribe* circulou de 1848 até 1849 em Recife, tinha como slogan: “*Justiça e tolerância*”. Era um jornal de oposição ao *Diário Novo*, publicado pela *typografia Brasileira*, localizada na Rua dos Pires número 40.

Segundo os artigos desse jornal⁴⁰⁰, o qual inclusive fazia muitas críticas ao General Abreu e Lima, o deputado Cunha Machado e o “*General das Massas*” redigiam o jornal *A Voz do Brazil*, este, por sua vez, começa sua circulação em 27 de outubro de 1847 e foi até 1848 pela *typografia da Voz do Brasil*, também, localizada na Rua da Praia, assim como o *Diário Novo*, porém, número 45. Tinha como slogan: “*Não tenhas minha muza medo delles, vai batendo de rijo, fogo nelles*”.⁴⁰¹

³⁹⁸ MARSON, Izabel Andrade. Movimento Praieiro (1842- 1849): Imprensa, ideologia e poder político. São Paulo: Ed. Moderna, 1980, p. P.44.

³⁹⁹ Ibid. , pp. 39-40.

⁴⁰⁰ “O Caparibe”. *O Caparibe*. Recife, ed.4, 24 de Julho de 1848, p.1.

⁴⁰¹ *A Voz do Brazil*. Recife, ed.1, 27 de Outubro de 1847.

Por outro lado, além das críticas do jornal *Capibaribe*, o *Diário Novo* também contra argumentava *A Voz do Brazil*⁴⁰². É importante salientar que os jornais construía, destruía e moldavam a rede de sociabilidade, de conexões, de acirramentos políticos e pessoais.

O *Diário Novo* era dirigido por Luiz Ignácio Ribeiro Roma, irmão do General Abreu e Lima; assim como o General, Luiz Ignácio teve uma trajetória de atuação política significativa e conflituosa. Estava com o pai em 1817 quando foi preso e condenado à morte; saiu do Brasil junto com Abreu e Lima; todavia, diferente do irmão que seguiu uma vida militar, ele optou pelo exercício de comerciante. Voltou à Pernambuco em 1827; escreveu em jornais; foi exilado; participou do movimento dos Cabanos. Na repressão à Revolução Praieira em 1848, ele estava doente acamado e ao invadirem a sua casa devido aos escritos do *Diário Novo*, ele não resistiu e faleceu “com o choque”.⁴⁰³

A censura ao jornal da oposição era algo bem marcado pelo grupo dominante, como modo inclusive de controlar sua produção escrita, ou seja, além do embate político, a repressão ao jornal também era um meio de defesa e ataque ao opositor, sobretudo próximo ao período eleitoral, em que além da produção escrita nos jornais políticos serem maior, eram criados também jornais menores, ou folhetos que circulavam exclusivamente para sustentar os ideais dos partidos e seus respectivos candidatos ou servir de instrumento de oposição, criticando o outro lado.

Eram comuns as críticas pessoais, apontando o nome do indivíduo, “[...] não se faz distinção entre vida pública e vida privada na guerra da imprensa e na vida real.”⁴⁰⁴ Os atritos em jornais não eram uma característica única dos jornais pernambucanos: a imprensa, nesse período era o grande canal de acirramento político onde era também, espaço para os “insultos impressos”⁴⁰⁵, bem como o anonimato e o pseudônimo eram estratégias de camuflagem para os insultos e, ainda as denúncias de delitos e as cartas ao público, muitas das vezes escritas pelos próprios redatores do jornal se passando por um leitor anônimo do jornal, ou, ditas também como ‘cartas do interior da Província’ no intuito de forjar um pensamento comum, ou, de mostrar conexão entre os demais lugares que estão fora do núcleo recifense.

⁴⁰² “Correspondência: A Voz do Brazil”. *Diário Novo*, Recife. Ed. 163, 29 de Julho de 1848, p.3.

⁴⁰³ *Ibidem* . p. 36.

⁴⁰⁴ MARSON, Izabel Andrade. Movimento Praieiro (1842- 1849): Imprensa, ideologia e poder político. São Paulo: Ed. Moderna, 1980, p. 82.

⁴⁰⁵ LUSTOSA, Isabel. Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência, 1821-1823. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Esses escritos, dependendo da gravidade e a qual indivíduo a publicação se referia, eram tratados como abuso de liberdade e, portanto, seus escritores eram punidos.

A acusação de abuso de liberdade de imprensa pode basear-se também em “injurias” à figura do imperador, sua família e na “ameaça” à integridade do Império. Neste caso, tem consequências mais sérias, acarretando a prisão do pronunciado por mais tempo, ou mesmo a suspensão do jornal.⁴⁰⁶

No caso do *Diário Novo*, após a Revolução Praieira – o movimento armado – invadiram a sede do jornal, os tipógrafos foram detidos e os jornais que seriam distribuídos foram confiscados; meses depois, fecharam a tipografia e foi determinada a prisão dos redatores e outros membros. Nesse momento, a tipografia já estava sob a direção da Viúva Roma, Umbelina Ribeiro Roma; é levantada a hipótese, inclusive, sobre ela ter alguma atuação no movimento praieiro para além de dirigir a tipografia do falecido marido.⁴⁰⁷

Retomando aos insultos na imprensa, o abuso da liberdade de imprensa era peça chave para o jornal de oposição, que, quando era reprimido, contra argumentava pela via da liberdade de imprensa. Afrontar a oposição, ferir a reputação, insultar, ou seja, fazer críticas não apenas a figura representativa do governo, mas também a crítica pessoal e sem regras era passada para a sociedade como um “bem social”, a fim de desacreditar a opinião do outro jornal e moldar a opinião pública mediante os conceitos e parâmetros daquele partido, logo, julgava-se um ato válido e patriótico. Muita das argumentações do General Abreu e Lima, não só nos jornais de Pernambuco, mas nos do Rio de Janeiro e também da Venezuela caminhavam nessa mesma articulação: de serem escritos mediante a justificativa de – salvação da nação –, por sua vez, escreviam para a manutenção da ordem social. A estabilidade da ordem seria assegurar a boa reputação do imperador e dos representantes do governo, ao passo que, para que isso fosse alcançado, as publicações dos jornais que estivessem na oposição deveriam ser vigiados, reprimidos, além de revelar o autor do texto e contra argumentar o texto no intuito de minimizar os insultos e rearticular a opinião pública.

O artigo *O Brasil e o Rio da Prata* publicado no *Diário Novo* em três edições⁴⁰⁸ é uma republicação do jornal *O Americano*⁴⁰⁹, que circulou no Rio de Janeiro entre 1847 e 1851; era

⁴⁰⁶ MARSON, Izabel Andrade. Movimento Praieiro (1842- 1849): Imprensa, ideologia e poder político. São Paulo: Ed. Moderna, 1980, p 48.

⁴⁰⁷ BRAGA, Carolina de Toledo. Viuvez e cotidiano das mulheres em meados dos Oitocentos: Pernambuco (1842-1845). Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

⁴⁰⁸ “O Brasil e o Rio da Prata I”. *Diário Novo*. Recife, ed. 43, 23 de Fevereiro de 1848, pp.1-2.

“O Brasil e o Rio da Prata II”. *Diário Novo*. Recife, ed. 46, 28 de Fevereiro de 1848, p.2.

comum republicações de outros jornais que versassem sobre os mesmos ideais ou publicações de trechos acompanhados de argumentações críticas, quando eram de ideias contrárias.

O texto começa sinalizando que o Brasil tem um interesse no Rio da Prata, que envolve o comércio, interesse moral e político e que caberia tomar alguma medida para que os países europeus não tomassem a frente, visto que o apoio a "Intervenção" da França e Inglaterra deixava o Brasil sem autonomia.

Segundo ele, o Brasil deveria reconhecer o governo legal da república do Uruguai, visto que, deveriam se posicionar antes que a Inglaterra e a França estabelecessem suas medidas, a fim de que o Brasil tivessem vantagens na questão do Prata:

Suponhamos que a França, tenaz no que uma vez pôs a peito, queira levar ao cabo os seus designos e continue a intervenção. Como alguns interesses nos ligam a esta potência, cumpre examinar se eles são tais que mereçam a preferência aos interesses que nos unem a nossos vizinhos. Entremos nesse exame. [...] Porém coisa nenhuma é esse comércio á vista daquele que temos com nossos vizinhos, e que há de argumentar consideravelmente se nosso governo seguir o senda que apontamos.⁴¹⁰

Enfatizava que o que os ligava a França eram os laços da dinastia e o comércio. Não dar apoio à independência de "conterrâneos" era retroceder na própria independência e comprometê-la; sendo assim, deveriam se unir e cooperar para a liberdade e independência, tendo em vista as riquezas da América eles não estariam isentos da "cobiça europeia”:

A América é, porque assim o digamos, um mundo em que se aclimatam os princípios mais liberais, e os políticos do velho mundo já se assustam prevendo a influência que para o futuro há de exercer a América sobre os destinos da Europa; e por isso hão de procurar por meio da conquista ou da intriga atalhar o que receiam.⁴¹¹

Na Grã- Colômbia, os escritos do *Correo del Orinoco* e nas cartas de Abreu e Lima direcionadas ao General Santander, retratava-se a integração da América do Sul de modo que o Brasil coordenasse essa integração. Nos jornais fluminenses, também escritos por Abreu e Lima, a proximidade com os vizinhos era rejeitada, porém no *Diário Novo*, embora ainda tivessem abstenção a visão de América Hispânica enquanto sistema de governo republicano, a exemplo : "[...] a desordem e anarquia nesta república, era incompatível com a segurança e

“O Brasil e o Rio da Prata III”. *Diário Novo*. Recife, ed. 47, 29 de Fevereiro de 1848, p.2.

⁴⁰⁹ “O Brasil e o Rio da Prata”. *O Americano*. Rio de Janeiro, ed.41, 29 de Janeiro de 1848, p.3.

⁴¹⁰ “O Brasil e o Rio da Prata II”. *Diário Novo*. Recife, ed. 46, 28 de Fevereiro de 1848, p.2.

⁴¹¹ “O Brasil e o Rio da Prata II”. *Diário Novo*. Recife, ed. 46, 28 de Fevereiro de 1848, p.3

tranquilidade do Império"⁴¹², essa perspectiva de integração política na América do Sul em que o Brasil seria protagonista reaparece: "*O Brasil como potencia americana*"; ou ainda "[...] *Poderá haver duvida de qual mais convém ao Brasil, se o papel tão secundário de mero servidos da política europeia, se o ser a potência mais influente, e talvez o arbítrio dos destinos da América do Sul?*"⁴¹³;

Ou ainda de colocar o Brasil como tutor das outras Américas com responsabilidade de instruí-los em prol de manter a própria ordem do Império: "*A segurança, pois e a tranquilidade do império nos impunha, e nos impõe ainda, o dever de ajudar a varrer do estado vizinho a anarquia, e a firmar nele a ordem e as instituições nacionais.*"⁴¹⁴

Contudo, o apoio ao Uruguai que se estava declarando nas páginas do *Diário Novo*, não se tratava apenas de um discurso pautado na ajuda e na união, tal como:

O Brasil, estado americano, tem, além disso, laços naturais que o ligam ás repúblicas do Prata. Convirá por ventura ao Brasil viver uma vida isolada na América? Quebraremos, para servir aos interesses da França, os laços de fraternidade, de mutua benevolência e os interesses que devem de ligar povos vizinhos?⁴¹⁵

Por trás do romantismo do discurso de: - não favorecer os interesses europeus contra os vizinhos-, de integração e apoio aos conterrâneos, estava o interesse político e de expansão comercial, ou seja, a boa política com os vizinhos era, estrategicamente, uma ação para garantir vantagens no Rio da Prata: "[...] Se a França mandasse forças a Montevideo, o Brasil está obrigado a repeti-las"⁴¹⁶ o reconhecimento da independência implicava tanto na tranquilidade do Império, como nas vantagens comerciais.

A América nos discursos de Abreu e Lima tinha uma conotação dupla que 1) inclinava-se para apontar a América Hispânica como barbárie causada pela república e pela guerra civil, e 2) também de uma América que eles não deveriam fechar os olhos ou se distanciar, uma outra América que era próxima e que deveriam estar integradas.

Em outro artigo, Abreu e Lima colocava em questão as guerras civis que a América havia passado, citava o caso turbulento da política de Rosas em Buenos Aires e se vangloria de que o Brasil não havia entrado em conflito com nenhuma nação e preservava-se no sistema

⁴¹² "O Brasil e o Rio da Prata III". *Diário Novo*. Recife, ed. 47, 29 de Fevereiro de 1848, p.2.

⁴¹³ Ibid.

⁴¹⁴ "O Brasil e o Rio da Prata III". *Diário Novo*. Recife, ed. 47, 29 de Fevereiro de 1848, p.2.

⁴¹⁵ "O Brasil e o Rio da Prata II". *Diário Novo*. Recife, ed. 46, 28 de Fevereiro de 1848, p.3.

⁴¹⁶ "O Brasil e o Rio da Prata II". *Diário Novo*. Recife, ed. 46, 28 de Fevereiro de 1848, p.3.

monárquico graças a boa administração portuguesa, mantendo seu território íntegro e não havia tido em sua nação grandes embates sociais como ocorreu nos outros países da América do Sul.

[...] circuncidada de exemplos maus e interesses opostos, tem única nestes continentes, conservado o elemento de grandeza e força, a forma monárquica; atravessado os tempos sem graves comoções internas, nem complicações com o estrangeiro; respeitando a máxima parte de suas antigas leis; sustentando a completa integridade do seu território, em tamanho espaço como o que a seu lado ocupam dez estados; subido de dia em dia de importância e consideração!- Acontecimentos desta ordem nunca são fortuitos; a política e a civilização tem também uma lógica severa; e se ao brasileiro cabe gloriar-se dessa honrosa contraposição, honra ela igualmente aos monarcas portugueses que, em sua sabia administração, souberam lançar bases dessa força e união.⁴¹⁷

Novamente, a Monarquia era exaltada e classificada como salvadora da nação que a livrou da fragmentação territorial, das tiranias pela disputa de poder que implicam um sistema de governo republicano e da construção de uma nação civilizada, discurso esse bem semelhante às argumentações expostas nos seus jornais fluminenses. Contudo, nos jornais fluminenses, situados em outro contexto de espaço e tempo, essa questão da outra América em sentido pejorativo era mais forte. Aqui, tenta-se uma aproximação que visa à predominância e destaque do Brasil como uma potência Sul Americana.

A fala de um indivíduo é um conjunto de experiências, redes de sociabilidade e leitura. Os grupos dos quais Abreu e Lima fazia parte eram formados por diferentes sujeitos de diferentes esferas sociais: militares; religiosos, jornalistas; historiadores; maçons. Muito desses, letrados patriotas ou escritores públicos, por exemplo: Simon Bolívar; Antonio Leocadio Guzmán, General Santander, General Paéz, Cruz Cabugá, D. Pedro I, este último, o General teve contato na Europa, logo após a morte de Bolívar quando Abreu e Lima teve que se retirar da Venezuela, viajando então para vários países antes de regressar ao Brasil em 1832.

É possível que o movimento dos Cabanos, em prol do retorno de D. Pedro I ao trono, tivesse início e articulações a partir da proximidade de Abreu e Lima, assim como é provável também que a sociedade maçônica tenha contribuído no papel de aproximação desses dois indivíduos e dos projetos que sucederam esse encontro, visto que, assim que Abreu e Lima chegou ao Rio de Janeiro recuperou a sua cidadania, outrora recusada, iniciou uma longa argumentação na imprensa periódica acerca da figura de D. Pedro I em caráter positivo, logo,

⁴¹⁷ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Variedade: Estado do Mundo”. *O Diário Novo*, Recife, ed. 82, 11 de Abril de 1848, p.2.

a sua defesa a uma Monarquia Constitucional não se tratava apenas de frustrações da República da Grã Colômbia que foi fragmentada, mas também de jogadas/interesses políticos, arquitetadas junto a seus pares.

Para além das redes de sociabilidade que direcionam a trajetória do indivíduo, estão também às influências literárias, o *Diário Novo* fazia divulgação de livros que o General estava vendendo⁴¹⁸, menciona que se tratava de livros de arte, ciência e literatura que estavam escritos em diversos idiomas: francês, inglês, espanhol e português e que eram vendidos na “Loja de Livros do Pateo do Collegio n.2” .

A publicação do *Diário* mostra o quão ampla era a biblioteca de Abreu e Lima, para, além disso, em seus textos o General citava diversos autores que colaboravam para a formação do seu pensamento político e suas opiniões , como por exemplo: 1) a obra *O Príncipe* de Maquiavel citado no Resumen Historico⁴¹⁹; 2) *Do Espírito das Leis* de Montesquieu, citado no *Correo del Orinoco*⁴²⁰; 3) Saint Simon e Fourier citados no livro *O Socialismo*⁴²¹.

Em um artigo⁴²² do *Diário Novo* na seção de *Comunicado* foi escrito acerca da questão do Brasil aderir ao sistema de governo republicano; provavelmente, o texto sem assinatura tenha sido redigido pelo General Abreu e Lima. Na mesma página, era publicado na seção *Parte Não Oficial* um artigo extraído do jornal *A Barca de São Pedro*, do dia 6 de Junho do mesmo ano, falando acerca da integridade do Império, o comparando com os Estados Unidos; segundo o General, os Estados Unidos não formavam uma Confederação, pois os estados não tinham de soberania total, contudo sua Constituição era forte e louvável, e isso bastava.

⁴¹⁸ “Publicação Literária”. *O Diário Novo*. Recife. ed. 51, 4 de Março de 1848, p.3.

Ibid. ed. 74, 1 de Abril de 1848, p.3.

Ibid. ed. 89, 19 de Abril de 1848, p.3.

Ibid. ed. 103, 11 de Maio de 1848, p.3.

⁴¹⁹ ABREU E LIMA, José Ignacio de. *Resumen Histórico de la ultima dictadura del Libertador Simón Bolívar*. Comprobaba con documentos. Prefacio y versiones Goulart de Andrade. Biografía y notas Diego Carbonell. Rio de Janeiro: O Norte, 1922, p. 149.

⁴²⁰ Id. “Artículo Comunicado”. *Correo Del Orinoco*, ed. 67, 17 de Junho de 1820, pp.2-3.

⁴²¹ ABREU E LIMA, José Inácio de. *O Socialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra/FAPERJ, 2001 [1855]

⁴²² Id. “Convirá ao Brasil dividir-se e retalhar-se em Repúblicas?” *O Diário Novo*. Recife. ed. 124, 6 de Junho de 1848, pp. 1-2.

Ao passo que no Brasil a federação não seria benéfica, o necessário era o progresso moral e material, dois fatores repetidos com frequência em seus textos, e para se alcançar esse progresso as garantias constitucionais resolviam, sobretudo tirar toda a concentração de poder do Rio de Janeiro:

[...] Chamar, porém todo o poder, todos os recursos, toda a vida, todo o sangue do Brasil para a Corte, seria loucura rematada, porque o Império poderia morrer de uma apoplexia fulminante. É um erro perigoso a concentração absoluta do poder na capital; erro que tem custado caro á duas administração.⁴²³

Retomando o artigo sobre a república no Brasil, ele já começava o texto negando a pergunta do título: “Não, e mil vezes não dirá todo o homem, que pensa”⁴²⁴; apesar de acreditar que a república era o sistema de governo mais justo, “[...] as constituições deveriam adaptar-se aos povos, e não os povos ás constituições” , segundo ele ,se os "republicanos" destituíssem a Monarquia Constitucional acarretaria em uma guerra civil.

Novamente os Estados Unidos entra em comparação com o Brasil, dessa vez para explicar que a república ia além da escolha de adotar determinado governo, estava pautada também pelos princípios que fundamentavam a nação; o Brasil vinha de um passado colonial de uma metrópole que explorava e que fortalecia a Monarquia absoluta, ao passo que nos Estados Unidos, eram praticamente “republicanos natos”, citando *Tocqueville* afirmava uma homogeneidade do povo da América do Norte.

Criticava que o conhecimento em política que restava ao Brasil era “Deus no céu e Rei na terra”. Apontava ainda para a questão da heterogeneidade da população: a escala da “liberdade” racial. Embora aqueles que defendessem a república tivessem suas argumentações pautadas no direito a igualdade, haviam vícios, costumes, e preconceitos que não se alteraria com a mudança de governo:

[...] No exército, na marinha, na indústria nunca chegam a uma posição, que lhes dê a mais leve autoridade sobre os brancos. Nos teatros, e em outras reuniões públicas eles ou não tem entrada, ou se a tem, ocupam um lugar separado dos brancos.⁴²⁵

⁴²³ Id. “Parte Não Oficial: A Integridade do Império”. *O Diário Novo*. Recife ed. 124, 6 de Junho de 1848, p.1.

⁴²⁴ Id. “Convirá ao Brasil dividir-se e retalhar-se em Repúblicas?” *O Diário Novo*. Recife. ed. 124, 6 de Junho de 1848, p. 1.

⁴²⁵ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Convirá ao Brasil dividir-se e retalhar-se em Repúblicas?” *O Diário Novo*. Recife. Ed. 124, 6 de Junho de 1848, p. 2.

Falava-se em república, em igualdade de direitos, em liberdade, mas a escravidão permanecia como algo enraizado na sociedade; os libertos não encontravam meios de socialização; Abreu e Lima enfatizava ainda que : " a opinião pública é tão contrária a gente de cor"⁴²⁶ ao ponto de desejarem retornar a vida de cativo, desse modo como seria feito uma república, um governo igualitário se não existia liberdade total, e os que eram livres sofriam a repressão do próprio modelo/costume social?!

Ele categorizava as repúblicas da América Hispânica como "turbulentas e desmanteladas"⁴²⁷, a aproximação e sentido de América nesse momento somado ao sentido de revolução remetia-se a guerra civil/ barbárie:

Ali as revoluções escoltadas de todos os seus horrores sucedessem-se em uma escala espantosa, esses povos, que deverão coligar-se, como irmãos, despedaçam-se reciprocamente, como feras sanguinolentas e indomáveis.⁴²⁸

Por outro lado enfatizava que os países vizinhos estavam mais avançados, ricos "na entrada da civilização", todavia quando se tornaram independentes não tinham a tutela monárquica representativa tal como o Brasil teve, pois caso a tivessem eles se salvariam de tanta desordem. Logo, a Monarquia Constitucional era compreendida como solução para que o Brasil não seguir os mesmos passos dos seus vizinhos e acabar em anarquia.

O artigo continua na edição 126⁴²⁹, dando sequências às comparações com a América Inglesa, em termos de terem melhor estrutura. Em suas palavras, estavam eles em maior grau de civilização desde o início da formação do Estado do que o Brasil; criticava também a forma como era conduzida a justiça em que se invertiam os papéis:

Ali (referindo-se aos Estados Unidos) o ladrão além de punido, morre na indignação, e no desprezo público: aqui quem furta bastante torna-se rico, poderoso, respeitado e recebe pelas folhas públicas elogios de honrados, de capitalistas, de cidadão prestimoso e raramente deixa de ser uma importantíssima potestade eleitoral.⁴³⁰

⁴²⁶ Ibid.

⁴²⁷ Ibid.

⁴²⁸ Ibid.

⁴²⁹ ABREU E LIMA, José Inácio de. "Convirá ao Brasil dividir-se e retalhar-se em Repúblicas?" *O Diário Novo*. Recife. Ed. 126, 8 de Junho de 1848, pp. 2-3.

⁴³⁰ Ibid. p.2.

A América Hispânica- um "lastimoso teatro"⁴³¹- em sua opinião era um exemplo de projeto falido de república. Fez uma longa análise sobre a liberdade, como meio de justificar que não é a república que vai mudar todo o quadro político, visto que a liberdade não estava pautada apenas pela via da política.

De certa maneira seu discurso caminhava no sentido de evolução social: da educação como pilar; do conhecimento político; do remanejamento dos cargos públicos e na Constituição coordenando de fato o sistema; porém, acentuava as causas primárias retomando o passado colonial.

Nesse sentido, se aplica o seu conceito de que – cada povo tem um tipo de governo que lhe é conveniente com a sua história – e afirmava que a "revolução prematura", fazendo referência à revolução como base e costume social, ela, nesse sentido, não se remetia necessariamente a guerra em si, mas sim a chamada "revolução prematura". Segundo Abreu e Lima a “revolução prematura” era aquela que não acompanhava a trajetória do país, o qual viveu em submissão por um longo período, nesse sentido, num dado momento surgiam ideias pautadas na revolução, tal como, segundo ele, estava ocorrendo no Brasil, logo, esse tipo de revoluções "retardam o progresso da felicidade pública"⁴³².

Encerrava as suas argumentações chamando atenção dos “republicanos” para que o país não fizesse o mesmo que a América Hispânica e "retalha-se" em repúblicas com uma citação de Edmund Burke : " *Em um povo, que não tem a capacidade social, política e os precisos elementos para ser livre, o governo democrático é a boceta de Pandora, e uma calamidade pública e a pior de todas as tiranias.*"⁴³³

O artigo foi republicado no dia 29 de Julho pelo jornal *O Americano*⁴³⁴, impresso pela tipografia Brasiliense; na mesma edição era publicado um abaixo assinado de cidadãos de Maracaibo na Venezuela reafirmando a independência e a república Venezuelana e que o que dominava era a vontade do povo e não de partido/ patrimônio de família ou pessoa particular.⁴³⁵

⁴³¹ Ibid.

⁴³² Ibid. p. 3.

⁴³³ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Convirá ao Brasil dividir-se e retalhar-se em Repúblicas?” *O Diário Novo*. Recife. Ed. 126, 8 de Junho de 1848, p.3.

⁴³⁴ “Interior: Convirá ao Brasil p dividir-se e retalhar-se em Repúblicas?”. *O Americano*. Rio de Janeiro. ed. 92, 29 de Julho de 1848,p.2.

⁴³⁵ “Exterior: Venezuela” *O Americano*. Rio de Janeiro. ed. 92, 29 de Julho de 1848, p. 1.

A América é um conceito amplo que se desdobra em algumas vertentes no período entre a crise do sistema colonial e a formação dos Estados nacionais, são elas: a questão geográfica: o continente americano; o viés político de pertencimento desse território aos europeus; uma perspectiva de um local novo com suas riquezas; a América como um espaço que abrange nova política associada à liberdade; a América como incapaz dessa política, como um território que necessita de monitoramento e ainda como uma ideia positivista de progresso em que a América não alcança a “civilização” devido as suas marcas com a escravidão e a base política instável.⁴³⁶

Aplicando a categorização proposta por Reinhart Koselleck, América e Americano não assumiram propriamente o papel de conceitos-chave no período estudado, pois nunca se tornaram objeto central do debate político, nem foram dotados de definições múltiplas e antagônicas, próprias do caráter polissêmico dos conceitos dessa categoria.⁴³⁷

Apesar disso, os termos eram usados nos debates, discursos políticos, a exemplo os escritos de Abreu e Lima que categorizava o conceito de América como questão territorial; como projeto futuro a inserindo em um contexto de integração semelhante às ideias de Bolívar; ou ainda, em meio ao período Regencial e no Segundo Reinado ao colocar as repúblicas da América como projeto falho e ressaltando os seus males de origem, a subjugação da colonização, a escravidão.

Para além desses usos do termo no discurso de Abreu e Lima e outros personagens que arquitetavam o plano político da época, o termo “América” e já foi utilizado também como uma ferramenta política de controle mediada pela relação de poder, se pensarmos, por exemplo, no termo “América Latina” veremos que dentre as suas múltiplas facetas está também a conotação negativa de dominação, conotação essa que deriva da ideia que se fazia do Novo Mundo da América sob perspectiva eurocêntrica.

Até a independência do Brasil o termo América Portuguesa era utilizado para definir todo o território pertencente a Portugal, segundo Feres e Maria Elisa Mäder os dicionários portugueses mencionavam apenas a questão geográfica, todavia, existia uma “carga semântica” que ia além da geografia (sua posição no mapa)⁴³⁸.

⁴³⁶ JUNIOR, João Feres; MÄDER, Maria Elisa. “América/Americanos”. In: JUNIOR, João Feres. (org.) *Léxico da História dos Conceitos Políticos do Brasil*. UFMG: Belo Horizonte, 2009, pp.25-42.

⁴³⁷ *Ibidem*. p. 26.

⁴³⁸ JUNIOR, João Feres; MÄDER, Maria Elisa. “América/Americanos”. In: JUNIOR, João Feres. (org.) *Léxico da História dos Conceitos Políticos do Brasil*. UFMG: Belo Horizonte, 2009, p. 29.

Eram ressaltados dois caminhos: a América sob um horizonte trágico de caráter negativo social e político e a América de maneira positiva mediante as riquezas materiais e um horizonte de possibilidades pelo local novo.

Deve-se destacar que o viés negativo serviu para os portugueses como motivo para manter o controle sob o Brasil, na justificativa de civiliza-lo; ocorre que a chegada de D. João VI ao Brasil, a transferência da Corte e a elevação do Brasil a categoria de Reino Unido, foram fatores cruciais que colaboraram para a retardação de movimentos em prol da emancipação, república e do federalismo. Eles acabaram tendo efeito contrário: estimularam a ilusão de continuidade política sufocando assim o caráter libertário. Em contraste na América Hispânica a independência e a formação da nação implicavam diretamente no fim do absolutismo e a implementação de um novo sistema de governo.

De acordo com Maria Elisa Mäder e João Feres Júnior, o conceito de América tem um peso político na Inconfidência Mineira, por empregarem o conceito a ideia de liberdade, república e revolução, por mais que o termo ainda estivesse ligado a uma questão geográfica no mesmo sentido que expressavam os dicionários, esboçavam também um contexto político de união em oposição à Europa, todavia, a América como panorama político e na formação da opinião pública se desenvolve em outra conjuntura, na construção do Estado nacional.

O conceito de América se divide também entre América Meridional e Setentrional, respectivamente América do Sul e Estados Unidos; tais termos carregavam suas singularidades e significados que estavam além da questão geográfica. Os Estados Unidos eram colocados como exemplo louvável de civilização na América, era a exceção à regra e muitas vezes usada como modelo exemplar para comparações a respeito da nação, como é notório nos próprios escritos do General Abreu e Lima, todavia não caberia ao Brasil adotar o mesmo modelo de governo, acreditava-se que o Brasil ainda que numa Monarquia caminhava para uma modernidade, com as novas ideias, tal como os Estados Unidos ou a América Hispânica, destacando os seus pontos positivos, porém sem abrir margem para um sistema de governo republicano.

A América Meridional tinha seus significados polarizados, era identificada como símbolo de liberdade numa linha positiva à revolução, independência e federalismo; e como sinônimo de anarquia, fragmentação territorial e barbárie, e ambas definições eram utilizadas como chaves políticas, ora como aproximação ou adoção do mesmo ideal por aqueles que aspiravam ideias de liberdade/ república, ora como distanciamento e recusa do Brasil a se espelhar, defendida por aqueles que julgavam melhor a centralização do poder/Monarquia. A

visão negativa que se tinha da América Hispânica acabava por colaborar mais no fortalecimento da Monarquia como sistema de governo e retardação do republicanismo.

[...] Com o advento das independências dos Estados Unidos da América e das colônias espanholas, e o consequente uso desses exemplos por parte de atores coloniais descontentes com o Império português. A Associação da América como valor de liberdade tornou-se comum a partir da primeira década do século XIX, ao mesmo tempo que a depreciação das experiências políticas das novas repúblicas da América espanhola rapidamente se converteu em tropo retórico daqueles que não desejavam o governo republicano no Brasil, ou seja, da parte dominante do espectro político brasileiro por toda a primeira metade do século XIX e além.⁴³⁹

A análise de América sob o ângulo da América Hispânica se consistia entre uma linha tênue entre a liberdade e a anarquia, visão esta presente nos discursos de José Bonifácio, Hipólito da Costa, e mais dicotômico com Abreu e Lima e tantos outros personagens que protagonizaram o cenário político de formação da nação e desenvolvimento do projeto nacional, onde, em diversos contextos políticos, compreendiam a república como um projeto perigoso a nação, tendo em vista a experiência da América Hispânica, mas que por outro lado entendia que o Brasil trilhava o caminho de liberdade, todavia, com um modelo diferente de governo. Ou ainda, personagens como o Visconde do Uruguai em que defendia veemente a monarquia de modo a negar a América Hispânica como modelo, “[...] a América aparece identificada a valores negativos, representando a oposição à civilização encarnada pelo Império do Brasil.”⁴⁴⁰

3.2 A *Barca de São Pedro*

Em 1848 Abreu e Lima fundava outro jornal, dessa vez, sob sua única direção chamado: *A Barca de São Pedro*, também com ideologia dos praieiros, visões de liberdade e reformas para o aprimoramento das bases nacionais. Por vezes a *Barca* publicou artigos do *Diário Novo* e vice-versa. *A Barca de São Pedro* era também, assim como o *Diário Novo*, mais um porta-voz das ideologias dos praieiros, todavia, escrita apenas por Abreu e Lima.

⁴³⁹ JUNIOR, João Feres; MÄDER, Maria Elisa. “América/Americanos”. IN: JUNIOR, João Feres. (org.) *Léxico da História dos Conceitos Políticos do Brasil*. UFMG: Belo Horizonte, 2009, p. 38.

⁴⁴⁰ *Ibidem*. p. 36.

A *Barca de São Pedro*⁴⁴¹ tinha como slogan: “periódico político e talvez de oposição” e sua epígrafe era: *Deus meunque jus*⁴⁴²; Circulou no Recife entre maio de 1848 até outubro do mesmo ano, com vinte números de edições, sendo a primeira edição no dia 25 de Maio de 1848 e a vigésima e última no dia 23 de Outubro.

Além do slogan e epígrafe, em todas as edições estava escrito o que o jornal defendia:

Este Periódico pertence à nova Sociedade Imperial Pernambucana, e tem por objetivo sustentar os princípios liberais professados pelo partido nacional praieiro, cujos princípios são: - Monarquia, integridade do Império, Constituição e Reformas na administração geral e provincial pelos meios que a mesma Constituição oferece.⁴⁴³

Nesse sentido, a *Barca de São Pedro* trazia o mesmo sentido/objetivo do *Diário Novo*: ser um jornal de propagação dos ideais praieiros; marcando seus ideais, inclusive frente ao partido da praia nova. Defendia, portanto a monarquia constitucional como sistema governamental e as mudanças que eram propostas ali ocorreriam mediante as bases da Constituição.

Novamente, Abreu e Lima acrescenta em seu jornal político o viés religioso, a *Barca de São Pedro* fazia menção ao apóstolo São Pedro que era um pescador e, portanto que também vivia na praia tal como os praieiros e tinha como fundamento os princípios liberais que consistiam em reformas salutares e a preservação da Constituição, desse modo em seu primeiro número a *Barca de São Pedro* definia-se da seguinte maneira:

E como os nossos princípios são os mesmos, como desejamos a liberdade civil e política, e a fraternidade entre todos os homens, qualquer que seja a sua crença, a sua raça, ou a sua posição no globo terrestre, nenhum outro título nos enquadraria melhor do que o símbolo do pescador Pedro, Príncipe dos Apóstolos; portanto, a BARCA DE SÃO PEDRO será um periódico popular e político para tratar tão somente das necessidades do povo, da sua moralidade, e civilização. Sustentaremos nele os princípios consagrados na nossa constituição com as modificações, que reclamam as necessidades do Império, e, sobretudo da nossa província; trataremos de algumas reformas, quer na administração geral, quer provincial, e faremos oposição ao governo, se não marchar de acordo com os nossos princípios, e o nosso programa.⁴⁴⁴

⁴⁴¹ ABREU E LIMA, José Inácio de. *A Barca de São Pedro*. Recife, 1848.

⁴⁴² Deus é a minha lei.

⁴⁴³ ABREU E LIMA, José Inácio de. *A Barca de São Pedro*. Recife, 1848..

⁴⁴⁴ ABREU E LIMA, José Inácio de. “A Barca de S. Pedro”. *A Barca de São Pedro*. Recife, ed. 1, 25 de Maio de 1848, p. 1.

Em um artigo acerca da integridade do território imperial, Abreu e Lima colocava em questão as congruências entre a nação e a pátria, alegando que a fragmentação territorial enfraqueceria a nação brasileira no centro da América, e por consequência, a América os veria como um povo sem nacionalidade, seu maior temor era de acabar como as outras nações que se fragmentavam e seus grandes nomes viravam subtítulos, tal como o Império Germânico.

Havia em Abreu e Lima uma preocupação de como se construiria a nação, a sua história, a sua política, mas também existia a preocupação de como as outras nações iriam interpretar as suas escolhas e caminhos e como essas escolhas iriam influenciar e ditar as suas relações.

Apesar de ter ciência que a unidade do Império se encontrava fragilizada devido à concentração de poder na capital, afirmava que a fragmentação não seria a solução, afirmava também que se o governo compreendesse as necessidades do país faria então uma reorganização, de modo que o poder não ficasse concentrado no Rio de Janeiro e houvesse uma dinamização maior da administração em que os brasileiros estariam à frente.

A ideia de fragmentação, segundo Abreu e Lima, surgia da “cabeça de pessoas mesquinhas” onde a ilustração não poderia penetrar porque tal pensamento, de fragmentação, de maneira alguma seria fruto de um patriótico que visa o bem da sua nação, pois:

[...] não há patriotismo sem pátria, e a pátria não é a choça onde nascemos, nem a vila onde nos educamos. Reduzi cada homem ao seu local, e a pátria será um nome vão que nada significa. Cada homem civilizado tem orgulho de pertencer a uma grande nação. A ideia de pátria traz outras muitas associadas, entre elas a da força, da riqueza e da inteligência, que cada povo pretende ter entre a família humana.⁴⁴⁵

A ideia de pátria para Abreu e Lima era de não ser apenas o local onde o indivíduo nasceu; Para além da questão geográfica e nacional, visto que ele compreendia a nação como: “[...] o complexo de toda a população, que ocupa um território dado e independente, vivendo sob o influxo de suas próprias leis”⁴⁴⁶, era também ter um sentimento, ou seja, o patriotismo estava pautado pelo símbolo e o sentido da comunidade imaginada, o que nos remetem aos estudos acerca do nacionalismo: da noção de pertencimento, da história, dos laços que se formam e do imaginário que é construído/forjado.

A *Barca de São Pedro* era um periódico político, mas que também formulava projetos governamentais e sociais, em que fazia perguntas, mas também apresentava soluções, exemplo

⁴⁴⁵ Id. “A Integridade do Império”. *A Barca de São Pedro*. Recife, ed. 12, 21 de Agosto de 1848, p.1.

⁴⁴⁶ ABREU E LIMA, José Ignácio de. Eleição Direta. In: BANDEIRA, Antônio Herculano de Souza. Reforma Eleitoral: Eleição Direta. Recife: Typ. Universal, 1862.

disso é que, acerca da fragmentação territorial, Abreu e Lima apresentava um plano de reorganização do Império em que as províncias seriam reestabelecidas a fim do governo conseguir administrar, de modo que a atenção não se concentrasse apenas na capital, a reorganização incluía também reformas no senado e na organização política:

E nossa opinião que, para que haja garantia nos governos representativos, deve ser condição essencial, *sinequa non*, a perfeita divisão entre os poderes (executivo, legislativo e judicial), e não podemos conceber esta divisão sem que os membros, que os compõe, sejam inteiramente distintos e independentes. E como concebeis que haja independência ou divisão dos poderes, quando vedes um só homem encarregado de funções executivas, legislativas e judiciais? Não tendes visto muitas vezes entre nós um magistrado ao mesmo tempo deputado ou senador e presidente de província? É pois tempo de que acabe esta funesta anomalia, e de nos convenceremos de que não podemos dar um passo na carreira das reformas mais importantes, sem que haja uma mão poderosa, que rompa de uma vez para sempre essa fatal cadeia, que nos prende a tantos prejuízos e a tantos erros grosseiros. Deus permita que o Imperador nos ouça.⁴⁴⁷

Antes das publicações *integração do império e reorganização do império*, ele havia publicado acerca da *reorganização do país*, os três artigos caminham sob a mesma pauta: uma reconfiguração administrativa, enfatizando a centralização no Rio de Janeiro.

O artigo⁴⁴⁸ da *Barca de São Pedro* no qual Abreu e Lima propunha uma reorganização do país; se tratava de uma reforma moderada que alterasse a organização atual sem modificar as suas bases; algo bem característico dos reformadores de sua época que acentuavam uma – revolução cautelosa .

Segundo Abreu e Lima a reorganização teria como base o sistema monárquico representativo porque a forma do governo deveria ser sólida.

Criticada a centralização do Império no Rio de Janeiro e apresentava a solução de modo a distribuir o poder de forma igualitária às demais províncias para que uma não superasse a outra; essa crítica á centralização do poder foi mais bem desenvolvida na compilação de artigos *A Cartilha do Povo*, publicado em 1849: “*Com a vinda do Rei para o Brasil não diminuíram os nossos foros e privilégios, porém a administração provincial tornou-se toda dependente do Rio de Janeiro.*”⁴⁴⁹

⁴⁴⁷ Id. “A Reorganização do Império”. *A Barca de São Pedro*. Recife, ed. 15, 16 de Setembro de 1848, pp.1-2.

⁴⁴⁸ Id. “A Reorganisação do Paiz.” *A Barca de São Pedro*. Recife, ed.13, 2 de Setembro de 1848, p.1.

⁴⁴⁹ ABREU E LIMA, José Ignácio de. *A Cartilha do Povo*. Pernambuco: Typ. Da viúva Roma e Filhos, 1849 p.66.

Acerca da distribuição dos cargos públicos, das funções administrativas e judiciais ele dizia que: *“A liberdade individual acaba onde começa o direito de exercer a autoridade pública por mero arbítrio, porque não há responsabilidade.”*⁴⁵⁰

Para Abreu e Lima essa reorganização do país pautada na Monarquia representativa era uma "revolução", todavia, no sentido diferente que demonstrava nas páginas do *Correo del Orinoco* em que a palavra revolução se associava as guerras, no caso em prol da independência, e uma mudança brusca das bases; aqui não, a revolução – reorganização do país – seria feita pelo Imperador, para se ter uma transição e um progresso eficaz dever-se-ia garantir a manutenção da ordem, ou seja a revolução ocorreria de forma minuciosamente planejada, do contrário acabaria em anarquia, ou se permanecessem do modo que estavam, por força maior da necessidade, ocorreria uma revolta, todavia não teria os princípios da ordem, tal como, segundo ele poderia ocorrer no Rio de Janeiro onde o poder era mais efervescente, logo para evitar isso o Imperador conduziria essa mudança: *“ [...] Tudo deve ser preparado com antecipação sob uma só base, que deve ser a monarquia constitucional e a unidade do Brasil; fora disto tudo será anarquia e confusão.”*⁴⁵¹

Entre as mudanças e permanências dos discursos do General a fala referente a monarquia frente a outro sistema de governo é a mais acentuada delas, na verdade é ela que dá base para sustentar os discursos de manutenção da ordem, do olhar distante para os vizinhos que constituíram sua república por meio das guerras, de uma reforma social.

O sujeito que outrora afirmava que a revolução era única maneira do homem se livrar das amarras da tirania, é o mesmo que passou a defender a monarquia e a ilusão de uma autonomia política brasileira (reorganização do país – reforma sob a tutela do Imperador) disfarçada de "revolução cautelosa" que exclui toda a soberania popular porque, em sua visão, o movimento conduzido pelo povo seria sinônimo de barbárie:

Preferimos antes uma Ditadura limitada em mãos do Imperador á uma revolução popular; a ditadura seria neste caso o fiador da ordem pública durante a reorganização do país, porém o que será o poder nas mãos da multidão desenfreada?⁴⁵².

Segundo ele, a única maneira de garantir a integridade territorial e o impedimento de um sistema republicano era o Imperador, do contrário a guerra civil precedida de

⁴⁵⁰ Id. “A Reorganisaçã do Paiz.” A Barca de São Pedro. Recife, ed.13, 2 de Setembro de 1848, p.1.

⁴⁵¹ Ibidem.

⁴⁵² ABREU E LIMA, José Inácio de. “A Reorganisaçã do Paiz.” A Barca de São Pedro. Recife, ed.13, 2 de Setembro de 1848, p.2

fragmentação seria o destino do país. Afirmava ainda que não existia um partido republicano de fato no Brasil e o movimento se conduziria pela via popular e acabariam fragmentados como os "vizinhos".

O Jornal *Eclectico* escrevia um artigo criticando a proposta apresentada pelo General de revolução e reorganização do país, as quais já vinham sendo debatidas em outros artigos tal como *a Colonização que convém ao Brasil* que já havia sido publicado no *Diário Novo* e que depois foi republicado na *Barca de São Pedro*, sobretudo porque reafirmava o conselho de que para reestruturar a nação fosse feita uma revolução e caso o Imperador não a fizesse o povo certamente faria.

“Ouvii meu General! A sua barca não tem entrada cá neste porto, procure outro rumo”⁴⁵³.

O *Eclectico* concordava com o fato de que a revolução não deveria ocorrer pelas mãos do povo, mas julgava absurdo propor revolução e insinuava que as pretensões do General não eram, portanto, de um projeto civilizador para nação, mas, sim, de garantir vantagens no governo.

Acerca da América, no artigo “A Colonização que convém ao Brasil”⁴⁵⁴, fazia uma comparação entre a América do Norte e a América do Sul em que os indivíduos que as colonizaram ditaram e influenciaram os rumos de suas nações, e que a forma como foram colonizadas implicaria nas características futuras da nação. Acerca da América do Norte dizia que:

A América septentrional recebeu em seu seio, ainda deserto, não só proscritos políticos e fanáticos inveterados, como bancarroteiros fraudulentos, criminosos, cavalheiros de indústria, gente sem profissão. Ela os transformou, refundiu sua raça: sua colonização deu a esses descendentes de uma população heterogênea um caráter homogêneo; reuni-os, e associou-os em república livre e honesta, poderosa e pacífica.

Ao passo que na América Hispânica ocorreu de forma inversa: aqui a colonização não teve um segmento positivo, em que os vícios da metrópole refletiam-se na colônia e, portanto, gerou consequências na estrutura da nação; com resquícios do passado as nações da América Hispânica não desfrutaram de uma sociedade bem constituída, pois os vícios repercutiam em suas leis, costumes, política:

⁴⁵³ “Veja!” . *O Eclectico*. Recife, ed.2, 19 de Julho de 1848, p.4.

⁴⁵⁴ Id. “A Colonização que Convém ao Brasil”. *A Barca de São Pedro*. Recife, ed. 15, 16 de Setembro de 1848, p. 2.

A América meridional viu pelo contrário seus campos ocupados, e suas matas roteadas por nobres fidalgos, filhos de uma civilização, que passava por moral. Vede o que essa civilização católica, com seus grandes esforços de virtude, de dedicação, e de coragem, produziu no México e no Peru. Os costumes e os caracteres decaíram ali muito abaixo dos costumes e dos caracteres indígenas. Povo incapaz de gozar da liberdade, e incapaz de sustentar o jugo, mudando de senhores e de leis por capricho, voluptuoso, sensual, perdido de vícios, custa-nos a crer que seja descendente dessa nação castelhana, cujas armas e cujo gênio conquistaram um novo mundo.

A solução que Abreu e Lima apresentava para a colonização que convinha ao Brasil era por meio da educação, de redistribuição do espaço, de se explorar novas áreas, de instigar o trabalho, para que assim tivesse uma nação civilizada.

Ainda sobre a América, afirmava que essas mudanças que propunha o partido liberal, o partido liberal do Brasil, não poderiam ficar para trás, visto que toda a América e Europa se empenhavam pela liberdade e sinalizava que na América não poderia existir um “trono”, um governo, que não estivesse “cercado de instituições populares”, porque a América não aceitaria mais um governo absoluto.⁴⁵⁵

Nesse sentido, o projeto de nação de Abreu e Lima buscava pelas ideias modernas e, ainda, que as raízes do antigo regime não estivessem extirpadas, fazia-se uma mescla entre o liberal e o conservador.

A educação é a chave para tirar o homem da ignorância e é pedra fundamental nas argumentações de Abreu e Lima de um projeto nacional, uma nova sociedade em que a administração se daria pelas mãos dos filhos do país. Daí também as argumentações do “desportuguesamento do Brasil”⁴⁵⁶ visto que eram os portugueses que estavam dominando os cargos públicos, regendo a economia e a administração, enquanto que os brasileiros ocupavam um papel secundário na nação; logo, o remanejamento dos cargos, da literatura, da história voltados para os Brasileiros desenvolveriam sua economia e sua sociedade a fim de se evitar também as revoluções:

Criemos quanto antes essas novas sociedades com os próprios filhos do país, estabeleçamos esses novos viveiros de população e de indústria, organizemos o trabalho harmonizando-o com o capital e o talento, abramos novas fontes de indústria quer agrícola quer fabril, e demos melhor direção a esse movimento, que se acelera nos grandes centros de consumo, para evitar essas frequentes revoluções, que

⁴⁵⁵ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Intermitência do Partido Liberal do Brasil”. *A Barca de São Pedro*. Recife, ed. 20, 23 de Outubro de 1848, p.4.

⁴⁵⁶ ABREU E LIMA, José Ignácio de. *A Cartilha do Povo*. Pernambuco. Typ. Da Viuva Roma e Filhos, 1849.

tornam impossíveis todos os meios de melhoramentos agora ou para o futuro. Cuidemos da educação do povo, cuja ignorância é tão prejudicial! [...]⁴⁵⁷

Os escritos do *Diário Novo*, assim como os da *Barca de São Pedro*, se dão em contextos políticos, temporais e territoriais totalmente diferentes da tríade dos jornais fluminenses e do calor da liberdade no *Correo del Orinoco*.

Deve-se levar em conta, a influencia de seu irmão e o partido dos praieiros, o interesse em ser eleito como deputado e, portanto, a integração aos praieiros; assim como deve-se compreender que, apesar dos indícios de liberdade da Revolução Praieira e seus princípios articulados *apriori* da revolução, suas reflexões eram de um liberalismo moderado, pautado na preservação da Constituição e da Monarquia Constitucional, e, acerca do significado de América, ainda que, em sua opinião, deveriam integrar-se e colaborar para o amadurecimento de suas políticas. Com frequência a república e a monarquia eram contrastadas entre a barbárie e a civilização, então, dessa forma, a América sofria a guerra civil devido ao seu modelo de sistema de governo.

Tanto o *Diário Novo* como a *Barca de São Pedro* articulavam as políticas de Pernambuco e eram classificados como periódicos dos praieiros.

Abreu e Lima foi um dos presos pela Revolução Praieira acusado de ser o “cabeça da revolução”:

Na tarde do dia 15 do corrente foram presos pela polícia os senhores Drs. Abreu e Lima, Affonso de Albuquerque e Mello, e Padre Rochaél, indigitados na redação do Diário Novo. Depois que se deram essas prisões foi cercada a tipografia do referido Diário, e duas carroças se puseram a porta para conduzir a oficina. A Senhora viúva Roma, proprietária desse estabelecimento, a muitas instancias pode demorar a execução em quanto foi ter com o S. Exc. O Sr. Honório compadecido das lagrimas da desolada viúva, que reclamava o único arrimo de seus filhos, mandou levantar o cerco, que se verificou por as 6 e meia hora da tarde.[...]⁴⁵⁸

Abreu e Lima foi exilado na Ilha de Fernando de Noronha e tempos depois, absolvido, justificando que apesar da sua participação nos jornais *Diário Novo* e *Barca de São Pedro*, ele não era o “cabeça” da Sociedade Imperial Pernambucana, não era o principal responsável pelo jornal *Diário Novo* e que não havia participado de conflito armado; O advogado José Thomaz Nabuco de Araújo Jr. foi quem o defendeu das acusações e publicou no *Diário de Pernambuco* acerca do julgamento:

⁴⁵⁷ Id. “O Triunfo das Ideias Socialistas”. *A Barca de São Pedro*. Recife, ed. 20, 23 de Outubro de 1848, p. 2.

⁴⁵⁸ “O Fiscal”. *O Fiscal*. Recife. ed. 19, 20 de Novembro de 1849, p.1.

[...] General José Ignácio de Abreu e Lima, visto como as testemunhas apenas juram contra ele de ouvida vagas e por conjecturas. Algumas das ditas testemunhas fizeram consistir a criminalidade do réu nos fatos, aliás, não provados de ser ele o redator do Diário Novo e o presidente da Sociedade Imperial Pernambucana. Não está o réu qualificado nos termos do artigo 7 do código criminal como responsável pelo Diário Novo, que aliás, como consta de folha 125 e 126, foi impresso por outrem, responsável presumido a face da lei. [...] O juri respondeu pela afirmativa, e esta resposta, que não tem em seu apoio um só documento, uma só testemunha, deu causa a apelação interposta, visto como é contrária a evidência, sendo que ao demais não está provado que o réu tomasse parte alguma na rebelião; - O Juiz de direito, José Thomaz Nabuco de Araújo Júnior.⁴⁵⁹

No dia 20 de Outubro, o jornal *O Esforço: periódico político: progresso e ordem*⁴⁶⁰, publicava acerca da remoção dos presos devido a Praieira no dia 11 de Outubro, entre eles Abreu e Lima: “*Pelas 4 horas da tarde do dia 11 do corrente foram removidos para bordo da curveta Euterpe os presos Srs. Dr. Lopes Netto, Dr. Villela Tavares, general Abreu e Lima[...].*”⁴⁶¹

De acordo com Marson⁴⁶², após a anistia, em 1851, o partido dos praieiros deixou de existir, todavia, suas articulações permaneciam, porém, não na mesma intensidade e não era também o fim da disputa entre as oposições, as quais já tinham raízes bem profundas ao findar desse processo.

3.3 Após a Praieira: O “Desportuguesamento do Brasil”, o Socialismo Cristão e as “Bíblias falsificadas”

A Revolta da Praieira não foi o último conflito político que Abreu e Lima se envolveria; Apesar da *Barca de São Pedro* não circular mais, o General continua com os seus escritos polêmicos, ou por meio de artigos ou como publicação-correspondência a outro jornal, tal como o *Diário de Pernambuco*.

⁴⁵⁹ JUNIOR, José Thomaz Nabuco de Araújo . "Rasões da appellação ex-officio interposta da decisão do jury que condemnou ao General José Ignácio de Abreu e Lima." *Diário de Pernambuco*, Recife. Ed. 213,25 de Setembro de 1849, p.2.

⁴⁶⁰ *O Esforço: periódico político: progresso e ordem*, Recife, 1849.

⁴⁶¹ “Remoção dos presos das Fortalezas Brum, e Cinco Pontos e da Cadeia para Fernando.” *O Esforço*, Recife, ed.3, 20 de outubro de 1849.

⁴⁶² MARSON, Izabel Andrade. Movimento Praieiro (1842- 1849): Imprensa, ideologia e poder político. São Paulo: Ed. Moderna, 1980.

A vivência do exílio na Ilha de Fernando de Noronha, em 1849, resultou em um artigo intitulado “*Apontamentos sobre a Ilha de Fernando de Noronha*”⁴⁶³. Os escritos tratam acerca da vegetação e geografia da ilha, onde é ressaltado alguns aspectos vantajosos para a economia, tal como a produção de mandioca, assim como milho, feijão e jerimum⁴⁶⁴ que, segundo a sua opinião, deveriam ser valorizados. Também retrata alguns apontamentos acerca do sistema prisional, um tanto irônico, uma vez que ele na condição de preso escrevia sugestões de aperfeiçoamento do sistema e estrutura prisional, a título de exemplo:

[...] o presídio tem hoje cerca de 600 sentenciados (se já não excede desse número), o que já forma uma grande Penitenciária; e portanto é mister prover a segurança de toda essa gente para que não se repitam essas fugas continuas, que não pode impedir a pequena guarnição militar, que para ali destaca. E como seria impossível manter ali um Batalhão, é de necessidade absoluta, que exista constantemente naquelas águas uma embarcação de guerra das da Estação Naval de Pernambuco, revesando-se todos os meses. [...]⁴⁶⁵

Outra publicação de 1849 foi a *Cartilha do Povo*⁴⁶⁶, em que Abreu e Lima usava o pseudônimo de *Franklin*; foi publicado pela Tipografia de sua cunhada, *Typografia da Viúva Roma e Filhos*, outrora na direção de seu irmão Luiz. A *Cartilha do Povo* reunia um conjunto de artigos – alguns, segundo o editor, um amigo os havia confiado esses textos e eles estavam publicando com um objetivo de promover o bem á pátria. Afirmavam também que alguns dos textos foram escritos no Rio de Janeiro, em 1842 e outros, já haviam sido publicados na *Barca de São Pedro* e no *Diário Novo*, tal como “*Colonização que convém ao Brasil*”⁴⁶⁷;

A *Cartilha do Povo* levantava uma série de questões acerca da organização nacional. Duas questões macros são enfatizadas: a primeira sobre o domínio português na administração do país; e a segunda, a centralização do Império no Rio de Janeiro.

Retratando a primeira questão, Abreu e Lima afirmava que haviam herdado todos os vícios dos portugueses e nenhuma de suas virtudes, visto que os que vinham para o Brasil não era homens eminentes, intelectuais ou figuras exemplares, “[...] *esses não vêm para o Brasil,*

⁴⁶³ ABREU E LIMA, José Ignácio de. Apontamentos da Ilha Fernando de Noronha. (1857) Rev. Do IHGPE, n.38, 1890, pp. 3-17

⁴⁶⁴ Ibidem. p. 10.

⁴⁶⁵ Ibidem p. 11.

Disponível em: < <http://www.institutoabreuelima.com.br/wp-content/uploads/2011/04/Apontamentos-sobre-a-Ilha-de-Fernando-de-Noronha.pdf>> Acessado em: Agosto de 2019.

⁴⁶⁶ Id. (Franklin). A Cartilha do Povo. Pernambuco. Typ. Da Viuva Roma e Filhos, 1849.

⁴⁶⁷ ABREU E LIMA, José Inácio de. “Colonização que Convém ao Brasil”. *O Diário Novo*. Recife, ed. 239, 4 de Novembro, p.1.

Id. “Colonização que Convém ao Brasil”. *A Barca de São Pedro*, Recife, ed. 14, 11 de Setembro de 1848, p. 2.

e em lugar deles ficaram-nos os José Clementes, os Limpos, os Vergueiros, os Condes de Lages, e toda essa caterva e Magistrados tão estúpidos como covardes e venais”⁴⁶⁸. O Brasil, apesar de independente, não havia se libertado das influências dos portugueses e parecia ainda uma colônia em disputa pelo poder e administração “[...]entre nós os Limpos e os José Clementes, Vergueiro e o Conde de Lages.”⁴⁶⁹

Nessa mesma linha de pensamento, ele aponta que o que predominava era o “interesse” no lugar da religião/fé; todos que vinham para o Brasil ficavam à margem, não iam para o interior, desbravar terras ou destinar-se aos trabalhos de agricultura ou indústria; satisfaziam-se em montar suas lojas, armazéns e conseguiam ter vantagens sob os brasileiros, inclusive com o casamento.

Nesse sentido, a proposta de Abreu e Lima era de um “*desportuguesamento do Brasil*” para projetar o sentimento nacional, apresentar novos costumes, desenraizar preconceitos, extirpar influências negativas que haviam herdado e pautar por uma administração que não excluísse os brasileiros do centro, e ainda, que esse desportuguesamento pudesse subtrair o ódio aos portugueses, visto que os brasileiros estavam “feridos em seu orgulho nacional”, porém diferente da América Hispânica e dos Estados Unidos, não reagiam contra a humilhação.

Os portugueses se vangloriavam de terem realizado a independência do Brasil em 1822, todavia, Abreu e Lima, acentuava que o primeiro grito de liberdade havia sido dos pernambucanos, com a Revolução de 1817, esses, segundo ele:

[...] queriam uma independência de fato, com todas as garantias para o presente e para o futuro: uma independência firmada em seus próprios esforços e recursos, e na impotência da mãe pátria para submeter de novo os Brasileiros as suas leis e regimes colonial: queria a realidade e não uma decepção, com que há 20 anos nos embalam: queria cabal ingerência dos filhos do país nos negócios de sua regeneração política: queria finalmente uma Independência toda americana sem ressaibos da Velha Corte.⁴⁷⁰

Preocupava-se também com o olhar de outras nações para o Brasil. A título de exemplo, ele fala da escolha de Joao Francisco Regis, um português, para representar o Brasil em Montevideo, depois enviaram para Buenos Aires outro português. Os cargos de destaque eram concedidos em sua maioria a portugueses, ou seja, os brasileiros permaneciam

⁴⁶⁸ Id. (Franklin). A Cartilha do Povo. Pernambuco. Typ. Da Viuva Roma e Filhos, 1849, p.12.

⁴⁶⁹ Ibid., p.8.

⁴⁷⁰ ABREU E LIMA, José Ignacio de. (Franklin). A Cartilha do Povo. Pernambuco. Typ. Da Viuva Roma e Filhos, 1849, p. 17.

subjugados e, nesse sentido, eram “desprezados” pelas outras nações. A Inglaterra pertencia aos ingleses, a França aos franceses, todavia o Brasil pertencia aos portugueses. Queixava-se que os próprios brasileiros não tinham a iniciativa de fazer valer os seus direitos, que não tinham “coragem de se emancipar”, fazia-se, portanto necessário criar um patriotismo, pois estavam como estrangeiros em sua própria pátria .

Abreu e Lima formulava então seis medidas para o desportuguesamento do Brasil: 1) Tirar os portugueses da magistratura, do exército, da marinha e de cargos honrosos;2) Proibir venda de mercadorias a retalhos a estrangeiros;3) Criação de Escolads de Domingo (Sabbath School) tal como os Estados Unidos, a Inglaterra e a Holanda; 4)Substituir Academias ou Escolas por Universidades e convidar professores estrangeiros habilitados das melhores Universidades para que Coimbra não fosse mais a única opção viável;5) Começar uma colonização interna, instruindo os “ filhos do país”; 6) Exercer uma vigilância policial sobre os portugueses sem trabalho/ocupação que viessem de fora do país e os dirigindo para o interior para se ocuparem da agricultura.

De acordo com Abreu e Lima, essas medidas não ocorreriam em um “ fiat-lux” , mas algo deveria ser feito para que o Brasil conquistasse sua emancipação política. Deve-se observar que, apesar do discurso por uma emancipação política, de um afastamento dos portugueses, essas mudanças não ocorreriam por uma revolução tendo sua base pelo ressentimento da humilhação, na verdade, tais mudanças ocorreriam em um processo lento, sem modificar o sistema de governo, ou seja, a ideia de uma república não está inserida nessa questão: uma emancipação política sim, mas a permanência do Império como é demonstrado em seus escritos:

[...] olvidemos por um momento as nossas desavenças domésticas, ou por outra reunamo-nos para tornar a independência uma realidade, e todas elas desaparecerão de uma vez. Uma bandeira, um só partido, uma só palavra sagrada, e tudo será feito: a independência de fato!! Eis ai a vossa bandeira: Brasileiros natos! Eis ai o vosso partido: a Integridade do Império! Eis ai a vossa palavra sagrada. Se tiverdes juízo e perseverança, tudo isto é a obra de um momento, porque ao primeiro grito bem pronunciado nossos inimigos deixarão o campo, e se não os arrojaremos para fora do país, e será talvez o melhor partido.⁴⁷¹

O resultado do “desportuguesamento” seria a independência de fato com a emancipação política e o seu processo forjaria o patriotismo nos brasileiros:

⁴⁷¹ ABREU E LIMA, José Ignacio de. (Franklin). A Cartilha do Povo. Pernambuco. Typ. Da Viuva Roma e Filhos, 1849,p. 26.

Sabeis porque os brasileiros estão divididos, sabeis porque se não entendem, porque não curam de si? É porque lhes falta um estímulo, um sentimento que os aguilhoie, falta-lhes o amor da pátria, que até hoje não tem sido para seus filhos senão uma madrasta. Brasileiros! Arranquemos das mãos dos portugueses o laço nacional: Viva a independência de fato! Viva os brasileiros natos!- Viva a integridade do Império!⁴⁷²

A segunda questão abordada na *Cartilha do Povo* refere-se à centralização do poder na província do Rio de Janeiro: “[...] enquanto a cabeça se acha farta e repleta, o corpo estaria exangue, inanido, e uma congestão cerebral poderia matar todo o Império.”⁴⁷³

Abreu e Lima pontuava que o estabelecimento da Corte não foi uma ação civilizadora ou benéfica, que na verdade, a chegada da Corte ao Brasil tornou o governo corrupto e não civilizador, Destacava que a abertura dos portos e a liberdade comercial trouxeram novos tributos e a sociedade formava-se como um “exército de verdadeiros mendigos de Portugal”⁴⁷⁴, – retomando, nesse sentido, as questões do predomínio de portugueses em cargos de honra/ administração que, segundo ele, deveriam ser ocupados por brasileiros, fator este que é base da sua argumentação para um “desportuguesamento do Brasil”. Não só uma instituição da independência e o reconhecimento de outras nações como nação independente, no caso fora da tutela de Portugal, se faziam necessárias, também, outras medidas para o desenvolvimento econômico, social e político da nação. Dessa forma, ele criticava também que não foi criado/incentivado o desenvolvimento de indústrias ou da agricultura nas províncias, com exceção do Rio de Janeiro, assim como não havia também ações para educação, ciência, arte, ferramentas indispensáveis, em sua opinião, para uma nação bem estruturada, entendendo a educação como pilar social.

Nesse sentido, considerava a independência uma transição: algo ainda a ser alcançado e/ou consolidado como um todo. Novamente a coloca como uma decepção, somada ao fato de todo o país e toda a administração provincial depender do Rio de Janeiro, tal situação gerava desgosto pelo restante do país e a partir daí as reações aparecem. Abreu e Lima exemplifica com a questão Cisplatina em que era necessário apelar para um “espírito nacional”, todavia, não havia união, o pensamento comum entre as províncias era “[...] ódio contra o governo do Rio de Janeiro.”⁴⁷⁵

⁴⁷² Ibidem. p. 27.

⁴⁷³ Ibidem. p. 63.

⁴⁷⁴ Ibidem. p. 64.

⁴⁷⁵ ABREU E LIMA, José Ignácio de. (Franklin). *A Cartilha do Povo*. Pernambuco. Typ. Da Viuva Roma e Filhos, 1849, p.69.

A centralização do poder no Rio de Janeiro gerava insatisfação e comprometia a integração do território e a estabilidade política, assim como não fomentava o patriotismo. A Regência trina e o Primeiro Regente do Ato Adicional, segundo ele, não colaboraram para essa união. Pelo contrário, governavam para a sua própria virtude. A partir daí o país “anarquizou-se, destruiu-se, deslacerou-se” com vários movimentos, ideias de federação e anarquia e todas essas coisas eram feitas em nome da liberdade, e a chamada revolução da Maioridade “destruiu um governo legal em duas horas”⁴⁷⁶. Esse conjunto de fatores e decisões políticas o levava a afirmar que unidade administrativa não era o mesmo que unidade nacional:

O Brasil é muito extenso para o reduzi-des ao pequeno recinto do Rio de Janeiro. Fazei o que quiserdes, despojai as províncias de suas prerrogativas, do seu dinheiro, do suor do seu povo; chamai á Corte toda a riqueza, todo o poder, todo o prestígio, ainda assim nunca conseguireis prostrar a nacionalidade brasileira ante o ídolo do Pão de açúcar.⁴⁷⁷

Segundo os escritos da *Cartilha do Povo*, o Brasil poderia continuar com esse sistema administrativo, da centralização do poder no Rio de Janeiro, todavia, tal fator representava uma máquina de revoluções, visto que as províncias sem autonomia, isoladas, abatidas, sem garantias, submissas ao Rio de Janeiro iriam se rebelar, portanto, resultariam em anarquia, guerra civil e a dissolução do território e da sociedade brasileira.

Abreu e Lima foi um dos primeiros brasileiros a escrever acerca do socialismo, todavia, ele escreveu sobre um socialismo cristão, chamado também de socialismo utópico. Em 1855 publicou um livro intitulado *O Socialismo*, pela Tipografia Universal, localizada em Pernambuco, todavia começou a escrevê-lo em 1852 resultando em 26 capítulos.

A obra estabelece um diálogo com filósofos e estudiosos, tais como Kant, Saint-Simon, Platão, Fourier, Thomas Hobbes, Owen, entre outros; acerca do que Abreu e Lima chamará de “socialismo cristão”, com um viés moral acentuando um progresso político, ao bem estar material e moral, a questão da propriedade, da liberdade religiosa, dentre outros temas em que é possível articulação com o socialismo. Deve-se levar em conta que o socialismo que Abreu e Lima escrevia não é tal como compreendemos hoje enquanto partido, doutrina e ideologia:

As palavras, como os seres humanos, dependem também de um processo de gestação, comandado pelo tempo. Não foi por acaso que o vocábulo socialismo teve

⁴⁷⁶ Ibidem, p. 71.

⁴⁷⁷ Ibidem.

que esperar pelo século XIX, numa longa gestação, em que as doutrinas mais humanas se detinham no bem-estar e na felicidade do indivíduo.⁴⁷⁸

A questão do socialismo com Abreu e Lima não aparece só nessa obra, na verdade, ele começa no periódico a Barca de São Pedro com o artigo “*O Triunfo das ideias Socialistas*”⁴⁷⁹, todavia, em outros artigos que tratava sobre a reorganização do país, o *desportuguesamento*⁴⁸⁰, a centralização do poder no Rio de Janeiro⁴⁸¹, a *colonização que convém ao Brasil*⁴⁸² são temas que de certa maneira já foi abordado ou apresentado sob a mesma chave de reforma/ mudança no Brasil: uma ideia de progresso/desenvolvimento social, pautado tanto na questão econômica, quanto administrativa e moral, sobretudo ressaltando questões como: a religião, política e educação:

[...] Nota-se, porém que suas ideias defendiam curiosamente a importância da família e o direito à propriedade, sem tocar na escravidão. Após ter participado de inúmeras tentativas de revolução armada, Abreu e Lima passou a ter uma visão providencialista: acreditava que o Supremo Arquiteto do Universo guiaria as transformações sociais de forma evolutiva e gradual, sem rupturas, alcançando assim sem traumas o caminho inevitável da perfeição e progresso.⁴⁸³

De acordo com Morel, a família e a propriedade eram os pilares do discurso da “Providência” do General Abreu e Lima lugar em que a escravidão não tinha o mesmo espaço de discussão; quando Abreu e Lima tratava, no *Socialismo*, acerca da escravidão, ele a colocava como uma etapa a ser superada, um processo da regeneração do homem e trazia exemplos de como a escravidão era um problema universal, visto que várias nações em diversas temporalidades fazia do homem uma propriedade. Nesse sentido, a emancipação do homem só seria efetivada quando não tivesse mais divisões entre escravos e senhores em que todos os homens seriam, portanto, iguais:

⁴⁷⁸ SOBRINHO, Barbosa Lima. “Prologo” IN: ABREU E LIMA, José Ignácio de. *O Socialismo* Rio de Janeiro: Paz e Terra/FAPERJ, 2001 [1855]p. 18.

⁴⁷⁹ ABREU E LIMA, José Ignácio de. “O Triunfo das Ideias Socialistas”. *A Barca de São Pedro*. Recife, ed. 20, 23 de Outubro de 1848, p. 2.

⁴⁸⁰ Id. *A Cartilha do Povo*. Pernambuco. Typ. Da Viuva Roma e Filhos, 1849.

⁴⁸¹ *Ibidem*.

⁴⁸² Id. “Colonização que Convém ao Brasil”. *O Diário Novo*. Recife, ed. 239, 4 de Novembro, p.1.

Id. “Colonização que Convém ao Brasil”. *A Barca de São Pedro*, Recife, ed. 14, 11 de Setembro de 1848, p. 2.

⁴⁸³ MOREL, Marco; SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. *O Poder da Maçonaria: A História de uma Sociedade Secreta no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira 2008, p. 168.

[...] marcha o cristianismo para o complemento da missão de seu fundador. Jesus começou a sua doutrina chamando a todos irmãos; a fraternidade pois exclui a escravidão, porque esta torna os homens desiguais entre si. E esta escravidão, que remonta ao berço do gênero humano e tem atravessado toda as civilizações, que nos precederam, está destinada a acabar na que decorre atualmente sob o poderio influxo da religião e da moral, não quis nem ali somente, não neste ou naquele país nesta ou naquela parte do mundo, mas em toda a superfície da terra, onde o homem possa viver ao abrigo do estandarte da Cruz.⁴⁸⁴

Nesse mesmo sentido, acerca das ideias socialistas, o artigo da *Barca de São Pedro*, escrito em 1848, já apresentava a visão de Abreu e Lima do que seria um país socialista, uma sociedade socialista, que não se prende a uma questão de ideologia, mas sim de desenvolvimento moral e econômico. A sociedade se tornaria socialista aos poucos, é um processo entre vícios e virtudes que irá moldá-la a civilização:

[...] Somos na verdade socialistas, mas entenda-se bem, que divergirmos em grande parte dos mestres dessas doutrinas, e apenas queremos dela aquilo que for aplicável á nossa presente situação. No estado atual do país seria não só loucura, mas até um crime o ficarmos estacionados; quando o mundo da civilização nos grita: avante! Avante, devemos responder, senão corremos o risco de descarreamos da vereda da civilização, que trilhamos de parceria com os povos do velho mundo. Depois da nossa independência temos só vivido de política, mas não há política sem costumes, e deve espantar-nos por certo a decadência da moral do povo brasileiro, horroriza-nos esse estado de degradação.⁴⁸⁵

Para além disso, a perspectiva de Abreu e Lima afastava-se das teorias do comunismo, ou das ideias de Saint Simon e Fourier as quais, segundo ele, comprometiam a propriedade e a família. A proximidade do comunismo com o socialismo acaba por deturpar a representação do socialismo do mesmo modo que a igreja católica fez com a filosofia.

O socialismo sustentava-se a partir do coletivo, que partiria do princípio do individualismo para o coletivo, ou seja, o homem como um ser coletivo; o socialismo, portanto, surgiria a partir da necessidade da sociedade em civilizar-se, em progredir, em se desenvolver para além das questões políticas, mas também forjar um costume, costume este que promovesse o bem-estar moral e social.

Segundo Abreu e Lima, o socialismo não era uma ciência ou uma doutrina, por isso até, descartava os ideais de Saint Simon e Fourier; para ele, o socialismo ia além da questão ideológica, era um “*designo da Providência*”, uma causa universal. Em suas palavras: “*O socialismo não é uma ciência, nem uma doutrina, nem uma religião, nem uma seita, nem um*

⁴⁸⁴ ABREU E LIMA, José Ignácio de. O Socialismo Rio de Janeiro: Paz e Terra/FAPERJ, 2001 [1855].pp.188-189.

⁴⁸⁵ ABREU E LIMA, José Ignácio de. “O Triunfo das Ideias Socialistas”. *A Barca de São Pedro*. Recife, ed. 20, 23 de Outubro de 1848, p. 2.

sistema, nem um principio, nem uma ideia: é mais do que tudo isto, porque é um designo da Providência.”⁴⁸⁶. Dessa maneira, o socialismo era um fenômeno social linear, progressivo na qual o homem formaria uma só família, contudo, para se alcançar o ápice do socialismo o homem teria que passar por todas as fases, quebrar barreiras e ideias, substituindo uma sociedade pela outra, nesse sentido, a sociedade passada já havia resolvido a questão da filosofia e a de Abreu e Lima, preocupava-se com o desenvolvimento material e moral.

O homem não nasceu culpado nem imperfeito; porque o primeiro homem não nasceu, foi obra de Deus, e devia ser, como todas as suas obras, perfeito. O homem pela primeira culpa caiu, e a sua queda o reduziu à imperfeição; mas nem por isso a lei providencial do seu destino foi abrogada. O homem do abismo da sua queda alcançou os olhos e as mãos para Deus, e desde então trabalha para voltar à perfeição, de que fora dotado no ato de sua criação. [...] ⁴⁸⁷

Diferentemente de Thomas Hobbes⁴⁸⁸ que parte do principio de que o homem estava em seu “estado de natureza”, Abreu e Lima não compreendia o homem como um ser selvagem, visto que ser selvagem seria contrário à razão. O homem era, portanto, um ser social – sua origem é necessariamente na sociedade –; um ser perfeito, pois foi criado por Deus, todavia, era necessário que o homem passasse por uma reabilitação, uma regeneração do homem a partir de si próprio.

Contudo, acentuava que a palavra, “signo de ideia” e a “própria ideia”, trouxe consigo uma pluralidade de novos sentidos e significados, entre eles a liberdade que fundou novas ideias, percepções, religião e sociedades; nesse sentido, se valia a razão individual daí então o contrato social⁴⁸⁹, a organização, os limites com o outro.

O homem tinha o livre arbítrio e, a partir de suas próprias ações, iria alcançar a regeneração, tendo assim o bem estar moral e material, contudo era necessário passar pelas provações que, as vencendo, resultaria no bem do espírito e na felicidade.

Para ele, o homem não se limitava a pertencer uma nação era, portanto cidadão do mundo. O sistema de governo conveniente era aquele que resultasse na riqueza, prosperidade, bem estar- social e moral do povo independente de ser monárquico republicano ou qualquer outro. O “designo da Providência” em estabelecer uma só família mediante a reabilitação do

⁴⁸⁶ Id. O Socialismo Rio de Janeiro: Paz e Terra/FAPERJ, 2001 [1855] p. 31.

⁴⁸⁷ ABREU E LIMA, José Ignácio de. O Socialismo Rio de Janeiro: Paz e Terra/FAPERJ, 2001 [1855]p. 36.

⁴⁸⁸ HOBBS, Thomas. O Leviatã. Ed. Martin Claret: São Paulo, 2003 [1651].

⁴⁸⁹ ROUSSEAU, Jean-Jacques . Do contrato social. 1762.

homem, dia após dia progredindo, era isto que Abreu e Lima classificava como socialismo – uma ideia moral de elevação do espírito em busca do bem estar moral e material.

Depois dos escritos do *Socialismo*, Abreu e Lima ainda teria uma nova polêmica, essa, por sua vez, tem seus reflexos até os dias de hoje. Como se viu ao longo do texto, a questão religiosa sempre esteve presente em seus discursos, fosse como estratégia de persuasão do discurso, fosse pelo seu caráter religioso.

Em 1867, Abreu e Lima, com o pseudônimo de *Cristão Velho*, escreveu um texto intitulado *As bíblias falsificadas ou duas respostas ao senhor Conego Joaquim Pinto de Campos*⁴⁹⁰.

O texto é uma defesa do General Abreu e Lima aos escritos do Conego Joaquim Pinto de Campos. O Cônego estava escrevendo artigos na imprensa a respeito de Abreu e Lima, e, segundo ele, o General estava distribuindo bíblias falsas e tecendo argumentações contra as práticas da igreja católica.

Abreu e Lima havia distribuído alguns exemplares da bíblia (apenas o novo testamento) que havia sido impressos em Londres, para familiares e pessoas próximas. A intenção de Abreu e Lima ao distribuir as bíblias era de colaborar para uma educação cristã, em suas palavras:

[...] há muito que pensamos em dar uma educação cristã á infância, principalmente a do sexo feminino; visto que a educação, que recebe agora, é puramente pagã e idolatra; em que desaparece inteiramente a ideia de Deus, substituída pelo culto material das imagens.⁴⁹¹

Segundo o Cônego, as bíblias que Abreu e Lima distribuía tinham erros e heresias.

É válido ressaltar que, na época, a igreja católica era a responsável pelas questões civis, tais como: casamento, óbito, registro de nascimento. E uma das questões que Abreu e Lima enfatizava referente a liberdade religiosa era a separação da igreja e do Estado, afirmando por exemplo a ideia do casamento civil.

⁴⁹⁰ ABREU E LIMA, José Ignácio de. *As bíblias falsificadas ou duas respostas ao senhor Conego Joaquim Pinto de Campos. Recife, 1867.*

Disponível em: < www.institutoabreuelima.com.br>

Acessado em: 01 de Novembro de 2019.

⁴⁹¹ ABREU E LIMA, José Ignácio de. *As bíblias falsificadas ou duas respostas ao senhor Conego Joaquim Pinto de Campos. Recife, 1867, p.3.*

Disponível em: < www.institutoabreuelima.com.br>Acessado em: 01 de Novembro de 2019.

Segundo Abreu e Lima: "*O Deus dos cristãos não se importa com que o homem conheça a sua essência; pelo contrário esse conhecimento perfeito será o complemento da civilização*"⁴⁹².

Alguns dos artigos contra argumentando o Cônego foram publicados no *Jornal do Recife*. O Conego, juntamente com mais trinta padres, fizeram um protesto contra Abreu e Lima, escrevendo no *Diário de Pernambuco*, no dia 7 de Agosto de 1866.

Abreu e Lima no texto sobre as bíblias falsificadas relatava que lamentava, em tom de ironia, não ser tão santo como esses homens, que eles eram, na verdade, anticristãos e que não tinham uma vida de verdadeira devoção a Cristo. Comparava-lhes a Demétrio, um personagem da bíblia que estimulou o ódio em Éfeso contra o Apostolo Paulo enquanto esse pregava o evangelho.

Todavia, aponta que no dia dessa publicação ele foi alvo de insultos nas ruas. Em suas palavras:

Quereis saber o que são os protestantes do Diário? Pois bem, no dia em que saiu o tal protesto, eu não podia dar um passo na rua, que não fosse retido por alguém para contar-me a vida e milagres de algum desses padres, cujas crônicas escandalosas andam na boca de todo este povo. Eu só conhecia uns três ou quatro desses bandidos, todos os mais eram novos para mim, mas muito conhecidos nesta cidade.⁴⁹³

Todavia, o *jornal do Comércio* e o *Diário do Rio* publicaram artigos elogiando os seus conhecimentos acerca da religião e que suas interpretações deveriam ser analisadas e que, sem sombra de dúvidas, o debate sobre as "bíblias falsificadas" não se encerrava ali.

Esses jornais estavam certos, a questão das bíblias falsificadas não terminaria ali, quando o General Abreu e Lima veio a falecer, em 1869, os seus conflitos com a igreja católica vieram à tona.

O Bispo Cardoso Ayres recusou que o General fosse enterrado em cemitério católico, onde é hoje o Cemitério de Santo Amaro, alegando os conflitos que Abreu e Lima teve com a igreja católica. Logo, foi enterrado no Cemitério dos Ingleses, destinado a estrangeiros e

⁴⁹² Ibidem. p. 31.

⁴⁹³ ABREU E LIMA, José Ignácio de. As bíblias falsificadas ou duas respostas ao senhor Conego Joaquim Pinto de Campos. Recife, 1867, p. 98.

Disponível em: < www.institutoabreuelima.com.br > Acessado em: 01 de Novembro de 2019.

protestantes, onde permanece até hoje, de certa maneira, um estrangeiro em seu próprio país⁴⁹⁴.

Na comemoração da Revolução Praieira, o deputado Paulo Cavalcanti fez uma ementa nº279/27⁴⁹⁵ para a transladação dos restos mortais do General para outro cemitério; a ementa, apesar de aprovada, nunca foi executada. Se por um lado transladá-lo seria uma forma de reparar os erros e repatriá-lo, por outro é negar a sua história.

⁴⁹⁴ SOUSA, Monique Santana de. “Entre a Memória e o Esquecimento: A representação da figura do General Abreu e Lima na América Latina”. IN: SCHEIDT, Eduardo; ARAUJO, Rafael; MAIA, Tatyana. (org.). Estado, Democracia e movimentos sociais no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Estudos Americanos, 2019, pp.275-301.

⁴⁹⁵ UM MINUTO de silêncio em homenagem ao herói. *Diário de Pernambuco*, ed. 219, 14 de Agosto de 1981, p.5.

Figura 3 - Fotografia Túmulo do General Abreu e Lima. Cemitério dos Ingleses



Fonte: Fotografia, Acervo Iconográfico do Instituto Abreu e Lima. ⁴⁹⁶

⁴⁹⁶ Túmulo do General Abreu e Lima. Cemitério dos Ingleses, Recife, Pernambuco, Fotografia, Acervo Iconográfico do Instituto Abreu e Lima.

Disponível em: < <http://www.institutoabreuelima.com.br/nossa-galeria-de-fotos/>>. Acessado em: 30 de Outubro de 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, pudemos constatar muitas mudanças e permanências no pensamento de Abreu e Lima no decorrer do tempo; o recorte dos conceitos de “nação” e “América”, questões recorrentes em seus escritos, nos permitiram compreender as continuidades ou descontinuidades de seu pensamento político e ainda relacionar esses conceitos macros com outros, entre eles: República; Monarquia; Revolução; Integração.

A palavra revolução, por exemplo, está inserida em um campo de sentidos, significados, percepções, representações e símbolos. Entender como ela se encaixa nos discursos, como se altera nos contextos e personagens políticos, ou como ela é silenciada, em certos momentos, permite uma visão mais ampla do pensamento político, da compreensão das ideias seguidas, ou escolhas negadas.

Nesse sentido, verifica-se a partir daí como o sentido de “revolução” irá mudar na questão nacional e, simultaneamente na ótica do General Abreu e Lima sob a América nos discursos. Em outras palavras, em um primeiro momento a revolução era a ferramenta para se alcançar a nação e combater a tirania; em outro ela passa a ser negada a todo custo, em seu sentido mais radical, e adota-se uma “revolução gloriosa”, ou ainda, entre o segundo e terceiro momento a “revolução” é substituída por “reforma”, para dar sentido a mudanças positivas, e, a palavra revolução alude então á anarquia/guerra civil, para dar a leitura negativa do termo; e num terceiro momento é colocada á margem e/ou é articulada dentro das limitações do sistema vigente.

No mesmo sentido caminhava, portanto, a visão de América, a princípio como o local da esperança de um horizonte de possibilidades em que a revolução resultaria em algo positivo: a construção da nação. E, em outro momento, como a revolução representava o fim da ordem nacional e que as revoluções na América Hispânica eram um mau exemplo à sociedade brasileira.

Mediante as conjunturas políticas e sociais, notava-se inflexões do seu discurso – entre mudanças e permanências. Ressaltava, por exemplo, a motivação pela revolução e consolidação da república, em contrapartida, em outro local/período, uma defesa exagerada á Monarquia, e, por último, uma inclinação à mudanças, um mister de continuidade discursiva da Monarquia, como regime primordial para a nação brasileira, acompanhado de ideais de revolução, no sentido de mudança de estrutura, todavia com nome de reforma.

A República se comportava como uma variante em seu discurso, 1) como um objetivo a ser alcançado; 2) sinônimo de barbárie; e 3) entre a conotação de anarquia e a ideia de que cada governo teria um regime que se adequa ao seu povo de forma singular.

“Nação” e “América” davam continuidade ou descontinuidade ao pensamento político de Abreu e Lima no processo de formação do Estado-nação da América Latina; nesse sentido, dividimos hipoteticamente a sua trajetória de vida e escrito político em três fases, situadas em distintos territórios com suas devidas particularidades de tempo, espaço e contexto em que os discursos de nação e América percorreram.

A Primeira fase ocorre em 1817, com o marco da Revolução Pernambucana e sucessivamente a sua saída do país dirigindo-se para as guerras por independência ao lado de Bolívar a partir de 1819, época também em que começa a escrever no jornal *Correo del Orinoco*⁴⁹⁷, até a fragmentação da Grã-Colômbias e a morte de Bolívar.

A segunda inicia-se com o seu retorno ao Brasil, dirigindo-se ao Rio de Janeiro em 1832, e suas articulações a favor da Monarquia Constitucional com os seus jornais, em 1833, *Torre de Babel*⁴⁹⁸ e *Arca de Noé*⁴⁹⁹, e também num outro momento da Regência em que era redator do jornal *O Raio de Júpiter*⁵⁰⁰; encerra-se a segunda fase após os seus conflitos com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e seu retorno para sua terra natal, Pernambuco.

Finalmente, a terceira fase iniciava-se com as eleições para deputado em 1844, seguindo depois com o partido dos praieiros e os tramites para a Revolução Praieira com as publicações do *Diário Novo*⁵⁰¹, *Diário de Pernambuco*⁵⁰² e *A Barca de São Pedro*⁵⁰³.

Na primeira, fase Abreu e Lima tinha uma recente formação em Artilharia pela Academia Militar e estava há pouco tempo de volta a Pernambuco após uma missão na Angola. As insatisfações com o governo eram o motor para a Revolução de 1817, a qual seu pai participou e foi fuzilado por defender os princípios de liberdade. Nesse mesmo contexto, Abreu e Lima encontrava-se preso e recebeu ajuda da Maçonaria, Sociedade esta que terá grande influência ao longo de sua trajetória.

⁴⁹⁷ *Correo Del Orinoco*, Venezuela, 1819.

⁴⁹⁸ *Torre de Babel*, Rio de Janeiro, 1833.

⁴⁹⁹ *Arca de Noé*, Rio de Janeiro, 1833.

⁵⁰⁰ *O Raio de Júpiter*, Niterói, 1836.

⁵⁰¹ *Diário Novo*, Recife, 1848.

⁵⁰² *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 1848.

⁵⁰³ *A Barca de São Pedro*, Recife, 1848.

Tendo em vista os acontecimentos com o seu pai, ele sai do país e vai para a Filadélfia somar-se a outros indivíduos que aspiravam as ideias de liberdade. De lá dirige-se a Venezuela, se destacando pela sua formação militar e, para além disso, passa a escrever no *Correo del Orinoco*, principal jornal para moldar a opinião pública em meio a busca pela independência e consolidação da nação. Ali, as argumentações de liberdade, independência e república eram mais fortes, inclusive ele ajudou a fundar – a República da Grã- Colômbia. Ainda assim, apesar da luta por uma república, os escritos políticos acirrados em prol de uma revolução que mudasse as bases da sociedade e combatesse assim a tirania, e ainda, a simpatia pela integração americana, nota-se inclinações a Monarquia Constitucional no Brasil, justificadas pela integridade do Império, pelas raízes profundas com a escravidão ou pelo processo de colonização diferente da América Hispânica.

Essas “inclinações” passam a ser afirmações na segunda fase, em que, no retorno ao Brasil, após a fragmentação do que seria o primeiro passo para a integração – a Grã Colômbia – e a morte de Simón Bolívar, Abreu e Lima passa a defender veemente a Monarquia Constitucional na figura de D. Pedro I e seu retorno ao governo, articulação esta que poderia ter seu início na viagem a Europa antes do retorno ao Brasil.

A *Torre de Babel* e a *Arca de Noé* foram períodos criados com função eminentemente política para reafirmar na opinião pública a Monarquia Constitucional como seguridade ao território e D. Pedro I como uma figura simbólica tal como a representação de Simón Bolívar.

Nesse período, assim como em 1836, com os escritos do Raio de Júpiter, a revolução muda de sentido; ela é cara a estabilidade política e perigoso ao território, deveria, portanto ser contida.

Na verdade, poderíamos até subdividir essa segunda fase em duas; o primeiro momento com a defesa de D. Pedro I, o movimento dos cabanos e todo o pensamento político voltado para a questão do regresso; e o outro momento, que já configura outro contexto, outra fase do período Regencial, com as críticas ao Regente Feijó e as jogadas políticas para a princesa D. Januária assumir o governo em seu lugar, assim como é marcada também pela questão da Liberdade de Imprensa tornar-se não só conteúdo do escrito, mas a própria ação, devido às acusações contra o seu jornal e decreto para encerrar as publicações.

No que se refere a América, a questão da integração não aparece e a América Hispânica é vista como um projeto falho, logo o Brasil voltava-se mais para a Europa do que para os seus vizinhos que viviam uma “guerra civil”; “barbárie”; “anarquia”; “república”.

A segunda fase encerra-se também com uma polêmica, com os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro negando o trabalho de Abreu e Lima, *O Compêndio da História do Brasil*, a disputa de poder de como escrever a história nacional.

Finalmente, a terceira fase, o retorno a Pernambuco em 1844, em meio à candidatura das eleições para deputado, o que um ano depois será visto como mera estratégia de ter um lugar de destaque no meio político. A associação ao partido dos praieiros e o início de articulações que desencadeariam a Revolução Praieira.

A ideia de revolução num sentido mais radical passa a ser reconsiderada, ainda que se mantenha um discurso de equilíbrio; a integração volta a cena: o Brasil precisava associar-se aos seus vizinhos e marcar uma liderança. A nação carecia de reformas que iam desde questões políticas, a exemplo o “desportuguesamento do Brasil”, em prol de uma emancipação política de fato, até o viés educacional e moral da sociedade.

Poderíamos até ir um pouco além e acrescentar uma 4ª fase, após 1848, tendo em vista os escritos das questões religiosas, tais como – o casamento civil; os atritos com a igreja católica; as “bíblias falsificadas”; a liberdade religiosa; o socialismo como uma Providência divina, pautada por uma fase necessária para a regeneração do homem em prol do bem estar moral, econômico e social. Fase esta que demonstra um caráter mais religioso, ainda que nesse momento ele estivesse rebatendo dogmas e princípios do catolicismo.

A partir dessas fases do pensamento político de Abreu e Lima foi possível compreender que seus discursos controversos estão também pautados pelas conjunturas, os atores sociais, as redes de sociabilidade, as mudanças de ideias e caminhos políticos num período de extrema instabilidade no meio da política transitória, na qual Abreu e Lima respondia não apenas segundo as suas ideologias e vivências, mas também de acordo com as suas expectativas, frustrações, relações de poder, jogadas políticas, pressões, redes de sociabilidade.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ABREU E LIMA, José Inácio de. *Bosquejo histórico, político e literário do Império do Brasil*. Niterói: Tipografia Niterói do Rego e Companhia, 1835.

_____. *A Cartilha do Povo*. Pernambuco. Typ. Da Viuva Roma e Filhos, 1849.

_____. Apontamentos da Ilha de Fernando de Noronha.(1857). *Rev. Do IHGPE*, n.38, 1890, pp.3-17.

_____. *Compêndio da História do Brasil*. Rio de Janeiro, E.107e H. Laemment, 1843.

_____. Eleição Direta. In: BANDEIRA, Antônio Herculano de Souza. *Reforma Eleitoral: Eleição Direta*. Recife: Typ. Universal, 1862.

_____. *O Socialismo* [1855]. (Prólogo de Barbosa Lima Sobrinho). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. “Publicações Literárias: Resposta ao Conego Januário da Cunha Barbosa”. *Diário de Pernambuco*, Recife, ed. 168, 1 de Agosto de 1845, p. 3 e ed. 171, 5 de Agosto de 1845.

_____. “Correspondência do General Abreu e Lima: Versão Primária do texto Memória sobre a Elefância”. “*Revista Médica Fluminense*.”. Volum. 1, Folheto. Rio de Janeiro, 12 Março de 1836.

_____. *Manifesto da Maçonaria*. Tipografia Fluminense, Rio de Janeiro, 1835.

_____. ABREU E LIMA, José Ignácio de. *As bíblias falsificadas ou duas respostas ao senhor Conego Joaquim Pinto de Campos*. Recife, 1867.

Disponível em: < www.institutoabreuelima.com.br> Acessado em: 01 de Novembro de 2019.

ALVES, Audácio. “Evocação Fúnebre ao General Abreu e Lima”. In: *Canção Soberana*. Recife: Cepe, 2013.

ARENDRT, Hannah. *Da Revolução*. Brasília: UNB e Ed. àtica,1988.

AZEVEDO, Francisca Nogueira de; GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “Imagens em confronto: as representações no Império brasileiro sobre as repúblicas platinas na segunda metade do século XIX”. In: *A visão do outro: seminário Brasil- Argentina*. Brasília: FUNAG, 2000, pp. 331-349.

BASILE, Marcello. “Projetos de Brasil e Construção Nacional na Imprensa Fluminense (1831-1835)”. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.) *História e Imprensa: Representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DPGA: Faperj, 2006.

_____. “O Laboratório da Nação: A era Regencial (1831- 1840)”. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. *O Brasil Imperial (1831- 1870)* Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BEAUREGARD, Paulette Silva. “Redactores, lectores y opinión pública en Venezuela a fines del período colonial e inicios de la independencia (1808-1812). In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. MYERS, Jorge (ed. del vol. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires:Katz, 2008.

BENTO, Cláudio Moreira. *2010- 200 Anos da criação da Academia Real Militar à Academia Militar das Agulhas Negras*. Academia de História Militar Terrestre do Brasil: Rio de Janeiro, 2010.

BERNARDES, José. *Abreu e Lima: herói Sul- Americano*. Rio de Janeiro: Nosso Brasil, 1978.

BRAGA, Carolina de Toledo. *Viuvez e cotidiano das mulheres em meados dos Oitocentos: Pernambuco (1842-1845)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

BRUNI Sérgio. *O Mui desassossegado Senhor General: A vida de José Inácio de Abreu e Lima*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

CABRAL, Dilma: “Academia Real Militar”. Dicionário do período colonial. Arquivo Nacional, 4 de Novembro de 2016.
Disponível em: <<http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/126-academia-real-militar>> Acessado em: 12 de Maio de 2019.

CAPRILES, Colette. “Opinión Pública: Venezuela.” In: SEBASTIÁN, Javier Fernández (dir). *Diccionario político y social del mundo iberoamericano. La era de las revoluciones, 1750-1850*, vol. I, Madrid, Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2009.

CARBONELL, Diego. “La Personalidad de Abreu e Lima”. In: ABREU E LIMA, José Inácio de. *Resumen Histórico de la última ditadura del Libertador Simon Bolívar. Comprobaba con documentos*. Prefacio y versiones Goulart de Andrade. Biografía y notas Diego Carbonell. Rio de Janeiro: O Norte, 1922.

CARNICELLI, Américo. *La Masoneria en la independencia de America (1810-1830)*. Secretos de La Historia. Tomo I, Bogotá, 1970.

CARVALHO, José Murillo de. *A Construção da ordem: A elite política imperial*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

_____. “História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura”, *Topoi*, (Rio de Janeiro), [vol.] 1,1 (2000): 123-152.

CHACON, Vamireh. *Abreu e Lima: general de Bolívar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

_____. *Um herói Pan-americano: Abreu e Lima*. Revista Continente. Ano II. No 15/2003. P.32

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *Dicionário biográfico de pernambucanos célebres*. Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1982.

CRESPO, Fernanda; NUNES, Talita. “Aurora Fluminense: a voz dos moderados (1827-1832)”. In: RIBEIRO, Gladys Sabina. (org.). *Brasileiros e Cidadãos: Modernidade Política (1822- 1930)*. São Paulo: Alameda, 2008.

ESTEVÃO, Pinto. *O General Abreu e Lima* (Conferência realizada a 10 de dezembro de 1948 no Instituto de Educação de Pernambuco). Recife, 1949.

FERNANDES, Ana Cláudia. *Revolução em Pauta: O debate Correo Del Orinoco- Correo Braziliense (1817-1820)*. Universidade de São Paulo São Paulo. Depto. de História. Dissertação de Mestrado. Orientada por Prof. Dr. João Paulo Garrido Pimenta, 2010.

FILHO, Andrade Lima. *O Bispo e o General: polêmica amena sobre uma questão antiga: a negativa da sepultura ao General Abreu e Lima pelo bispo Cardoso Ayres*. Pref. De Orlando Parahym. Recife, 1973.

FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. “Contribuição para o estudo da imprensa federalista e republicana no Império do Brasil: Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia (1820- 1840)”. In: RIBEIRO, Gladys Sabina; FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. *Linguagens e práticas da cidadania no século XIX*. São Paulo: Alameda, 2010.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. “Nação e civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, n.1, p. 5-27, 1988.

GUERRA, François Xavier. “Voces del Pueblo: redes de comunicación y Orígenes de la opinión pública em el mundo hispânico (1808- 1814)”. *Revista de Indias*, Madrid, 2002, v.62, n. 225.

GOLDEGEL, Víctor. *Cuando lo nuevo conquisto América: Prensa, moda y literatura en el siglo XIX*. Cuba: Casa de Las Américas, 2016.

GOLDMAN, Noemí. “Legitimidad y Deliberación: El concepto de Opinión Pública en IberoAmérica, 1750-1850”. IN: SEBASTIÁN, Javier Fernández (dir). *Diccionario político y social del mundo iberoamericano. La era de las revoluciones, 1750-1850, vol. I, Madrid, Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2009*.

GUIMARÃES, Argeu. *Um brasileiro na epopeia bolivariana*. (Biografia do General Abreu e Lima). Recife: Moraes, Rodrigues e cia., 1926.

HOBBS, Thomas. *O Leviatã*. Ed. Martin Claret: São Paulo, 2003 [1651].

JUNIOR, João Feres. (org.) *Léxico da História dos Conceitos Políticos do Brasil*. UFMG: Belo Horizonte, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: PUC, 2006.

LIMA, Ivana Stolze. “Imprensa, língua, nação e política nas Regências”. In: LESSA, Mônica Leite; FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. *Entre a Monarquia e a República: Imprensa, pensamento político e historiografia (1822- 1889)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008.

LUSTOSA, Isabel. “O debate sobre os direitos do cidadão na imprensa da independência.”. In: RIBEIRO, Gladys Sabina; FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. *Linguagens e práticas da cidadania no século XIX*. São Paulo: Alameda, 2010.

_____. *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência, 1821-1823*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MAZIN, Angelo Diogo; STEDILE, Miguel Entique. *Abreu e Lima: General das Massas*. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

MELO, Ricardo Abreu de. *Abreu e Lima: Um brasileiro entre os Libertadores da América*. Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina. São Paulo, USP, 2016.

Disponível em: <https://sites.usp.br/prolam/ii-simposio-internacional-pensar-e-repensar-america-latina_anais/> Acessado em: 18 de Agosto de 2018.

MOREL, Marco. *O Período das Regências (1831-1840)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. “Os primeiros passos da palavra impressa”. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MOREL, MARCO; BARROS, Mariana. *Palavra, imagem e poder: O surgimento da imprensa no Brasil no século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOREL, Marco; SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. *O Poder da Maçonaria: A História de uma Sociedade Secreta no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira 2008.

MOURA, Luís Cláudio R. Henrique. *Abreu e Lima: Um elo entre o Brasil e a América Andina*. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de História, Monografia, 2003, Orientado por Prof. Geralda Dias Aparecida.

_____. *Abreu e Lima: uma leitura sobre o Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de História, Dissertação de Mestrado, 2006. Orientado por Prof.^a Dr.^a Geralda Dias Aparecida

_____. *Ideias de nação na Argentina, Brasil e Chile (1830–1860): Juan Bautista Alberdi, José Inácio de Abreu e Lima, Andrés Bello*. Universidade de Brasília, Depto de História, Tese de doutorado, 2013. Orientada por Prof. Dr. Jaime de Almeida.

MYERS, Jorge. “El letrado patriota: los hombres de letras hispano-americanos em la encrucijada del colapso del império español en América”. In: ALTAMIRANO, Carlos. (org.). *História de los intelectuales en América Latina*. Vol.I. Katz: Buenos Aires, 2008.

NASCIMENTO, Luiz. *História da Imprensa de Pernambuco (1821-1854)*. Vol. 2 Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 1966.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Corcundas e Constitucionais: A Cultura política da Independência (1820-1822)*. Rio de Janeiro: Revan: Faperj, 2003.

_____. “Os Historiadores e a Revolução da Independência no Brasil”. In: Neves, Lucia M. Bastos P.; Bessone, Tânia Maria. (Org.). *Dimensões políticas do Império do Brasil*. 1ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012, v. 01.

OLIVEIRA, Tatiane Maria Barbosa de. *Abreu e Lima: Um herói entre a história e a ficção*. Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco. Depto de Letras. Monografia, 2015, Orientada por Prof. Juan Pablo Martin. Disponível em: <www.institutoabreuelima.com.br> Acessado em: 18 de Agosto de 2018.

_____. *Abreu e Lima, o escritor público: estudo e antologia*. 2018. 186 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

PAMPLONA, Marco A.; DOYLE, Don H. *Nacionalismo no Novo Mundo: A Formação de Estados-Nação no Século XIX*. Rio de Janeiro: Record,2008.

PIMENTA, João Paulo. “A política hispano-americana e o império português (1810-1817): vocabulário político e conjuntura.” In: JANCSÓ, István (org.). *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: HUCITEC, 2003.

PONCIONI, Cláudia. *O curioso percursos do General Abreu e Lima: De personagem histórico a ícone das relações entre a Venezuela de Chaves e o Brasil de Lula*. Revista Impulso, Piracicaba. n.25,2015.

PRADO, Maria Ligia Coelho. *O Brasil e a distante América do Sul*. Revista de História, USP, no. 145,2º semestre de 2001.

RAMÍREZ, Rodolfo Enrique. “La querela de la opinión. Articulación de la opinión pública en Venezuela (1812-1821)”. *Boletín de la Academia Nacional de la Historia*, 2006, n. 353.

REVERÓN, Rafael Romero. Manuel Palacio Fajardo (1784-1819) Médico, abogado y prócer de la independencia de Venezuela. *Revista de sociedade venezola de historia de la medicina*. Vol. 66, No. 1-2,2017. Disponível em: <http://revista.svhm.org.ve/ediciones/2017/1-2/art-10/> Acessado em: 5 de Agosto de 2018.

RINALDI, Selma. *Para Formar os brasileiros. O compêndio da História do Brasil de Abreu e Lima e a expansão para dentro do Império do Brasil*. São Paulo. 2007.

ROJAS, Rafael. “Traductores de la libertad: el americanismo de los primeros republicanos”. In: ALTAMIRANO, Carlos. (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Vol.I. Katz: Buenos Aires, 2008.

RODRIGUES, Claudia. Sepulturas e sepultamentos de protestantes como uma questão de cidadania na crise do Império (1869- 1889). *Revista de História Regional*, Paraná, UEPG, 2008.

Disponível em: <www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2255> Acessado em: 18 de Agosto de 2018.

RODRIGUES, Juan Pablo Martín; SOUSA, Monique Santana de Oliveira; OLIVEIRA, Tatiane Maria Barbosa de. *General Abreu e Lima: um pensador dos trópicos*. Pernambuco: Editora UFPE, 2018.

RODRIGUES, Thamara de Oliveira. *A Revolução Pernambucana e as disputas historiográficas: Abreu e Lima e Francisco Adolfo de Varnhagem*. Revista História e Cultura. São Paulo, UNESP, v.6, n.1, 2017.

Disponível em: <<https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/1813>>. Acessado em: 18 de Agosto de 2018.

SABATO, Hilda. “Nuevos espacios de formación y actuación intelectual: prensa, asociaciones, esfera pública (1850-1900)”. In: ALTAMIRANO, Carlos. (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Vol. I. Katz: Buenos Aires, 2008.

SANCHEZ, Ramon Diaz. *Guzman: Elipse de una ambicion de poder*. Ministerio de Educacion Nacional Direccion de Cultura y Bellas Artes. Caracas, 1950.

SOBRINHO, Barbosa Lima. *O Problema da Imprensa*. Rio de Janeiro: Tipografia do Anuário do Brasil, 1923.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, Monique Santana de Oliveira. *O Dicotômico Abreu e Lima: Monarquia Brasileira e Repúblicas Sul Americanas no Século XIX*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo. Depto de História, Monografia, 2015, Orientada por Prof. Eduardo Scheidt.

Disponível em:<www.institutoabreuelima.com.br> Acessado em: 18 de Agosto de 2018.

_____. “Entre a Memória e o Esquecimento: A representação da figura do General Abreu e Lima na América Latina”. In: SCHEIDT, Eduardo; ARAUJO, Rafael; MAIA, Tatyana. (org.). *Estado, Democracia e movimentos sociais no mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Estudos Americanos, 2019, pp.275-301.

SOUZA, Laude Mello e. Brasil: “Literatura e “intelectuales” en el período colonial”. In: ALTAMIRANO, Carlos. (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Vol.I. Katz: Buenos Aires, 2008.

Fontes

Periódicos

Academia Nacional de la História Caracas (Venezuela)

Correo del Orinoco, 1818-1821. Paris: Desclée de Brouwer, 1939.

Instituto Abreu e Lima – Acervo Digital

A Torre de Babel, Rio de Janeiro, 1833.

A Arca de Noé, Rio de Janeiro, 1833.

A Barca de São Pedro, Recife, 1848.

Revista Médica Fluminense, Rio de Janeiro, 1836.

Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital

O Diário Novo, Recife, 1842-48.

Diário de Pernambuco, Pernambuco, 1845-48.

Aurora Fluminense, Rio de Janeiro, 1835.

O Sete d’Abril, Rio de Janeiro, 1836.

O Fluminense, Rio de Janeiro, 1835-36.

Biblioteca Nacional – Obras Raras

O Raio de Júpiter, Niterói, 1836.

*O Mensageiro Nictheroyense** (Fora de Consulta)

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Correo Braziliense, ou, Armazém Literário. Vol. XIX, 2002.

Correo Braziliense, ou, Armazém Literário. Vol. XXIII, 2002.

Correo Braziliense, ou, Armazém Literário. Vol. XXIV, 2002.

Arquivo Público de Pernambuco

O Diário Novo, Recife, 1846.

Acervo da Cepe Editora Pernambuco – Acervo Digital

O Eclectico, Recife, 1848.

O Esforço, Pernambuco, 1849.

O Velho Pernambucano, Pernambuco, 1833.

O Fiscal, Pernambuco, 1849.

Banco de la Republica en Colombia- Biblioteca Virtual

El Argos, Venezuela, 1825.

Gazeteta de Colombia, Venezuela, 1821-30.

Filme

SARNO, Geraldo. “Tudo isso me parece um Sonho”. 2008.

Disponível em: <<https://youtu.be/zfu0-4shqk4>> Acessado em: 18 de Agosto de 2018.

O Filme também está disponível no acervo de Obras Gerais da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro

Todo esto me parece un sueño [gravação de vídeo] : apuntes para la realización de una película inspirada en la vida del general José Ignacio de Abrey y Lima / concepto y dirección, Geraldo Sarno = Tudo isto me parece um sonho : anotações para a realização de um filme inspirado na vida do general José Ignacio de Abreu e Lima / conceito e direção, Geraldo Sarno. Villa del Cine : Saruê Filmes, 2008. 1 disco a laser para vídeo : il. col. ; 4 3/4 pol.

Cartas

ABREU E LIMA, José Inácio de. Carta do General de Brigada José Ignacio de Abreu e Lima ao General de Brigada Paéz. Pernambuco, 18 de Setembro de 1868, *Diário de Pernambuco*. Pernambuco, 20 de Maio de 1873.

ABREU E LIMA, José Inácio de. Carta do General Abreu e Lima ao Redator da Aurora, em resposta ao artigo de seu número 735 Rio de Janeiro de sexta feira 15 de fevereiro de 1833. Rio de Janeiro: Typ. De Gueffier, 16 de Fevereiro de 1833.

ABREU E LIMA, José Inácio de. “Carta Aberta: Alocução dirigida aos senhores juizes de fato da cidade de Niterói pelos redatores do Raio de Júpiter por ocasião do juízo intentado contra vários números deste periódico.” O Raio de Júpiter, 1836.

ABREU E LIMA, José Inácio de. Carta de Abreu e Lima ao General Santander, Maracayo, 14 de junho de 1823. Carta do General Abreu e Lima ao General Santander - 14 de Junho de 1823. Archivo Santander (Comisión de La Academia de Historia, bajo La Dirección de Don Ernesto Restrepo Tirado). Bogotá: Águila Negra Editorial. Tomo X, p.228-229.
Disponível em: <<http://www.freemasons-freemasonry.com/23carvalho.html>> Acessado em: 06 de Setembro de 2019; 30 de Setembro de 2019;

ANEXO A – Fotografia Vista del Monumento de la Nación a sus Próceres, en Caracas

Figura 4 - Fotografia Vista del Monumento de la Nación a sus Próceres, en Caracas



Fonte: Fotografia de Boris Vergara. *El País*, 06 de Março de 2013.⁵⁰⁴

⁵⁰⁴ Vista del Monumento de la Nación a sus Próceres, en Caracas. Fotografia de Boris Vergara. *El País*, 06 de Março de 2013.

Disponível em: < https://elpais.com/internacional/2013/03/06/actualidad/1362589827_980679.html >
Acessado em: 30 de Outubro de 2019.

ANEXO B - Fotografia Nome do General Abreu e Lima no Monumento da Nação aos seus Próceres

Figura 5 - Fotografia Nome do General Abreu e Lima no Monumento da Nação aos seus Próceres



Fonte : <http://www.freemasons-freemasonry.com/23carvalho.htm>.⁵⁰⁵

⁵⁰⁵ Fotografia. Nome do General Abreu e Lima no Monumento da Nação aos seus Próceres. Disponível em: < <http://www.freemasons-freemasonry.com/23carvalho.html> > Acessado em: 30 de Outubro de 2019.

ANEXO C - Tabela de Jornais

Jornais utilizados/citados na dissertação

Jornal	Ano de Circulação	Local de Circulação	Informações Complementares
<i>O Americano</i>	1847- 1851	Rio de Janeiro	O Diário Novo republicou alguns de seus artigos.
<i>Arca de Noé</i>	1833	Rio de Janeiro	Jornal criado e dirigido por Abreu e Lima
<i>El Argos</i>	1825- 1830?	Venezuela	Jornal criado e dirigido por Antonio Leocadio Guzmán
<i>Aurora Fluminense</i>	1827-1835	Rio de Janeiro	Destaca-se Evaristo da Veiga com críticas ao General Abreu e Lima
<i>Barca de São Pedro</i>	1848	Pernambuco	Jornal criado e dirigido por Abreu e Lima
<i>El Colombiano</i>	1823-1826	Caracas	É provável que Abreu e Lima tenha escrito nesse jornal.
<i>Correio Braziliense</i>	1808-1822	Londres	Redigido por Hipólito da Costa.
<i>Correo del Orinoco</i>	1818-1823	Venezuela	Jornal criado por Simon Bolívar para articular as ideias de liberdade e independência. Abreu

			e Lima escreveu alguns artigos. O Jornal existe hoje como principal jornal Venezuelano.
<i>El Correo Nacional</i>	1821-1822	Maracaibo	Andrés Roderick foi redator.
<i>Diário de Pernambuco</i>	1825- ainda em circulação	Pernambuco	Protagonista no cenário político partidário da Revolução Praeira; Abreu e Lima escreveu alguns artigos.
<i>Diário Novo</i>	1840-1849	Pernambuco	Jornal criado por Luiz Roma (irmão de Abreu e Lima). Jornal do partido dos praieiros. Abreu e Lima foi um dos seus colaboradores.
<i>O Eclético</i>	1848	Recife	O jornal de curta duração fez críticas ao General Abreu e Lima.
<i>O Esforço</i>	1849?	Pernambuco	O jornal fez publicações acerca dos presos da Revolução Praieira.
<i>O Fiscal</i>	1849	Pernambuco	Republicou artigo da Barca de São Pedro. *Caberia a hipótese da colaboração de Abreu e Lima no jornal.
<i>O Fluminense</i>	1835-1836	Rio de Janeiro	Criticado nas páginas do Raio de Júpiter
<i>Gaceta de Caracas</i>	1808- 1822	Venezuela	Primeira imprensa

			oficial da Venezuela
<i>Gaceta de Colombia</i>	1821-1830	Venezuela	Jornal Oficial da Venezuela, após o Correo Del Orinoco. Na biografia que Abreu e Lima fez de Simon Bolívar são citadas publicações desse jornal
<i>El Iris de Venezuela</i>	1822- 1823	Caracas	Citado em carta para o General Santander; Afirmava que o jornal escrevia acerca da maçonaria.
<i>Jornal do Comércio</i>	1827-2016	Rio de Janeiro	Criticas do jornal O Fluminense o colocando sob os mesmos princípios do Jornal O Raio de Júpiter.
<i>Jornal do Recife</i>	1866-67	Pernambuco	As críticas de Abreu e Lima ao Conego Joaquim Pinto Campos foram escritas nesse jornal.
<i>O Mensageiro Nitheroyense</i>	1834-1836?	Niterói- Rio de Janeiro	O Arquivo pertence a Biblioteca Nacional, todavia está fora de consulta. É provável a colaboração de Abreu e Lima no periódico.
<i>O Raio de Júpiter</i>	1836	Rio de Janeiro	Jornal criado e dirigido por Abreu e Lima.
<i>Revista Médica Fluminense</i>	1836	Rio de Janeiro	Abreu e Lima publicou ensaios sobre a Elefância. Disponível no Instituto Abreu e Lima
			Citado pelo jornal

<i>O Sentinella</i>	1836	Rio Grande do Sul	Fluminense como coligado á ideias semelhantes ao Raio de Júpiter.
<i>Typhis Pernambuco</i>	1823-1824	Pernambuco	Jornal criado e dirigido por Frei Caneca.
<i>A Torre de Babel</i>	1833	Rio de Janeiro	Jornal criado e dirigido por Abreu e Lima.
<i>O Velho Pernambucano</i>	1833	Pernambuco	Jornal impresso por Joze Victorino de Abreu pela tipografia do Diário. Os assinantes do Diário de Pernambuco o recebiam gratuitamente. O Jornal criticava o General Abreu e Lima tendo em vista a sua defesa a figura de D. Pedro I e a Monarquia.
<i>El Venezolano</i>	1840-1845?	Venezuela	Fundado por Guzmán. Articulava ideias de uma sociedade liberal.
<i>A Voz do Brazil</i>	1847- 1848	Recife	Typ. Voz do Brazil. Localizado na Rua da Praia.